



350

MEMORIAS DA MOCIDADE

AS ROSAS E OS ESPINHOS DO AMOR

(CHRONICA DE COIMBRA)

DEVER OU CRIME?

POR

FRANCISCO SOARES FRANCO JUNIOR



LISBOA

TYP. DO PANORAMA, 112 — Rua do Arco do Bandeira — 112

1867

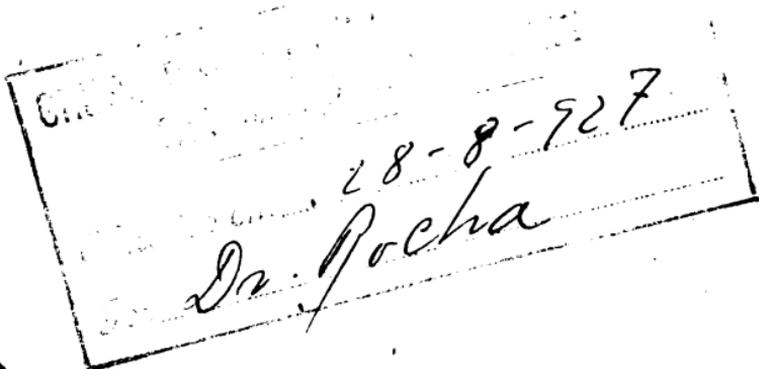
THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHILOSOPHY DEPARTMENT

1964

PHILOSOPHY DEPARTMENT

PHILOSOPHY DEPARTMENT



CAPITULO I

UMA MANHÃ NO PRESBYTERIO

PQ
9261
F6995

M4

1-2

As muitas noutes de Portugal, formosissimas e poeticas, são como um privilegio maravilhoso, que tem sido mil vezes desenhado e descripto,

Entre phrases de candura e de amor, tem surgido dando brilhantismo ás estrophes do coração, o vivido brilhar das agoas do Tejo esplendentes como a lua; a frescura d'aragem que se quebra nas vellas brancas dos barcos, e os campos suavissimos d'esta patria de amores,

A alma arrebatada n'esse mystico scismar da noite, vivendo nas horas inspiradas, do ceu azul e da lua de prata, tem esquecido e sacrificado os hymnos puros e castos da manhã.

A poesia vergando ao poder da civilisação, que quasi que a domina, tem de viver da noute, mas a poesia innocente como sahio das mãos de Deus para entrar na intelligencia toda singelesa, vive dos primeiros raios do sol.

Quem por um caminho ermo, subindo ás serras e descendo aos valles, não tem visto ao longe uma cruz tosca e mesquinha?

Quem poderá dizer o que a alma sente?

Foi um drama de morte, que por alli passou, ou foi um sentimento de piedadê, que plantou religioso mais um symbolo da arvore do Golgotha?

A solidão não tem disticos monumentaes, que ergam vaidades ao futuro, só tem mysterios suaves com que o espirito divino eleva melancholica a alma do homem aos pés do seu throno.

Quantas vezes retalhando a relva um regato scintillante sussurra uma cansão d'harmonias desconhecidas, até ir agigantar-se na quebrada forte d'um pedregoso despenhadeiro, espadanando-se á luz do sol em plumas de prata, e como que sorrindo para quem o contempla, como agradecendo ao homem o seu respeito á providencia de Deus?

Lá vai um isolado viajante. O sol começa agora a surgir por detraz das montanhas mais altas, e a dourar as cristas das montanhas fronteiras, e depois vai descendo a pouco e pouco pelo monte, vai dourando a encosta d'esmeralda ainda a instantes negra, até se estirar esplendida até ao ribeiro entranhado no fundo do valle enramado por uma abobada verdejante dos arvoredos enlaçados.

É bello e sublime. A aldeia acordou então.

O fumo dos lares sóbe mansamente na athmosphera até se esvaecer com o sopro d'aragem: é a prova de que alli começou a vida com o sol.

N'essas mansões as creaturas guardam a puresa da sua alma sempre em flor de primavera.

As preces ao Altissimo casam-se ao canto melancholico das mulheres, que lidam afadigadas nos seus misteres. e a que responde a toada monotona do lavrador, que anima os bois do seu arado.

Não sei porque, mas eu gosto doudamente do campo. O bulicio, a agitação, o frenesi ébrio das cidades torna-se-me insopportavel.

A flauta rude dos pastores, o rebanho balando, a agoa corrente. as arvores embatendo-se, encantam-me: chego a crer em tudo isto a voz do infinito; no rumor das capitaes, nas agitações das feiras e mercados, no furibundo rodar de

cem carroagens, vejo um excellente modelo da entrada do inferno.

Podem chamar-me louco.

Eu estava já cansado de ver o mundo quando adormece fatigado de prazeres, muitas vezes talvez de torpesas, e quantas de crimes tambem? Quiz suavisar a minha alma indo contemplar uma vez a natureza no seu momento d'accordar tão puro.

Nem uma nuvemzinha branca manchava o ceu azul da que já fôra nos bons tempos, da India e Santa Cruz, a valente rainha dos mares.

As estrellas começavam a tremer já aos primeiros alvares da madrugada, e brilhavam já duvidosas aos lampejos d'aurora.

Das partes do oriente a alampada colossal do templo de Deus resplandecia brilhante com a sua luz de seis mil annos, e os campos, e as flores e os rios e os mares, saudavam agradecidos os primeiros raios do sol, que lhe traziam a luz e a vida.

O mundo era bello então..

Não ha gallas, que valham a innocencia.

As artes filhas dos homens não trajarão jámais a magnifica simplicidade magestosa da grande obra do Creador.

Cada gotta d'orvalho de prata, que resplandecia tremulo no verde das folhas, parecia uma lagrima de saudade amorosa, que tributava o mundo á noute, que lhe fugia.

Era o adeus do presente ao passado.

Adeus para nunca mais. Devia negal-o o pranto de muita dor.

O primeiro raio de luz do sol nascente, é como a alegria que segue de perto as tristezas d'uma campã que se fecha, e por isso bem depressa enchugava os prantos, e os trocava pelas joias festivas d'uma vegetação crescente.

Cada flor é um thuribulo, que incensa a divindade, o seu meigo perfume embalsamando, é o incenso que do templo da immensidade sóbe para festejar o Rei dos ceus.

Contemplei o espaço, ergui o pensamento para Deus, e soletrei nas estrellas e nas flores uma oração ao Ser supremo.

*

Já d'alma se me tinha riscado esse louco scepticismo, perconisado pelo alvorecer da mocidade, e que nasce por ver mal gosados maus desejos!

Eu acreditava na providencia com rasões muito mais fortes de que as que me tinham arrastado á blasphemia; amava a Deus com um amor entranhado e respeitoso, da mesma sorte que rico de mesquinhos odios, outr'ora aborrecera o mundo e os homens.

Ao longe perdendo-se pelo espaço, veio morrer-me no ouvido o som magico d'um sino, que lá pelas devesas dos oiteiros e das florestas ia chamando os christãos á oração.

N'aquelles alcantis da solidão, por entre os arbustos copados, alli onde nenhum outro homem se me apresentava, pareceu-me que estava na presença do eterno Juiz, a voz d'aquelle sino pareceu-me inspirada como um psalmo do Rei Santo.

O sol que se erguia radiante, era a tocha de fogo, que os anjos alevantavam a Deus no altar immenso do imperio do mundo.

Caminhei como deslumbrado, era uma força deliciosa, que me attrahia.

Avistei ao longe uma pequena ermida, que s'erguia no centro d'uma planicie.

No centro d'uma salva immensa de esmeralda alvejava como um symbolo da candidez da religião.

Era a virgem de Jerusalem sentada no pedestal da sua innocencia,

Nova Esther do christianismo abrandava as iras da impiedade, Judith do nosso tempo degolava sem ferro a hydra do peccado.

Quem poderia alli não sentir um estremeccimento do coração, que não é mais do que um mystico segredo, que vem a omnipotencia dizer invisivel á consciencia do homem?

O symbolo da cruz, que se alevantára outr'ora nos campos da Palestina, estava agora diante de mim. Os horrores dos fragedos do Calvario, o espectro da morte, trocára-os

o poder de Deus nas mãos dos seculos pela innocencia da ermida do ermo.

Entreí no templo mesquinho, sem gallas, nem pompas, mas onde estava Deus tão real e puro, como nos templos que esmagam a religião debaixo da vaidade, entreí alli.

Para que?

Nas horas dos loucos festejos dos homens, o mundo que nos volteia em torno estirilisa o coração para a fé, mas nas horas da agonia da vida, nas horas das melancholias da solidão, ou das tristezas da saudade, falla o Senhor da grandeza da sua omnipotencia com a pequenez do homem: longe do ruidoso esplendor das vaidades da terra, manifesta-se infinito o poder do Creador.

N'esta hora do alvarecer os raios do sol nascente allumiavam as minhas crenças, e faziam expandirem-se-me na intelligencia com muita fé as doutrinas santas do Crucificado.

Entreí reverente no templo de Deus para orar.

O homem na solidão sente-se irmão da natureza, que o rodea. Entra na sua alma, e pergunta-lhe por Deus, e ella aponta-lhe para o espaço. O perfume das flores, o remurejar das ondas, a côr mysteriosa do crepusculo, tudo eleva o espirito a regiões encantadas. O cantico da solidão entôa *hossanas* ao Senhor!

As minhas préces de enraizada fé quiz casal-as aos mysticos sons da harpa da criação.

Acreditei em Deus, com a anciedade, que acredita o soldado no momento em que brame em furia a guerra, e que elle vê a morte no lampejo d'uma espada, ou no estrondo medonho das balas, que cruzam.

Acreditei como o sectario feliz das crenças catholicas sabe crer no instante final da existencia, quando sente a estalar uma por uma as debeis prizões, que o prendem ao mundo.

Não pôde ser mais forte e vehemente a crença do marinho, quando géme debaixo da furia dos elementos, que se crusam; quando encára o raio fendendo o espaço e cavando abysmos no mar, e as ondas a carpirem-se dolorosas em funebres endeixas; quando escuta as harpas das podestades divinas trovejando iradas, e quando finalmente só pôde ter Deus em seu auxilio.

Orei com muita fé.

Grande foi o meu espanto quando já para mim tinha cessado este extasis de suave esperança nascida da religião, que amava.

O sacerdote, que offerencia a Imaculada victima ao eterno Pae celestial não tinha talvez ainda mais de 24 ou 25 annos.

Era elle, que pouco depois exortava os fieis. A sua vós era vibrante e sonora. A sciencia sabia cheia d'unção e de eloquencia dos seus labios inspirados. O espirito de Deus morava n'aquella alma fadada para a sua elevada missão.

Que centenaes de pensamentos occorreram ao meu espirito. Não era possivel que deixasse de meditar profundamente com o que se me apresentava n'aquelle instante.

Os tempos gloriosos de muita fé, que são hoje alcunhados d'obscuros, abysmaram-se no passado sem deixarem um vestigio sequer.

A mocidade aspira aos gosos da vida terrena, a educação materialisa o pensamento, fazendo unicamente desejar as comodidades d'uma existencia faustosa. Se hoje se encontram mancebos votados ao sacerdocio, encontrareis pela maior parte no seu espirito a ideia de grangear um modo de existir sem trabalho e sem fadiga, mas nunca a abnegação tão santamente suspirada pelo Christo.

Ergueu-se o Mensageiro divino para curvar aos pés os orgulhos e as altas desigualdades socias, e veem depois os ambiciosos chamarem-se principês em nome da Igreja do Deus dos pobres.

Onde comessa a ambição acabou o christianismo.

Os altos dignatarios da religião da egualdade recebem de joelhos os sacerdotes seus eguaes, que lhe beijam a mão como os velhos Gauleses aos seus Druidas, ao mesmo tempo que os ministros murçados canonicamente apenas curvam a cabeça á cruz, que nos salvou.

Vendo um padre tão novo pensei, que seria talvez mais uma victima do sceptismo, que abraçara indifferente aquella divina missão! Era este o meu pensamento dominante, porrem lembrou-me tambem que poderia ser uma excepção honrosa em favor da humanidade.

O parochio é o unico sacerdote, que evangelisa o espirito

cumprindo com os seus deveres catholicos. Se a missão do parochio é sempre elevada e respeitavel, sóbe muito de valor quando é exercida no campo! Ahi não ha os gosos da sociedade, ali ha os segredos de Deus confiados á natureza e transmitidos por ella ao homem. O padre é ali o verdadeiro depositario da tarefa, que lhe impõe o Mestre divino.

O sacerdote é o oraculo da moral, que deve perdispor para o futuro a geração d'innocentes, que brincam em redor d'elle: o pacificador das discordias nascidas entre os seus amigos, que o escutarão com respeito; e o Archanjo da esperança que dando vigor para suportar os trabalhos da terra, confêre a certeza da gloria do ceu.

A duvida porem não podia abandonar-me.

Que poderia ter dessarreigado da alma do presbytero todos os sonhos d'amor e d'ambiçãõ, que arrebatam a alma aos vinte annos?

Que poderia n'este seculo de desmoralisaçãõ fazel-o abraçar-se á cruz perseguida, pela philosophia errada e pelo fanatismo, e viver pelo espirito na candidéz do sacerdocio?

As minhas duvidas cessáram bem depressa, porque em pouco as suas palavras francas me aclararam o mysterio.

No campo a communicaçãõ é rapida. Fallou-me.

Confessei-lhe a minha admiraçãõ; a sua resposta, foi terminante e leal.

O seu rosto em véz de ter a postica beatitude que distingue o vulgar dos padres, era risonho e afavel. A revelaçãõ da santidade hypocrita não despertava a compaixãõ pelo ridiculo. Na frente lia-se-lhe a serenidade da paz, e a tranquillidade da consciencia.

O brilhar vivo e fulgente dos seus grandes olhos negros, o sorriso sem affectaçãõ, que lhe descerrava os labios, tudo convidava á mais viva sympathia.

Não era alto, delgado e altivo de porte, lia-se-lhe na frente a luz providencial.

Depois de termos conversado um pouco disse-me elle com socêgo e suavidade:

É forçoso que tenha sido bem feliz para se admirar como eu pude aos vinte annos vestir a roupeta clerical! Tenho ouvido mil vezes que só póde levar ao sacerdocio, ou a cren-

ça viva, ou o scepticismo ousado! Não afirmo que esta seja a verdade.

Dêve ter contudo uma opinião formada?

Talvez. A crença extrema, ou é o resultado d'um pensamento especial, e aprehensivo, ou o resultado d'uma educação opremida, que mata a intelligencia. Nem uma nem outra me parece proveitosa para o estado actual da sociedade. O scepticismo, vem materialisar o sacerdocio, com as ideas dos interesese! Que é bem peor. Em mim não existe nem uma cousa, nem outra.

Póde crer que o escuto com immensa attenção.

Não sou fanatico, prosseguio o padre, creio os fanaticos, os herejes mais perjudiciães. Sou porem religioso. Respeito a sociedade e venero a moral. Despreso o cynismo, não chego mesmo a comprehendel-o.

No padre deve existir porem um cynismo especial, é o cynismo das vaidades da terra. Creio que o tenho. Lamento a miseria humana, que leva os homens a degolarem-se. Despreso a opinião do mundo com relação a mim, e dou conta das minhas acções unicamente á minha consciencia, e portanto a Deus. O mundo é um prisma d'enganos mais ou menos colloridos. O amor para o padre não póde ser elevado e nobre, porque se póde ser um prazer, nunca póde ser uma dedicação, porque leva consigo a infamia, e por isso não póde chegar ao espirito. Quem ama devêras, não quer a vergonha do ente, que adora.

Nem todos os pensamentos do presbytero se casaram com a minha opinião, porem eu queria mais indagar a sua alma, do que apurar uma verdade moral, e por isso lhe tornei:

Não julga que esse mesmo scepticismo destroe a virtude sacerdotal, porque lhe tira o sacrificio pela indiferencia?

É verdade, redarguiu elle com ar melancolico, mas o homem não póde transformar a sua alma. O scepticismo não é a falta das crenças na propria intelligencia, nem dos sentimentos, no proprio coração, é a convicção dolorosa de que se não encontram reflectidos nos que nos cercam. Aceitado este facto como verdade, o homem concentra as forças da sua alma em si mesmo! Ninguem póde anniquillar a sua natureza moral. O homem tornado cynico, procura os delirios

das paixões para o endoudecêrem, chega até os crimes, quer esquecer-se de que existe, e só procura que vôem as horas da vida, talvez por que lhe falta a força para o suicidio.

O homem que assim faz, disse eu, é um cobarde, e por isso não julgo que o exemplo colha.

Não penso que o suicidio seja cobardia.

Approva o suicidio?

Não o approvo, será mesmo um crime, porém se é commettido sem alienação, é resultado d'uma força pouco vulgar, e nunca d'uma fraqueza.

Permitte que não siga essa opinião?

Se conhecesse Alberto?!

Quem era elle? Não sei se conheceria?

Alberto... mas permita-me que eu termine. O homem tornado cynico das cousas da terra, não pôde crer comtudo, que a luz do pensamento se extinga na campa, e então morto para o mundo renasce para a fé. A alma aspira a identificar-se com a causa increada, porque reconhece n'ella a unica muito superior a pagar-lhe com a traição.

Vejo que ha segredos mysteriosos n'esta sua vida na apparencia tão singella, segredos que eu não posso penetrar, e donde nascem convicções sublimes, pela pureza da força que as inspira.

Não tenho segredos, exclamou o presbytero com voz livre e clara como se fosse a mesma verdade, que fallásse, tenho até prazer em fallar da minha pobre vida.

O nome que pronunciou ainda ha pouco?

É o élo mais poderoso a que se ligou o meu destino. O homem a quem pertenceu aquelle nome, foi o arbitro da minha vinha.

É na verdade muito singular.

Ha de ouvir-me. São horas de irmos almoçar.

Não me obsequiará dando-me um dia prazer, e dando-me ainda mais uma excellente companhia n'este deserto esquecido?

Podia excitar alguns instantes, mas o meu coração e a minha alma impelem-me com tanto desejo e sympathia, que seria falta de franqueza não aceitar já alegremente.

Com franqueza igual agradeço.

Sahimos da igreja. Quando caminhava-mos ao lado um do outro, o padre ia fallando com sereno aspecto, e eu ouvin-do com curiosidade crescente.

Nunca tive historia d'amores illudidos, nem de feliz cor-respondencia. Affirmava o meu companheiro.

Os sonhos que tive com a felicidade da patria, tiveram um triste despertar. Esqueci tudo isso. Meu pae e minha mãe, eram intimos amigos da familia d'Alberto, de quem fallei ha pouco. Eu e elle tinha-mos a mesma idade, vivêmos sem-pre juntos, e juntos estudámos. As nossas fortunas não eram grandes, mas eram bastantes para nos manter livres de pri-vações.

Eram dous verdadeiros irmãos.

Mais, porque a nossa freternidade era voluntaria e não imposta pelo destino.

O pobre moço morreu ?

Morreu! Era tão sombria a expressão de tristeza, que as-somou ao rosto do ministro de Deus ainda ha pouco tão jovial, que me arrependi da minha pergunta. Um novo fogo lhe animou a fronte, os olhos brilhavam, e proseguio:

Era o ente mais liberalmente fadado pelas mãos da natu-reza. A virtude e o talenic existiam ali. Concentrava n'elle a minha amisade, e era egualmente correspondido. Estava-mos então a formarmo-nos em Coimbra.

Nunca pensei, tornei eu caminhando, que se me propor-cionásse um dia tão cheio de sensações.

Alberto era uma natureza de fogo, continuou ainda o eccle-siastico: os seus pensamentos eram grandiosos, os seus amo-res quasi sempre delirios: os sonhos da sua imaginação eram febris, mas sentia tudo quanto dizia. N'outros momentos era leviano e frivolo. Uma creança não folga mais innocente do que elle, em alguns momentos folgava aos vinte annos. Em fim depois de muito sorrir, de muito amar, e de muito soffrer, morreu.

Ha poemas de soffrimento, balbuciei com recolhimento, e com respeito áquella dôr, que deixam em herança muita amargura e saudade.

Se ha?!... A voz do padre envolvia um grave mysterio do coração, depois acrescentou. Achei-me só no mundo, nunca

mais pude encontrar uma afeição verdadeira: Voltei as costas á sociedade. Lancei-me nos braços de Deus, com a resignação dos martyres. Não tenho ninguem que escute com interesse, nem as minhas alegrias, nem as minhas dôres. Fallo com o pensamento e creio que com Deus. Não descreio. Abraço-me com a cruz e não vivo sò. Acredite-me, nas longas noites e dias em que neste dezerto vivo isolado, parece-me que vejo Deus collocado ao pé de mim, que o escuto, que vem fallar comigo. Nas minhas afflicções, nas horas de perigo, a idéa certa que tenho da protecção divina, dá força immensa á minha alma.

Não posso deixar de crer, lhe tornei eu quasi alegre, que esse modo feliz de pensar, é que deve dar uma felicidade pouco vulgar.

É certo! A phisionomia do joven ecclesiastico abria-se alegre e risonha, e deixava apresentar-se de novo a tranquillidade, que uma triste recordação banira por algum tempo. E' verdade! Eu não me queixo, julgo-me tão feliz depois da morte de meu irmão, quanto me é permittido ser na existencia.

E' rara essa fé desconhecida para o vulgo. Tanta crença verdadeira, e nenhuma das velhas apparencias enganosas. Que formosa e santa fé.

Como eu sou feliz n'esta solidão! Continuou o presbytero sorrindo suavemente, e como fallando para si mesmo. Ninguem pôde comprehender como é bello sentir o homem que morreu para o mundo, e viver ainda! As magoas da vida são degraus d'uma escada que tem de subir-se. No momento em que a dôr chega, o homem sorri, por que é uma dôr que já passou. Com que soberana indifferença se encáram as alturas e as baixezas sociaes! Diante do pensamento e da fé é grande só a virtude, e pequeno só o crime. Miseravel é o potentado criminoso, magnanima a virtude popular.

A sua bondade, insisti ainda, ha de permittir-me interrogar-o até o fim. Não sente nem saudades do passado, nem receios do futuro? Não tem mêdo que o seu coração esteja adormecido apenas, e que um dia despertando possa fazel-o corar, ou pelo menos soffrer muito?

Não, meu amigo, proseguiu elle satisfeito, e com uma

convicção, que não podia deixar de me admirar n'aquella idade tão juvenil, não porque a tranquillidade do meu espirito não foi colhida no meio do desespero, não é um fogo fatuo de que se extinga rapidamente o brilho. Quando os desenganos se vão succedendo pausados, quando as illusões e as esperanças vão desaparecendo uma a uma, como as folhas d'uma arvore, que vão pouco a pouco desprendendo-se e cahindo com os sopros do inverno, então o perigo não deve atterrar. Não é somno de que se possa despertar, é a morte d'alma, e a morte não tem despertador! Depois da morte vem o esquecimento, depois do esquecimento, o vacuo em vez da febre dos desejos.

Porém a vida sem esperança do dia de amanhã, é uma vida onde a ventura é uma palavra.

A ventura da terra é. Mas tem como linitivo não temer tambem os soffrimentos, que atormentam em geral a humanidade. A esperança da recompensa divina é bastante para o espirito. Eu vivo feliz e socegado. Faço todo o bem que posso. A minha resolução foi tomada muito vagarosamente, é o fructo de muito aturadas vigílias, julgo impossivel que ella não dure. A morte do companheiro de toda a minha vida, do unico homem de quem fui lealmente correspondido como amigo verdadeiro, impressionou-me d'um modo extremo. Não quero abreviar os meus dias, bem curtos serão elles, porém não quero procurar o mundo que tanto torturou a alma d'aquelle pobre martyr. Vivo só, e quando for vontade de Deus espero ir encontral-o no ceo.

Uma lagrima assomou involuntariamente aos olhos do presbytero. O mundo com o seu egoismo não me tinha habituado a conhecer amizades tão enraizadas e tão puras. Não podia reprimir em mim o desejo de penetrar profundamente como a existencia d'aquelle homem, que me parecia intelligente, se tinha ligado aquelle desditoso, que tinha morrido.

Sem a prisão dos laços do sangue, proseguiu de novo, a sua estima pelo seu amigo, era como se fossem verdadeiros irmãos!

Não eramos irmãos, disse o padre, porem estimavamo-nos como se o fossemos. Se quizer conhecer como era ard nte aquella alma hade ler as paginas tristes da sua historia.

Será para mim de um reconhecimento eterno. N'este momento já tinhamos entrado em casa. Chegámos a uma pequena sala. As janellas deitavam para o campo. A vista era vasta e poetica. Umhas taboinhas verdes vedavam a entrada do sol. Bastantes livros de sciencia theologica adornavam a estante, em companhia dos meliores poetas e prosadores antigos e modernos, o que provava que o sacerdote ao lado das suas crenças conservava a sua intelligencia desassombrada das nuvens da ignorancia. Abriu uma gaveta d'onde tirou uma caixa de folha, de que pendia o cadeado. O presbytero ao pescoço trazia um cordão preto de que pendiam, uma chave e uma cruz. A chave era da caixa de folha. Abriu-a e tirou de dentro um masso de papeis, escrito quasi todo. O padre Claudio, era o seu nome como soube depois, começou a fallar olhando attentamente para os papeis, que eram para elle um thesouro:

Eis a historia da sua vida, ou para melhor dizer a historia do seu coração, ou do seu cruel soffrimento. Já estava formado quando escreveu estas memorias, porem está ahi tudo quanto passou desde que principiou a pensar, e com mais exactidão desde que principiou a amar e a soffrer, e talvez a delirar. Foi a meu pedido que elle escreveu o que aqui está. Quiz escrevel-o na forma de um romance, mas Alberto é o heroe desgraçado de todas essas verdades.

Não precisa por consequencia mais explicações. Em lendo comprehenderei com facilidade.

O que por acaso for de mais difficil solução, eu estou aqui. Quasi que ainda não posso fazer idéa do infeliz que tanta estima lhe deveu.

Imagine que era o meu melhor amigo, Claudio sentia o fogo activo do mais sagrado enthusiasmo, fallando do infeliz Alberto, e que hoje é mensageiro divino para rogar por mim a Deus. Era o espirito mais bem talhado, que tem sahido das mãos de Deus, porem era tão extraordinario, tão ardente, que era alcunhado de immoral, de levião e soberbo.

Seria talvez a amisade, que servisse de venda. Não era? Verá essas verdades como tudo explicam.

Tenho então a fortuna de me serem confiados estes papeis. Para os ler aqui, sim, accrescentou o padre, para me privar

da sua presença, não. Peço perdão, mas foi um juramento. Que eu respeito, e que não posso deixar de crer justissimo. O tempo está bello. São algumas horas de penitencia.

Para mim em extremo agradavel.

Ter um hospede tão amavel é uma fortuna. Demais eu sinto sempre um prazer indefinido em fallar de Alberto. O que terei muita pena é se umas relações tão suavemente começadas não deitarem raizes profundas.

Hão de deitar.

Era eu que affirmava esta verdade, que o tempo justificou, e que n'este momento sellava com um aperto das nossas mãos com a cordialidade de dous homens de bem, que sympathisam pela afinidade das crenças, e da honra. Pode sentar-se n'esta cadeira, e começar a leitura. Em pouco vamos almoçar. Hade permittir-me que vá mudar de fato. A batina encommoda-me.

O meu desejo é não encommodar, sendo possivel.

A porta do fundo da salla abriu-se e um creado vinha perguntar a seu amo se queria já o almoço na meza.

Espere um instante, respondeu Claudio, vou mudar de fato, mas não me demoro quasi nada.

O creado sahiu. Quanto a mim não podia deixar de aceitar. O passeio tinha sido longo, e o apetite não se desmentia. Tenha a bondade de esperar um pouco, meu caro, continuou elle voltando-se para mim, vai admirar a presteza.

O padre sahiu logo, e eu fiquei pedindo á providencia que elle effectivamente me fizesse admirar da rapidez com que mudava de traje. Não quiz ler, porque não queria interromper-me ás primeiras paginas. Folheeí apenas o manuscrito.

O bom ecclesiastico era para mim sympathico em tudo, mas adorava-lhe a franqueza, porque eu sempre julguei as fastidiosas cerimoniaes, verdadeira partilha da gente ou pouco educada, ou pouco intelligente, que atormenta quando quer obsequiar; são o extremo da delicadeza, que se transforma na mais repugnante grosseria. O sacerdote voltou justificando o que dissera, e as minhas excellentes relações com a corte celeste, porque acodia promptamente ás minhas supplicas.

O padre Claudio vestia com esmero, e até com luxo, porém todo de preto. Creio que notou o reparo que eu fiz, porque me disse quando iam caminhando para a casa da meza:

Deus importa-lha com o homem, e não com as vestes que o cobrem, meu caro amigo. Os homens são, o que são, e não o que parecem.

O presbytero ria cada vez mais communicativo, as expansões da sua nobre alma cada vez mais me prendiam.

Não ha nada mais bello do que um sacerdote, em que brilha a virtude, a franqueza, e a intelligencia, porem não ha nada mais repugnante e rediculo do que um padre tolo, ignorante e hypocrita.

Entrámos na casa de jantar. A meza estava bem servida. Comemos optimamente.

Era um almoço muito superior ao que se podia esperar. A perfusão das iguarias era abundante e variada. A carne e o peixe disputavam juntamente os seus attractivos gastronomicos. Como era meu desejo conhecer o intimo pensar do meu amigo de um dia, as apprehensões me tinham acommettido em diversas epochas áquelle respeito, entrei na indagação. Tenho sempre caminhado hoje de surpresa em surpresa. Se me não quer surprehender a mim tambem pelo segredo, acrescentou elle com bondade, confessar-me-ha qual foi a ultima surpresa, que o não deixou calar-se?

É esta junção de tantos e tão variados guisados.

No campo a falta de distracções, convida aos prazeres do estomago. São os unicos possíveis.

Mas a carne e o peixe?

Eu não o imponho, apresento-o.

Comtudo a occasião pôde levar á culpa.

Hoje não é dia de jejum.

Então se o fosse, não aconteceria como aconteceu?

Não sei. É possível que não, mas tambem é possível que fosse a mesma cousa.

O meu intento insisti eu, era saber a sua opinião a esse respeito.

Nunca penso, nem fallo n'esses objectos religiosamente.

Então não é meu desejo obrigar-o.

Não me obriga. Serei franco. Aceito as determinações da igreja como ellas são, e não as discuto. São factos consumados. Devemos confessar que a importancia não é grande. Que se lucra em discutir estes pontos? Querem que o per-

ceito seja de pura utilidade social? Seja. Porem como a theologia já teve de legislar, legislou assim e fez bem.

A medicina, interrompi eu, aprova as mudanças de alimentos. Essa explicação pôde tambem servir. A medicina determina-o como remedio, siga-se como tal. A economia politica tambem quer pelo perceiveito forçar o consumo de todos os generos. É bom para ajudar a viver os homens, que vivem d'esse commercio. Seja como for, é util para uma classe social, é proveitoso para a saude, logo fez muito bem a religião em o determinar, ainda mesmo que não tivesse outras rasões de fê.

D'esse modo sempre se deve aceitar.

E com muita alegria para os philosophos.

Desejava saber a que se reduzem as suas crenças?

Essa é boa, ao mesmo que as reduzio Christo?

Não sei se o comprehendo bem.

Reduzem-se a fazer todo o bem que posso, e a não fazer jámais mal a ninguem.

Então condemna as penitencias?

Deus me livre de tal. Respeito-as quando nascem de uma convicção livre, mas lamento-as quando são inflingidas á custa do trabalho de embotar a intelligencia para fazer escravos e martyres. A ambição theocratica gerou a Inquisição, d'ella nasceu a reacção philosophica. O clero tem suicidado o seu poder. O futuro ainda tem de ver o christianismo um amplo codigo de moral. Deixemos estes pensamentos.

Por que nos podem levar muito longe?...

Pelo contrario, por que não tem caminho.

Em tudo sempre o veu do mysterio.

Como em tudo a ambição do homem. Vamos para o jardim. Sabimos da casa da meza, e tomei as memorias do amigo do sacerdote, e encaminhei-me com o meu hospede para a sombra das acacias, que cercavam um tanque lindo, onde as flores aquaticas vecejavam regadas pelas perolas, que espalhava um repueho central. Os peixes de mil cores subiam á superficie, como para saudarem os seus novos companheiros. O fresco balançava brandamente as folhas das arvores, e como que refrescava os raios do sol, para nos não aquecer com rigor n'aquella suave manhã.

Sentei-me para começar a minha leitura anciada.

O meu companheiro encostou-se n'um sophá de cortiça a pouca distancia, tendo na mão e lendo um volume das preciosas poesias de Victor Hugo. O Padre christão lia as obras do condemnado por muitos, como ante-religioso. A luz da intelligencia do moço ecclesiastico permittia-lhe descobrir mais crenças, mais nobreza de sentimentos, e muito mais religião e moral, no primeiro poeta do mundo neste seculo, do que no volumoso exercito dos desherdados do Senhor, que o condemnam. Abri o livro e comecei a lêr.

SEGREDOS D'ALBERTO

CAPITULO II

AS FLORES D'INFANCIA E OS ESPINHOS DA MOCIDADE

As lutas fratercidas encheram de lagrimas o infeliz Portugal no anno de 1829, e ainda em muitos, que se lhe seguiram, em que os estandartes das guerras civis eram derrubados uns pelos outros, impunhados por braços d'irmãos.

N'esse anno é que nasceu Alberto da Cunha.

Seu pae era liberal, andava por consequencia escondido, com receio da policia dos seus contrarios politicos. Este homem era d'uma classe elevada, tinha bastante dos bens da fortuna, e era grande na sciencia. Um intimo e desvelado amigo era seu companheiro na adversidade, e victima como elle da intolerancia politica. Os dous amigos eram casados. Por uma coincidencia notavel as esposas dos dous liberaes foragidos deram á luz no mesmo dia os fructos adorados dos seus amores.

Á creança, que nasceu companheira d'Alberto, e que na vida não desmentio o nascimento, foi-lhe dado no baptismo o nome de Claudio. Os tempos foram correndo, até, que raiou para elles a hora da liberdade. Para que recordarmos essas datas d'incertezas e d'afflições, que davam tantas angustias aos paes sensatos pensadores, tantos sobresaltos e

ancias ás esposas carinhosas? Tudo acabou; a ventura de respirar á vontade foi partilha agradável dos martyres das suas ideas tão longamente pensadas.

Os dous mancebos sentiram passar-se os primeiros annos da sua vida, sem pesar, nem gloria, como passam as suaves infancias de todas as creanças abastadas, cercadas de carinhos e de saude. Claudio era docil pensador, e d'um animo condescendente. O seu coração não era susceptivel de paixões energicas, antes se dizia, que nada seria capaz de o exacerbar. As duas creanças estimavam-se como irmãos invejaveis, por queridos um do outro. Claudio em tudo condescendia com os arrebatamentos d'Alberto.

Ainda bem joven a creança dava mostras d'um genio imperioso e despotico. A sua imaginação era viva e brilhante.

Todos lisongeavam o talento d'Alberto. As paixões eram porem muito maiores do que a intelligencia, porque lh'a dominavam e lh'a obscureciam.

Estudando sempre com felicidade, os dous mancebos chegaram aos quinze annos, o seu destino era cursarem a Universidade de Coimbra. A frialdade, que se manifestára em Claudio, parecia crescer com a idade, assim como a efervescencia d'Alberto ia tomando novas forças cada dia.

As familias dos mancebos tinham ido passar o verão para o campo: das quintas proximas os visinhos concorriam para suavisarem reciprocamente a solidão d'aquelles logares. Entre estes visinhos mais ou menos agradaveis havia um negociante brasileiro, possuidor d'uma linda filha de vinte e dous annos, e d'uma fortuna muito mais linda, em muitas opiniões, do que a venturosa herdeira.

A mocidade é mui facil em estreitar intimas relações, o campo e as suas liberdades favorecem com largueza esses desejos tão proprios. Alberto apenas tinha quinze annos, porem sentia uma impaciencia vaga no seu espirito, um desasocego estranho, todas as vezes, que via D. Christina, e mesmo quando a não via, porque quasi sempre pensava n'ella. Pensou muito, e concluiu que a amava, e determinou-se a escrever-lhe, porque pensava elle, que se não animaria a dizer-lhe nada.

Uma tarde passeava com o seu amigo, a quem tinha ocul-tado até então o seu segredo, e disse-lhe de repente :

Saberás que estou namorado.

Claudio parou, olhou fixamente para Alberto. O espirito d'aquelle joven apresentava-lhe aquelle acontecimento como caso extraordinario.

Pois será possivel? Mas de quem?

Se é possivel? Pois eu não sou um homem?

Tens quinze annos apenas!

É o mesmo, quero-me casar quanto antes.

Mas se temos de ir para Coimbra estudar?

Tão bem se estuda casado como solteiro.

E quem é a mulher, que amas?

Juras, que has-de guardar segredo inviolavel?

Ora essa! Não sabes, que nunca revelámos os nossos segredos d'infancia fosse a quem fosse?

Sei. Agora que somos homens, muito menos seremos capazes de o fazer.

A nossa amizade não póde acabar nunca.

Ha-de acabar com a morte.

Quem sabe?

Segue as tuas ideas, eu sigo as minhas. A morte é o termo de tudo.

Calla-te. Dize-me quem é a mulher, que amas?

É D. Christina.

A brazileira, filha de Evaristo?

A mesma.

Porem esse homem é muito rico.

Melhor, nada nos faltará..,

Muito soberbo.

Folgará de casar a filha com alguem, que seja mais do que elle.

Não dará a filha por certo.

Rouba-se-lhe.

Hade crer um homem d'outra idade, rico e estabelecido.

Ficará com a vontade.

Não sei o que vâes fazer?!

Nem eu, mas hei-de fazel-o.

Quaes são os teus intentos, que tens pensado?

Quero fallar-lhe, dizer-lhe que a amo, e se não tiver forças, escrever-lhe. Em fim quero casar-me.

Pódes contar comigo em tudo, que quizeres, tenho pena em ver o caso com auspícios tão pouco lisongeiros.

Chegou a hora da tarde, e com ella a frescura, que substituiu o ardor do sol.

Os visinhos das formosas quintas reuniam-se agora satisfeitos e prazenteiros gozando d'amenidade do estio.

D. Christina tinha vindo com seu pai, e com sua tia, e com mais duas senhoras já mais do que maduras, que todas acompanhavam o velho viuvo para servirem de guardas e conselheiras, e exemplo á joven Christina. Eram todas brasileiras.

O velho negociante estava bem conservado, e a sua fama de rico dava-lhe ainda á phisionomia certas feições esponsalicias.

O olhar de sua cunhada era esgasiado, como tinha sido sempre, era languido e tranquillo, como a inercia, e por consequencia não dizia nada, para o que muito concorria como documento uma certidão d'idade quasi rival da de Mathusalem.

Nos olhos porem das hospedes mestras da menina havia uma rivalidade d'olhares, que se crusavam no caminho do rico viuvo.

Não era a natureza, que tinha dado a supremacia áquelles raios vulcanicos, mas sim um estudo aturado e uma experiencia de mais de meio seculo.

A menina Christina era activa e orgulhosa, porque sabia que era rica. Era despotica, porque a tinham educado assim.

Como porem era mulher tinha coração.

Varias vezes tinha ella já dado por isso, mas com as mudanças das terras, as arranhaduras do coração iam sarando.

A menina porem tinha vinte e dois annos e começava a desesperar com a solidão. Alberto era sympathico rapaz, mas era tão acanhado, que se não podia supportar sem desespero.

Pobre Christina! A menina corria ligeira pelas ruas da quinta, encaminhando-se por acaso, já se vê, para aquellas em que o arvoredado era mais espesso. Christina tinha muito medo

das sessões. Alberto corria alegremente com ella, agarrava-a, ou antes a brasileira tinha a condescendencia de se deixar agarrar, depois elle immediatamente a deixava e soltava um suspiro fingindo-se cansado, e terminava a carreira dizendo:

Então vio que a pude alcançar?

Voltavam depois muito socegados e silenciosos para onde estava o resto da companhia.

Como Alberto sempre trazia os olhos no chão, não podia ver uns certos olhares de fogo ou de raiva, que lhe lançava a filha do senhor Evaristo, aliás teria medo d'ella.

Era arrojado e destemido com todos, mas todos os valentes de quinze annos perdem a valentia e a falla ao pé d'uma mulher de quem gostam.

N'outras occasiões procuravam ninhos. colhiam fructos, sempre o mesmo silencio e sempre os mesmss olhares.

O que Alberto ignorava eram as tenções do rico brasileiro.

O pai millionario não estava obrigado a participar os seus negocios particulares aos seus visinhos do campo.

O que é certo é que o progenitor de D. Christina lá tinha os seus planos secretos, em que elle julgava encontrar a felicidade da sua filha, e a satisfação do cumprimento dos seus deveres paternaes.

As noutes da menina eram cada vez mais afflictamente passadas.

Que insomnias a não atormentavam? Que sonhos lhe serviam de flagello, quando por instantes succumbia ao somno?

A imagem do joven Alberto estava sempre diante da donzella.

Ao mesmo passo que a encantavam a figura e a viveza do mancebo, não deixavam de lhe serem gratas outras considerações.

Alberto era muito creança, muito timido, deveria por consequencia tambem ser muito docil e muito obediente. Christina fantasiava domal-o em tudo ao seu genio, prescrever-lhe em tudo os seus deveres, em fim queria fazer d'elle um marido modelo.

Obstaculo a todas estas lembranças lisongeiras, era só a indiciação do pobre moço.

Christina determinou dar prompto remedio a fatalidade tão impertinente.

Nem as corridas na quinta, nem as contemplações das madrugadas, nem os passeios solitarios, podiam nada. Suppoz a donzella anciosa, que era a proximidade das familias, e o receio d'uma repulsa estrepitosa, a causa do obstinado silencio.

N'essa tarde Christina pásseava com Alberto n'uma rua comprida d'alfazema florida, a poucos passos estavam as mães e as tias, como representantes do seculo defuncto, o que nada embaraçava que os dois jovens fallassem baixo muito á sua vontade.

Era esta a occasião, que Alberto certificára a Claudio, que deveria fazer a confissão do seu amor. Claudio olhava-os de longe, e como via que fallavam animados, fez-se muito vermelho julgando, que era o momento decisivo.

Nunca damos um passeio, disse Christina, que seja á nossa vontade, não é verdade?

Eu por mim, acrescentou o mancebo, gosto immenso de todos os nossos passeios.

Pois é possivel, que goste d'estar junto d'aquelles velhos todos, que nunca nos deixam socegados. Se a gente se chega para o poço, é logo. Vê lá não caias! Se a gente corre. Olha que súas, e te pódes constipar! Não ha nada peor. E diz que gosta de tal cousa?

Gosto, minha senhora, porque tenho o prazer d'estar n'essas occasiões ao seu lado.

Porque? Dá muito apreço á minha companhia?

Ainda m'ó pergunta? Não vê que é a minha ventura?

É o mesmo que estar ao pé das tias.

A malicia da rica berdeira era muito mal escondida n'um olhar em ponto d'interrogação, a que o mancebo na pureza do seu primeiro amor desejava responder.

Não soube. Não ha nada que eu perfira...

A correr e a brincar. Nunca tivemos um quarto d'hora d'uma conversa d'importancia.

Não é por falta de vontade minha que não damos um passeio.

Era isso que eu lhe queria propor, aceita?

Se aceito. Juro que aceito, com muita alegria.

Mas ninguem hade saber. Vamos sós. Quer?

Ninguem o saberá. Como será, e quando?

Amanhã de madrugada esteja aqui só, veja que ninguem o sinta, eu farei o mesmo, e depois vamos dar um grande passeio. Estaremos lá todo o dia.

Porem cá hãode ter cuidado, e depois quando voltarmos pódem achar estranho que nós...

Quer ou não quer fazer o que eu lhe peço?

Creia que o meu desejo é obedecer-lhe, porem...

Porem, como é criança, tem medo.

Medo, eu? Está tractado ao romper da manhã, veremos quem chega primeiro.

Era um esforço, que o mancebo fazia sobre si mesmo, impellido pelo orgulho. O seu desejo era acompanhar Christina, mas a idea, que se devia saber que um rapaz tinha ido um dia inteiro só divagar pelos campos com uma formosa menina, parecia-lhe um caso maravilhoso.

O amor, que elle tinha tão agarrado ao coração, que nem á mulher adorada o apresentava a descoberto, era para elle de fé que todos o conheciam, e então que depois do seu passeio era completamente publico.

Está tractado, accrescentou Christina apertando-lhe a mão. sorrindo, não falte. Quando ia a largar-lhe a mão, parou, e disse-lhe: É verdade, que é que disse, que tinha para me dizer ainda ha pouco?

Alberto fez-se vermelho como os bagos d'uma romã.... vermelha.

Ora, não era nada que valesse a pena.

Para que se faz tão córado. Diga, diga o que é.

Agora não digo. É uma conversa para muito vagar. .

Não tenha vergonha, eu sou muito sua amiga.

Devéras, muito, e só minha? Alberto não fallava, eram as palavras que lhe fugiam dos labios. Então ámanhã no passeio heide-lhe contar tudo.

Apertaram de novo as mãos e dirigiram-se para o circulo das familias, que conversavam acaloradas.

Creança. Balbuciou Christina. Quando se chegaram ao grupo havia uma acalorada questão, os rapazes sustentavam que a mocidade era a epoca das paixões ardentes, o que era combatido pela tia de Christina, e pelas duas mestras, que affirmavam que o coração nunca deixava d'estar florescente, o que corroboravam com a Sagrada Biblia na pessoa da formosa Sára.

A noute veio pôr termo a esta reunião pacifica e alegre! Cada um procurou a sua feliz e tranquilla habitação.

D. Christina e Alberto é que mal poderam dormir, tal era o receio, que tinham de não cumprirem á risca as suas promessas simultaneas.

Para que será preciso descrever o que se passou no pensamento dos dois jovens? Os leitores e as leitoras, que já tiveram quinze annos e vinte e dois, por certo se não poderão esquecer do que é despertadora uma promessa feita de tal modo, e dos pensamentos que de torpel acarreta durante mesmo o curto espaço d'uma noute do estio; e aquelles que ainda la não chegaram seria barbaro tirar-lhe o prazer d'uma deliciosa surpresa.

Dormiram pouco, pensaram muito. Fizeram mil projectos de revelarem os seus mutuos sentimentos. Fantasiam o dia mais feliz do mundo.

Os terrores do que poderiam dizer foram libertando o espirito d'Alberto, e cedendo o logar á esperanza da mais completa felicidade!

Christina só temia a infantil temidez d'Alberto, mas estava resolvida a tentar tudo para a vencer. Contava com a vontade de seu pai, e tinha determinado casar-se.

Começou o dia a romper, nascia um perfeito dia d'amores. Os dois jovens começaram a vestir-se, e sem acidente notavel acharam-se no sitio aprazado, ninguem os tinha sentido. Exultavam por a pontualidade, porque não tiveram direito de sensurar falta.

Quando um chegava d'um lado, saudava alegre e ternamente o seu companheiro, que se aproximava pelo outro.

Fallaram-se, apertaram as mãos, e o logar e a solidão, e

a hora poetica da madrugada, tão feita para os mysterios do amor, auctorisou-os a um abraço cheio d' affecto.

Foi o primeiro, era nascido do coração d'ambos, vinha coroado pela paixão da formosa americana, e pela innocencia affectuosa do joven Alberto. N'aquelle momento elle acreditou-se feliz, estremeceu involuntariamente sentindo roçar-lhe pela fronte os cabellos de Christina.

Para onde vamos? perguntou o mancebo. Eu não sei os caminhos por aqui.

Não tenha, lhe tornou ella, o menor cuidado. Hoje sou eu quem governo, e quem tudo dirijo.

Como sempre, acrescentou o amigo de Claudio, vendo que lhe ia fugindo a bravura com que entrára nos seus planos nocturnos.

Comessáram o seu caminho. Christina encostara-se ao braço d'Alberto, o joven sentio o contacto d'aquelle braço, e por um poder, (mais forte do que elle mesmo) apertava-o contra o coração, e a sua companheira não se indignava. Alberto calado ia fantasiando a maneira porque deveria comessar a sua declaração, mas quando ia para cemessar erguia os olhos para Christina, encontrava a sua fronte radiante d'alegria, os seus labios sorrindo, e em vez de se animar por estas provas d' affecto, calava-se e suspirava.

O sol ainda não tinha apparecido em toda a sua magestade, porem já se via a claridade dourada, que o precedia por cima dos copados arvoredos, que ficavam na frente. Andaram por mais de duas horas. Sempre as mesmas conversas vagas, sempre os mesmos propositos intimos, porem nenhum dos dous peregrinos punha por obra os seus desejos e os seus pensamentos.

Chegáram a um lugar elevado, era uma pequena aldeia no topo d'um monte sobranceiro a umas largas e espaçosas lezírias cortadas pelas vallas, que conservavam as agoas, e as encaminhavam libertando as campinas. A vista que d'ali se descobria era magnifica. D. Christina mais costumada a viajar, e mesmo a mandar, deu as suas ordens n'uma casa d'uns pobres camponeses, para que lhe arranjassem um almoço frugal. Correram, brincáram muito, fallaram em tudo menos nos seus amores unico objecto, que tinham no pensamento.

Um almoço no campo ainda muito frugal, é sempre delicioso.

Tudo era bello. A idade, o passeio, e o amor, ainda que escondido sempre tinha atractivos.

Christina anciosa sempre d'encaminhar as cousas para o seu proposito, disse ao seu companheiro:

Que delicioso passeio para duas pessoas, que se amassem.

Porque, não serêmos nós amigos um do outro?

Mas eu fallô amigos, d'outro amor mais forte.

Não creio que haja amor mais forte do que o meu.

Ha o amor de marido e mulher.

Sim, mas.... Alberto parou. Conheceu que era a occasião de fallar, mas lembrou-ee que era quasi pobre em comparação de Christina. que era uma creança, e em fim não se atreveu, o que não impedio que a brazileira incestisse:

Mas o que? Nada de meias palavras.

Não é nada. Diz muito bem, minha querida Christina, que felizes, que seriam dous esposos aqui?

Deve ser uma vida bem feliz!..

Christina suspirou pondo a mão sobre o hombro d'Alperto, e deixando-a escorregar ao encontro da mão d'elle que esperava.

Logo que eu termine os estudos hei-de casar-me!..

Meu Deus, porque não ha-de casar antes?

Como? É perciso viver. A minha fortuna é pequenissima.

Porem uma esposa, que seja rica...

Mas poderei eu supôr que me queiram?

Quem teria coragem de o recusar por marido? Tão bom, tão amavel, era penhor de felicidade.

Alberto deu um pulo no banco onde estava sentado.

Pois acredita que... Se fosse a sr.^a D. Christina, aquella que eu amásse, e que lho dissésse....

Ora, meu querido, quem falla de mim? O senhor é um ingrato não s'importa comigo, se me tivesse amor...

Pois não tenho? Então eu... Creia, minha querida...

Não fallemos, mais n'isso. Não vé que andam a passar por aqui constantemente?

Alberto olhou não viu ninguém, mas disse:

É verdade, não tinha reparado! Depois seguiu Christina que s'encaminhou para um grande telheiro debaixo do qual estavam os bois comendo, e onde havia uma grande quantidade de palha de milho: a linda menina estava fatigada encostou-se sobre ella, e em pouco fechou os olhos. Alberto contemplava-a com ternura quando acordada, e agora adormecida, com ternura e devoção. Aproximou-se, Christina respirava socegada, o seu peito arfava suavemente, o mancoço ajoelhou, e depois d'um extasis prolongado, sentio que o seu coração palpitava mais rapido que nunca, n'um energico fogo, que o dominava. Curvou-se e deu um beijo frenetico, rapido, electrico, d'esses beijos que transmitem a alma, na face da mulher, que amava. A americana continuou dormindo, apenas suspirou, dando um descuidoso movimento aos braços.

O novel campeão d'amores ergueu-se atterrado pelo seu arrojo, e pedindo a todos os santos, que ella não acordásse, e não tivesse dado por tão ousado atrevimento. Quando elle se afastava e ia passear para longe, Christina ergueu a cabeça, vio que elle se retirára, encostou-se de novo.

Nesta occasião comessáram a juntarem-se nuvens inesperadas, e a ouvirem-se trovões cada vez mais perto. Era uma trovoada, que principiava. Depois, comessou a chover. Correu o dia. Christina despertou, conversáram, comeram ainda em quanto a chuva passava, e ao anoutecer, partiram para as suas habitações. A brazileira desesperada por nada ser capaz de fazer com que Alberto declarásse o seu affecto, e Alberto, dizia elle, por não ter tido occasião.

Tinham comessado a caminhar, quando a chuva cahio de novo. Já principiava a escurecer, cada vez engrossava mais aquella corda d'agoa. Tinham suposto um agoaceiro, mas a chuva não parava. Alberto levava uma grande manta de casemira porque a madrugada felizmente lh'o fizera lembrar. Os dous jovens juntáram-se quanto podéram: cada vez a chuva era mais intensa, e o caminho mais lamacento e escorregadio. Tinham-se abraçado insensivelmente, e lançado a manta por sobre as cabeças. O resguardo era já inutil porque elles iam alagados. Os braços enlaçados, as respirações

confundidas, e as mãos, posto que molhadas, ardentes pela fadiga e pelo amor, eram poderosos insetivos para os chamar ao delirio da sua vigorosa mocidade.

Sômos os retratos de Paulo e Virginia isolados n'este deserto.

Só nos falta o seu amor, acudio Christina.

Não falta não, respondeu Alberto resolutó, era o movimento, era a escuridão, era em fim o volcão não podendo reter as suas lavas, não falta, Christina porque eu também a amo ardentemente!

Essa confissão agora, aqui, Alberto....

Por certo que tem muito de poetica e de singella!..

Mas porque m'ó não tem dito já?

Porque não podia. Tinha um desejo vivo, ardente, mas quando pertendia fallar tolhiam-se-me as palavras na garganta. Porem diga-me Christina, não o via, não o advinhava, não o conhecia no meu rosto, e nas minhas palavras?

E por ventura Alberto via alguma cousa dos desejos do meu coração quando procurava o seu affecto?

Ambos nós temos muito que nos perdoarmos.

E agora como será?

É certo, disse o joven assaltado d'um cruel pensamento, eu não sou rico, sou uma creança, o senhor Evaristo por certo não consente.

Não falle em tal, acudio rapidamente a donzella, isso é tudo negocio feito. Falle com o senhor Cunha, elle, por certo quer e d'accordo com meu pae determinarão qual deverá ser o nosso futuro. Quanto a mim tenho a certeza que meu pae seguirá em tudo a minha vontade.

N'esse caso nós seremos brevemente muito venturosos. E eu que estive tanto tempo callado, sendo infeliz por não me atrever....

O que será de nós torno agora a repetir?... Estamos alagados, não podemos entrar assim em nossas casas.

Que deveremos fazer então? Isto já é muito tarde.

Alberto já com todo o desembaraço cingia a delgada cintura da sua futura esposa, e lhe beijava a mão com transporte o que lhe era permittido com a mais sympathica docilidade.

Tudo terá remedio; comessou ella, vamos para casa da mulher do Luiz, que nos arranjará roupa das nossas casas, sem que, nem meu pae, nem os seus nada saibam: fallará com as creadas. Esperaremos, e depois diremos, que sahimos de manhã com tensãe de voltarmos, muito breve, que a trovada nos obrigou a esperar contra a nossa vontade.

E' bello e delicioso assim. Chegaram a casa da senhora Luciana caseira da quinta, e mulher de Luiz, e entraram.

Em que estado veem? exclamou a boa mulher, admirada! Pois sahiram com este horrivel tempo?

E' que nós... Alberto não pôde continuar por que foi interrompido por Christina, que explicava a Luciana o que tinha a fazer. Os dous entraram para o quarto da excellente e prestadia camponeza, e esperaram sem aborrecimento que ella voltasse.... apesar de se demorar mais de duas horas. Voltou conduzindo a roupa. Vestiram-se.

Quando sahiram, abraçaram-se com a mais terna cordialidade. Até amanhã minha geurida esposa.

Atê amanhã meu querido marido.

Para vós a mais completa ventura, minha geurida.

Dentro de poucos dias a nossa sorte será digna de inveja.

Sou o mais feliz dos homens!

Um terno e suave beijo filho do mais energico amor selou as ultimas palavras dos dous ditosos namorados.

Quem pôde sondar o futuro? Os olhos de Alberto scintilavam de fulgor e de felicidade, mas ainda assim não eram a imagem da ventura da sua alma.

No dia seguinte Christina, seu pae e o resto da familia tinham partido para Lisboa. Alberto procurou, indagou, mas tudo foi debalde. Não chegou a dizer nada a seu pae.

Oito dias depois o senhor Cunha, pae de Alberto recebeu um cartão dando-lhe parte do casamento da exm.^a sr.^a D. Christina Evaristo Pereira, com o Ill.^{mo} sr. Anselmo Fernandes da Boa-morte.

Alberto esteve para endoudecer, unicamente Claudio é que foi o confidente das magoas do seu amigo, como tambem o tinha ouvido exultar pela confiança que tinha da pureza do seu primeiro amor.

Passaram ainda alguns dias quando Alberto recebeu uma carta pelo correio que lhe dizia! Meu querido Alberto.

O meu amor foi sempre verdadeiro, porém meu pae quiz que eu casasse com o sr. Boa-morte, não o amo; não é nem bonito, nem rapaz. mas é muito rico. O meu casamento era necessario. A minha casa está sempre ás suas ordens. O meu segredo está bem guardado, por que o guarda a pureza do nosso amor.

A carta não vinha assignada. Alberto nunca mais procurou ver esta mulher. Não a esqueceu, mas despresou-a. Tinha terminado o primeiro sonho, com um despertar bem cheio d'amargura.

O inexperiente Alberto sentio uma dor profundissima, não chegava na candura da sua innocencia a julgar possivel tanta ingratição. O seu amor tinha sido puro e santo; aquella mulher arrebatada no fernesim da paixão, tinha-se entregado ao delirio do amor, que baptisára depois com lagrimas de receio, implorando ao mancebo a constancia e a firmeza dos seus affectos, e elle ajoelhando implorára perdão, jurando a mais santa e religiosa fé.

O que elle julgára inabalavel, destruiu-se rapido como um sonho.

A memoria guardava a recordação desgraçada, mas o tempo ia desvanecendo-a todos os dias. A creança fez-se homem, e foi essa a sua mais pequena mudança. Os pensamento dos homens, são como as aguas da fonte, nascem, mas nunca voltam para o logar d'onde nasceram. Com a idade o homem não sabe se tem saudades do tempo em que vê o mundo como um eden, ou se amaldiçoa essa quadra d'illuções. A sociedade ora nos enche de crenças puras, ora nos vem despojar de todas ellas.

A alma chega a ficar semelhante ás florestas do inverno, fica sem ter flores, nem fructos.

Alberto amou com a efervescencia do primeiro amor, julgou que não podia tornar a amar, mas enganou-se, por que amou ardentemente na terra, que symbolisa a honra em Martim de Freitas e o amor em D. Ignez de Castro.

Assim corre esta pobre vida.

Nos jardins da existencia
Encontra-se tanta flor.

As palavras do inspirado poeta, que Portugal tem de festejar, são huma verdade, que tem os seculos por testemunhas. Dizer que o amor verdadeiro é só um, é um absurdo, com que pertendem sustentar certas moralidades, e dar um esteio pouco sólido ao amor eterno imposto no casamento. Os amores são as rosas das primaveras da alma, assim como cada anno a campina se esmalta de flores, para pouco depois cahirem murchas e seccas, tambem d'amores se engrinalda o pensamento, que teem de morrer como as flores no seu inverno, precursor d'uma nova primavera. Os mancebos alguns mezes depois foram para Coimbra. Era no fim de setembro. Claudio e Alberto foram viver juntos.

Poucos dias depois de estarem na cidade das lettras Alberto sahio de casa, era quasi noute, e sósinho encaminhou-se pela ponte do Mondego, e atravessando o rocio de Santa Clara entranhou-se mais do que desejava pelas margens do rio, e pelas devezas solitarias dos arredores.

Se o mancebo acreditasse em agouros, devia ter fugido logo da Athenas portugueza As Cassandras do Virgilio e os Augures do Tito Livio não podéram determinar-lhe a fuga!

CAPITULO III

A MORTE EM PRESENÇA DA VIDA

No desdobrar vagaroso do indifferente manto do tempo, sempre nos parece ver de longe brilhar uma esperança, que as mais das vezes vemos depois occultar-se, e fatalmente substituir-se por verdades afanosas, que nos pungem.

No meio n'essa dôr tomamos o sceptro do scepticismo, para no fim da vida, os temores bem ou mal fundados da eterna justiça, nol-o arrancarem, e substituirem-o pela co-

roa talvez imerecida das crenças mais extravagantes. O scepticismo expira antes do muribundo, quasi sempre, no leito d'agonia. Alberto ainda ha pouco rico do primeiro amor, agora pranteava amargamente as magoas d'uma primeira decepção; volvia os olhos para o Creador, e perguntava-lhe pela felicidade, que a religião lhe fizera esperar na infancia, e que o mundo agora tão impio lhe negava.

O ceo estava puro. A lua resplandecia nas agoas do Mondego. As pedras espalhadas pelos campos, symbolisavam as lousas da affeição, que tem percorrido pela terra, e volvido para o passado, ou para o nada. As cores de que se esmalta a campina aos raios do sol, estavam agora todas negras. Era a natureza de lucto pela ausencia do sol.

A brisa da noute agitava os cabellos do mancebo, o susurro do bosque, e o murmurio das agoas, formavam esse cantico de saudade, que o universo eleva aos pés de Deus. Em torno d'Alberto estava tudo silencioso como um tumulo. O desgosto do seu amor, que o tinha recentemente amargurado acompanhava-o como sombra mysteriosa. Via rasgadas as primeiras paginas do livro da vida, sentia que o sangue da alma corria ainda. O amor nas organizações mesquinhas, é uma necessidade material, em que o espirito não entra, mas nas almas, que o Senhor fizera para estrellas da criação, é o sol que vivifica, é o sexto sentido, que enobrece e divinisa. O pensamento illumina-se com um fogo sagrado, e cada chamma traduz n'um beijo, hossanas ao Senhor.

O joven arrebatado pelo delirio, que a solidão fazia nascer, vio diante de si o vulto do passado, que elle tinha sonhado tão bello, a transformar-se no genio do tormento, e do martyrio.

Sentio vergar a sua coragem. Duvidou do futuro feliz, e acreditou no presente de magoa, como prognostico de maiores infortunios. Vio o archanjo do mal presedindo ao seu nascimento, e seguindo-o no curto periodo da sua vida. Não tinha ainda vinte annos, e já tinha sido atraído sem pejo. Aquella ingratição tinha sepultado as suas crenças.

Tinha-lhe scintilado no ceu uma estrella, mais brilhante, e mais pura do que as outras, tinha acreditado, que ia ser mais feliz, porem, o astro formoso tinha-o abrasado no seu

luzir. Tinha amado com a pureza do amor dos filhos do propheta, interpretes de Platão, dos que anceiam na existencia nada, e alem da morte uma saudade ao menos, e tinha sido escarnecido. Amou com a crença dos Apostolos ás doutrinas do Crucificado, e matáram em flor as crenças da sua alma angelica.

A desgraça faz-nos maus!

A quem dissésse ao pobre Alberto o que elle deveria ainda soffrer, responder-lhe-hia o martyr, que uma pequena parte d'esses tormentos o matariam! O homem soffre muito e não mórre, porque mistura as lagrimas com risos. Um desengano, é uma lagrima muito amarga, acompanhada d'um sorriso de muita indifferença.

Tinha-se alevantado no horisonte uma nuvensinha branca, e tinha subido socegada no ceu, até que foi cobrir a face da lua. Quando juntas pareciam relatárem seus amores. A aragem da noute desfez em pouco a nivea companheira do astro melancholico.

Aonde iria ella? Só Deus poderia responder.

A felicidade vivia no coração d'Alberto, a desventura soprou sobre ella, e fez que se afastásse tambem.

Para onde iria ella? Como da nuvem sô Deus é que poderia responder.

O Martyr do Golgotha consolava o espirito juvenil d'aquella creança! A sua intelligencia condemnava o procedimento da mulher perjura, mas não lhe dava o direito de ser perjuro tambem, porque então iria condemnar um crime com outro crime. No momento em que as crenças morrem, o mundo fica um deserto, e o primeiro pensamento é sempre aspirar ao paradeiro das cinzas do sepulchro. Esta lembrança da morte agitou-se no cerbero d'Alberto, depois afugentou-a. O seu pensamento de que a morte era o ultimo termo do homem, começára a naufragar na duvida. Se na vida só existe martyrio, pensava elle, o premio deve ser na eternidade.

O mancebo tinha amado muito a sua adorada Christina, jãmais tinha pensado, que tanto amor podésse morrer. O amor, quando se jura, é quasi sempre verdadeiro. O amor não mente, porem nasce e morre. O primeiro enganado foi quem jurou.

O tempo, que indifferente faz e desfaz imperios, transforma os sentimentos nos corações, a ponto, que elles mesmos, não se conhecem, e de si mesmo, ou teem com paixão, ou sorriem! É tão triste viver sem um affecto no coração!

E' sinistro o pensamento do nada. O aniquilamento é um sonho mysterioso, é um abysmo insondavel como a esperança. A descrença devorava o peito do moço inexperiente. Julgava Deus uma necessidade moral, mais nada. Via na religião uma corrente lançada pela sciencia á ignorancia. Cada minuto destruia o pensamento, que antes o tinha dominado.

Tinham decorrido muitas horas. A lua já se escondia no horisonte. O mancebo já não sabia onde estava.

O socego melancholico da solidão tinha arrastado as concepções do seu espirito das tristezas do passado, para as esperanças do porvir.

Quando tornou a pensar, e como que a despertar do seu longo sonho, sentio ao longe soar meia noite.

Tinha caminhado apenas alguns passos, quando sentio a pouca distancia os suspiros e soluços, que alguém debalde pretendia abafar. Estava junto de uma pobre habitação campestre e solitaria. Dirigio-se para o logar d'onde lhe parecia, que nasciam os signaes de afflicção.

Em pouco divisou sentado á porta da pequena casa, ao clarão fraco da luz, que vinha de dentro, um velho de cabellos brancos, com a cabeça sustentada nos braços, que apoiava nos joelhos. Era o velho, que chorava.

Que tem, meu amigo, perguntou o estudante novel, porque chora d'esse modo?

O ancião ergueu a fronte admirado, por ver, que alguém o ia acompanhar na sua dor, e na sua triste solidão.

Quem é o senhor? Quem pôde trazel-o a este logar?

Deus talvez. Se coubesse nas minhas forças enchugar as suas lagrimas, juro-lhe, que não exitaria.

Sim, creio, que foi Deus, que o mandou aqui. Tornou-lhe o ancião levantando-se. Choro, porque o meu unico filho, cahio rapidamente enfermo, como se fosse ferido de um raio, e existe ali quasi morrendo.

São precisos soccorros, atalhou o joven, a mais pequena demora pode ser fatal.

Porem nós estavamos sós, e eu não podia deixal-o.

O pobre velho apontava para dentro da casa pobre e mesquinha, designando um funebre leito.

Corro á cidade, e o mais breve possivel aqui estará um medico!

Alberto respondeu-lhe com pressa e dispunha-se a partir mas o pae do moribundo ponderou ainda:

Eu mesmo irei! Conheço o doutor, que hei de chamar. Um medico?! O velho sorria amargamente como duvidando da sciencia, para vencer o mal de seu filho, e como acreditando a sua desgraça inevitavel. Vou buscar um medico, prosequio de novo, e tambem um padre. O senhor ficará aqui. Peça-lhe, que o não deixe morrer só.

Cumprirei esse dever, que Deus me impõe.

Voltarei o mais breve possivel.

Alberto vio affastar-se o velho apressado! O amor paternal emprestava azas á velhice, acompanhou com os olhos o ancião, que se affastava. Fiçou só! Sentio-se estremecer. Um instante depois venceu o poder, que o prendia, e caminhou para o silencioso albergue, sepulchro de um vivo. O archanjo da morte pairava sobre aquella habitação, e sacodia sobre ella raivoso as suas funebres azas!

O amigo de Claudio deu alguns passos no quarto soturno, parou, crusou os braços, e olhou em torno de si para investigar o que o rodeava. Era bem triste o espectaculo, que tinha á vista. A casa era pequena e arruinada. As paredes nuas e denegridas. O tempo não tinha perdoado áquelle misero aposento. A um canto do quarto estava um pobre leito vazio, e em frente estava outro onde se descobria um vulto, Era a cama onde agonisava o filho do ancião. Alberto aproximou-se. O mancebo tinha os olhos fechados, mostrava ter vinte annos, estava palido e cadaverico. Como companheira triste do moribundo, estava uma lanterna amortecida sobre uma mesa de pau negro.

A luz quasi extincta do quarto mortuario, combinada com os ultimos raios da lua, que penetravam pela porta, davam ainda mais funesto realce a este panorama de morte. O joven abatido parecia dormir. Alberto aproximou-se tremulo, e perguntando a si mesmo se aquelle seria já o somno eterno,

fixava-o attentamente. O moribundo abriu os olhos, olhou para elle admirado, e alguns instantes depois, perguntou com voz debil:

Sois vós, meu pae? Reflectio, e continuou. Não. Quem está ahi?

Sou um amigo, que Deus envia. Não tenha receio. Seu pae não tarda. Se quer alguma cousa, estou prompto.

Não proseguiu elle sorrindo, eu já nada quero da terra.

Era sublime ler n'aquelle rosto, que a morte já tinha tocado, a idea de Deus; era magestoso vel-o apertar com toda a força da crença o crucifixo, que tinha junto ao peito, e beijar com respeito aquelle emblema da nossa religião. Alberto queria fallar-lhe, mas não sabia o que devia dizer-lhe, porque era esta a primeira vez, que olhava a morte de tão perto. Com que palavras poderia consolar um moribundo?

Luctando com os seus temores, pegou-lhe em uma das mãos, que abrasava, e atreveu-se com custo a balbuciar:

Diz que nada tem a esperar da terra, quando apenas terá vinte annos, quando está no principio da vida, quando talvez Deus lhe reserve enumeras felicidades? Tenha esperança, reanime-se.

A agonia tinha sido cruel, as forças estavam quasi perdidas, mas o ultimo lampejo da vida bruxeleou esteado pelo poder da mocidade.

E acaso, disse elle investigando em redor, será possível existir com este calor nas entranhas, com esta febre, que devora, com este fogo, que abraza?

Deus tudo póde, o futuro não se póde sondar.

Um sorriso nervoso fez estremecer convulsos os labios do mancebo, que accrescentou baixo

Como poderei viver se o veneno mina os alicerces da minha vida?!

Veneno!? Exclamou Alberto recuando, meu Deus e que quer isso dizer? Quem foi o criminoso?

O criminoso fui eu. A minha desculpa é singela. Amei.

O amante de Christina empallideceu, passou-lhe pela mente o horrivel pensamento do suicidio, conheceu, que alguém havia mais desgraçado, ou mais fraco do que elle.

Não posso comprehender esse horrivel mysterio!

Ouçá-me! O desditoso proseguio. Meu pae saía, não quero, que elle saiba nada, quero poupar-lhe um tormento. Vou dizer-lhe tudo. Quero confessar-me. Prometto confiar a minha confissão a um padre, e guardar segredo eterno?

Prometto, balbuciou Alberto, e cumprirei a penitencia, que fôr imposta. Farei tudo, que o ministro de Deus determinar. Confie em mim.

Obrigado. Sinto novas forças. Nasci quasi na miseria, sou filho de uma classe abandonada, e amei uma donzella nobre. Quando o homem não pôde sustentar o peso da vida ha de succumbir. Não pude com o peso da minha cruz, cáio derubado no meu Calvario.

O desgraçado sorria com a serenidade do justo, parecia que o suicidio não lhe pesava como um crime.

Deus deu ao homem, continuou elle, uma força para o tormento, quando elle for menor do que essas forças, é Deus, que lhe ordena, que morra.

Meu amigo, disse Alberto, eu creio, que blasphema, isso é duvidar da providencia. Só um louco attenta contra a sua vida. Em breve o arrependimento...

E' verdade, tornou elle, estaria louco. Foi a razão, que não pôde com o peso da desgraça. Tirem a febre ao agonizante, elle ha de então viver, mas como o devóra, o desgraçado morre. Se não tivesse estado louco podia viver, mas como Deus quiz fazer-me passar por estas provas morro!

Não falle de morte, bradou Alberto afflicto. Seu pae chegará breve, o medico virá com elle, a sciencia tem segredos que salvam. Tenho esperanza, ainda pôde ser feliz, ainda talvez o prazer e a ventura o espérem.

Apenas o companheiro do moribundo tinha acabado de fallar, logo este recuperando forças desconhecidas, encarou aquelle, que lhe fallava com gesto reprehensivo. Uma convulsão violenta nascida de uma nova dor, o fez quasi sentar-se na cama.

Alberto segurou-o, mas foi rapido o soffrimento, o martyr cahio de novo encostado: reuniu então o poder eléctrico dos seus ultimos instantes, e respondeu ás derradeiras palavras que tinha ouvido, e que tanta impressão lhe causáram:

Por piedade, não me falle no que m'espera. Prazer? O de

uma morte rapida. No rosto lia-se-lhe a duvida, e os olhos erguidos para o ceu, queriam devassar a mansão divina, Esperança? Talvez da salvação.

E' assim que se fálla na força da vida! Tremendos idolos a que o mundo sacrifica tudo. Chimeras douradas, que ofuscam a idea de Deus! Amigo, agora creio. Extingui a alma á força de amar. A mulher que amei era nobre, a sociedade foi quem nos separou, morro vencido no chão inglorioso em que nasci.

Chorava, soluçava na agonia o desditoso. Proseguio:

Commetterei um crime? Não poderei salvar-me? Deus bem sabe, que não podia viver. Perdão! Vejo a morte de tão perto! Toco a porta da eterridade! Diviso a estrella, que vae conduzir-me. N'este Golgotha fatal da vida para a morte, o futuro atterra, a vida é sonho, e a eternidade é a vida! Amigo, n'este momento o martyr apertava convulsivamente as mãos de Alberto, não pôde comprehender o medo, que põe a incerteza de fechar os olhos, e não saber se de novo os abriremos, e se os abirmos, o que será então nossa partilha?

O suicida estremecia, os olhos scintillavam, o a sua voz tinha alguma cousa de sobrenatural. Deixou pender a fronte abatida sobre o travesseiro, e proseguio com voz debil. Creia-me, quando as lagrimas caem na borda do sepulchro, quantas flores da vida regressam para o pó, só é grande a misericordia de Deus. O quadro dos crimes passados surge como um funebre mensageiro do inferno. Vejo rasgarem-se as nuvens, que me sepáram de Deus. Que me espera? É a salvação eterna, ou a eterna condemnação? Meu Deus salvae-me!

Nos labios espirou-lhe uma derradeira palavra—piedade!—do coração de Alberto subia para Deus uma supplica somente—piedade!—e o ecco da solidão parecia responder ao longe elevando-se para o Creador—piedade!—

Apertou entre as mãos convulsas a sagrada cruz de Jesus Christo, as contorsões afflictivas eram o despedaçar das prições, que o libertar da vida custa, depois d'essa lucta ultima e tremenda, desfaleceu perdendo o movimento. D'entre o stertor da agonia ouviram-se, quasi extinctas sabirem as consoladoras e benéficas palavras—Creio em Deus Padrel

Tudo estava concluído. O termo da vida marcava o principio da eternidade.

Os seus olhos ainda ha pouco vivos e brilhantes pela paixão e pela febre, fecháram-se para nunca mais se abrirem, os seus labios sellados para sempre, emudeceram imoveis e frios, não se ouviu mais respirar. A pallidez dos cadaveres foi-lhe a primeira mortalha. A cruz d'ebano jazia ainda encostada ao peito do morto, porém já não lhe sentia bater o coração.

Em pé, imóvel, com os braços cruzados sobre o peito, Alberto perguntava a si mesmo, para onde teria fugido com tanta rapidez aquelle espirito, que ainda ha tão pouco tempo, dava força e vida, e sentimento e paixão, áquelle corpo agora inerte e gellado.

O mancebo não fez mais do que puchar o lençol e cobri-lhe a fronte. Ouviram-se passos apressados junto da porta. Era o pobre pae, que voltava acompanhado por um medico e por um padre. Alberto estava de tal maneira opresso e confuso, que nem sequer ouviu o que lhe perguntavam: quando vio entrar o misero pae, apontou lhe em silencio para o leito. Os suspiros do velho debruçado sobre o cadaver do filho, e a voz solemne e suave do ministro de Deus, orando pelo morto, eccoavam pelo espaço, formando um canto respeitavel, e de muita fé. Os deveres de Christão seriam cumpridos? Por certo não foram. Não poderia salvar-se a alma d'aquelle pobre martyr d'amor, que soffreu tanto?

Ninguem o poderá dizer. Elle morreu só, não teve os auxilios da religião. Deus é quem sabe o seu destino!

O mundo não póde lêr no livro eterno.

Já rompia a manhã. O ceu e o campo entoavam a Deus o seu canto universal. Horas depois, o corpo do suicida em pobre esquife, e envolvido em funebre mortalha descia para sempre ao chão dos mortos.

E o que será feito da sua pobre alma? Perguntae-o ao Arbitro supremo. Deus é o unico sacerdote, que não falta nunca aos moribundos, nem com a sua presença, nem com a sua misericordia. Deus escutou-lhe a confissão, e leu-lhe na alma o arrependimento, que a dôr lá tinha escripto. Quem poderia descobrir n'aquelle cadaver os segredos mysteriosos

que encerrava? Quem poderia dizer, que tinha alli morado alma de tanto fogo? Quem sondaria no espirito chamas tão vivas, e nas chamas tão vivo amor? É sina cruel da vida!

A mulher, que elle tinha amado, nem pensava talvez no soffrimento da morte. Na ultima hora d'agonia do infeliz talvez sorrisse d'esperança!

O sol já começava a romper, dourando os pallidos clarões d'aurora: tudo na estensão dos campos, e na amplidão dos ares respirava alegria e festa, a natureza trajava as suas gal-las magnificas, formando um contraste melancolico e triste com a misera cabana do velho solitario. É este o condão fatal do mundo! Havia alli um coração enluctado, uma alma despedaçada, e em torno o folguedo enebriante do festim da creação.

Eram os vestigios dos passos da morte.

O velho nunca soube que a morte do seu filho desgraçado, tinha sido um suicidio. Alberto quiz poupar á mulher, que tinha sido a causa d'aquelle crime, a inevitavel maldição d'um pae atormentado, e quiz poupar essa culpa ao ancião inconsolavel.

Alberto foi em pouco para a sua habitação, onde Claudio o esperava cheio de cuidado justissimo. Ouvio a narração, que o seu amigo lhe fazia, e lamentou as horas de afflicção que lhe deveriam por certo amargurar a alma.

O teu primeiro passeio, disse Claudio, foi de atormentadas horas. Tu não és supresticioso?

Não, respondeu Alberto sorrindo, se o fôra, esta noute passada na cidade das lettras, deveria ser para mim de ruim agouro!

Depois d'um tal encontro, meu presado Alberto, resta quasi a certeza de não poder achar nenhum peor.

Quem sabe o que estará ainda para me succeder?! Quantas noutes mais tormentosas estarão á minha espera impassiveis?

Com o correr dos annos, foi bem triste e miseramente verificado o presentimento do malaventurado mancebo.

Quando Alberto ficou só, começou a pensar na morte do suicida: seduzia-o a lembrança de que se o morto não era feliz, ao menos estava bem tranquillo. Teve esperanças de

esquecer o seu amor malogrado, e de não se deixar prender em novos laços. Deus, ou o destino é que tinham determinado a sua sorte no porvir. Na mente do amante de Christina passavam tristes pensamentos.

Werther, pensava o allucinado mancebo pelas primeiras dores da mocidade, Werther dizia bem, o suicidio nem sempre é um crime, deixa de o ser quando se torna uma necessidade. O suicidio, não é nem fraqueza, nem cobardia. Chatterton e Catão espedaçaram as correntes, que os amarravam á vida, e nem Chatterton, nem Catão, foram jámais fracos, nem cobardes. Catão fez com o seu último suspiro a apotheose da gloria pelo ancian da liberdade, e Chatterton foi expirando o cysne a cantar as grandezas da poesia e do amor. Alberto não olhava com rancor o suicidio, antes dizia:

Se a minha desgraça me oprimir com muita crueldade, é meu recurso ordenar á vida que descance.

O imperio da existencia chama dos sonhos para as realidades, assim foi aos dous moços estudantes. Fizeram os exames de preparatorios, e entraram para a Universidade.

O mundo caminhava indifferente no seu lidar de seculos. No meio das alegrias, ou das lagrimas, o mar, o ceu, e o campo, entoavam sempre o seu canto universal em honra do Creador.

CAPITULO IV

BROTAM FLORES DE NOVA PRIMAVERA

O pae d'Alberto com um nome grande na sciencia, impunha-lhe deveres sagrados. O talento nascente do joven, e ainda o seu orgulho, não podiam deixal-o olhar indifferente para os seus estudos. Para ganhar uma posição no mundo, tinha abandonado Lisboa, tinha sentido rasgar-se-lhe o coração, deixando a terra abençoada aonde lhe ficavam as meigas e puras recordações da infancia, onde amortalhava talvez para sempre essas lembranças pueris, que não podem morrer nunca nas phases d'uma vida inteira. Que dôr immensa quando tinha visto desapparecer palmo por palmo o formoso

jardim da sua alegre mocidade, o berço em que nascera cercado d' affectos e de carinhos, e o tumulto sagrado dos seus maiores. Um pensamento mais doloroso se casava com todos estes, era a lembrança de Christina.

Esquecel-a era impossivel. Do fundo do seu coração votava ainda uma lagrima sincera aos companheiros tão chorados dos seus primeiros annos.

Em troca de tudo isto, que achava o desgraçado em Coimbra?

A indifferença, o abandono e o escarneio! Coimbra era uma terra estranha para o moço isolado, não o prendia ali nenhum affecto. O trabalho do estudo, que o esperava ainda lhe tornava mais insupportavel a rainha do Mondego.

Vinha dobrar ainda esta indisposição geral as terriveis especivalidades d'aquella terra em nada semelhante ás outras.

Coimbra é uma terra isolada das mais terras do reino, vive do seu commercio unico. Importa calouros e exporta doutores. Coimbra é uma grande estalagem onde se aluga um quarto para o tempo de conquistar umas Cartas de bacharel, como na praia para o tempo de tomar banhos.

O delirio da mocidade leva a praticar, até infamias, com o nome de extravagancias.

Ha fraudes infames a que se chamam rasgos de talento e d'esperteza. Ha seducções, que são vergonhosas, e a que se chamam conquistas d'honra e gloria.

A anarchia do estudante, tem por supremacia o pedantesco do corpo cathedratico. Devia ser muito respeitavel pelo que sabe, e é apenas muito ridiculo pela importancia irrisoria, que assume.

Coimbra pois, como alegre disse, é uma aristocracia de charlatães dominando uma democracia de doidos. Coimbra é uma Babylonia em que se perde a alma embriagada combatendo aos pés d'uma liberdade dissoluta.

Geralmente os mancebos são tirados dos collegios, onde viveram opprimidos, e arremessados livres senhores e despoticos, para um agradavel desamparo. Da submissão, estúpida prerogativa das escolas portuguezas, passam para a mais completa independencia. Semelhantes a um cego a quem Deus concedesse a vista no momento em que elle olhasse para o

sol, cegam-se com rapidez. Querem gozar n'um dia, o que lhe teem roubado no correr da vida. Amam, jogam, embriagam-se, teem medo que lhes falte o dia de amanhã. Folgam alegres tragando os primeiros golles da liberdade, e bebem, bebem, até cahirem fulminados. Quantas vezes na saciedade encontram a perdição. Raros passam o Lethes maldicto sem o esquecimento do que deixaram na margem opposta, e importando-se egualmente com o que hão-de encontrar na margem d'alem.

As vocações variadas manifestam-se.

Alguns arrebatam-se pela vista do ouro, que antes só tinham visto em sonhos, ou escripto na taboada, e jogam até se privarem do ultimo, miseravel obolo, que lhe produzio o seu ultimo lençol.

Ha outros para quem a Venus da fabula sorri em sonhos aos 14 annos, promettendo-lhes o seu retrato em realidade, em cada canto do mundo. Esses abraçam a nuvem por Juno, e trocam beijos de innocencia por beijos de torpesa, e matriculam no livro do coração castas Dianas, as que deshonorariam o nome d'Aspasia. Os Hercules tambem não faltam. Ha caravanas de valentes, que se alimentam das desordens. Teem por sonho a desmoração do genero humano. Tudo atropelam, e tudo matam.

Monarchas d'um valor invulneravel, impunham por sceptro um varapau, e pensam accordados, e sonham a dormir em fazer do seu semelhante um montão de ruinas.

Tambem Luculo tem festeiros especiaes, e Epicuro sectarios assiduos. Esses luctam destemidos nas batalhas das soculentas iguarias, e naufragam satisfeitos nos mares do Porto e do Champagne.

Ha uma fracção, talvez a peor, é a dos que estudam sempre, que não teem mocidade, que são flores sem primavera.

A virtude é bella em toda a parte.

Ha poucos, que ao mesmo tempo adorem a bella metade do genero humano, que á meza com o copo ou com a pena, sejam actores eximios, que não tremem com medo nas empresas dos ajustes de contas, que apreciem as sensações

d'uma dama *de porta*, e que adorem Vitelio como espelho de prazer.

Estes são adequados para o mundo. Assim se tornou Alberto.

Coimbra ainda tem muitas outras especialidades. Enumeral-as é impossível. Coimbra é um templo de vendilhões e de usurarios, sem haver um Christo, que os azorrágue, contra os bolços phtysicos dos pobres estudantes.

Ha uma indisposição parvissima, porem real entre a maior parte dos academicos e os habitantes da terra. Sendo os habitantes de Coimbra d'uma indole magnifica e tractavel, apenas o estudante se torna amigo, deixando de ser um passaro d'arribação. Ha uma fraternidade leal e quasi sublime entre a maior parte dos academicos. Essa amizade sincera deixa saudades tão fundas arreigadas ao espirito, que não ha miseria, nem opulencia, que seja capaz de a riscar nunca da memoria. Estes laços fraternos fazem crer o mundo um paraíso, e os homens todos bons.

Os sonhos n'essa idade são todos fraternidade. Infeliz o homem que aos vinte annos não for republicano. Ou hade ser porque acceta *pensamentos herdados* sem os pesar, ou porque póde n'elle mais o egoismo, do que a idea do justo.

Aos vinte annos julga-se o talento e a virtude tudo, ainda se não cré no imperio da velhacaria, vive-se d'esperanças. O mancebo não pertende rebaixar ninguem, mas sonha elevar-se pelo merecimento. As almas concentram-se na esperança de realisar os sonhos d'Spartaco, aceitar-se-lhe-hia o nome com perferencia ao de Napoleão.

A liberdade é a mais bella possessão do homem. Na mocidade a força da vida aflue toda para o coração; e a amplitude da esperança, do amor da mulher, e do amor da patria, fazem suspirar pela posse da liberdade tão querida. Esta multiplicidade de sonhos tão puros succedem-se rapidos porque teem de viver uma vida inteira no curto espaço de tempo em que a sorte offerta por patria Coimbra. Finda Essa epocha as illusões acabam, e uma outra vida começa, mas tão nova, mas tão differente, que em nada se assimilha á que passou.

O moço Alberto estava exposto aos perigos no grande grande campo da batalha. Existe ali uma antigualha ridicula. É a tyrannia dós estudantes antigos, para com os innocentes e inermes, que chegam. Chamam-lhe *cassoar os caloiros!*

Tem sido uma zombaria amarga feita ao senso commum, que se tem transmittido de geração para geração. É pungente insulto ao raciocinio a recepção despiedosa com que se acolhe um misero, que chega. Não se lhes estendem braços d'amigos nem d'irmãos!

Em troca dos affectos da familia, que perderam, vota-se-lhes o escarneo, ou quando muito o abandono. O joven existe ralado por saudades puras e sagradas, mas tem de chorar no meio das gargalhadas, que perconisam o mais revoltante cynismo, d'aquelles que o tyrannisam. As lagrimas do caloiro nada valem! É um festim de Neros, em honra da depravação. É o histrião da idade media fazendo rir os senhores feudaes com as magoas da sua alma. É uma multidão de Cains rindo das magoas do seu irmão.

Esta afflicção tributaria passa, e os tyrannos transformam-se em amigos. A loucura entranhada por o costume barbaro, nem deixa remorsos, aos carrascos, nem ressentimentos ás victimas. Era um caloiro.

Tudo está explicado.

Contradicção inexplicavel, a crueldade contra o fraco na epocha da vida em que a alma só tem sentimentos generosos. A loucura caminha, porque o torturado d'hontem faz-se verdugo d'amanhã. O coração humano é assim formado. Existe uma especie de lobos e cordeiros em todas as classes, que fôrmam a sociedade.

Alberto ainda estava impressionado pelas lembranças do seu primeiro amor: o seu modo de pensar era desconfiado e contradictório. A minima palavra, que lhe parecia depremil-o, desesperava-o a ponto de querendo exercer represalias, praticar injustiças, e passar por mau, sem que o fosse. Quantas vezes não parava elle absorvido lendo as paginas do *Arthur* d'Eugenio Sue, e conhecendo quanto um modo de pensar tão semelhante ao seu, podia tornar desgraçado? O mancebo tinha uma alma propensa para amar em extremo,

porem acreditava muitas vezes que esses pensamentos só eram sonhos d'uma intelligencia desvairada. Soffria muito. Acreditava na morte d'alma, na força da vida. Jurava amar só os prazeres. Fingir amores com o pensamento, deixando illezo o coração. Outros momentos não podia crer amor a pòsse da mulher, só lá via a satisfação d'um desejo, que lezava o espirito dando vida aos sentidos. Realizada a esperança o amor foge, e o homem ri de se ter julgado apaixonado, quando não era mais do que um usurario, que ambicionava um thesouro. Quando o espirito d'Alberto se levantava ás regiões d'um santo amor, alcunhavam-o de louco. A creança vencida caminhava com as turbas e depois na solidão chorava com Deus. Pensava que o casamento que era imposto á sociedade como para assegurar a estabilidade do amor, mas achava que era falso, porque via sempre o amor definhir, e ficar apenas entre os esposos uma gratidão placida e tranquillã, quando não se manifestava o aborrecimento. Na ternura dos affectos do pai e da mãe, encontrava tanto respeito d'um lado e tanta obediencia do outro, que via desaparecer a franqueza e a egualdade, percisa no amor.

Este laço é a obrigação do pagamento d'uma divida, e muitas vezes mais nada. Este sentimento é mais filho do pensamento que do coração. O amor fraterno é muitas vezes nada. No irmão existe quasi sempre um émulo, um rival em tudo. Invejam-sê os carinhos e afeições paternaes, a sorte, que mais protege um do que outro, e até o talento ou qualquer dote, que enobrece mais a um do que a outro irmão.

Alberto sonhava um amor talvez de fantasia; sonhava duas estrellas brilhando com o mesmo brilho, dois peitos soffrendo com a mesma dor, e uma só alma animando dois corpos. Sentia desejos d'amar uma estrella. ou uma flor, se qualquer d'ellas podêsse corresponder ao seu affecto.

Tinham decorrido alguns mezes depois que Alberto estava em Coimbra, quando viu pela primeira vez uma encantadora mulher, e que por ella sentiu a sua alma arrebatada. Em todas as terras a força da vida, a energia do sangue, o poder da mocidade, a natureza enfim, criam amores, mais ou menos criminosos, que enlutam a sociedade, e dão em resultado muita magoa.

Não póde Coimbra deixar de soffrer em larga escalla essa fatalidade dolorosa. Accrescem ali no vigor da mais esplendida mocidade muitos mancebos, todos ardentes, todos mais ou menos ricos, mais ou menos talentosos, e por isso o amor em todas as suas phases transparéce altivo dominando.

Era n'um dos mais formosos sitios de Coimbra. Imagine-se um grupo de penedos no pinaculo de uma encosta no fundo da qual corre o sympatico Mondego. Aquellas rochas foram ali collocadas pela mão de Deus para serem a coroa do outeiro. Aos pés da rocha prostra-se a extensão de um valle immenso todo semeado de arvores copadas. Symbolisam a tristeza poetica as oliveiras mortuarias trajando de negro; brilham festivas e alegres, as frondosas lorangeiras com seus lindos pomos de ouro; vive se ali ao som poetico das nóras que melancolicas suspiram, e o rio vae recortando a relva como gigante serpente, de prata, que se agita aos pés de Deus. Era no Penedo da saudade. Tão descripto e cantado pelos poetas guarda as suas mais formosas bellezas, sem que se lhe possam descrever. Era noite, o ceu estava lymvido e sereno, e a lua alevantáva-se no fim do extenso horisonte.

Uma grande multidão de estudantes se agrupava ali acompanhada de muitas raparigas, mais ou menos bellas, que aceitavam os ephemeros amores d'aquelles, que em pouco as esqueciam ou trocávam.

Na turba descobriu Alberto o rosto sympatico de Georgina. A historia d'esta creança era triste e curta. Tinha amado um mancebo com ternura, tinha sido por elle esquecida e abandonada. A seducção tinha-lhe dado instantes de esperanças de ventura, para lhe dar tambem longas horas de agonia. Os paes, que a tinham desprezado quando seguira o seu amante, não os quiz nunca buscar. Continuou a viver só. Bem pouco tinha, mas a mais estricta mediocridade é que dava algum valor ao seu trabalho. Engomava, e cozia mais do que lhe permittiam as suas forças. O desgosto ainda a não tinha abandonado. Via constantemente a partir e a deixal-a o homem, que lhe jurára ser seu esposo. Diziam-lhe que ella tratava de abreviar os seus dias, que breve estaria pthisica, porem Georgina pouco medo tinha da morte.

Os seus encantos resplandeciam ainda com o frescor dos

dezoito annos, porem ella não baixava á torpeza de os mercedejar. Georgina pensava morrer podendo provar que o seu amor, tinha sido verdadeiro. O clarão pallido da lua reflectia-se no rosto da mulher formosa. A sua fronte era atrahente e sympathica. Alva de neve, com uma palidez suavissima como a das estatuas da pureza e da resignação, fazia contrastar a alvura, com o negro de ébano dos cabellos annellados. Os olhos sintilavam como estrellas, em desafio victorioso com a lua radiante. A sua estatura era alta, direita e robusta. O collo arfava-lhe revelando a existencia de mysticos segredos que se escondiam n'aquelle seio. A bocca breve era um oraculo d'amor, fallando ou callada. Era o espirito de um anjo nas formas de um anjo tambem. Alberto vio-a, e amou-a logo como um louco. Se lhe segredasse ao ouvido a voz da divindade que aquella era a mulher, que o deveria acompanhar na sua peregrinação pelo mundo, não a teria o mancebo idolatrado com mais fervor.

Georgina ergueu-se, Alberto aproximou-se fallando com alguns dos seus amigos, que ali se achavam. Claudio acompanhava o seu amigo, quando este lhe disse:—Repara, que formosa mulher!—Tinha sentido uma impressão inexplicavel, porque o som da voz de Alberto era sahido do fundo do coração! A conversação teria sido longa... N'este momento era Georgina que fallava.

A sua figura elegante similhava o molde, porque seriam talhadas as bellas estatuas de Celini, e o som da sua voz afinava-se pelas harmonias da harpa de David.

Fui muito infeliz, dizia ella, porque amei e fui desprezada! Ganhêi conhecer o mundo. Ninguem por certo queria a mulher que se perdeu, senão para juntar uma nova infamia, áquella de que a lembrança destróe a existencia. Está poetica a Georgina como a Sapho a espirar! Não estou poetica, respondeu ella ao estudante, que a interrompera sorrindo, mas estou verdadeira. Por cousa alguma no mundo casaria. O amor, devem ser duas metades formando um todo: um athomo de mais em uma, um athomo de menos na outra, destróe o equilibrio, e o amor desaparece! Esta igualdade é sonho e eu já não quero sonhar!

A vida, acudia sorrindo um estudante alegre, não é mais

do que um bazaar onde se vendem sentimentos e paixões! Alcançar as commodidades possiveis e precisas, é que é o fim a que todos se devem propor.

A moralidade, tornou outro, não é das mais escrupulosas.

Os caminhos, que se tomam, accrescentou ainda outro, são accidentes, que de nada valem.

Que infamia! Pensava Alberto indignado. Como os enganados do mundo nos fazem porem crer que aquelle terrivel pensamento, é a verdade! N'aquelle momento achou ridicula a idea do homem, que tinha fallado, porque acreditaria o mais flagrante absurdo logo que fosse pronunciado pelos labios de Georgina.

Já dei aos enganados do mundo a innocencia da minha alma, acrescentou a mulher trahida, fallando de novo, não quero fazer-lhe o sacrificio do meu modo de pensar. Se eu não posso reformar o mundo para que elle caminhe á minha vontade, não quero dar-lhe o poder de me reformar a mim.

-Genuense, bradou um dos convivas, que era um velho muito estimavel, dizia que não quizessem formar systemas para governar o mundo, mas que adoptassem dos que existiam o que mais conviesse.

Não posso deixar de admittir a primeira verdade, proseguiu a formosa Georgina, que parecia inspirada á contemplação de Alberto, seria absurdo querer forjar um systema que obrigasse os homens todos. Porem não quero admittir a segunda. Diz o velho logico, que dos systemas, que houverem, que heide escolher um! Não quero. Se todos me desagradam, desprezo-os e sigo unicamente a minha vontade. A creatura nasce e pensa, segundo a sua organização, e é-lhe impossivel transformal-a. Soffre muito, mas não se domina.

A mais linda costureira do bairro alto, acudiu outro academico, está fazendo inveja a um seminarista.

Repito. Nenhuma mulher se devia casar...

E não se casando as mulheres, creio que os homens...

Sim, ninguem se devia casar. Porque não é facil encontrar nos que destinam para esposos duas fortunas eguaes, e um modo de amar e de pensar, que seja identico. Se a mulher é mais rica, póde acreditar que o homem se vendeu, e olhal-o como um protegido, que lhe deve em gratidão até

à ultima moeda de dote. Se a mulher é mais pobre hade julgar que o marido pensa, que ella quiz mudar para melhor posição, mas que nunca lhe entrou na alma nem amizade, nem amor. Restam duas fortunas iguaes, porem os males subsistem da mesma forma, porque duas fortunas reunidas, dão muito maior numero de vantagens do que separadas!

É a mais acerrima defensora do celibato.

Pois eu, exclamou outro, só quero os prazeres da vida em que a vida se gasta. Quanto mais breve se terminar esta communica peregrinação, mais depressa acaba a redicula incumbencia, que recebemos das mãos da natureza.

Dizes bem, Arnaldo, prosegueu Georgina. Não fujo da morte, nem procuro a morte. Heide morrer cedo, e não heide ter medo de morrer.

Alberto estremeceu, julgou ver já realisada a triste prophesia! A conversação continuou, passando desapercibida para mil objectos, mais ou menos frivolos, mais ou menos loucos.

Alberto recolhia sofregamente no intimo do peito os pensamentos d'aquella mulher idolatrada!

Pouco a pouco todos foram desaparecendo. Alberto acompanhado de Claudio foi para a sua commum habitação, ia silencioso e triste.

Que te afflige, perguntou Claudio, porque vens tão mudado?

Não tenho nada!

Quando se deitou custou-lhe immenso a adormecer, nunca pode afastar o seu pensamento de Georgina, e apenas adormeceu sonhou logo com a sua imagem querida. São quasi impossiveis de descrever os amores d'estas duas creanças. A triste posição da costureira, auctorisava Alberto a procural-a foi o que fez no dia seguinte.

Pobre Paulo e Virginia, lá te espera o teu naufragio! Tristes herdeiros de Des Grieux e Manon Lescaut não tropecem com a tumba.

CAPITULO V

O IMAN ATRAE O AÇO!

Georgina era uma alma pura, que tinha sido ulcerada pela mais cruel ingratidão. As suas brilhantes qualidades engrandeciam-se aos olhos de Alberto, e captivavam o seu coração propenso para amar.

O amor é verdadeiramente cegueira e delirio. Como são loucos os que a sangue frio escarnecem dos apaixonados. Esquecem-se do que já passou, ou do que ainda tem de passar e censuram o que já praticaram ou ainda hão de praticar.

O amor nasce espontaneo no coração, e ninguem pôde ainda, nem poderá nunca, despertar verdadeiramente no seu proprio espirito, nem amor, nem odio. O amor é o laço, que forja todas as ligações intimas. O que denominam amizade poderosa, é uma especialidade poderosa, é uma especialidade do amor, porque em nada se assimilha a esse bastardo sentimento, que o mundo aceita com o nome de amizade, e muitos pontos de analogia tem com a vehemencia do amor. A chamada amizade, como em larga escalla se apresenta orgulhosa pelos grandes circulos, não passa de uma filha bastarda do coração, que se alimenta das conveniencias sociaes, mas que não tem realidade, que lhe corresponda no espirito.

Na presença do objecto vive, mas não tem força para resistir á ausencia, porque a memoria nunca a vio.

A chamada amizade é um egoismo disfarçado, para estabelecer as relações precisas para a vida. A amizade fica provada, quando se recebem provas d'aquelle a quem se quer chamar amigo. O amor prova-se pelos sacrificios d'aquelle que se exforça para demonstrar, que tem direito a tomar logar n'um coração.

O nome de amigo atira-se ás turbas sem significação.

Do amor nasce o engrandecimento dos heroes, da amizade o mutuo prestimo das casas commerciaes, que se auxiliam com as suas firmas. A amizade é a estima para com um objecto de utilidade.

Phidias não podia sentir apenas amizade por aquelle a quem

o mundo chama simplesmente amigo. Estes eram os pensamentos de Alberto, ou muita gente pensará como o mancebo, ou elle teria nascido moralmente aleijado.

A semelhança dos pensamentos de Alberto e de Georgina, as suas idades, a assiduidade com que o joven comessou a frequentar a casa da costureira, tudo concorreu para que principiássem a amar-se.

Primeiro Georgina quiz fugir d'este amor, porem conheceu que não podia. Amava já, já estava destinada a sua sorte.

Alberto chamava á costureira—a sua irmã—e bem irmãos tinham sido os seus destinos. O primeiro amor de Alberto despresado como o de Georgina; as suas almas despedaçadas pela saudade d'esse amor.

Eram bem irmãos! Como irmãos se amaram!

Tinham decorrido já muitos dias desde aquelle em que pela primeira vez se tinham visto no Penedo da Saudade. os dois estavam sós como quasi sempre. Georgina quiz saber de viva vós, o que já lhe tinham dito os olhos e o coração e então perguntou a Alberto:

Como será possível, meu querido irmão, que tu queiras deixar a sociedade folgazã dos teus amigos, para buscar esta solidão monótona?

Porque estou aqui melhor! Foi a resposta d'elle, fallando-lhe com um sorriso de bondade. Não é virtude, é egoismo.

Tu amas a leitura, não pôde encantar-te a conversação de uma mulher!

Irmã, accrescentou Alberto com uma ironia doce e graciosa, queres que te lisongeiem. Conversas muito bem, sentes e pensas com energia e força. Encantas pela convivencia, como pela belleza do rosto; e pela singeleza da alma.

Não julgava o meu irmão tão sabido em galanteios exagerados.

Não são.

Fallemos serio. Eu sou uma pobre mulher louca e perdida, que aspiro á morte.

Por Deus, não digas isso. É o meu tormento.

O trábaho, e a irregularidade da vida cansam.

Porem isso pôde terminar e voltar a saude.

Já se perdeu muita, já não volta. Estou gasta, primeiro

pelo sofrimento, depois pelos falsos prazeres. É bello embotar a razão quando ella teima em nos mostrar abysmos de tormentos. Fica vencida a impia!

Para pouco depois ser vencedora.

Alberto, nunca tive crimes, salvo se é crime ter amor a um homem, que via como se fosse meu marido, e vejo que o mundo não tem reabilitação para mim. Hei de viver sempre despresada, e, ou acabar para ahi miseravel, ou n'um hospital por compaixão da sociedade, sem uma lagrima na cova... É bello o entorpecimento dos sentidos!.. Com que pejo acordei no dia seguinte áquelle em que pela primeira vez tinha bebido para me enlouquêcer.

Esse mal hei de ser eu o medico para elle.

Não és. Não tenho dia de amanhã. A dama das Cameliás não fez proselitos!.. Ha tantos seculos, que as Margaridas Gauthiers morrem sem terem sido cantadas!.. Deixemos isto. Porque é que tu deixas as alegrias da sociedade, e vens aqui passar horas de tanto silencio, não querendo ás vezes nem sequer fazer uma saude comigo á fatalidade minha protectora?

Alberto conheceu, que era o dia das explicações das almas.

Queres saber porque te procuro, minha formosa e triste irmã? É porque as rolas saudosas, que choram e gemem ainda mesmo nos gorgeios dos seus amores, procuram sempre as florestas mais sombrias. Minha querida Georgina, as almas tristes adoram o lyrio sem pompas, que nasce e vive n'um valado, e nada querem com as rosas, que brilham com vaidade n'um jardim. Os desgraçados só podem amar os outros infelizes. Georgina, partimos de pontos mui diversos, mas temos trilhado o mesmo caminho, e as nossas dores são bem identicas.

Porque? Tu és tambem desgraçado?

A phisionomia da mulher abandonada tinha com espanto mostrado a sua admiração pelas palavras do mancebo.

Só a desgraça é que me tem acompanhado na realidade dos meus amores.

Alberto contou-lhe a curta e magoada historia do seu amor por Christina. Como Georgina, tambem tinha sido despresado, como a pobre victima de uma sincera affeição, tinha longamente chorado a traição, que o atormentara.

Eram dois corações magoados, sacrificados ambos ás conveniencias do mundo; ambos esquecidos nos braços d'outro ente mais rico talvez, e por conseguinte mais digno de puras e santas afeições.

N'este momento Alberto e Georgina tinham as mãos enlaçadas, e os olhos fixos um no outro, e as almas em extasis. Lagrimas ardentes, ou de compaixão ou de amor brilhavam simultaneas nas frentes dos jovens isolados na pequena casa.

Minha adorada Georgina, bradou Alberto, quasi ajoelhando em frente d'ella, eu sempre adorei a pintura como legitima irmã da musica e da poesia, porem nunca tive sonhos de ambição para ser pintor, comtudo n'este momento daria uma grande parte da minha vida, para poder ser o grande artista Raphael um dia somente, apenas o tempo necessario para te desenhar o rosto lindo.

Não havia nada na terra, que se podesse comparar áquella fronte poetica e formosa! Alberto estava ajoelhado em frente d'ella, contemplando-a enlevado como se cumprisse a mais devota adoração divinal. O mancebo fantasiava reproduzir aquelle rosto admiravel, e immortalisando no futuro o seu nome, ver ao mesmo tempo o mundo prostrado diante da imagem do seu amor, que lhe devia tambem a immortalidade.

Georgina sentio, que os seus sentimentos amorosos longamente adormecidos no fundo do seu coração, tinham acordado emfim ateádos pelo olhar de Alberto, vio que debalde era lutar, porque a verdade da sua paixão não se podia occultar mais tempo, porque em verdade não cabia já comprimida no intimo do peito, e por isso bradou erguendo Alberto nos seus braços.

Monarchas pelo sofrimento cinjámos a mesma coroa de amor e de martyrio.

Um beijo de fogo queimou as faces afogueadas de Alberto, que delirante apertava ao coração aquella mulher,

Era o enlevo deslumbrante do espirito, em que a alma pára não podendo supportar tanta ventura, em que os labios se calam por não poderem traduzir em palavras o que sente o coração. A eloquencia do silencio é só quem arrebatá: e o lume dos olhos e do coração quem allumia apenas.

Desde aquella hora em diante as suas almas viveram

identificadas. Decorreram dias, semanas e mezes do mais ardente e vivo amor: unicamente as aulas arrastavam Alberto para longe de Georgina. Muitas vezes o mancebo pedia à sua encantadora amante, que não trabalhásse, que deixásse as loucuras da sua vida, que a aproximavam da morte, tudo era baldado

Georgina cedendo ao affecto de Alberto não mudára de pensamento suicida, tinha querido gosar o ceu na terra, por um amor correspondido, mas pedia a Deus, que a matásse antes da primeira decepção. Se o joven lhe pedia, que abandonásse tão louco marchar ao encontro da morte, ella só lhe dizia, que não pensásse no que nenhum valor tinha.

É tão bella a vida, accrescentava ainda, que valha a pena discutir-lhe a duração? O que ha de bello no mundo, são os prazeres, que augmentam a existencia pelo goso, e a cortam pelo tempo. Gozêmos. A longitude do futuro só nos pode offerêcer decepções.

Logo não crês tu no nosso amor!

Não te illudas, meu Alberto, um amor tão forte não pôde ser muito duradouro. Pensa o que seriamos nós sendo já velhos?

Seriamos dois amigos ternos sempre, que viviríamos pelas recordações da primavera da vida.

Georgina deu uma gargalhada quasi cynica!

Deixa morrer as illusões. A existencia é um dia! Gosêmos este lindo nascer do sol, mas não lhe vejamos o triste occáso. Nas horas em que o prazer se faz delirio, o pensamento morre, e a creatura vive então alegre d'uma alegria falsa, mas que reina... Depois

Já puz á campa o ouvido
E ao cadaver corrompido
Nem um gemido lhe ouvi.

A desgraçada tinha crença, que se a campa não outhorgava a felicidade, tambem não permittia a dor. Se não esperava achar na eternidade a ventura, tinha esperanças de lá fazer bem tranquilla.

Vejo que nada soa para ti.

Es tudo! Respondeu ella. Se podéssemos viver n'um mundo novo, ou antes fóra do mundo, poderíamos ser felizes. Porem as leis da sociedade sempre nos hão de cercar, eu serei sempre aos seus olhos uma mulher perdida, tu breve terás de seguir a tua carreira... que eu não faria senão embarçar-te.

Despreza o mundo, tu serás minha esposa.

Loucura! Julgas que eu o quereria? O mundo ria-se de ti, e de mim. Não quero soffrer a vida!

Mas podes desprezar o vulgo, que ruge?

Antes quero morrer. Pensei longamente primeiro que principiásse a pôr por obra este negro projecto.

A infeliz mulher atraçoada tinha recebido no momento do seu primeiro desgosto a ferida incuravel, que a devia matar.

Estas discussões eram renovadas cada dia. Georgina teve enfim o primeiro ataque, que se antevia de ha muito. Jorros de sangue pela bocca foram as manifestações claras de uma ptytica annunciando, que tinha empolgado a sua preza. Alberto soffreu immenso, e nunca largou a cabeceira do leito. Julgava o mancebo que o soffrimento apagasse o desejo da morte. Foi erro. Aquella alma de ferro não vergava. Melhorou, e o seu louco viver foi cada vez mais desordenado.

Alberto pensou mostrar-se alem de afflicto desesperado, e lançar-lhe em rosto como um crime o seu pensamento suicida, e concluir por lhe dizer, que a não podia acompanhar n'esse proposito, porque se julgava cumplice de uma infamia.

Alberto não medio a extensão d'estas palavras, a sua ideia era salvar a mulher, que amava.

Georgina encarou-o e respondeu. Muito bem. Cumpram-se os nossos desejos, eu realisando a minha vontade, que ninguem dobrará, e tu não te compromettendo com o crime da minha morte decedida.

É essa a tua ultima resolução?

Há muito tempo.

Alberto sahio. Estavam separados. Para ambos a situação creada por um capricho era insupportavel. Alberto está sempre em casa, debalde Claudio o interrógava. Finalmente a amizade venceu, Claudio soube tudo.

Dias depois Alberto escrevia a Claudio a carta que se segue

para que elle a guardásse como recordação d'aquella hora cruel da sua vida.

Meu querido Claudio.

Devo dedicar-te este intimo segredo do meu coração. Comprehendeste o meu amor, dêste-lhe o linitivo unico. Aceita a pagina triste do livro da minha vida!

Teu do coração

Alberto.

DESPERTAR DE UM SONHO

Na epocha da vida em que dicta leis o coração, aspirei a achar um ente em que se reflectissem as verdades do meu amor, e que tornásse realidades as fantasias dos meus sonhos.

Era n'uma noite de verão, o perfume das flores, o murmurio das agoas, o cantar do rouxinol, tudo encantava o espirito. Era uma d'essas noites, que se desenha na memoria como um panorama do paraiso. Morrera o sol havia pouco, surgio a lua, allumiando os campos e as aguas. Tudo estava bello e suave como deve ser o sorriso dos anjos. Reinava o silencio respeitavel, que o homem não ousa interromper, que admira fictando os ceus, como querendo penetrar até os pés de Deus. N'essas horas de mysterio o homem não sabe o que deseja. As estrellas do ceu parecem-lhe as letras com que se descrevem as verdades dos seus sonhos. Eu estava só. Quem me diria, que um instante depois seria julgado o meu porvir.

Um clarão brilhante surgiu das orlas do oriente, as estrelas fugiram tremulas e atterradas. Como o sol brilha no firmamento, brilhava aquelle clarão na luz do sol. Anjo ou fada baixava do ceu. No centro da luz, era a sua luz, que me cegava. Realidade ou sonho?

Propheta de mysterio fez-me o vaticinio do amor. Trajava de negro, menos negro do que os cabellos. Os olhos aveludados brilhavam como a luz no momento de sahir das mãos de Deos, nas horas da creação.

Anjo ou fada trazia o sello da sublimidade e do mysterio. Segurava a chave do meu coração, prendia o meu destino ao vestigio dos seus passos. A minha alma voou para a mystica appareição. Ajoelhou. Loucura, capricho, vaidade?! Amei!

A liberdade é um ente chimerico para os sentimentos do coração. Livre quebrára as correntes, que me prendiam; escravo curvei-me ao despotismo, que dominava; e suppliquei-lhe a esmolla de um suspiro amoroso!

O anjo ou a fada sorrio e callou.

Um ramo de arvore secco veio cahir aos meus pés. Era o symbolo do meu porvir sem esperanças.

Tinham sido verdes aquellas folhas, como viçosas as minhas aspirações, agora estavam sêccas como vazia de felicidade estava a minha alma.

O anjo fugio, tinha ficado a imagem.

Queria ter morrido então, porque o anjo era o meu norte, e deixando-me, a vida era para mim um cahos. É mais bella a morte, que leva á eternidade; do que a morte da esperança, que deixa a vida, para soffrimentos maiores.

O anjo ou a fada era dos ceus, e aos ceus tinha voltado, só no ceu a poderia encontrar. Uma nova aurora surgia rissonha para mim.

O soffrimento de acerbos dores tem para si como refrigerio a ideia de Deus! A religião é prophetisa da paz eterna. Quero voar para o ceu ao encontro do meu anjo da Guarda!

Creio na eternidade! Bebi então resignado o calix de amargura. Deus quiz premiar a minha fé.

O anjo appareceu de novo. Tinha fugido para dar força á minha crença, e para salvar a minha alma.

Amigo, as lagrimas d'amor, que me veem do coração, repassadas d'um sentimento profundo aceita-as como um signal d'agradecimento sincero. Se um dia souberes, que o anjo quer fugir de novo, dize-lhe que me roube a existencia, que sem elle é inutil para mim, pede-lhe, que não regeite a minha vida pobre feudo, que d'alma lhe consagro.

Antes a tranquillidade da valla d'um cemiterio, do que as torturas da vida presa a um amor sem esperança. Não ha dous amores eguaes a este! Claudio, se assim fosse o mundo

era-lhe carcere limitado, e o pensamento pequeno para poder comprehendol-o. No passado longo das gerações d'outróra, dorme a historia mysteriosa de muitos seculos; se nós levantássemos a orla d'essa mortalha, teriamos de votar muitas lagrimas aos soffrimentos, que já foram despedaçadores!.. Que o futuro tambem tribute uma lagrima á triste narração de tanto amor tão abrilhantado por funebres esmaltes.

Que um braço amigo reuna além da morte os nossos corpos, como eu espero, que Deus ha-de reunir as nossas almas. Invejem os homens o nosso destino.

Na terra envoltos no mesmo pó, no ceu na presença do mesmo Deus.

Era esta a mysteriosa descripção do que se passára, que Alberto offereceu ao seu amigo para que se lembrásse do muito, que tinha soffrido. Retrocedámos ao momento em que o bom Claudio sahio sabedor da fatal desintelligencia d'Alberto e Georgina.

Claudio foi procurar Georgina. Achou-a doente e magoada. Depois d'algumas palavras quasi sem significação, Claudio perguntou por Alberto, como se tudo ignorásse.

Não sei nada d'elle, respondeu amargamente Georgina, ha trez dias, que o não vejo.

A dor d'uma saudade profunda traduzia-se nestas palavras, que eram pronunciadas com a vehemencia dorida d'um vivo affecto, que se julga desmentido.

Estará elle doente?

Não é Alberto seu companheiro?

Ha trez dias, que o não vejo tambem, tornou Claudio, a alcova está fechada, e não tem a chave na porta. Estará no quarto?...

Ou divertindo-se talvez.

Parceu-me vêr hontem luz na casa em que dorme!

Acreditará, Claudio, bradou Georgina pondo-se em pé, e não podendo reter a sua dôr dentro do peito, acreditará, que estamos indifferentes.

Indifferentes?!

Claudio mostrou a maior admiração !

É verdade ! prosequio Georgina, aquelle homem, que eu acreditava ser tão superior aos outros, não é mais do que um ente vulgar. Ama e deixa d'amar ás ordens d'um capricho. Quer que eu viva, e para o conseguir, máta-me mais depressa. Jurou-me cem vezes o seu amor, acreditei, que elle correspondia aos meus sentimentos desordenados, enganei-me. Julgava o mundo infame, porém o mundo é mais infame do que eu pensava. Julguei-me desgraçada e perdida, porém ainda sou muito mais do que me sopunha. Alberto é tão rico d'alma, como outro qualquer.

Engana-se, minha querida Georgina, atalhou com rapidez e convicção o verdadeiro amigo d'Alberto da Cunha, engana-se; Sei que o seu coração é nobre, que a ama, e que só alguma fatalidade poderia ser a causa d'este desgosto, que hade ter mui rapido fim.

Alberto estima-me, balbuciou a pobre infeliz, duvidosa e triste, porém, menos do que ao seu orgulho e capricho. Ama-me, porém, é muito capaz d'aqui não voltar, só para não curvar a cerviz vaidosa. Podia morrer aqui abandonada, que me deixava espirar solitaria. Era o ultimo desengano.

Quando as desgraças se apresentam, acrescentou o singello Claudio, é nosso dever conjural-as. Serei o archanjo da bonança, n'esta procella d'amor.

Em parte o que dizia a pobre amante abandonada era verdade triste. Alberto era orgulhoso demais. Não podia pensar; quando o orgulho o dominava, despedaçava todas as considerações, tudo esquecia. Uma simples palavra lhe fazia quebrar relações presadas, fazia mil propositos de emenda, porém chegado o momento, uma vertigem invencivel o fazia vergar ao seu poder, e a loucura cumpria-se inevitavelmente.

Tendo ouvido Alberto, e escutando agora Georgina; na frente de Claudio, brilhou um vislumbre d'alegria por que vio, que ambos suspiravam o momento de se verem de novo n'uma existencia d'amor. Claudio concluiu que elles eram indispensaveis um ao outro, para o complemento das suas personalidades de ventura e de vida; e que por isso mui facil lhe seria ligal-os no mesmo abraço d'amor.

O que está dizendo minha sympathica Georgina, continuou Claudio, é uma blasfemia contra o mais verdadeiro amor. Não falle assim do seu melhor amigo. Tenho a certeza de que de pois que a deixou, derrama em suspiros e lagrimas o puro sangue da sua alma. Isto não pôde ser assim.

Georgina permaneceu callada, sentou-se, e inclinou a frente para o peito, suspirando.

Quem me dêra acabar já. Que dolorosa vida tenho suportado. Até Alberto! Que mundo tão máu?!

Pouco depois ergueu-se, caminhando pensativa pela pequena salinha da sua habitação. Claudio não a queria interromper. Era quasi noute, porém o amigo d'Alberto ainda pôde vêr lagrimas nos olhos da pobre menina quando parou na sua frente.

Que tortura cruel é esta vida!

Pois não tem horas felizes de muita ventura.

Não. A vida é uma coroa de espinhos, que se apertam á frente cada vez mais, e que se vão enterrando até fazerem derramar todo o sangue da alma e do corpo!

Agora está magoada, proseguio Claudio, porém horas hão-de chegar, em que veja o mundo por um lado menos horroroso. Quer fazer-me um obsequio?

Se poder por que não?

Como está triste, quero distrahir-a. Vamos dar um passeio?

Não tem nenhuma ideia reservada?

Juro que não.

Basta. Vamos.

Tranquillise-se, Georgina. Vamos passeiar sós, como dous bons amigos. Creio que acredita na minha estima.

Acredito. Georgina estendeu amigavelmente a mão ao bondoso mancebo, que li'a apertou fraternalmente.

A solidão, disse elle, é balsamo para os tormentos do espirito. Vamos até ao Penedo da Saudade.

Até o Penedo da Saudade?! Georgina estremeceu pronunciando estas palavras, por que se recordou, que tinha sido lá que pela primeira vez tinha visto Alberto.

Partiram. Deus ou o destino dirigia os passos dos dous amantes apaixonados. Alberto quando se vio só, e que a

noute veio entristecer-o mais ainda, sahio. O primeiro destino que tomou foi divagar em torno da casa onde morava a mulher, que amava. Por acaso, ou por que a Providencia determinara assim, encaminhou-se para o Penedo da Saudade.

Como é bella e suave a solidão! Que poder mysterioso chamará os entes, que soffrem para os logares melancolicos? O sol e a multidão são um insulto á mágoa, e o crepusculo e a solidão amimam e afagam.

O murmurio dos bosques e dos mares ouvem segredos aos desgraçados, e respondem-lhes, na voz mystica, que a alegria não pôde entender. Os martyrios, que flagellam adormecem no ermo, sobem nos vôos do pensamento por sobre as nuvens do espaço, até irem suplicar linitivo ao Creador. As flores vivas e brilhantes encommódam nas horas da mágoa, e a violeta pobre e simples, e viuva de prazer, abraça-se com a dôr, e soffre com ella. Pobre florinha modesta, singella e sem pompa: é a meiga irmã da desgraça, que estende a mão ao infortunio.

Alberto amava a solidão. Muitas vezes deixava o mancebo o tumulto e o bulicio das multidões, que o enfastiavam, para ir buscar no ermo os santos prazeres do pensamento, vivendo pela estensão do passado.

Quantas vezes o melancholico pensamento d'Alberto o tinha absorvido em negra tristêza scismando nos tristes amores do Rei D. Pedro? Encostado ás rochas, que tinham visto chorar o esposo de Ignez, sondava os arcanos d'um amor desditoso. Debalde interrogava os eccos dos montes, que ainda contavam ao presente os martyrios do passado. O suspirar brando e meigo das agoas da corrente pareciam ainda os suspiros anciados da victima de D. Affonso IV. O amante infeliz perguntava aos cedros gigantes os segredos d'amor que tinham escutado outr'ora. Tocava muitas vezes com respeito inexplicavel aquellas pedras da Fonte das Lagrimas; contemplava o sangue, que a tradição popular nos mostra, ainda no rochedo, pisava receioso e tímido aquelle mysterioso Cano dos Amores, e sentia bater-lhe o coração pelas recordações da epopea gigante d'amor, que por alli passara! Lembrava-se de como os eccos da solidão fariam alli tantas

vezes estremecer o coração sobressaltado de D. Ignez de Castro.

Quantas vezes sosinho e alta noute não tinha ido o poeta d'alma, admirar o pesado e sombrio aspecto da velha cathedral dos Godos? Perguntava-lhe pelo nascimento desta monarchia, que ella tinha visto nascer aos seus pés; procurava debalde lêr n'aquellas mysticas legendas gravadas pelas mãos dos seculos nas paredes corcomidas, do templo, as historias dos Sarracenos e dos Arabes, e de tantos outros povos, que por alli viveram e morreram. Quantas vezes fittando a torre do Alcássar da sciencia, o novo discipulo de Minerva, divisava pairando nas alturas a magnanima e sublime filha de Jupiter inspirando ousada os filhos da sabedoria: via os tenros arbustos abrigados á sombra do sumptuoso monumento d'el-rei D. Diniz, crearem para si na terra os imperios do talento, e sahirem de lá arvores frondosas, dictando altivos as suas leis ao mundo.

Os velhos collossos veem cousas impassiveis.

São escadas de seculos, com que o passado vae subindo tremendo e audaz para as entranhas do futuro. Muitas vezes parou o joven junto do tumulo do Conde de Coimbra! Chamou-o no atahude! D. Sisnando era mudo. A prophanação tinha revolvido as cinzas, e talvez tambem roubado os ossos. N'esta hora Alberto contemplava o ceu e a amplidão dos campos na mudez do Penedo da Saudade.

Tão absorvido estava nos pensamentos lugubres do seu amor, que não sentio Claudio e Georgina, que se aproximavam, e que n'este momento estavam junto d'elle. Alberto ergueu-se como impellido por um movimento involuntario, estenden a mão a Georgina, que lh'a apertou em silencio, olhou com agradecimento para Claudio e disse trémulo e confuso:

Tens febre? Tens estado doente?

Não sei. Não me quero lembrar do que tenho tido.

Sepultas um crime em palavras do ceu?

Sacudo a mortalha do que já não é, para viver da esperanza, Alberto.

Obrigado! Com que delicioso fernesim de santo amor o apaixonado mancebo beijava a mão abrasada da sua amante.

Sentáram-se. Por um impulso do coração d'esses, em que a vontade não tem ser, Alberto lançou um braço em torno da cintura delicada e flexível de Georgina. Claudio tinha desaparecido. Era sonho ou delirio? Ou no delirio ou no sonho existia a felicidade!...

N'esse engano d'alma ledo e cego
Que a fortuna não deixa durar muito.

CAPITULO VI

HORAS DE AGONIA

São cinco horas da manhã. Alberto completa hoje dezoito annos.

Pobre creança, tem sofrido mais do que é proprio da sua idade. Cahio para sempre mais um anno nos abysmos do passado. O gigante, que se chama tempo deu mais um passo para a frente. O tempo, como o ponteiro de um relógio voltava impassivel n'um circulo sem fim: O tempo tranquillo e sosegado vê o nascimento e a morte das nações e dos imperios. Sabio do nada com o mundo, viu gerar-se a sociedade, comessarem as tribus nomadas, e caminharem os homens depois de transformação em transformação até se crearem os solios em nome da vaidade; e ha de ver as gerações de agora feitas cinzas, e um outro novo mundo social calcar talvez sem lagrimas os martyres, que ora vivem. Do tempo não se lhe comprehende o principio, nem se lhe marca o fim. É um dia d'annos. Porque será este dia banalmente consagrado ás festas?

E' talvez por soffrer-se ainda este fardo pesado, que se chama—vida.—O fatidico anniversario foi escolhido para ser um élo de ferrò para a cadeia dos soffrimentos e das magoas de uma eixstencia de agonias. E' n'um quarto pequeno onde aneia agora o martyr guardando cauteloso o que mais ama no mundo. Olhêmos.

E' tudo branco como triste e melancholico o lyrio, que se

parte pela hastea. Que santa afeição prende Alberto a Georgina agonisante. Sobre o leito, envolta no lençol mortuario, debaixo das cortinas brancas, soffre cansado um coração, que muito amou! Levantemos de manso a orla da coberta funebre.

Para onde foi o vigor d'esse corpo inanimado?

Para onde foi o briiho dos olhos lindos?

As airosas formas existem para ahi mal desenhadas debaixo do lençol, que lhe ha de sêrvir de mortalha. A morte chama por ella, e os vermes esperam um banquete na corrupção de um cadaver.

Meu Deus! pensava Alberto. Não tens anjos de sobra na tua corte? Para que me roubas o que me apontava a salvação? Deus ou o destino? Quem sabe?

O pensamento lucha com os seculos. Ninguém responde.

Hoje a mão da providencia corça a virtude, amanhã campea feliz a malvadez. matando as crenças!

Creio em Deus, e sou desgraçado!

Vólto-me para o destino e acho um vácuo no coração. Será castigo da minha pouca fé? Que será tudo isto? Mystério.

As luctas do homem na indagação da verdade eterna, são um escarneo á intelligencia. O homem é victima passiva d'um capricho poderoso e desconhecido.

Um Deus caprichoso é um absurdo. A minha alma está morta. Morreste, meu pensamento infantil. Minhas rezas de creança não vos terei nunca mais.

Quando Alberto assim pensava um suspiro mal distincto veio ferir-lhe o coração.

Ergueu-se, inclinou-se um pouco para o leito. Georgina levou a mão ao coração, que se lhe despedaçava anciado, e bradou:

Como eu soffro!

Meu Deus! Pronunciava baixo estas palavras o companheiro da muribunda, collocando-lhe o braço sobre o travesseiro tentando erguel-a um pouco.—Estás melhor?

Creio que sim? Quem me dera morrer!

Quem me dera ver-te robusta e forte!

Robusta e forte. Os labios de Georgina queriam ainda sorrir. Não vês que é impossivel?

Alberto queria responder dando esperança, mas a convicção da sua desgraça não lhe deixava pronunciar uma palavra.

As lagrimas filhas do soffrimento eram testemunhas do amor.

Tu choras! Disse ella. Pobre amigo, has-de ter muitas saudades minhas, não hasde?

Muito soffria Alberto.

O soldado derrotado no campo da batalha, soffre menos; o rei que tomba do throno para a miseria, soffre menos; o pai que perde um filho soffre menos; porque Georgina era para Alberto, a patria, o reino, e o filho: era a concentração mysteriosa de todos os seus sentimentos, a ultima crença, que tinha respeitado o cynismo da razão. Que dor não sentiria quando lhe despertava as lembranças das saudades que o esperavam?

Saudades, Georgina? Tu não morres. Quando a tua vida s'extinga, viverás da minha. Deus fará um milagre. Metade da minha vida é tua, quando se acabar morreremos ambos.

Georgina abraçava Alberto com o vigor extremo da paixão, com a força, que nasce do ultimo combate da vida com a morte.

Louco, tu estás louco.

A Providencia hade salvar-te.

A mesma que salvou a minha innocencia.

Não blasphemes. Disse elle. A passagem pela terra não pôde ser o viver de toda a razão. O homem não pôde acabar na sepultura. Deus crear para destruir, seria inutil.

Georgina tinha recebido os sacramentos, Alberto julgou do seu dever fallar assim.

Não seria absurdo crear a grande alma do Camões para o fazer morrer n'um hospital?

Ser Napoleão o genio da gloria e morrer em S. Helena sem futuro, é impossivel.

As aspirações, que sentimos, são vozes de Deus, que veem fallar-nos. Antevemos a eternidade. Napoleão aspirava á gloria, Camões ás grandesas do solio da poesia, e ambos hão-de gozar os seus sonhos na terra promettida. Se assim não

fosse o talento era um flagello, e a loucura a felicidade. Havemos encontrar-mo-nos no ceu.

Mal posso fallar, balbuciou a desditosa. Apérta-me nos teus braços pela ultima vez. Custa deixar um amigo. É dolorosa a partida. Escuta. Camões tem a eternidade na sua epopea. Napoleão comprou a immortalidade em cem batallas. Mas alem da campa! Filho, nunca mais te vejo.

Hasde ver. É uma voz intima, que m'o attesta. É a consciencia. A consciencia é reflexo divino.

Alberto não podia acreditar que o seu amor acabásse tão depressa. Era um pressentimento.

Muitas vezes primeiro que o tormento real, vem uma dor sem motivo assaltar o coração, debalde lhe procuramos a causa, queremos debalde afugental-a no centro dos prazeres, e sabemos, ou pelo menos acreditamos depois, que a dor prognosticava uma desgraça, que pairava eminente: porem centenaes de vezes folgamos alegres no momento em que o raio da impia sorte paira para nos fulminar.

O joven não queria acreditar que Georgina em pouco se callaria para sempre!

É bello crer assim, murmurou a agonisante. Por ti creio. O amor dá-me fé. Ver-nos-he-mos ainda. És meu amigo? Hasde sonhar comigo muitas vezes. A minha imagem hade vir abraçar-te em sonhos. Ver-te-hei do ceu!

A vista embaciada de Georgina ainda distinguiu lagrimas nos olhos do homem, que amava!

Não chores! Dá cá a tua mão. Depois repellia-o. Não quero. Tenho fé. Devia pedir-te que te afastáesses. O meu contacto póde ser-te fatal. Não posso, não tenho animo.

O soffrimento era immenso.

Que te deixe? Balbuciou em delirio o pobre louco. Queria morrer contigo, se por ventura tu morresses.

Estavam abraçados, o infeliz sentia-lhe o batter descompassado do coração, e o calor abrasante da fronte pallida.

A agonia quiz erguel-a, ampararam-a os braços do amor. Já te não vejo! Falla-me! Um beijo ainda.

Foi o ultimo, foi o companheiro da ultima palavra.

*

Um beijo! Qual será o magnetismo d'um beijo? Um beijo, sempre o mesmo, symbolisa desde a innocencia até á devassidão. A mãe beijando o seu filho, o filho recebendo a benção paternal; o amante exultando no delirio da paixão, o devasso no lubrico anciar de prazeres impuros, todos suspiram, aneiam, e traduzem n'um beijo os sentimentos do seu coração.

Georgina já não podia viver. Nem um suspiro. Nem uma dor visivel. Quiz ainda abraçar o amante, porem a morte prendeu-lhe a voz na garganta.

O sol subia no ceu, e bateu no rosto da mulher, que expirava, e a sua alma voou para Deus, presa no primeiro raio do dia.

Ouve-me, escuta-me! Bradava Alberto. O cadaver permanecia em silencio. É cruel ver um ente amado, immovel para sempre, ver-lhe trocar a côr da vida pela côr livida da morte, e sentir-lhe enregelar os membros pelo frio do sepulchro.

Os braços, que o abraçavam já não tinham movimento.

Alberto cahiu sem sentidos. Foi Claudio, que o conduziu com mais alguns amigos para a sua habitação.

Quando tornou a si os entes, que o rodeavam pareciam-lhe as sombras de um sonho.

Pouco a pouco lhe voltou a memoria para lhe patentear toda a cruel verdade.

Chorou muito. Tanto pediu que o deixassem só, que pôde conseguil-o.

Um enterro em Coimbra é simples. Um pobre esquife e alguns irmãos compassivos acompanharam a infeliz á igreja.

Tinha morrido um academico.

Pozeram o caixão com o cadaver de Georgina sobre um banco junto d'um altar, para darem lugar ao outro prestito funebre, que já se aproximava.

Ao anoutecer quando o doble dos sinos veio renovar as desgraças passadas, Alberto ergueu-se, e sahio.

O toque dos sinos era para Alberto uma attracção irresistivel, conduzia-o a seu pezar, não pensava, quasi que não sentia. Caminhava com apparencia de socego, ninguem o estranhou.

O fresco da noite veio avisal-o que estava na rua. Os sinos tocavam pela morte do estudante, porem ao moço afflicto parecia-lhe que proclamavam a morte de Georgina. Aquelle bradar funebre annunciava a entrada de mais um vassallo no imperio da eternidade, e attrahia-o para a igreja sem conhecimento nem vontade.

Não sei se o dobrar dos sinos á bocca da noute nos entristece, ou nos consola?!.. Cada badalada era como um passo que afastava Georgina do coração d'Alberto, o ecco morrendo ao longe era a voz dos anjos, que a chamavam do seio do Senhor.

Alberto avistou ao longe o cortejo funebre do estudante que tinha morrido, entrou para a igreja, que estava aberta, foi encostar-se a um altar.

Ninguem pôde fazer idéa de quanto é imponente e magestoso o enterro d'um academico, sem que o tenha presenciado. É tudo quanto pôde haver, de lugubre, triste e sublime de singeleza. Figuremos centenaes de vultos, em duas compridas filleiras ao longo das ruas, todos vestidos de negro, como é negro o lucto da sua alma n'aquelle transe afflictivo. Cada um d'elles traz a tocha mortuaria, que lhes allumia a ventura morta no rosto, e amortalhada na dor e na saudade.

O respeitoso preito á morte manifêsta-se no gigante solemne, que marcha silencioso.

Vejam-lhes nos rostos como o flagello d'agonia martyrisa a mocidade no triste despertar d'um desengano. A luz baça dos brandões de cera é tibio facho, que tinge as trevas da côr da morte.

No topo do cortejo funebre caminha um caixão pobre e mesquinho, conduzindo os restos mortaes do que ainda ha pouco era irmão, dos que se vão despedir em lagrimas de um sepulchro permaturo. Aquelle caixão encerra talvez o que deveria ser um heróe, e que apenas foi um martyr.

Pôde guardar o que teria um grande talento, e que por certo se alimentou de muita esperanza. Figuremos este sahimento funebre n'uma noute escura e socegada: prestemos attentos ouvidos ao som lugubre e compassado dos passos cadenciados, e conheceremos então como aquella pobre mo-

cidade soffre no momento em que paga o ultimo tributo dos laços sagrados em que vivem unidos, em que são uns para os outros em terra extranha abandonados, toda a familia carinhosa, que deixaram.

Quando as luzes entraram na igreja, Alberto soltou um grito, que se abafou na multidão, n'aquelle recanto escuro, abandonado, penetrava o clarão das tochas, o desventurado vio diante de si o caixão meio aberto, que encerrava Georgina. Quiz fugir e não pôde. O sacristão e o coveiro tinham deixado a tarefa para mais tarde, para quando terminasse o enterro academico.

Alberto ficou ali. Um pensamento estranho lhe passou pela mente. Os padres entoaram os seus cantos mal sentidos. Enterraram o morto. Uns apoz outros sahiram todos. A porta da igreja fechou-se por dentro. Alberto estava lá. O sacristão deixou um brandão aceso no meio da igreja, foi para a sacristia, e fechou a porta.

O mancebo foi buscar o castiçal, que sustentava o brandão de cera, e collocou-o á cabeceira do caixão.

Que queria o infeliz fazer ali?

Alberto olhou em torno, estremeceu. Não é dado á imaginação longe d'aquellas paragens crear temores, que se geram na mente do homem solitario n'uma igreja de noute. Aquelle espaço largo e vasto estava ás escuras quasi, era illuminado apenas pelo clarão tibio do brandão amortecido, que espalhava uma luz sinistra em redor do caixão.

Estranho a si mesmo, Alberto estremezia sem saber por que!

Olhava a medo em torno! Volvia os olhos timido para cada altar, e parecia-lhe então, que os labios de cada imagem pronunciavam uma terrivel e justa maldição contra o prophano audacioso, que vinha insultar a mansão do Creador. As cortinas pendentes eram agitadas pelo vento frio, que esvoaçava ligeiro, como derradeiro signal de vida na mansão dos mortos. As sombras produzidas pelo estremecer dos panos, dava existencia a vultos e fantasmas, que se crusavam ameaçadores, e que o temor da fantasia multiplicava aos centos.

O sussurro da solidão mortuaria, juntava-se ao ecco dos

passos cautelosos do louco audaz, que julgava escutar a voz dos finados bradando contra o sacrilego, que lhe calcava sem piedade as cinzas.

Alberto estava junto do caixão tranzido de susto, mas sem forças para fugir d'ali. Limpou o suor da frente. Mãos de ferro lhe pousaram sobre os hombros.

O archanjo das trevas dominava assombroso o réprobo desamparado. Por um movimento convulso lançou mão á tampa do caixão e fez que ella saltasse para o lado. O cadaver agitou-se! Alberto recuou amedrontado.

A frente de Georgina já não era a mesma. O coração dizia que sim. Porem em vez da vida era a morte.

Alberto poz as mãos na borda do fatal cofre, inclinou se para a morta, e disse-lhe como temendo ser escutado, e acreditando ser ouvido.

Georgina, sou eu!

Como elle apertava uma das mãos do cadaver, que fazia estremecer pelo seu tremor, o movimento fez pender o outro braço um pouco. Pareceu ao infeliz que Georgina ia fallar!

Meu Deus, reanima esta mulher pela tua luz santa! Georgina levanta-te.

Alberto segurava em delirio o braço da que já fôra sua amante. O mancebo tremeu pela prophanção. Pareceu-lhe que sentia rumor. Julgou ser o sachristão. Que tropel de lembranças!

Quem podéra roubar um coração, que tanto tinha amado?!

O abraço que em delirio quiz dar ao corpo gelado, fez com que a mão pousasse no peito ao mesmo tempo que a synistra idéa occorria ao amante endoudecido.

Era uma prohibição do Eterno.

Alberto quiz de novo sahir, porem não podia afastar-se d'ali.

Não ha coragem, nem logica para justificar os terrores sem fundamento, d'uma igreja magestosa de sublimidade soturna, ou d'um cemiterio melancholico, pregoeivo da morte.

Cada busto dos altares estendia os braços como para fulminar o destemido sacrilego; cada sombra era um fantasma

que se extinguia para reaparecer bem depressa mais terrível!

De cada sepultura erguia-se um cadaver para punir o temerario.

Alberto acreditou sentir ainda rumor. Pegou na tocha e quiz ir para onde estava o guarda.

O vento estorcendo-se agora mais violento pelas naves fez extinguir a luz, que o allumiava. O desgraçado, achou-se cheio de terror na mais completa escuridão.

O rouco zunir do vento era concerto para enlouquecer n'aquelle instante. Quiz caminhar para o esquife, queria enviar a Deus uma ultima oração, e partir. Caminhou. Segurava-se ás columnas, que encontrava, mas as mãos escorregavam-lhe na humidade fria, que ressumava da pedra: os passos faziam ecoar funebre o sobrado, que cobria as sepulturas da igreja. Alcançou em fim o caixão. Pegou na mão da morta. Nada mais do que o gelo do tumulo.

Georgiã, bradou Alberto, quasi em delirio, rasga a mortalha que te envolve, por Deus ou Satanaz sêgue-me.

Um tremor convulsivo o fez cahir de joelhos, louco perdido, e sem forças.

No mesmo instante a cortina que pendia em seguida ás grades da capella do Santissimo Sacramento cahio diante d'Alberto.

Deus quebrára o cordão, que a prendia.

A capella estava alumiada por uma alampada.

O Christo crucificado parecia desprender se da cruz para vir abençoar o peccador, que chorava.

Alberto rezou.

O sachristão estava junto do mancebo. Tinha ouvido tudo.

Pegou-lhe nos braços e ajudou-o a erguer-se.

Por piedade, silencio.

Descance.

Uma lanterna brilhava na mão do Guarda, que acompanhou Alberto da Cunha até á porta do templo.

Tudo estava acabado.

Era a noute feliz dos seus venturosos dezoito annos.

Não rócem labios meus nem mais um riso.

Meu pobre coração rala e saudades.

CAPITULO VII

CAPUA SEM ROMA

Não, ha nada, que nos faça peores do que a continuação da desgraça immerecida! Alberto estava cansado de padecer. Queria um lenitivo para a sua dôr. O heroe d'este singello e triste conto queria lançar um veu compacto sobre os desvarios da sua existencia depois da morte de Georgina.

Ha no mundo um vicio, vergonhoso e baixo, que torna o homem desprezivel e mesquinho, que lhe anniquilla temporariamente a intelligencia, que o faz um authomato, mas que lhe tira a consciencia do que soffre, que o arrebatata a um mundo encantado, este vicio é o do vinho.

Todos os vicios teem um lado porque se podem desculpar, este não. No jogo perdem-se muitas vezes os mais nobres sentimentos, lança-se mão do alheio sem escrupulo, porque se rouba com auctorisação do roubado; mas aspira-se a dominar pelo poder do ouro, é pois a ambição que impêra, e a ambição é uma das mais inergicas paixões do homem. Quem não desculpará o jogo no seculo em que o ouro é rei?

O sensualismo destrôe a existencia, envenena muitas vezes de geração em geração, mas desculpa-o o reflexo do amor inherente á natureza. O que estiver isento do peccado, que lhe atire a primeira pedra.

O vinho porém é só a fraqueza, que o impõe. No meio da desgraça outhorga o vinho prazeres fictícios, e o homem exulta pelo que não existe. É o vinho um seductor, que dá a felicidade, á sombra do crime, para depois a victima despertar no carcere da sua vergonha, condemnado pela sua consciencia. O ente cobarde, que não pôde arrostar com as tormentas da vida, procura no vinho esteio, que lhe dê coragem.

No meio do seu tormento, Alberto, buscou lenitivo aos males do seu infortunio nas loucuras da embriaguez. O manco era fraco, lançou mão do que no esquecimento lhe minorava as suas dores. Para que se arrogaria a pertensão de ser moralista? A sua posição não lhe impunha o dever de dar exemplo.

O mundo censurava o joven louco !

A sociedade nada lhe importa com o homem, deixa-lhe morrer o coração e a esperança á força de decepções, obriga-o a abraçar-se com o cynismo; apresenta-lhe em vez do amor, que sonhou na infancia, um amor interesseiro; em vez da recompensa á virtude e ao merito, o galardão do descáro e da infamia, vê-lhe lagrimas, e não lh'as enchuga; porém quando o infeliz socumbe ao pezo da cruz, e se infama, então despresa-o e fulmina-o.

Ride, turbas ignaras, porque o mundo é bello !

O homem, quer offerecer á sociedade o seu merecimento, porém a sociedade, ou não o vê, ou o despêde !

O mundo responde sorrindo ao necessitado — Espêra! —

Quem póde pôr dictames legaes á fome ou á sede?!

Cansado de luctar, porém honrado ainda, o infeliz pede esmolla, porque tem fome, e voltam-lhe as costas. Acorda a vingança e o desespero, que levam o miseravel pela mão até ao roubo, e até ao assassinato.

Eutão sim. N'esse momento acorda a sociedade, e n'um excesso de moralidade pucha pela corda ao inforcado. Todos alcunhariam de immoral o mancebo devásso, mas ninguem indagava os tormentos, que o impeliam á culpa.

Alberto luctava com as ideas da immortalidade, descreia da providencia. O soffrimento era immenso.

As luctas entre Kant e Condillac, eram luctas, que o punham por lhe não poder achar solução. O tumulto era para elle o paradeiro de todo o ser, e por isso procurava chegar breve ao termo do seu destino.

Procurava um ponto firme por onde podêsse crer na eternidade... não achava. Acreditava bem provado pelo combate porfiado durante vinte e cinco seculos, que todos os systems ácerca do que se passa além da morte, são hypotheses mais ou menos contradictorias. Os escriptos de Locke, de Bacon, de Platão, ou de Descartes, não dão convicções. As verdades, que enserram são envolvidas em tenebrosas theories. A razão recta não encontra logicamente o seu caminho. Ha hoje tanta certeza do que ha-de vir além da campa como havia pelas cathogorias d'Aristoteles, ou pelas argucias escolasticas dos sabios posteriores. Malebranche quiz fazer de

Deus um mediador plastico entre o corpo e a alma deixando intacta a densidade das trevas. Escutei a voz de Voltaire, que dizia — que vendo todos os dias novas manifestações da materia, que nos não repugnava a idea de que *certas* particulas reunidas produziam o que se chama—alma!—

O sabio Rei d'um seculo, só lhe faltou dizer quaes eram as *certas* particulas, e por isso nada se avantajou aos seus obscuros antecessores, e não menos obscuros descendentes.

Só a religião é que pôde satisfazer com o silencio respeitoso da fé.

A sciencia é um prisma de brilhantes cores, mas terá sempre o seu lado sombrio. A elêctricidade, a luz, e o calor são phenomenos visiveis, que debalde se extorcem os phisicos em lhe darem por base uma mentira quasi logica.

A fé, sempre a fé! Alberto na sua penuria de felicidade quasi que descreia. Custava-lhe a crer sem convicção.

A theologia já tinha chamado á força vital do homem, perfeita emanação divina, ao passo que chamava ao mesmo phenomeno dado nos outros animaes um effeito do acaso. Já se tinha afiançado que a mulher não tinha alma.

O homem tem alma, e a mulher não! Ignez Sorél salvou a França quando ia perdel-a a imbecilidade de Carlos 7.º; Lucrecia morreu pela sua honra, quando o mais infame sensualismo prostrava Tarquinio; a Condeça d'Athouguia é heroína e brava, quando Miguel de Vasconcellos vende a patria, porém o homem tem alma e a mulher não, porque o affirmam sabios.

O soffrimento d'Alberto ia cavando a sua dôr, e a sua dôr era cruel e espantosa nesta epocha da sua vida, quando o prazer delirante do vicio o não endoudecia.

O scepticismo é um brinco divertido e ridiculo, quando é falso, porém é um tormento, que mina e destroe quando é filho da convicção. Eugenio Sue não foi o sacerdote, que o impelio para o sacrificio! Nem Sâphie, nem Samuel Gelb o encantaram, foram as urzes de muita magoa, que lhe rasgaram o coração!

É bello o devaneio vertiginoso em que a alma se embata, e em que a materia vive! O alvergue é palacio; a miseria grandeza, e o tormento é nada. O vinho é uma ponte gigan-

tesca, que principia a levantar-se nos grandes pesáres, e que só finda n'um paraíso de delicias.

No meio de todos os dissabores, Alberto fez acto do primeiro anno com fortuna.

O esquecimento é mortalha dos soffrimentos' mais pungentes.

Se Georgina ainda era lembrada, o tempo comessou a despertar em Alberto ideias novas. Amores profundos atterravam-o!

Alberto em ferias do primeiro anno, procurou divertir-se. A fortuna corteja ao menos uma vez na vida. Todos uma vez encontram o seu S. Martinho.

Livre do estudo, Alberto exultou como Annibal em Cápua. Como o guerreiro Carthaginez, tambem quiz, uma nova patria de prazeres em que devera perder-se, tendo como o rival de Scipião uma nova Roma adversaria.

O instincto da sociabilidade manifestou-se, e o coração protextou contra o isolamento. O coração queria companhia muito embora fosse má.

Alberto passeava uma bella tarde de estio pelas margens do Mondego. No grupo das raparigas, frescas e bellas, que alegres cantam, e folgam lavando roupa na corrente lymphida, distinguiu elle com seus atractivos amorosos Mariquinhas dos Anjos. Não era bella, mas ainda não estava emancipada pela idade. Não era nenhum typo de Vestal, mas era uma mulher de carne e osso, avultando a carne immensamente mais. Os prognosticos lisongeiros de intelligencia, tinham sido proscriptos da frente da Mariquinhas, mas tinha em compensação um sorriso prophético de certas travessuras. O olhar pouco dizia, mas esse pouco, não éra nem segredo nem mysterio, era agradavel pela franqueza: Não era nem violeta, nem lyrio, mas tinha representante no reino vegetal, era a papoila.

A mulher de espirito como a violeta, exala balsamos que encantam; porém a bejeza sem o sentimento, é como a flor selvagem, que não tem perfumes.

Alberto patenteou a Mariquinhas o muito que anciava juntamente com ella protestar contra a solidão aborrecida, e teve a fortuna de que a sua interlocutora adherio ao protexto sem restricção.

Todos os dias uma escada de seda conduzia Leonel de Bournonville aos braços de Margarida de Borgonha, porém aqui nestes amores singellos, era apenas a escada de pau da casa d'Alberto que conduzia Mariquinhas aos seus suspirados colloquios de magico enlevo. Mariquinhas tinha mãe e protestava ter desejos de occultar-lhe as suas afaveis e ternas horas passadas amando.

Chegou um tempo em que Mariquinhas comessou a tornar agradaveis as isoladas noutes d'Alberto, porém era impertivelmente uma noute sim, e outra não.

O mancebo era tão crédulo, que chegou a imaginar que a sua Julieta o fantasiava um Roméo! O que porem não podia acreditar era que a mãe ignorasse a ausencia da filha, e que ella podesse escapar-se constantemente pela janella baixa do quarto, que deitava para o quintal, e d'este para a rua, por que deixava a porta sempre só encostada!

Uma condescendente visinha chamava a mãe todas as manhãs, apenas apparecia. não mouro, porém moura na costa, e no tempo em que fallavam a fugitiva entrava pela porta da rua.

Um dia a chave do quarto de Mariquinhas ficou sobre a seeretaria d'Alberto.

A pêta engraçada para salvar a responsabilidade materna, tinha de cair por terra.

Confessou que tinha tido grande susto, mas que disséra quando a mãe voltava da casa da benefica visinha—Que um estudante, que ella não conhecia, tinha entrado, e fechado por dentro a porta do quarto, saltando em seguida pela janella do quintal!

Seria esta mentira feita para a mãe de Mariquinhas, ou para o proprio Loveláce? Isto pouco importava ao docil amante, por que elle nada tambem se importava com a sua Clarisse. É de crer que a bóça da mentira existisse quasi chata no craneo d'aquella ninfa do Mondego, ou então o doutor Gall seria infiel aos seus sectarios.

Uma noute sim, outra não, de amor era uma nova especie de sezões, que fazia scismar Alberto.

Porque seria? Por que a mãe queria o rol das despesas feito de dous em dous dias: fazia-se á noute, e então era já tarde para a amorosa peregrinação.

Quem seria tão crente que aceitasse, mesmo com alguns symptomas de repugnancia, uma tal falsidade? Alberto por certo não.

As cadeas de seda e de flores pela sua fragilidade acabam depressa. A sêda passou de moda, rasgou-se, em fios envelheceu, e as flores marcharam, por consequencia a cadeia quebrou-se.

A verdade antes de tudo; as caricias de Mariquinhas eram já como um pesadello acima do vulgar.

O accaso a quem se devem mais descobertas do que aos sábios foi o encarregado de fazer d'Alexandre Magno, cortando este nó Gordio.

Fellipe de Castro estudante como Alberto conversou com este!

Como é natural falláram rindo, das loucuras amorosas d'aquella patria de encantos. Coincendencia notavel! A historia de Fellipe de Castro em nada desdizia da historia de Alberto da Cunha. Amante adorada, mãe rispida, rol com alternativa. Tudo se combinava. O tempo da duração era o mesmo. As dulcissimas Dulcineas eram duas irmãs gêmeas para estes quasi imberbes Dons Quixotes.

Quando Alberto ouviu a resposta á indagação da morada do objecto encantador, esteve em duvida se deveria morrer de riso, ou de pejo.

A Mariquinhas symbolo de saudade, não podia amar um só ente, não era um só capaz de ter affectos que bastassem para aquelle coração abysmo! Mariquinhas era socialista em materias d'amor e de ternura.

Tudo se aclarou. A Mariquinhas appareceu, proposeram-lhe a escolha, o infeliz Alberto a quem a sorte se comprasia em desesperar, teve a dôgraça de ser preferido.

E' claro que a innocente menina, d'accordo com sua mãe, tinha enganado ambos os campeões. Nem podia ser d'outro modo, por que a joven não era capaz de desobedecer á auctoridade materna.

Que modello de innocencia, e de candura!

As ninfas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoráram!

A velha sabia tudo e calculava detidamente os juroz que podiam ser tirados *do capital* Mariquinhas.

Estes amozes tem a sua época similhante ás ervilhas ou ás cerejas, e por isso acabam tambem sem que a memoria registre como.

Na época em que os amozes d'Alberto com a Mariquinhas estrebuchavam nos derradeiros paroxismos de agonia, chegou a Coimbra uma companhia equestre.

Pouco depois o mancebo soube que Mariquinhas tinha ido servir para casa de um agiota da cidade.

É chegada a occasião de apresentar ao leitor uma formosa mulher. Tenho a honra de apresentar a encantadora Cruz de Rosas.

CAPITULO VIII

I

CRUZ DE ROSAS!

Cruz de Rosas era uma linda creatura!

A amazona completa era uma mulher deslumbrante, era o mixto incomprehensivel de Venus e de Pallas.

O garbo varonil vivia enlaçado com a belleza rainha. Era uma perfeita andaluza, que tinha roubado os encantos aos povos do mundo e tinha-os reunido em sim para enfeitiçar e enlouquecer.

Como as rosas de Bengala era flexivel graciosa e linda. Tinha os olhos brilhantes, attrahentes, lascivos. Os seus raios vibravam abrasantes como os raios do sol d'África. Tinha os cabellos tão negros, como nunca foi a mais negra noute, e tão fluctuantes, e tão annelados, que pareciam uma coroa mysteriosa, tecida pelas mãos da voluptuosidade. O capricho do vento era operario da formosura, creando novos encantos, em cada ondulação!

O sorriso dos labios era um segredo de Deus, e um symbolo d'amor! Alta, robusta, elegante como uma estátua grega, desafiava em galhardia o Deos da guerra.

Rainha das amazonas mythologicas seria saudada com respeito pela mais destemida intrepidez.

Aquella mulher parecia o archanjo creador do amor e do delirio.

Cruz de Rosas era uma linda mulher.

Eis a multidão academica reunida no amphitheatro do circo. Rasga-se uma nuvem diante dos olhos.

Era a rainha da festa, que apparecia.

Quando Cruz de Rosas se apresentou saudando a turba um murmurio d'admiração eccoou surdamente.

Eil-a garbosamente montada n'um elegante cavallo branco. O animal orgulhoso, empina-se, ladeia, sacóde as crinas arrogante, espumando soberbo, e dando assim maior realce á sua alvura. Recurva as mãos erguendo-se. robusto e firme, sustenta-se nos pés delgados.

A esfátua guerreira estava presa ao seu corcel. Trajava toda amplas vestes de setim preto, para dar ainda realce mais maravilhoso ao seu rosto divino. Cada instante creava um novo sorriso, e cada sorriso um escravo.

Alberto estava estatico, deslumbrado, louco.

Os bravos entusiasticos parliram de tódos os lados como se fossem uma saudação a uma grande rainha, que se apresentava.

• O elegante palafrem corria, voava em redor do circo n'uma especie d'espiral frenetica.

E ella? O veu branco do seu branco chapéu, voava impellido pela rapida carreira, as plumas vergavam pelo pezo do ar que as dobrava, esmaltando de neve o ébano dos cabellos luzentes. A mão pequena e graciosa, apertada n'uma luva de pelica branca, segurava despotica a redea do animal em furia, dominando-lhe n'um instante os seus impetos de fogo, avassalando-lhe rainha o sangue arabe, que lhe escaldava as veias.

Não sente quem a leva o doce pêso
De soberbo com carga tão formosa!

Cruz de Rosas era um digno modelo para Wandik ou Raphael. Não podia existir mancebo de vinte annos, que não

sentisse um desejo ardente de ocupar um lugar elevado no coração d'aquella mulher. A força da mais esplendida mocidade resplandece alli, como podia deixar de ser ?

Como deixariam de saudar entusiastas a estrella da belleza ? Cruz de Rosas devia saber por certo bem soberba e orgulhosa por ter obtido um verdadeiro triumpho.

Terminado o espectáculo muito procuráram ir aos corredores onde estavam os artistas para terem o prazer de fallar á gentil mulher. Queriam conhecê-la, fallar-lhe, conquistar-lhe um olhar, ou um sorriso; todos ambicionavam ser vassallos da Rainha d'um instante.

Alberto sahio da casa do espectáculo. O acaso já lhe tinha facilitado saber onde ella estava hospedada. Era n'uma hospedaria da cidade, muito frequentada por o mancebo.

Não se demorou em ir procurar o creado, que muito conhecia, mas como não estava deixou-lhe este recado :

Diga ao José, que se quizer uma casa onde ganha muito mais e trabalha muito menos, que vá amanhã á minha casa. Era a um amigo, que era confiada a missão. Com este recado não ha nenhum José capaz de faltar. No outro dia ao meio dia appareceu o José, Alberto já regressava do ensaio equestre.

Alberto foi admirar de perto a linda Cruz de Rosas. O ensaio terminou, os olhos do moço não viram mais do que a formosa artista. O mancebo estava no topo d'um patim, quando ella chegou, offereceu-lhe a mão para ter a fortuna d'ajudal-a a subir. Alberto não trocava aquelle momento por uma conferencia com um ministro d'estado.

Cruz de Rosas sorriu, com o sorriso de mulher, que sabe que encanta, que conhece o mundo ; sorriso, que tem uma desagradavel tradução, e que é prudente não traduzir agora.

Está certamente muito cansada, minha senhora, balbuciou Alberto, o ensaio foi comprido, e fatigante.

Não, respondeu a mimosa artista, parece-me, que não estou cansada. Póde muito o habito.

É-lhe por tanto indifferente este exercicio?

Não digo tanto, porém apraz-me o trabalho.

Para v. ex.^a deve ser muito agradavel.

Não conheço a razão da perferencia, ou antes da especialidade... porque deverá ser para mim?

Porque ao par das mil fadigas, encontrará sempre mil encantos.

Continuo sem ter a fortuna de comprehender.

Enganar-me-hei, mas creio, que não pôde haver nada mais bello para uma mnlher encantadora e de talento, do que as occasiões em que o pôde mostrar o seu valor, e em que pôde ouvir os seus merecidos elogios da bocca dos admiradores.

Não me creia tão vaidosa!

Quem não amará ser festejado pela sua coroa d'artista?!

Não creia a minha vida um paraíso. Proseguiu rindo Cruz de Rozas. Não inveje a minha corôa.

Foram caminhando; ella quiz saber o nome do joven, e elle perguntou-lhe egualmente o seu!

Cruz de Rozas é o meu nome? Admiro que ainda o não soubêsse.

Porém isso é um nome de guerra.

O meu nome de creança, continuou a mulher triste e melancholica, o nome, que me dava minha mãe, troqueio por uma Cruz!...

De Rozas. Acrescentou Alberto sorrindo.

Mas com muitos espinhos.

Era ella, que terminava ainda com voz magoada. Depois passando de subito para uma alegria quasi leviana, trocando o pranto pelo riso, disse ao mancebo:

Tem ali uma linda roza. Emprasta-me?

Era uma bonita roza de musgo, que Alberto conservava na mão.

Tenho muito prazer em lh'a offerecer, minha senhora. Quero ter a ventura de que se lembre de mim em quanto desfólhar a pobre florinha.

Os dous tinham chegado á porta do camarim de Cruz de Rozas, e ella disse ao mancebo com meiguice:

Tive muito gosto em o conhecer.

Agradeço a v. ex.^a, e peço-lhe, que me conte no numero dos seus admiradores entusiastas....

Pela arte! Cruz de Rozas quiz terminar, mas elle continuou:

E pelo coração.

Agora é a mim, que me compete agradecer!

Separáram-se. Alberto chegou a casa. Em pouco estava fallando particularmente com o José.

II

Deixêmos os atalhos solitarios, que Alberto precisou atravessar para alcançar o termo desejado, e cheguemos com elle ao porto de salvamento.

Precisava de um creado, disse Alberto, e por isso me lembrei de *vossé*. Como já o conheço.

Logo que recebi o recado vim sem demorar-me.

Não está contente na hospedaria?

O trabalho é muito.

Principalmente agora...

Porque?

Por causa da companhia equestre!

Não estão lá quasi nenhuns.

Alberto estendeu-se na sua grande cadeira a Voltaire, cruzou uma perna por cima da outra, e continuou a fumar tranquillo em apparencia. Tinha entrado na estrada real.

Então quem está lá?

Está o Director, e aquella que lhe chamam Cruz de Rozas.

O mancebo voltou-se um pouco, impelindo o fumo do charuto para o ar, e perguntando:

Ella é casada com o Director?

Não senhor!

Como o sabe?

Porque hontem estive a fallar diante d'elle d'um homem, que muito tinha estimado, e que tinha deixado agora na cidade de Toledo.

E depois?

Pois sendo marido, havia dizer-lh'o mesmo na cara?

Sim, diz bem, acudiu Alberto rindo. É moralista, o José. Ella é bem bonita! Que me diz a isso?

A voz d'Alberto era indifferente em contraste manifesto com o prescrutador do olhar.

Ora o Senhor tem cousas!

O bom homem voltára o chapéu entre as mãos, como um amestrado clown, e dizia depois com uma sensaboria digna d'inveja.

Isso não é cá para mim!... Ella quer lá.... ora!... Se fosse outro!... quero dizer.... o senhor.

Porem como diabo lhe heide fallar?

A pedra estava lançada! José comprehendeu tudo. O mancebo não o deixou tomar o folego, elle era sabedor, que n'estas circumstancias é perciso fazer com que não haja tempo de pensar.

Alberto quiz substituir o raciocinio pelo espanto, a consciencia pelo egoismo, e afogar as difficuldades n'um atordoamento deslumbrante.

Você é homem, prosseguio o joven pondo-se em pé, é meu amigo, posso fallar com franqueza. Foi você que me dispertou a idéa. A rapariga é bonita. Quero ser feliz algum tempo, e não me quero esquecer de quem hade ser o auctor de tudo. José, não o quero ver com esse fato. Aqui tem compre outro á saude de Cruz de Rosas.

Dava-lhe duas libras, que o José extasiado mirava, e olhava, e fazia tinir.

Ella é mulher, e bonita, e andalusa, hade ter coração, eu sou rapaz e estou prompto a gastar.

Porem senhor Alberto...

O que?... É pouco o dinheiro! Não chega para o fato que quer? Aqui tem outra libra.

Que estroina, que o senhor é.

José ria a bom rir, e com a melhor vontade. Guardou a libra e só disse:

Como se hade arranjar?!

Tudo se faz com boa vontade.

Essa não falta. Tudo se fará.

Como lhe heide eu fallar?

Cruz de Rosas levanta-se muito cedo, e vai para a cozinha conversar com a patroa. A menina é muito dada, muito amiga da gente...

Estimo, estimo, e depois?

Depois? Vá lá por a manhã conhece-me e conhece a Leocadia.... Que olhe que não se desmancha prazer por causa d'ella.

Sim diz bem.

Sempre é bom dar-lhe alguma cousa.

Sem isso?...

Nada se faz.

Que sentencioso era o José quando promulgava esta verdade soberana.

Ah! meu José se chego a conseguir?!

Já vejo que era o que me queria?!

A cara em ponto d'interrogação era risonha, e então a de Alberto afinou-se por ella.

Que quer!?!...

Sim, sim maganões.

Alberto reconheceu, que o José amava mais o papel de Mercurio do que o de Sosea, mas ainda começou.

Diga-lhe...

Deixe o caso comigo. Até amanhã. Vá bem cedo.

Não tenha duvida.

Não s'esqueça da Leocadia.

José sabio, e Alberto já sonhava acordado, que tinha nos braços Cruz de Rosas!

III

Vamos para um logar muito pouco proprio para visitas. Estamos na cosinha da hospedaria. É noute. Um candieiro de trez bicos pendurado n'uma corrente presa ao tecto allumia a casa. Lá está o José, e a senhora Leocadia, e Cruz de Rosas. A dona do magico edificio, que enserra o Véllo d'ouro de que Alberto quer ser o Jason, traja d'escuro, com seu avental esbranquiçado, contornando uma barriga volumosa, e com um chaile grande crusado no peito e atado atraz, que tambem apresenta os contornos de volumes assaz respeitaveis: traz na cabeça um lenço de quadrados vermelhos, posto um pouco á banda, e mal deixando escapar alguns cabellos em desalinho, porém deixando vêr bem desafrontado um par de brincos d'ouro de quasi um palmo de comprimento.

Cruz de Rosas era mulher, e curiosa, e por isso pertendeu orientar-se da terra em que estava.

Na opinião do Gil Braz, um barbeiro e a sua loja, dão

idéa perfeita da terra que habitam; no pensar de Garret o exterior e interior d'um botequim, fazem a chronica da sua terra, e a nós parece-nos, que uma hospedaria, a sua cozinha e a sua dona, tambem são mui soffríveis historiadores.

Tinhão fallado em muitas cousas, chegaram ao capitulo grande em bocca de mulhere. Já se sabe que fallamos do capitulo — Amores! — Fallando em tal em Coimbra, não podia deixar d'entrar na conversa a entidade — estudante. — O estudante, que é um enorme *pedido* amoroso, que pésa n'aquella terra de sciencia para gloria e valor da *offerta* feminina.

Cruz de Rozas lembrou-se d'Alberto, e fallou n'elle.

Leocadia já estava prevenida; ia fazer juz á sua pingue recompensa, mas o José não lhe deu tempo.

É o melhor rapaz, que eu conheço, morto estava elle por engrandecer o seu pupilo, aquillo é o estudante mais digno d'amisade de todos, que póde haver.

Comò podia deixar de ser assim se Alberto já tinha dado trez libras ao José para conquistar aquellas admiraveis qualidades.

Pareceu-me rapaz muito delicado!

O compromisso empenhado da senhora Leocadia quiz dar alguma cousa por conta.

É muito delicado, atalhou ella, rivalisando em pericia com a tia Poncia dos *Mysterios* de Paris, e é um moço de *muios dinheiros*. Vem aqui muita vez.

Tem muita cortesia comigo. Paga muito bem. Feliz mulher que lhe cahir em graça.

Um suspiro activo, como o supino do verbo amar, entrou-se agudo pelos ouvidos da linda rapariga.

Não podia deixar de ser assim, porque Leocadia sabia das trez libras de José, e o futuro era seu.

O Mercurio, que tinha pezados tacões nos calcanhares, em vez das ázas velozes do mensageiro dos deuses, prosseguio:

Não podia deixar de ser, porque é rico e cavalheiro como ninguém mais.

No fogo do seu desejo o José sentia intensões de chrismar Alberto da Cunha em Rostchild, Cavalheiro, e rico! Disse rindo, Cruz de Rozas, deve ser muito feliz em amores!?

O José era dextro na materia, pena era não ter seguido

a carreira diplomatica, e por isso affirmou logo com certo recolhimento respeitoso.

Pelo contrario, não é homem d'esses divertimentos, mas se elle chegar um dia a amar ha de ser devêras.

Cruz de Rosas não podia deixar de se admirar de tanto primor escondido n'um sò homem, porem já o tinha visto, e tinha sympathisado com elle, confessou por consequencia, que desejava fallar-lhe.

É facil, accrescentou o José, que não estava resolvido a perder nem um palmo de terreno. O sr. Alberto costuma vir aqui muitas vezes pela manha, em por *acaso* vindo eu lh'o direi.

Assim ficou tratado. N'essa mesma noite Alberto recebeu circumstanciada noticia do que tinha occorrido, e a intimação para comparecer no dia seguinte.

O moço da hospedaria recebeu uma Nossa Senhora da Conceição de ouro de lei para adornar o pescoço de Leocadia, e mais cinco crusados novos de quatro oitavas cada um; sahio por consequente com inspiração capaz de fazer de Alberto Lafite financeiro, ou Shaskpeare poeta, ou Napoleão guerreiro, ou todos amalgamados, se é que ainda lhe não parecia pouco.

IV

No outro dia ás oito horas da manhã já Alberto estava n'um quarto junto da cosinha, conversando tranquillo com Cruz de Rosas, emquanto José areiava os talheres, e a tia Leocadia cantava o melhor que podia o melancholico—Passarinho trigueiro.

Os dois não tinham nem olhos nem ouvidos!

A conversação durou muito e foi animada! Para que descrever o que disseram Alberto e Cruz de Rosas?

Disseram o que ha muitos seculos, pouco mais ou menos, é costume dizer-se entre um rapaz e uma rapariga de menos de vinte annos cada um.

A porta do quarto estava aberta. Vieram chamar Cruz de Rosas para ir para o ensaio. Cruz de Rosas quiz estar doente, e esteve doente, e não foi.

Alberto não pôde deixar de ficar satisfeitissimo. Nada mais

bello para um homem, que principia amar, do que ver a mulher adoecer «officialmente» para o não deixar.

Cruz de Rosas era uma rapariga saciada d'uma vida larga e ampla, era um espirito ardente, que se afogava em delirios, para não chegar a conhecer o amargor das verdades. Não tinha nada com o mundo. Não devia nada á sociedade, não lhe tributava o mais pequeno sacrificio. Orphã pequenina, tinha sido despresada, a idade tinha-lhe dado pelo talento o imperio d'uma ephemera ventura.

Não nos demoremos. O espirito da—Pavorosa illusão da eternidade—existia no pensamento de Alberto, Cruz de Rosas não o combatteu.

Ceus não existem, não existe inferno,
O premio da virtude é só virtude,
Castigo do vicio o proprio vicio.

Quem poderá condemnar a energia dos vinte annos?

A sociedade com as suas urgentes necessidades, a mulher e o homem com os seus instinctos, o egoismo com a vista fixa no futuro das familias, crearam o que se chama—casamento e moralidade—que existia antes com o nome d'amor.

Cruz de Rosas respondia a si mesmo, quando a sua consciencia a interrogava.

Sou tão pouco sobre a terra, que o mundo nem me vê.

Alberto parecia responder ao seu pensamento advinhando!

Somos pequenos para que o mundo nos veja, porém o seu brilho offusca-nos, e tambem não podemos vel-o.

Sou teu vassallo. querida, tu és a minha unica rainha:

Vassallo de um dia, rainha de um instante, prosequio magoadamente pensativa a bella hespanhola... apenas te conheço... e amo-te... Amei-te apenas te vi.

Creio, que sabes amar uma eternidade, n'um momento.

Não quiz torturar-me com o mysterio da mentira. Ama-se um dia, mas n'esse dia resume-se a vida toda. As mulheres virtuosas não comprehendem este segredo.

A dor pungente, que muitas vezes lacerava o coração de Cruz de Rosas, ia intornando fel no seu espirito, as lembranças do seu abandono, dos turtuosos caminhos da sua

amarga existencia, que a tinham levado ao desprezo da sociedade e de si mesmo, vinham muitas vezes entristecer aquella fronte, que o sorriso do esquecimento da verdade alegrava quasi sempre.

As mulheres virtuosas, continuou ella, escarnecem d'estes amores. Tu mesmo, Alberto, trocas no teu pensamento, a mim, que sinto e que amo, por uma qualquer mulher feia e quasi imbecil com tanto, que seja o que o mundo chama na sua linguagem cavilosa um—modelo de virtude!—

Juro, que te amo!

Sei, que o pensas, porem estás enganado. Amanhã julgarás mal da mulher, que confessou amar um desconhecido! Com que direito ha de o homem confessar o seu amor logo que sente, e esse direito ha de negar-se á mulher? N'esta vida, que adoptei, ainda que a virtude a acompanhe, ninguem o crê. Deshonradas pela opinião publica, é loucura sacrificar ao que já não existe, os prazeres, que se não dão a ventura, dão o esquecimento do mal.

Quantas vezes a voz d'um infame desprezado, é o primeiro pregão da deshonra?

Nada me importa! Prosequio Cruz de Rosas. Sômos aguias fictando o sol. As mulheres acatadas pelo mundo tambem são muitas vezes vendidas. Vendem-as os paes a velhos millionarios, e os maridos cobardes a amantes destemidos! Vendem-se ellas, depois de jurar amor ao esposo, aos amantes, que preferem. Usurpam-nos o nosso nomé de Messalinas. Nós saudamos o amor em quanto o vemos, e esquecemos-o quando se affasta. Vendemos o nosso amor, porem n'um cambio só de affecto:

A mulher, que assim pensava parecia feliz. O mundo illudia-se vendo a magoa amortalhada n'um sorriso.

O homem quando pelo pensamento roça com as azas de fogo as orlas do manto do Senhor, é grande e sublime: porem quando não pôde conhecer aquillo, que o acaso uma hora mais tarde fará patente, é a vergonha do poder que o creou.

O homem parece um élo magnanimo entre o Creador e as creaturas.

O homem similha uma pungente ironia do acaso, fabricada só de fraqueza e de orgulho.

Adeus, meus amigos, disse Alberto despedindo-se dos seus alliados José e Leocadia, esta noute cearemos ambos.

A mim é que me compete, acrescentou maliciosa a dona da hospedaria, fazer uma digna ceia de noivos.

A meza arranjar-se-ha no meu quarto. Cuidado, nem uma palavra!

Cruz de Rozas pronunciou estas palavras dirigindo-se para os dous, depois apertou a mão que Alberto lhe estendia cordial e ternamente, e sahio, subindo a escada, que ia para o andar superior.

Amigo José? Disse o mancebo, conto com a sua diligencia, e boa vontade.

Não tenha cuidado! Tudo se fará! Afirmou o moço.

Conte comosco, e vá descansado! Sempre é um maganão. Proseguiu Leocadia, rindo com satisfação, e quem poderia afirmar, se tambem disfarçando a inveja, que lhe devorava as entranhas, por não poder devorar o tempo, que tinha decorrido desde os seus longinquos vinte annos. Alberto deu dinheiro ao José, e sahio.

Pobre Cruz de Rozas, pensava o amante ditoso, que mysterio envolve a alma d'esta mulher. Tem sentimento e coração, a sua alma goteja fel por entre urzes, que lhe plantaram na existencia, quer transformal-as em flores, mas apparecem-lhe os espinhos.

Ninguem pensa, que a desgraçada viveu sempre só com o seu infortunio: e que não achou nunca uma palavra de conforto: que nunca teve um amigo, que a sua vida tem sido passada, entre lisongeiros, inimigos e rivaes. Quem sabe se esta mulher toca o ceu pelo seu genio d'artista, e se esquecendo o mundo, que a despresa, chora nos momentos em que vê rasgado o veu da sua innocencia? Quem sabe se o genio, que Deus lhe outhorgára, é muitas vezes um martyrio?

O talento arranca bravos á multidão, que o admira, os vassallos erigem um throno á sua rainha festejada, porém é sómente alli a artista, que se eleva ao pedestal, deixando a pobre mulher isolada, triste e só, e viuva d' affectos. Debalde

pediria um abraço d'amisade. Finda o festim, para o delirio, e as turbas só lhe dão o esquecimento. Quem a procuraria? Alguem, que por capricho, mas nunca por amor, lhe fosse comprar os afagos, embora mentidos, a moeda de contado. Se um dia fugir a saude, e com ella o fogo da arte, e a misera mulher pedir pão, porque tem fome, haode voltar-lhe as costas não a conhecendo.

Os austeros moralistas irão mais longe, desprezarão a mulher devassa, que fez valer os seus encantos no pelourinho d'um circo. Não haverá ninguem, que diga, que foram os fogos sagrados da arte que a impeliram para o seu destino. Hão-de censurar, que ella não vergásse ao trabalho d'uma servidão pesadissima. Ninguem se lembrará, que a arrogancia dos grandes, proscreeve os pequenos da virtude para o vicio. É mulher corrompida, aquella, que vivendo sempre esquecida e desprezada, afaga e ama o primeiro ente, que partilha com ella soffrimentos e venturas. É mulher corrompida aquella que acreditou no juramento d'um homem, que ella julgou ser homem de honra. Pobre mulher, que cedeu á idade, ao amor, á sedução!

Pobre Cruz de Rozas.

VI

Que tempestuosa foi aquella noite!

A chuva alagava as ruas de Coimbra. As agoas corriam em torrentes por aquelles despenhadeiros de calçadas.

Á noite Alberto regressou á hospedaria, e estava na cozinha com José e Leocadia. José estava prompto para accumular as funcções de Ganimêdes, ás de Mercurio.

A ceia estava optima a crer na infalibilidade da senhora Leocadia, que desbaticava a dama Leonarda do excellentes Santilhana. O maldito director conversava mui tranquilamente ás escuras, na salla do primeiro andar com a linda Cruz de Rozas.

A chuva cahia cada vez mais. Não havia esperança de o ver sahir. Leocadia e José estavam afflictos, e Alberto tinha já vertigens, e pedia a todos os santos tudo, até uma apoplexia que o livrasse d'aquelle novo dragão do jardim das Hesperides.

Cruz de Rosas ergueu-se de repente e disse ao seu interlocutor:—Vou buscar luz!—Não deu tempo a considerações, desceu rapidamente, e disse em baixo.

Se perguntar por mim diga que sahi!

N'um momento se introduziu n'um quarto do corredor, de que fechou a porta por dentro. Alberto exultou e Leocadia bateu uma pancada no joelho, rindo satisfeita e dizendo:

Para amar não ha como uma mulher.

O Director cansou depressa de esperar.

O pobre homem disse:

Traga uma luz! Onde está Cruz de Rosas?

Sahiu!

José respondeu com a imperturbabilidade d'um senador.

O que! Com esta chuva?

Sim, senhor, agora mesmo! Inabalavel como pedra angular estava o discreto José.

Pois não disse para onde ia?

Não me disse nada.

Foi sem capa, nem chapéu?

Não reparei.

E' o caso mais extraordinario! Não disse quando vinha?

Não me disse nada.

Esta só pelo diabo! O Director subio, e desceu com um chapéu de chuva dizendo. É perciso que eu indague....

Foi á cosinha e vio-me.

Muito boa noute! Alberto cortejou a sua victima. Como está a menina Cruz de Rosas?

Era um requinte de malvadez. O homem olhou para o estudante, e respondeu-lhe:

Eoi passar a noute a casa d'uma pessoa da nossa amizade, agora vou eu buscal-a. Muito boa noute.

Sahio. Alberto quasi que teve dô d'elle. Chovia tanto.

D'ahi a pouco a ceia estava servida. Alberto e Cruz de Rosas estavam fechados no quarto d'ella.

O passado e o futuro abysmavam-se no presente.

Um quarto adornado ainda que mal, aquecido com bom fogo, com luzes e flores, e sobre tudo abrilhantado pelos olhos formosos d'uma linda mulher, é um anthidoto maravilhosa contra as porcellas desenfreadas da mais tempestuosa noute.

Alberto fixava os olhos de Cruz de Rosas, e o reflexo da sua alma estava ali!

Era mais de meia noite.

A porta do quarto estava fechada por dentro.

Batteram á porta da alcova, era o Director, que voltava ensopado. O José acompanhava-o com um candieiro na mão.

O homem chegou-se e perguntou:

Já dorme Cruz de Rosas?

Ainda não.

Aonde foi o passeio?

É segredo.

Sempre me arranjou um banho...

A culpa não foi minha. Até amanhã.

Boa noite.

O Director marchou para o seu quarto, armazenando no seu coração desfeito em fel os muitos sophismas de marmeleiro verguio, que desejaria aplicar á travessa Cruz de Rosas! O stoicismo com que o José não rebenta a rir, dá a mais lisongeira idea da consistencia da sua pelle.

Assim decorreram alguns dias.

Durante o curto espaço, que permaneceram em Coimbra, o Director votava toda a sua indiferença ao moço Alberto. Era justiça. É um argumento a favor dos presentimentos. Cruz de Rosas foi-se em fim um dia com os companheiros com quem viéra.

Só um coração creado para penetrar os mysterios do amor, e que tenha tido a dolorosa experiencia, é que póde avaliar a dor profunda, que encerra um triste—adeus—de despedida. Só quem tiver amado é que póde saber, que existe, sem todavia explicar, o barbaro prazer de prolongar até ao ultimo instante as agonias da separação.

Delicioso pungir d'acerbo espinho.

Cruz de Rosas partiu. Alberto vio-a partir. A poetica sacerdotisa do amor mostrou ao seu amante no momento de o deixar a rosa, que d'elle recebera a primeira vez, que faláram.

Pobre flor de rápida primavera, nasceu, florio e murchou!

O mundo é largo, o espaço está entre ambos para sempre. Adeus, para nunca mais!

CAPITULO IX

RAMALHETE DE LOUCURAS.

Nem Claudio nem Alberto já teem pae. As lagrimas da saudade tinha-as enchugado a distancia e o tempo.

Era n'uma bella tarde do mez de março, quando Alberto caminhava socegado e sem destino pela encosta da cidade. Um estudante o chamou d'uma janella.

Alberto subio. Os convivas eram muitos.

Seria falso dizer, que em Coimbra ha bailes, como nas grandes capitaes, combates de gallos como na orgulhosa Inglaterra, bois mortos á espada como na *humanitaria* Hespanha, ou torneios como na idade media, mas ha lá um chamado *caváco* peculiar, como em mais parte nenhuma. Sendo vesperá d'aula ninguem lhe pôde achar trégoas nem fim.

Custa a crer como entre homens apenas se passa o tempo assim alegremente. Se é mysterio a origem, é verdade conhecida para todos os filhos de Minerva.

Se muitas vezes se falla d'um frack á Hungara, ou d'um cavallo d'Alter, muitas mais se falla de sciencia. Em Coimbra tudo se recente do estudo, principal distracção. Entre os fumos d'uma orgia passeia a sombra de Proudhon. As subtilidades d'Alemanha entram furtivas n'uma taberna. Ceia-se e bebe-se familiarmente com Kant e com Hegel. Ás paginas pedregosas do empoeirado Digesto, cása-se a imaginação viva e brilhante dos vinte annos. Adorméce a mocidade n'aquelle clima abençoado, bebendo com entusiasmo o sentimentalismo na brisa, que percorre os salgueirae, ou mirando-sè enlevada na lua, que bate magestosa, no tumulo da Rainha Santa.

Não pôde deixar de ser assim. Alli todos teem um coração muito juvenil, as almas muito cheias de segredos e de illusões, as vidas muito turbulentas d'aventuras e d'amores, muitas esperanças no futuro, muita ventura e muita fê, muita mocidade em fim!

Alberto passou algum tempo assim. Ao anoutecer sahio para o quintal da casa. Era para a banda da encosta. Foi sosinho. Vio meio aberta a porta d'outro quintal que ficava ao lado.

Espreitou! Não é bonita acção, porém devemos confessar que a curiosidade sendo muito feia, querem atribuil-a unicamente ás mulheres, sendo ella egualmente partilha dos filhos de Eva. Os homens tiveram uma herança muito mais do que sufficiente.

Quem Alberto iria vêr por aquella porta mal fechada? A Mariquinhas!

Ó minha querida Mariquinhas, bradou elle abraçando-a, tu por aqui?!

A ausencia cura muitos amores, mas tambem aviva muitas recordações. A Mariquinhas pareceu a Alberto muito mais bonita do que a ultima vez, que a tinha visto.

Sim, Senhor, sou eu mesmo... Porém esteja quieto.

A Vestal repelia Alberto, impedindo o progresso do seu ousado atrevimento. O mancebo perguntou com voz maviosa e comovida *ad hoc*?

Estás mal comigo, minha ingrata?!

Não terei rasão?

Não são d'aqui sem fazermos as pázes.

Não venha o senhor Nicolau.

Seja um beijo o ramo d'oliveira.

O acionado acompanha a phrase. Mariquinhas tomou a palavra para uma explicação:

Não estou mal, nem deixo d'estar. Quem o senhor é, já eu sei ha muito tempo.

Sou talvez algum criminoso?

Conheço, que não podia deixar de lhe querer bem.

Graças a Deus!

Alberto queria agradecer com factos palavras tão lisongeiras, mas o ressentimento era entre os dous uma especie d'isthmo de Panamá entre o sul e o norte d'America.

Sáia, não me comprometta.

É justamente o que eu não faço. Nem te comprometto, nem são.

Se me quer dizer alguma cousa, proseguio ella, venha cá

às 10 horas. Tudo está acomodado. A porta fica aberta. Bata n'aquella janellinha. É do meu quarto.

Foize rapida como o raio. Já não ouviu Alberto, que lhe dizia:

Tu então arremataste os quartos todos, que teem janellinhas baixas, que deitam para quintaes com portas para a rua?

Alberto foi pontual. A porta estava aberta e a janella abriu-se. O dono da casa foi passear para o quintal de ma-drugada. O excommungado foi tomar o fresco em março, na mais fria de todes as manhãs. Mariquinhas queria ver-se livre do seu companheiro, e disselhe apressada:

Vá por essa escada abaixo, tóme á esquerda, e saia pela porta da Couraça.

Alberto obdeceu, como quem está com desejo de se ver d'ali cem leguas! Fantasiava estar já experimentando a flexibilidade de todos os juncos e bengalas do negociante, e até de todos os paus de todas as vassouras, nas suas costellas tão carregadas de peccados.

Alberto conhecia o negociante, já lá tinha ido uma vez buscar dinheiro com uma ordem.

Desceu apressado, sentio gente, ou pelo menos bulha, atrapalhou-se, em vez de tomar para a esquerda, tomou para a direita, empurrou uma porta, depois outra, ainda outra, finalmente achou-se na sala...

A posição não era agradável. Quiz tornar a sahir.

Porem tinha medo de encontrar alguém, e não sabia o caminho. O pobre rapaz não estava extremamente alegre. Dava ao diabo todas as Mariquinhas! Não tinha comsigo nem um palito para defeza. Já lhe passava pela cabeça a diabolica tenção de se defender quebrando ao pobre homem toda a bonecada, que tinha por cima das mezas da salla. Quando o apoquentado extravagante estava empalado n'estas conjecturas, o senhor Nicolau appareceu á porta.

O negociante comessou por uma rasgada cortezia, a que Alberto correspondeu com toda a consideração.

Nós bem sabemos, que o momento não era para indocelidades. O capitalista indicando uma cadeira, tomou a palavra, aplanando todas as torturas do caminho a seguir.

Então que temos, senhor Alberto da Cunha, alguma ordemsinha, não?

É verdade, disse Alberto aproveitando com presteza a ideia do Creso, recebi uma carta, participando-me, que podia vir aqui buscar algum dinheiro.

Pois ainda não recebi aviso.

É o mesmo, O mancebo já estava de pé. Queira perdoar o êncommodo. Voltarei n'outra occasião.

Veio muito cedo? continuou o senhor Nicolau, não o senti entrar. Já cá está ha muito tempo?

O heróe còrou e empallideceu, a final resmungou:

Vim muito cedo, é verdade!... A precisão de dinheiro! Ti-ve receio de o não encontrar em casa mais tarde. Foi esta a razão.

Talvez esperásse muito tempo?

Nada, apenas um bocadinho... talvez se esquecessem!...

O pobre rapaz cortejava encaminhando-se para a porta. O meio da rua era o seu Pantheon.

Queira perdoar a demora.

Pois não, meu caro senhor Nicolau, ouvindo a palavra perdão Alberto cresceu dois palmos.

Até breve accrescentava o bom homem, logo que eu receba o aviso, lá mandarei. Se quer algum dinheiro?...

Obrigado, não preciso, e agradeço.

Passou-lhe um pensamento pouco moral pela cabeça a desafial-o para um jogo illicito, porem Aberto no meio das suas loucuras, sempre foi essencialmente escrupuloso em negocios onde entrava dinheiro.

O amo de Mariquinhas, que estava de excellente humor, disse-lhe ainda, com intenção maravilhosamente disfarçada:

Isto de creadas... capazes seriam ellas de o esquecer cá uma noite inteira.

Ria com uma alegria digna de inveja, pronunciando uma tremenda verdade. Quando Alberto se vió na rua olhou tres vezes para a porta, como duvidando ainda da sua liberdade, ou como para indagar se de casa sahiria ao menos um cão justiceiro para vingar o honrado burguez em nome da Providencia.

Alberto jurou, que nunca mais se metteria em negocios

amorosos, quando sahio de casa do senhor Nicolau, e perjuro no dia seguinte, com a facilidade com que aos dezoto annos se quebram estes juramentos.

Que bonita rapariga vio o maganão de Alberto no dia seguinte! Encontrou-a de proposito para quebrar a sua promessa. Pequeninna, flexivel, buliçosa... era um encanto vél-a. Era trigueira, tinha a tez morena, cõr do ouro abrasado, como as bellezãs d'Africa. Os olhos eram diamantes vivos. Era o genio da atracção, era um composto magnetico de iman desconhecido.

Alberto colheu informações. Moráva mesmo defronte, n'uma pequena casa. Tinha chegado do Porto havia trez dias, vinha com o pae, que era alfaiate, e que se queria estabelecer em Coimbra. Disseram ainda, que o velho queria comprar alguns trastes, e que para isso é que tinha sahido.

O velho appareceu regressando. Era um figurino para velho de farça, O velho trepou pela escada acima, e Alberto subio atraz d'elle.

Tenho a honra de o cumprimentar.

Às suas ordens, meu senhor.

O alfaiate respondia á delicadeza do estudante com toda a bondade, e este proseguia:

Disseram-me, que o senhor precisave comprar alguns trastes?

É verdade!

Pois minha mana vae de todo para Lisboa, e precisa desfazer-se de muita cousa, e n'esse caso...

Poderemos arranjar tudo.

O velho perguntou por um cento de objectos, que precisava, que Alberto certificava possuir ao mesmo tempo, que piscava o olho á Luizinha, que espreitava pela greta da porta.

A irmã de Alberto podia ter tudo, porque assim como lhe tinha dado existencia, tambem a podia fazer possuidora dos utensilios para o velho,

O alfaiate disse que no dia seguinte iria a casa d'Alberto, que já tinha perguntado onde era. para fallar com a *recem-nascida* mana, e que iria com a menina Luiza. O moço na-

morado já queria ganhar tempo, e então teve a bondade de mandar a mana quatro dias para a Figueira.

As combinações estavam feitas, mas Alberto não se resolvia a sahir. Fallou do Porto, que nunca tinha visto, apresentou ao velho uma nova idade d'ouro para elle gosar em Coimbra. Cada estudante foi mostrado ao alfayate como um amigo desvelado, como um typo de heroicidade d'outras éras posto que um pouco calumniado. Dinheiro então? Era a unica praga d'aquella terra, porém sendo uma só o narrador dava-lhe a intensidade na abundancia de todas as do Egypto. Em prespectiva de tão lindo panoramma, veio fazer a luz do quadro a garrida Luizinha com os seus olhares capazes de fazerem fugir com mêdo qualquer solitario da Thebaida. Em contemplação de tão venturoso programma o pae extasiado não pôde conter-se que não convidásse Alberto para cear. Não era possivel resistir.

Santo Deus, que detestaveis ovos cosidos!... Eram os arrematantes do superlativo —péssimo!—Alberto fez o juramento de não comer mais semelhante cousa, e é de suppor que tenha cumprido melhor esta proméssa do que a de nunca mais namorar.

Se apparecer outra Luizinha comtudo, o juramento perde muito o valor, e—adeus, óvos cosidos!

Que vinho! Fazia a apologia de todos os vinagres, com vantagem destes ultimos.

Alberto fazia-se amavel. A divindade não trajava manto de seda. O Mondego não tinha que ensinar absolutamente nada ao Douro. Luisinha perdia terreno com a graça de mulher namoradeira. Os dias iam passando em cultivar o amor da filha e a amisade do pae.

No dia seguinte Alberto fallou com Luiza, tinha o pae sahido, ficáram-se tractando por tu. A filha ficou sabendo a verdade toda, e ficou maravilhada de tudo ter nascido por causa dos seus encantos. A menina modello associou-se logo ao namorado para lograr o pae.

A necessidade de encontrar uma irmã, creou nova loucura. Alberto muitas vezes tinha representado no theatro academico. Fazia papeis de dama. As vestes feminis eram-lhe familiares. Para que ir buscar fóra o que tinha de casa? Al-

*

berto fallou com o velho, pretextou uma sahida forçada, e deu-lhe um bilhete para se apresentar á mana.

Ao amanhecer uns poucos de estudantes ajudavam Alberto a vestir-se de D. Rosa... D. Rosa era a irmã... irmã do senhor Ernesto de Oliveira... era elle.

Chegaram os hospedes. Luiza queria rir, Alberto não o queria menos, porém a seriedade se não foi imperturbavel, foi ao menos a percisa para o pae myope d'alma e corpo nada perceber.

Ajustáram quasi tudo pelo pouco que quizeram.

Ficaram para o chá.

D. Rosa, ou antes Alberto, não deixou de ter a delicadeza de offerecer a Luiza a sua casa em quanto não arranjavam domicilio.

Luizinha recusou. Seja dicto em seu abono, ainda se fez vermelha. O pae, instou com a filha para que acceitasse, e certificou-lhe que ficava muito bem.

As instancias d'Alberto, coadjuvadas pelo auxilio paternal, fizeram com que Luiza promettesse ir passar alguns dias com a senhora D. Rosa.

No dia seguinte appareceu Alberto em casa do alfayate, pedio em nome da mana o cumprimento da promessa da menina.

Alguns dias depois com o tempo, Luiza foi.... Depois D. Rosa desapareceu, o velho nunca mais viu Alberto, que para elle era Ernesto d'Oliveira, na casa ninguem lhe dava noticia de tal Ernesto, no bairro menos, os trastes não podiam ir... Os sonhos?... tinha-se aberto o chão com elles, o velho blasfemava.

O tempo foi-se mettendo de permeio, e foi curando aquellas mágoas

Passadas umas poucas de semanas o velho alfayate encontrou Alberto, e não pôde occultar um olhar d'hyena, e um rancoroso—maroto—que lhe sahia do intimo do coração.

Alberto nesta crise tinha mais vontade de rir do que de se formalisar, mas a sua indole pôde tudo.

Que diz o senhor?

O que entendo.

Chama-me maroto?

E acha que não tenho razão?

Mas se eu nunca o vi.

Ora o senhor Ernesto d'Oliveira!?

Ah! Bradou Alberto dando um pequeno grito, e proseguio. Já percebo. E' o caso mais extraordinario! O sr. enganou-se comigo, como tem acontecido a muitos outros. Tenho a desgraça de ser irmão, e de me parecer admiravelmente com o homem mais extravagante, mais audaz, mais imoral, mais....

Como?... é possível?...

O espanto do velho salvou Alberto, que já não tinha epithetos envenenados para moralmente se suicidar!

Esse homem, proseguio ainda o estudante, anda no 4.º anno, e eu cheguei hontem da minha terra.

Elle tem mais quatro annos do que eu. Acredite que me custam muito estes enganos. A confusão não é honrosa.

Porém o senhor.... O velho examinava attento.... E' tal qual, é exacto.

E' o que dizem todos! Em quanto o velho reflectia, Alberto tomou valente folego, e disse:

Porém creia o senhor, que isto ha de acabar. Não quero soffrer estes enxovalhos. Hei de queixar-me ás auctoridades. Primeira cousa destas que me aconteça, o auctor ha de ir parar á cadeia; ha de pagar a injuria, que me faz!

Então, repetiu o velho ainda com a duvida, se não é queira desculpar.

Essa é boa, está desculpado!

Alberto afastou-se, por que já não podia conservar a posição.

E' celebre, murmurava o pobre homem, excomungados! Maldicta familia. A irmã, os irmãos... teem todos a mesma cara. E' uma cara para os tres.

O tempo tudo consóme. O velho conformou-se, a ponto de fallar com Alberto pelo seu verdadeiro nome.

Alberto e Claudio fizeram acto do 3.º anno, passaram para o 4.º O nosso heroe ficou em Coimbra a passar as ferias. Uma tarde appareceu na rua da Sophia um destacamento vindo de Vizeu, e Alberto estava passeando socegado para se distrahir.

Passaram os soldados, por ultimo vinha uma caravana complicada e confusa. Eram machos carregados de bagagens. Bahus, mallas, capotes e até creanças em cestos e mulheres no meio das cargas. Os grupos dos passeiantes pararam como é costume, viram e analysaram, e sorriram escarnecendo os viandantes recém-chegados, que paravam á porta do quartel. No meio da cavalgata sobresahia pela desenvoltura forçada uma pobre mulher. Desenvoltura forçada, por que o animal em que montava era o ente mais caprichoso e brincalhão, que tem abrilhantado a raça dos muares, e por isso a pobre creatura pulsava sem sessar em menoscabo flagelador da base em contacto com o durissimo aparelho! O *chaille* cahia já mal agarrado pelas pontas, as mãos eram poucas para tranquilisar o chapéu, que era uma nova imitação do rochedo de Sisipho, tanto se lhe derribava no atlas vertebral. O vento, que nunca foi moralista, escravizava as saías aos seus caprichos, e fazia-as andar, não por mares, porém por sitios, nunca d'antes arejados, e obrigava os passeantes a fixarem, sem dificuldade duas roliças pernas, que se baloiçavam á vontade nas alturas da barriga da mula.

A dama parecia a cada instante ameaçar um desabamento, contra o qual protestava agarrando-se corojosamente as clinas hirsutas da interlocutora de Balaão, e ao rijo pico da albarda, que estava tambem como antagonista do cataclismo. A multiplicidade das côres que a dama trajava, chamaria só por si, a attenção, se o coração a não seguisse em nome do perigo, e os olhos em rasão do vento! O arco da alliança cobriria a fronte envergonhada perdendo por muito, se jogásse com ella a variação dos claros e das sombras.

Da variedade immensa Alberto só pôde confusamente conhecer que era uma mulher de furtacores, e isto com os olhos meios fechados pelo brilho, por que depois quando os abriu bem, reconheceu a Mariquinhas.

Como esta Mariquinhas, pensava elle espantado, alegre, e correndo já para junto d'ella, me apparece periodicamente?... E' uma especie de pezadello, um genio mau, é o meu Ashaverus!

Alberto, mudou de ideia, e afastando-se, informou-se pouco depois com um soldado do que pertendia saber.

Mariquinhas apparecera em Vizeu, havia pouco tempo, era pela feira franca, tinha ido servir, segundo se dizia, para casa d'um senhor capitão João Jeronymo por alcunha o Impessoal. O illustre filho de Marte vinha commandar o destacamento! Tudo socegou em breve.

Entráram para o convento da Graça, e lá se foi tambem a Mariquinhas nesta corrente guerreira.

A voluvel tinha esquecido as lettras pelas armas! O seu coração não tinha assignatura para o—Cédant arma togae!

Alberto vio muito facilmente a Mariquinhas, e achou-lhe o coração ainda mais terno e meigo, depois que era orvalhado pelas lagrimas amorosas do valente Impessoal.

Uma tarde conversando ambos no quarto do Vulcano, olvidaram-se reparar que era já noute, e permaneceram em colloquios destes que muito custa a dar lhes com o fim! O diabo privava muito com o senhor capitão, ou pelo menos nesta occasião tomou relações, e soprou-lhe a ideia de ir ao seu quarto. O bicho do ciume, como antecessor de verme, já lhe roia na vida aquelle coração valoroso. O limão da desconfiança já se lhe expremia em summo azedo no paladar, fazendo-lhe amargos de bocca.

Foi ás escuras, e pé ante pé. Neste caso por desgraça juntáram-se o genio do bem, com o genio do mal, para fazerem o desenlace. Impessoal tinha a cabeça leve, mas os pés, não o eram menos, e por isso chegou junto dos dous que fallavam muito baixinho sem que elles o presentissem. Alberto dava um beijo de despedida em Mariquinhas, quando um fosphoro de cêra roçou pela parede mostrando-lhe a um palmo de distancia o rosto livido do senhor Impessoal, abrilhantado por o luzidio dos olhos fulminantes. Era o espectro de Nino retemperado nas feições de Hamlet.

Não se descreve, nem o furor do Othelo, nem o descaramento da Desdémona. Alberto estava dividido entre o receio do que poderia acontecer, e uma vontade incrível de rir até mais não poder.

Melhor é experimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não póde experimental-ot

O senhor Impessoal foi quem rompeu o silencio, e perguntou com intimativa belicosa!

Pois o senhor está aqui?

Creio que sim.

Alberto respondeu com a ingenuidade propria d'uma creança innocentissima.

O senhor não pôde pôr certo deixar de concordar que é uma grande pouca vergonha....

O que senhor Impessoal?...

Este nome fez o mesmo effeito do que uma punhalada inexperada. O capitão saltou mais colerico ainda!

Nunca admitti que me chamássem Impessoal.

A Mariquinhas não desanimava nas grandes occasiões, e quiz entervir mudando a face da questão, e por isso bradou altiva, contando com Alberto.

Não é pouca vergonha nenhuma. Posso estar com quem quizer. Sou sua creada. Por a porta é que se marcha para a rua.

O destino cruel tinha empolgado o carinhoso *tu!*

Estava morta, prosseguia a Dulcinéa, por me ver em Coimbra, para ficar livre do senhor.

O Ferrabraz parecia que estava cheio de ira e de ciuemet (os burros tambem amam) Como são admiraveis os mysterios de Deus?!

No accesso da furia impunhou a terrivel *durindana*. Mostrava-se disposto a por em pratica o juizo de Salomão, dando a Alberto metade da Mariquinhas, e ficando satisfeito com a outra metade. Alberto mostrou querer estabelecer pazes. Mariquinhas agarrou-se a elle chorando e gritando, como se effectivamente o perigo fosse monstruoso.

Sr. Capitão, começou de novo o estudante, este alarido é indecente. Isto é uma vergonha!...

Para o senhor.

Pelo contrario. Para o senhor. Acrescentou Alberto. Eu sou um rapaz, e o senhor é... ou pelo menos deve ser um homem serio.

E que quer concluir?

Que esta mulher é livre, que não quer estar aqui, e então que sae, e que V. S. fica.

Exactamente: Clamou a Mariquinhas.

Bem farto estou eu de a aturar.

Vamos Mariquinhas,

Foi um instante, em quanto a galharda moça arranjou o trem para a partida. Impessoal sentou-se na mesma arca onde pouco antes tinha surprehendido os dois enthusiasmos amantes.

O theatro era o mesmo, porem que differença? Impessoal, tinha o aspecto sombrio do genero neutro, e o palco em vez de representar a gruta deliciosa da Eneida, tendo por convivas o piedoso Eneas e a rainha Dido, representava as lagoas de Minthurnes, com o vulto desconsolado, triste e sôsinho do novo Caio Mario!

CAPITULO X

A NOUTE DE S. JOÃO

Mariquinhas em breve achou um amante muito mais caloiro do que Alberto, sendo mais caloiro, era por consequencia mais amante.

Alberto seguia a sua carreira academica sem o menor inconveniente. Não estremecia vulgarmente com terror de ser o Isaac escolhido pelo impio cathedratico para o sacrificio escolastico. Custava-lhe, mas tinha a coragem percisa, para abandonar um *punch* fumegante n'uma noute d'inverno, e ir conversar com o respeitavel Correa Telles. O mancebo venerava-lhe o saber, mas não lhe tributava sympathia.

A asperrima eloquencia de Lobão fazia-lhe frio e febre.

Alberto estimava os seus condescipulos. Não pôde deixar de ser assim.

A recordação d'essa vida é sublime!

São os condescipulos, os companheiros de trabalhos e de folguedos.

Tudo commum, tudo equal. Desde a sabatina que atterra, até ao feriado inesperado. Sorriem todos com o mesmo sor-

riso, soffrem todos com a mesma dor. São amigos, irmãos nos desejos, e nas esperanças, que se veem todos os dias, durante cinco annos, e que chegada a hora da partida fatal se hão de separar para nunca mais se reunirem todos. O presente é o mesmo em todos, o futuro d'esperanças é egual, as aspirações de gloria vivem em todos os corações. O que dirá o futuro?

Como responderá a providencia ao chamar da mocidade?

Muitas vezes Alberto punha a mão sobre o coração rogando-lhe que não amasse. Deus era surdo ás suas preces.

Dos pensamentos mais profundos, nasciam as flores mysteriosa d'um vivo amor! Os sentimentos ardentissimos do coração do mancebo faziam-lhe muitas vezes acreditar na expiação d'um peccado tremendo!

N'este ancian d'um amor mais triste, deixemos passar o tempo até junho.

Alberto soffria, e amava, silencioso, e afflicto. A vontade de Deus impunha-lhe silencio no momento d'estar junto ao objecto idolatrado.

Havia seis mezes que Alberto da Cunha tinha ido a um esplendido baile. Era lá que tinha encontrado uma illustre familia, de que era o mais bello ornamento a viscondessa Maria, menina de dezeseis annos.

Aquella nova imagem não tinha sumido a pallida fronte de Georgina da alma ardente do amante juvenil, tinha vindo comtudo assentar-se-lhe ao pé. Era uma irmã casta e affeioada, que relatava a sua innocencia, escutando as estrophes magoadas d'um poema de soffrimento. Georgina jámais estremeceu no seu sepulchro por este novo amor: a sua alma não s'indignava despertando remorsos no coração do mancebo; a sombra mystica não vinha assentar-se-lhe á cabeceira a condemnal-o o como o vulto de Petrucci ante o leito pontificio do papa Leão X.

Alberto amava com adoração, o vulto de Platão apontava-lhe respeitoso para um idolo santo! Uma vida suave d'encantos n'um placido hymineu, era já o suspirado fanal, ás tempestades passadas. Nascia o sonho d'um amor puro e

respeitoso, e a creação d'um mundo tranquillo isolado e virtuoso na companhia quasi santa da esposa e da mãe dos seus filhos.

Pobre Alberto, desgraçado amor! Nem um lampejo da sua ardente chamma se tinha atrevido a bruxear diante dos olhos da Virgem formosa, e já tinham decorrido seis mezes que o martyr existia por esse amor.

Todos os dias Alberto ia contemplar a habitação do ente amado, e sorria feliz quando a providencia lhe permittia vel-a, passeando alegre no jardim, ou admirando o ceu e a terra da janella da sua mansão encantada e magica.

Este affecto era poderoso como o dos bastardos d'Abrahão a uma estrella do deserto, ou ao sol do seu paiz, ou ao sepulchro de Mahomet.

O tempo corria vasio de toda a esperanza, e cheio unicamente de fantasias e delirios.

Todas as terras teem momentos de loucura legal.

Os filhos da Attica, despidos dos *perjuizos serios* do seu tempo arrojavam-se loucos aos folguedos das suas bachanaes.

O celestial imperio da China, impassivel no seu estacionalismo de quatro mil annos, desenruga o rosto severo no primeiro dia do anno.

Roma e as nações suas tributarias embriagavam-se doudejantes nas festivas saturnaes em que folgaria o proprio Quinto Fabio. O christianismo quiz expulsar os deuses do folguedo, mas a tradição fallou mais alto. D'uma a outra extremidade do orbe catholico impera o carnaval. Chega o momento e os moços enlouquecem, e os velhos largam os annos, e os nobres e os povos enebriados, extásiam-se nas loucuras de mil festins.

Coimbra tem esses signaes da vida geral, mas quiz mais. Os filhos de Coimbra teem outro dia tão louco e delirante como os do entrudo. A terra da sciencia, com a feia catadura da sua Minerva armada em guerra, idolatrou esta regalia, e conquistou o privilegio de remoçar em mais este dia do anno. Coimbra trajando gallas e apregoando festas, levanta os seus altares de fogo ao Percursor do Prometido.

Apostolos da victima d'Herodes amam esta velha usança. Já li a censura de nos divertirmos com fogo no verão, e com agoa no inverno.

Fallavam do S. João e do entrudo. Terão justiça, mas não se lhes pôde permittir. Levem o carnaval muito embora, mas a mysteriosa poesia d'uma alegre noute de S. João, essa não lh'a posso eu dar, sem mesmo ser filho de Coimbra.

Que festivas, que poeticas horas! A luz clara e fantastica, da fogueira, os sons melancholicos e amorosos da viola tangendo estrophes de delirios e desejos; os fogos escrevendo amor com letras d'ouro nas trevas da noute, os mil prognosticos do futuro?!... tudo isto é bello. Que mysteriosas indagações nas pequenas alcachofras, sybilas do amor?!

Quando isso a que chamam civilisação ainda se não tinha alevantado para punir do crime d'antiguidade todos os costumes patriarchaes; Coimbra deveria parecer bella contemplada do alto de Santa Clara.

D'aquelle monte fronteiro alem do rio nós poderíamos ensoberbecer-nos admirando aquelle promontorio de chammam. Veriamos crusar-se diante de nós como um fantasma ardente, a sombra d'Eneas, salvando seu pai das labaredas; poderíamos ver os archanjos da justiça fulminante do senhor, meditaríamos no prazer barbaro de Néro, julgando successivamente a rainha do Mondego, as vetustas Gomorra, Troia ou Roma!

Que pena que esse delirio de gozar em declive rapido queira dormir, junto aos sepulchros dos avós?!..

É possivel não ser chinez, e não condemnar o que é velho, só porque não é novo.

O mais imperturbavel e pedante cathedratico não domina a tentação d'espreitar pela janella.

As mulheres de Coimbra sem que sejam as ninfas dos Lusidas são em verdade muito apêfitosas, para sua gloria, e proveito dos admiradores.

Artistas e estudantes não faltam ao convite do santo, e os serios passeiam ao largo curtindo saudades de não estarem ao perto.

Aquella noute é sempre d'amores, verdadeiros ou mentidos.

As mulheres adoram a festa do Embaixador de Deus! É formoso ver aquelles bandos que se apinham em torno dos pinheiros incendiados!

O estalar da rama pelas labaredas produz o som atterrador e synistro do hymno da destuição!

É o idolo a Molok dos precipicios de Jerusalem no valle de Tóphet recebendo o sacrificio estúpido dos pobres filhos innocentes.

É attrahente a musica monotona e compassada da viola cadenciando aquellas danças de mil annos.

Alegre ver tanta alegria. Passam horas e horas d'um bailar frenetico e vertiginoso! Recorda o sapateado sacrilego e fatal, no cemiterio, com que s'enterram os dançarinos, tão magestosamente descripto pelo cantor da Primavera. Como os poetas na fonte do castanheiro vão recordar-se d'Hypocrene?!.. Que magnifico é o alvorecer d'aquelle dia, em que o sol vem dourando esperanças e saudades?!

Muitas vezes la ficam as lembranças de um amor que a aurora vem matar! Outras vezes lá nasce um amor para ser alimentado com muito soffrimento. Porém o amor ephemero, ou duradouro, tem de morrer por um instante, dando logar á saudação do sol que se alevanta; a essa luz de seis mil annos que reflecte nos seus raios o poder do Creador, e que se não póde contemplar sem respeito immenso.

Estas recordações são bem dolorosas para os que lhe gosaram a realidade!

Foi na noite de S. João que Alberto encontrou passeiando a Viscondessa Maria, encorporou-se ao rancho dos illustres romeiros para poder sonhar amor na contemplação da casta Virgem!

Alegre e satisfeita caminhava a donzella, gosava das suas alegrias de dezeseis annos. Alberto offereceu-lhe o braço! Que lhe disse elle? Quem sabe? Cinco minutos depois nem elle mesmo o poderia saber! Os braços encostados communicavam-se por encanto. Alberto ousou tocar a nivea mão da Viscondeça. Estava gellada. O sangue pareceu juntar-se no coração pela torça da magoa. Porque estaria aquella mão de neve? Quiz perguntar-lh'o a ella. Não teve forças. Perguntou-o a Deus. Porem Deus ficou mudo!

A noite passou, Maria foi para casa com a sua familia, e Alberto acompanhou até á porta. Passára toda a noite, e nem uma palavra de amor para se manifestar o fogo, que ardia no coração.

Fatal condição humana! Será hypocrita pela natureza, ou pela sociedade, que a prostitue?

Muitas vezes calam-se os sentimentos intimos, e soffrem-se torturas de agonia por esse maldito silencio. Calla-se por vaidade quanto encerra o coração, e máta-se a felicidade e o sentimento! Uma só palavra de confissão poderia salvar dando a ventura, e separa o silencio dous entes que Deus tinha creado para unidos serem afortunados.

O pensamento de Alberto estava muito mudado. Os annos tinham reclamado o seu direito. A seriedade do seu novo amor accordava-o para a vida social. A dor de se não ver correspondido, de não saber mesmo se a Viscondeça Maria tinha conhecimento dos seus affectos, em vez de o impellir para as descrenças, chamava-o para a fé. Pelo nascimento d'aquella paixão, uma luz santa começou a allumiar a sua alma. O scepticismo tinha fugido, como as trevas ao primeiro clarão do dia. Eis o que Alberto escreveu no dia seguinte áquella noite de recordações tão suaves e tristes.

UMA HORA DE MARTYRIO

Quando afastado da multidão me vejo só no centro do mundo, tremo aterrado com medo do porvir. Se o homem pudesse entranhar-se no livro do futuro, e ler o que tem de cumprir no correr da existencia, daria parte d'essa vida para poder despedaçar as paginas que tem de soletrar em pranto, que hade em martyrios ver findar. Muito desejaría o homem poder morrer então.

Pobre vida tão pequena, e tão cheia de pesares.

Heide escrever esta hora de agonia.

Foi uma coroa de flores, que o fogo da paixão tornou em cinzas. Triste pagina do coração.

Ha segredos na vida que o homem receia confiar a si mesmo, e que os guarda envolvidos no mysterio para que lhe sejam consolação no futuro.

Ninguém soffre com a minha dor.

Os tormentos da minha existencia quero lembral-os a sós: são eccos saudosos de mil saudosas recordações de amor. voos de uma alma que sente, amo-os por isso. Morre minha alma, já que só vives de pranto, e conta a Deus o meu soffrimento.

Lgrimas desde o berço até o sepulchro.

Não posso descrever quanto soffro. As palavras não abrangem nem o pensamento, nem a dor.

Quem sabe descrever o amor? Quem descreve a liberdade? Quem pôde pintar a fê como o homem sabe sentil-a nas horas da angustia?

As palavras são o homem, a intelligencia é Deus. Não conheço as contradicções do meu coração!

Hão de ficar um mysterio entre Deos e o futuro.

O meu coração é uma lava ardente, o meu amor é um abyssmo!

Tarquínio, amava pelo poder dos sentidos; Petrarcha, pela força do coração; Byron, pela energia da intelligencia! Os homens amam pelo talento, pelo sensualismo, e pelos sonhos do espirito. A tryade mysteriosa levanta as forcas caudinas em que as almas dos homens são sacrificadas!

A minha vida é um inferno, a minha alma é um cahos! Deslumbrado de amor abri o coração aos mais puros sentimentos, e acenando-me com as coroas de felicidade, despedaçaram-as depois. Mostraram-me as rosas do amor, para depois as desfolharem ás gargalhadas.

Mataram os meus sonhos. Descri.

Amei com um coração puro, descri com o indifferentismo do desespero. A pureza brilha nas estrellas do céu, brilha assim a verdade nas minhas palavras. O passado é o evangelho do futuro.

Nos meus tormentos, que já lá vão, meditarei profundamente para que me sejam escudo ao menos contra os golpes do porvir. Devera callar-me, porem o meu coração não pôde conter as suas magoas, estalou. Amo: porem amo só a Deus. Nem o tempo, nem a descrença, que se enroscou fatalmente ao nosso seculo, nem os cataclysmos dos imperios agitados pela civilisação poderão raspar de novo este sentir da minha alma.

A minha esperança na vida, cahiu tombada para sempre.
Lembram-me esses sonhos como um ecco sentido do passado, lembram-me para chorar lagrimas de saudade.

Que fez o mundo das flores do meu jardim?

Sonhei grandeza e renome para depor tudo aos pés da mulher, que santamente amára!..

Mataram a minha esperança!

Bello Archanjo dos meus sonhos
Brilha em teus labios risonhos
Da singelleza o pudor!
Tu és bella como o lyrio,
É bella como o delirio,
Que se delira em amor!

Quando, formosa passeia,
Quando o cabello lhe ondeia,
Quando pensa no seu Deus,
É o Anjo Rei da terra,
É a luz que a luz encerra,
É o Rei Anjo dos ceus!

Tristes lembranças d'outr'ora! Que mancebo não sonha um puro amor? Formosa inspiração que abrilhantas o pensamento, são bem dolorosos os teus espinhos. É um instante que resume eternidades, um instante de amor correspondido.

Quem não hade chorar illusões passadas? Quem não hade correr atrás de uma sombra mentida, que sempre se lhe esvae?

Meu Deus, na hora de agonia dá-me um anjo, que me cerre o olhos, que me esclareça na morte, que me não deixe morrer abandonado!

A rosa de amor emurcheceu, e seccou!

Na mulher vi o rosto de Satanaz em que a poderosa vontade do Senhor quiz pôr a mascara dos Anjos; vi o tempo arrancar-lh'a; e esmagal-a debaixo das rodas do seu carro impertubavel.

Sinto um vacuo no coração. Escuto rir a turba! Rirei com ella?

Não. Ainda me falla a voz da patria!

Sophei com a liberdade,
Que na lucta vi tremer,
Vi sonhar a tyramnia
Novos Syllas a nascer!

Nasci quando a liberdade d'esta terra foi conquistada palmo por palmo, embaláram-me no berço com o puro cantar de esperança, que a tantos animava, e senti ao sair da infancia a voz da minha intelligencia que me bradava—Sê livre!—

A razão que se desinvolveu, as crenças sagradas do futuro avultavam cada vez mais, fallando-me das gloriosas tradições do passado, engrandecendo o meu espirito pela meditação ácerca dos valentes guerreiros, que ennobreceram Portugal. Não é dado ainda á instrucção dos homens gozar da amplitude da liberdade. Define-se, mas não a comprehendem muitos fatalmente. A liberdade é filha de Deus, e por isso brota espontanea no coração, e na intelligencia, mas o egoismo vem dictar o abuso em desdouro aparente da santa liberdade.

A liberdade porém hade ser a empolgadora do futuro dos nossos filhos, e hade arrojare os espiritos dos homens para os campos do infinito doando-lhe em fim a ventura mais perfeita da terra.

A mão do Omnipotente Senhor gravou o desejo santo de ser livre no coração dos homens todos, a differença unica é na comprehensão de realisar essa liberdade. As gerações tem-se despedaçado umas contra as outras em busca do que chamam liberdade. Os velhos povos não a souberam comprehender, os povos de agora anteveem-a ainda por entre sombras, mas sentem-a, e amam-a, como adoram e sentem a fé.

As gerações, que se alevantam, cansarão talvez em busca d'esse pharol tão querido, mas sobre as ruinas das nações, que nesta lucta de desejos e d'esperanças ainda teem, que socumbir, ha-de ver um dia o futuro arvorar-se o pendão triumphante da liberdade rainha.

Os diplomas da liberdade são escriptos com as espadas

dos guerreiros, mas sellados com o sangue de muitos martyres. O Deus dos homens livres, falla-me da felicidade futura da minha terra. Ao nome de Portugal ergue-se na sua gellada sepultura o espectro grandioso de Camões, a que responde nas margens do Ganges a voz do Vasco da Gama.

O presente aponta para o futuro. A ambição troca ferros por novos ferros. Minha patria, ninguem pôde soffucar no meu peito o meu santo amor por ti.

Q'importa orgulhosa, rainha dos mares
De férrea soberba tremendo pharol?
Se tenho na selva troando nos ares
Sentidas endeixas do meu rouxinól?

A velha Carthago me brada orgulhosa
Em Cannas Annibal *Victoria* a bradar,
Aponto-lhe Affonso co' a espada famosa
Pendões em Ourique valente a rasgar.

Se um triste presente, se o ocio d'agora
Nos manda *Vergonha* na face estampar,
Ninguem nos combattes, nas letras outr'ora
Ninguem no passado nos pôde egualar.

Que importa que Homero, Virgilio e Petrarcha
Nos bradem altivas, altivas nações?
Ao brado potente, que os mundos abarca
Exulta minha alma bradando *Camões!*

Portugal, quem sendo teu filho te não dará uma lagrima de muito amor, e uma lagrima de saudade pela tua gloria passada?

Quem negará uma flor d'alma á terra em que nasceu?
Terra de tantos heróes, que negras sinas te fadaram!? Quem
podêra vêr-te princesa no esplendido banquete das nações!
Deus quer experimentar as almas pelo martyrio.

Deus, eis tudo, que me resta! Vaguei perdido por entre
a grandiosa multidão mundana, mas não encontrei um rosto
amigo, soletrei apenas a indiferença e o escarneio em cada

vulto, que me encarava. Os amores foram mentira ou desgraça. A aureola das minhas crenças desfez-se lume por lume. A mulher, que me teve sincero amor, amortalhei-a eu: a mulher, que adoro nem sequer pensa em mim!

Abri a Biblia, renasci por ella.

A voz prophetica de Moysés eccôa pelo mundo rompendo os seculos, o seu braço robusto arranca a minha alma do cáhos para a collocar no pedestal dos eleitos do Senhor! As prophcias do velho Testamento, e as sagradas realidades do Novo, depõem o meu espirito aos pés de Deus! A alma adeja nos ares aquecida em chamas ardentes de muita fé, para voar para os campos da Palestina.

A eterna verdade manifesta-se á creatura, e surge omnipotente e magnanima, illuminando o infinito do futuro. O immortal drama da Redempção contou-m'o de novo em segredo o sacrosanto Filho de Maria. Foi o esplendor de luz infinda.

Amor e liberdade, fundiram-se n'uma so idea=Deus.

No mar, no campo e no ceu, soletrei o seu nome.

O bradar da procella e o cantar da solidão, são os prophetas da eternidade. Esta crença é a minha força. O amor vi-o mentido, já não sei amar.

Quero abraçar a liberdade, mas a deusa foge: em vez de affecto, votar-lhe-hei saudade. Só tu me restas, meu Deus. No ceu do meu futuro só brilha uma estrella. Essa estrella não póde morrer nunca. Essa estrella conduzirá para Deus a minha alma sem ventura na terra. Essa estrella allumiar-me-ha encostado á cruz, cingindo o diadema da fé.

Alberto estava dolorosamente impressionado pela vehemencia d'este amor. O seu martyrio era immenso. Alguns dias depois a Viscondeça Maria acompanhada de seu pae, e de toda a sua familia, partiu para Lisboa.

Não sabia Alberto da Cunha se era ventura ou desdita esta partida. Para poder esquecer-se, ou pelo menos distrahir-se do pensamento, que o angustiava, Alberto e o seu constante e leal amigo Claudio partiram para o Bussaco. O

mancebo tinha colhido os espinhos de muita magoa, e nem sequer uma só flor d' affecto!

CAPITULO XI

O BUSSACO

O convento do Bussaco é uma casa de penitencia que a religião edificou sobre uma elevada montanha solitaria.

A casa dos monges é pobre e mesquinha, é um verdadeiro sacrario de piedade, porque ali não podem entrar os orgulhos do mundo. A serra é elevada, e longe dos povoados. Aquella serra gigante coberta d'arvoredos de seculos eleva-se no meio d'uma comprida e larga extensão de campos, de povos e de mares. O vulto magestoso da serrania, é como um eterno vigia do mundo, que a mão de Deus prendeu na terra, para que fosse maravilhoso symbolo do seu poder.

Caminhar por entre a ramagem da floresta, vendo a cada passo a desmorrarem-se as capellas, que viveram acatadas no tempo em que a religião era olhada com mais veneração e respeito, entristece o espirito. Aquelles destroços dos monumentos piedosos são letras truncadas com que o pensamento escreve *dor*.

A desmoralisação e o vandalismo arrasou a casa do Senhor, destruiu e desfez tudo em ruinas, porem as ruinas continuam ainda a fallar de Deus.

O imperio destruido é a gloria do seu Rei.

O Bussaco é bello...

Bello?... Há palavras que nunca se deveriam pronunciar.

Que quer dizer *bello*? Quem pôde comprehender a extensão e a variedade do pensamento, que se exprime pela palavra *bello*?

Cada homem tem um rosto differente como sem replica o attesta a experiencia. Cada homem tem como diz Quintiliano, a sua diversa maneira d'escrever. Cada homem, digo eu tambem, comprehende, e julga, e sente o *bello* d'um modo assaz differente.

Bello é tudo, que nos póde arrebatár d'admiração agradávelmente, ou tudo que nos póde causar prazer. Porem como são diversos os pensamentos do homem nas apreciações dos objectos? Que differentes que são os seus prazeres!? É *bello* para os sectarios d'Epicuro a vida do goso, e a vertigem louca de todo o sensualismo porque para elles o homem termina com o ultimo suspiro. As bellezas dos filhos d'Epicuro são nada para os discipulos do christianismo, porque esperam pela vida eterna.

Os sonhos d'ambição e de gloria cumpridos pelos sacrificios d'uma vida inteira, são bellos para Napoleão, ou para Annibal, todavia serão o peor de todos os tormentos para uma organização indolente, perguiçosa e fraca.

Que s'interrogue o animal hediondo, mais pobrememente formado por Deus, que elle nada encontrará mais bello, do que a sua repugnante metade amorosa.

Confucio, disse ha muitos seculos: — Esquecei os males que vos fizerem, mas não esqueçaes nunca os beneficios.— Isto é bello, dirá uma alma generosa, isto é uma loucura bradará uma alma vingativa. São bellas as palavras de Zerastro.—Na duvida se uma acção é boa ou má abstem-te de a praticar.—Estas palavras encerram o bello mas é para um austero moralista, porem serão ridiculas para quem julgar nada os meios e tudo os fins. Não devera combater ninguém o santo principio do Evangelho.—Não pratiques para com os outros, o que não queres que pratiquem para contigo—e comtudo interrogai o egoismo, e vel-o-heis revoltado contra as santas maximas.

O que será pois o bello?

Uma alma que ame a philosophia achará attractivos nas indagações da sciencia. Newton gosava o paraíso quando media a velocidade da luz, e bradava *inveni* como um novo Archimedes, e todavia o remanso do estudo é o mais insupportavel jago para uma alma frivola, que só medita longamente no passeioo parvissimo d'uma contradança franceza.

As cousas mais justas levadas para o campo do absoluto são perjudiciaes e infaustas. A religião é o pensamento mais

geral da humanidade, o mais moralmente grandioso, porem absolutamente considerado é terrivel e fatal.

O fanatismo segue-se-lhe, e arrasta Raymundo de Tolosa n'uma esteira pelas praças da sua terra, mata milhares d'homens nas perseguições de Diocleciano, coroa de chammas a donzella d'Orleans, e esclarece o mundo com a vergonha das chammas dos autos de fé.

O que será então o bello absoluto?

O bello absoluto não pôde comprehender-se.

Um quadro de Raphael será bello para os artistas que o tomam por modelo; será bello ainda para os respeitadores dos grandes homens como reliquia d'um genio, mas será nada para uma creança, que o trocará por um Polixinélo desingonsado, será bem pouco para um honrado *tendeiro* que lhe preferirá uma boa partida d'arroz, ou de manteiga.

Podemos attestar que estes que não comprehendem, mas que lá existe o bello; porem elles pôdem attestar a mesma cousa a nosso respeito. O mercieiro alcunhará de visionario o homem que anteponha um—*panno pintado*—a uma valiosa partida de bons generos alimenticios. O bello absoluto não existe. O bello relativo nasce unicamente da apreciação de cada um! Assim tambem para quantas pessoas o Bussaco não será bello? A quantas não parecerá um deserto insupportavel, um montão de casarões arruinados, uma solidão feia e monotona? Porem depois de tudo o que temos avançado, deixando a cada um livre a sua avaliação do bello, podemos ter o nosso bello tambem e por isso dizemos:

O Bussaco é bello.

Não existe nada que se lhe possa comparar em magnificencias naturaes cá na nossa terra, senão a nossa formosa Cintra. O Bussaco é o mendigo trajando burel, e Cintra a cortesã d'ouuropeis dourados.

Que differença poseram em seus destinos. Em Cintra é tudo explendente de grandeza e de vaidade. O capricho dos homens tem adornado com as flores da arte a formosura grandiosa que lhe deu a natureza. O pobre Bussaco viveu sempre desherdado, e por ultimo tiraram-lhe tudo.

O que não poderam dar a Cintra, foi arvoredos mais frondosos, nem relva mais verde, nem sombras mais fres-

cas, nem horisonte mais encantador de magestade, nem agoas mais bellas, que em nada d'isto excede o ancião sublime.

Se tem a formosa Cintra nas muralhas do seu castello os padrões gloriosos d'outros senhores, que ali viveram, se conta como pendão d'ufania o convento de Nossa Senhora da Pena, não se ensoberbeça por isso. Os mosaicos e os marmores são nos gothicos florões d'architectura provas indestructiveis das glorias de D. Vasco da Gama, e das venturas d'El-Rei D. Manoel, porem as paragens do Bussaeo são o theatro famoso do valor e brio de Portugal. Assombrosas e medonhas esvoaçavam as aguias francesas, e foi alli que o braço portuguez lhe fez parar o vôo. O vetusto guerreiro presenciou contente e em extasis de triumpho a retirada ou a morte dos bravos de Napoleão. O Bussaco possui com muito orgulho os attestados de bom soldado portuguez. Não tem um monumento que o attesta, porem resta-lhe a sua gloria. As lembranças guerreiras que o fazem exultar d'orgulho, junta ainda as suas magicas flores de religião. As preces do monge em penitencia, casam-se com o hymno do soldado libertando a patria. Liberdade e fé são os motes do seu brasão! Quem poderá excedel-o?

Cintra é um filho legitimo carregado de preitos e de atensões, o Bussaco é um pobre filho bastardo privado pelos barbaros da herança de seu paé. Não enveja o bastardo os primores de sua irmã. O Conde de Dunois assignava-se por orgulho *o bastardo d'Orleans*, a mesma altivez teve o Duque da Normandia. *Guilherme o Bastardo*, pavonea-se igualmente o Bussaco pela sua heroica bastardia.

Cintra não se recosta em mais formoso throno, os seus olhos não avistam, nem mais largo, nem mais brilhante imperio! Trage pois a filha predilecta as gallas da sua soberba, que o rude montanhez vive contente com os andrajos da sua miseria.

Alberto e Claudio chegaram ao Bussaco, e tomaram logo conhecimento franco e leal com um veterano que havia mais de vinte annos guardava a matta.

Ha muitos annos que vive por aqui?

Ha mais de, doze.

Deve ter muita amizade a esta solidão? Perguntou Claudio com a sua voz doce e suave. Estas arvores são já como companheiros e amigos.

E são, tornou o velho soldado, tenho-lhe contado muitos segredos, tem escutado muitos queixumes da minha alma. Só Deus e ellas é que os sabem.

O que não terá visto aqui?!

Pouco respondeu o velho a Alberto. Esta natureza rainha é a mesma todos os dias. E quanto ao mais. Que segredos d'amores terão por aqui passado?! Disse Alberto.

Em nada mais pensas, meu amigo.

Admiras-te Claudio? Em que hei de eu pensar.

Tem razão, replicou o veterano, aos vinte annos o amor é a vida.

Ou a morte.

A voz d'Alberto era triste e melancolica no momento em que pronunciava estas palavras.

Sempre ideias loucas.

E bem loucas. Juntou o velho guerreiro, apoiando o que dissera Claudio. Lembra-me por isso um caso que vi aqui passar-se...

Caso talvez de morte?

Caso de loucura rematada.

E recorda-se d'elle?

Como se fosse passado hoje.

E' triste e doloroso não é verdade?

Mais do que pôde imaginar.

N'esse caso, acrescentou Claudio interrompendo os dous, é melhor não contar.

Que pôde estar mais em harmonia com esta solidão, tornou o moço apaixonado, do que uma historia mortuaria de lugubres amores?

A narração de desgraças entristece.

E a presença d'alegria insulta.

Se te dá prazer, e se o senhor quer ter a bondade escutaremos satisfeitos.

Não é abusar da sua bondade, não?

Pelo contrario. Ha já tanto tempo que não fallo d'esse drama triste de que fui uma das testemunhas, que sentirei uma

especie de prazer em o recordar, posto que elle seja doloroso.

Os dous mancebos sentaram-se nos degraus d'uma capella do caminho do Calvario, e com a vista no firmamento infinito, e nos campos estensos, prestaram ao soldado veterano a mais escrupulosa attenção.

GABRIELLA

Ha dez annos que um cavallo espumante de fadiga parava diante da porta do convento. Apeiou-se um homem ainda moço, que trazia nos braços uma senhora quasi desmaiada. Era joven e linda. Os dous jovens tinham trocado então o mundo dos homens, pela mansão de Deus. Era madrugada. O sol comessava a dourar os cumes das arvores mais proximas do ceu. Amavam-se. Gabriella queria na terra mostrar ao seu amante o poder d'um vivo amor.

Gabriella, disse elle quando entraram, aqui só Deus e o nosso affecto.

Que Deus vel-e por nós! Acrescentou a mulher com mágoa.

Uma lagrima tua de desdita, continuou Paulo, é o meu sangue derramado, as tuas dores são minhas tambem.

O sol tinha sepultado as trevas, o lucto que ha pouco tinha vestido a natureza ia-se substituindo pelas gallas que lhe offertava o dia. A luz da manhã era ainda mais bello o rosto de Gabriella encantadora.

Era linda Gabriella. O sultão que vira e abraçara as mais formosas damas do oriente a saudaria como a mais formosa. Rubens ou Vandik, dando aos pinceis a sua alma, não alcançariam retratar os seus olhos formosissimos. O Propheta descrevendo a belleza dos sonhos mussulmanos, não descreveu tão formosa Hury.

O que será de mim?

Uma sombra densa, como a nuvem companheira dos Israelitas no dezerto, annuviou a fronte da pobre mulher, que parecia absorvida em tristes pensamentos.

Uma lagrima lhe assomára aos olhos.

Eu tomei o cavallo pelas rédeas, e fui accomodal-o, que bem cansado vinha o pobre animal.

Como isto é formoso, balbuciou Paulo, como esta solidão nos falla d'amor?

Gabriella não respondeu.

Eu voltei para lhes offerecer uma cèlla como é costume que elles aceitáram.

Atravessamos os claustros que outr'ora apenas escutavam as preces fervorosas dos tristes monges, e que hoje escutam os hymnos das aves, e os cantos do dezerto. Não poderam deixar de se entristecer comtemplando aavez das janellas a desabar os arvoredos que abraçados ha seculos teem visto desabar tantas gerações. A ramagem impedindo a entrada aos raios do sol, e ao mesmo tempo illuminando as ruinas das capellas, falla mais ao coração do que os eloquentes discursos de energico orador. As aves do ceu trinavam os seus gorgeios da manhã.

Na galleria os retratos dos homens, que ornaram a patria com exemplos de piedade, e fadigas de sciencia, mostravam chorar o vandalismo, que tinha passado por aqui. Passáram algumas horas na cellazinha, de tarde começaram a subir esta estrada do Calvario, onde nós agora estamos, para irem até á Cruz Alta.

Vamos lá tambem, disse Alberto, deve lá ser admiravel. Na verdade é lindo.

Nesse caso vamos. Claudio levantou-se, como os seus companheiros, e começaram a caminhar. O guarda continuou:

Quando chegaram ao cume da elevada serra, e avistáram este delicioso panorama, e o soldado mostrava o estendal de povoados entre os campos, que se lhes apresentavam, eu que os acompanhava, os vi então. Paulo deslumbrado pelo encanto d'esta magestade, bradou—Sinto-me arrebatado ante a magnitude do aspecto divino, como Byron encarando o poder da tempestade em furia. O homem acredita-se grande n'esta hora de contemplação e de enlevo. Um sentir energico e desconhecido se apodera da alma. Sobre esta rocha erguida de pé, e tão sobranceira ao mundo, comprehende-se como Chateaubriand se acreditou o genio dos desertos nas alturas dos rochedos do Mississipi.

O homem abraçado á cruz, a esta famosa sentinella de

Deus no ermo solitario funde os sentimentos do seu amor, nas grandezas da sua fé. A terra está submissa aos pés do Creador. Essas leguas d'esmeraldas são matysadas pela alvura dos povoados.

As aldeias brancas lembram as pedras sepulchraes d'um mundo, que já não vive. Quantos segredos alli passaram. São os epithaphios do passado, que o presente lê, para que os ouça o futuro. Nos confins do horisonte vê-se a extensão das praias.... depois o mar.... É o espelho do Eterno, aonde Elle reflecte a sua divina soberania. Coimbra como um cysne sacode a plumagem branca sobre as agoas do Mondego. A floresta descanta ao Rei do mundo o canticó da imensidade. Aos nossos pés estão os imperios da terra! O sol é o séllo divinal, que Deus quiz pôr no ceu, e que se reflecte nos braços da cruz, dando vida ao nosso amor.

Depois d'este primeiro momento affastei-me um pouco. A lua nasceu. Brilhavam as estrellas.

Gabriella estava sempre triste. Paulo abraçava-a com ternura. Aquellas duas almas viviam da mesma força, os olhos do mancebo tinham o brilho do amor, e os olhos d'ella a formosura do brilho das estrellas reunidas todas.

Pouco depois foram para a pequena habitação.

Eu seitei-me junto da janella, que deitava para a mata, e que estava aberta. O que não pude ouvir nesta occasião, contou-m'o Paulo depois.

Gabriella pallida, tinha encostado o braço a uma pequena mēsa, e reclinára a fronte apoiada sobre a mão. Os seus cabellos negros espalharam-se-lhe por sobre o cóllo. Era a estatua da melancholia. Paulo estava de joelhos junto d'ella.

A lua aclarando aquelle quadro d'amor lembrava Clara e Egmon.

Minha Gabriella, balbuciava Paulo apertando ao peito a mão tremula e fria da sua amante, porque estás triste? Não somos nós venturosos?

Gabriella estremeceu e sorriu-se.

Não. A mulher ergueu a cabeça e continuou. Em pouco, nunca mais te verei.

Quem ha-de separar-nos?

Deus, bradou ella, porque Deus não abençoou a nossa união: e eu porque também a não quero.

O mancebo julgava sonhar, e ella proseguia socegada e firme dictando o seu futuro.

Não quero viver assim. Vi-te e amei-te. Sou esposa, não posso pertencer-te, porém reservei ao meu orgulho o direito de punir.

O desgraçado estremeceu, e eu estremecei igualmente ouvindo aquella confissão criminosa.

Claudio olhou para Alberto, que estava pallido como um muribundo, e perguntou-lhe :

Que tens? Estás tão pallido?!

Não sei, proseguio elle, porém esta confissão fez-me terror. Não sei, que pressentimento me punge!

Deixemos loucuras, acrescentou Claudio, escutemos.

Dizes bem!

O guarda tomou de novo o fio da historia.

Gabriella estava como Judith, magestosa e sublime.

Paulo perguntou-lhe. Que queres dizer?

Digo, começou Gabriella, ao mesmo passo, que o pranto lhe corria pelas faces, e que pertendia comprimir no peito o coração, digo, que a minha vida era a honra do nome de meu marido, e que se o infamei, hei-de saber sepultar-me com essa mesma infamia.

Corriam pelas mãos de Paulo as lagrimas de Gabriella. O mancebo não comprehendia.

Enlouqueceste ! Ninguem pôde alcanzar-nos. A Hespanha será guarida segura.

Não para fugir de mim mesmo. Quem me affiança, que tu amanhã criminarás a mulher, que se esqueceu dos seus deveres, porque te amava?

Impossivel. Repetia Paulo.

Talvez por compaixão. Não quero viver merecendo piedade. Sou mais forte do que julgas. Amei-te muito. Mas nunca esqueci, que não podia viver deshonrada. Comprei o amor com a vida.

Não prossigas! O tempo levará da tua alma esse remorso, eu te farei esquecer a culpa de que eu sou o unico réu, pelo poder do meu amor.

Louco! Bradou Gabriella. A minha resolução estava tomada. Quando se não pôde suportar a vida, morre-se, mas não se vive despresada. Quando julgavas abraçar uma amante feliz, eras um cadaver, que abraçavas. Envenenei-me!

Gabriella atirava fóra um pequeno frasco, eu estremeci, duvidei se devia entrar, ou fugir d'aquelle sitio onde tinha surprehendido aquelle segredo. Parei. Paulo queria sahir logo em busca de soccorro, porem ella não lhe permittiu.

Abraça-me, perdoa-me! A minha existencia era uma fraqueza. Devia morrer.

Não, e tu não morrerás.

Paulo sahio como louco, encontrou-me á porta. O povoado era longe, entrámos e accendemos luz. Tudo estava acabado. Gabriella estava estendida sobre o pavimento.

Paulo ajoelhou junto d'ella poz-lhe a mão no coração, estava parado. Um ultimo beijo d'amor tinha sido a benção da martyr ao infeliz que a pranteava. Paulo fez-me jurar segredo, eu jurei.

Porem, disse Alberto, o juramento não impedio que nos torturasse com esse lugubre conto.

Porque ella morreu e Paulo desapareceu. Nunca mais ouvi fallar d'elle.

Claudio voltando-se para o guarda ainda perguntou porem que destino deram ao cadaver.

Chamei o cura de Luso, depois de chamar um medico, a infeliz foi pobremente sepultada. Paulo deu-lhe o nome de Gabriella, como eu a tracto, porem creio que o nome era outro. Nunca ouvi fallar mais de semelhante cousa.

Essa historia é triste e dolorosa, disse Alberto, e confesso que me despedaçou o coração. Vamos partir quanto antes.

Tu é que quizeste ouvir.

Sim, é certo, prosseguiu ainda o antigo amante de Georgina, uma voz intima parece dizer-me que essa historia será um dia a minha.

Não creia em agouros, replicou o velho, isso é bom para as mulheres e para as creanças.

E para os loucos, accrescentou Alberto.

Não te faças visionario.

Não faço, Claudio. Tenho uma certeza intima que esta historia é a historia da minha vida.

A unica differença é que o martyr serei eu.

O velho rio-se, Claudio estremeceu, porem disse:

Vamos jantar e partir.

É o meu futuro, pensava Alberto descendo para onde o veterano tinha mandado arranjar a comida, nunca mais poderei banir da memoria este magoado acontecimento. Que apreensão diabolica.

Comeram e partiram. Alberto fez acto do quarto anno, tomou o grau de bacharel. Embarcou para a Figueira para de lá partir para Lisboa.

CAPITULO XII

UMA NOUTE NO MAR

Um formoso barco se balouçava na extremidade do poetico Mondego.

O vento fresco mas brando e suave, soprava enchendo-lhe as vellas.

A esperanza aninha-se no coração de todos os marinheiros, porque dentro de poucos instantes elles iriam pela amplitude das agoas do oceano atlantico demandar as praias de Lisboa.

Não era uma viagem de longo curso, era uma viagem d'encanto para os homens do mar.

Eram dez horas da manhã. Os raios d'um sol de fogo alumiam a terra. Alberto esperava com ancia tornar a ver a sua terra, e desejava gozar o espectaculo d'uma noute no mar. Embarcou. Será por ventura ridiculo contar o que o nosso heroe passou n'uma noute de viagem? Não. Que importam as mil descripções em torno do globo?

Nem todos passaram o cabo das Tormentas; não é dado a todos contemplar o aspecto medonho do fero Adamastor, do feio mais bonito da nossa litteratura. Sabemos como a

lucta dos elementos se crusa por sobre um fragil barco fazendo curvar os mais audaciosos e valentes, e comtudo não é rediculo descrever essas horas de meditação, que o joven apaixonado passou absorvido entre o mar e o ceu.

Nas viagens de longo curso poderia o mancebo contar os costumes e usos mais ou menos selvagens.

D'estranhos povos ignoradas gentes.

Fallaria de como a illimitada confiança dos esposos chinezes desloca os pés das filhas para que ellas um dia não fujam atraçoando seus maridos: contaria como o palladar saborea um famoso ninho d'andorinhas, e como depois dos doces e das fructas se consola o estomago com um gordo-mento caldo. Porque não poderia narrar a ternura com que os esposos se queimam sobre os cadaveres das suas caras metades? Vinha a proposito a descripção dos trajes voluptuosos das circacias, o retrato angelico das mulheres do Caucaso, o talhe garrido e airoso d'uma hespanhola, e a violencia do amor d'uma italiana zellosa. Podia contar como se crusam os canaes de Venesa, como existe a poetica terra de S. Marcos, com o seu leão indomavel, com os seus perfumes, com as suas brisas do Adriatico! Quem seria tão louco depois do que disse de Veneza esse genio rebelde a quem os homens chamaram Byron, depois de Deus lhe ter chamado=Intelligencia e desventura? Não fallaria por certo n'essa constipação da Europa, que se chama a Inglaterra, para não entristecer descrevendo um formoso ceu de chumbo, muitas nuvens de fumo, e diluvios immensos de cerveja. Quem se atreveria a fallar das ladys em linha recta, com olhos desbotados, e alicerces d'antiga vara.

Assim fallaremos só do que é conhecido para nós filhos do extremo occidente. N'uma viagem de longo curso não se pôde melhor admirar o poder immenso de Deus.

O barco tinha largado, Alberto ia a seu bordo.

Cada rajada de vento impelia suavemente o pequeno batel por sobre as ondas!

Cada instante decorrido ia occultando, ora um campo, ora uma casa, ora uma praça.

Dentro em pouco a terra deixou d'apparecer distincta aos olhos dos viajantes.

Nada mais se avistava do que o ceu e o mar, e um disco enegrecido no fim do horisonte que sabiam ser a terra.

Alberto na tolda da pequena embarcação, comparava a sua pequenez com a grandeza d'aquella ponte movediça, que podia estender-se entre as praias do mundo, porem via depois ainda o seu nada comparado com a immensidade das agoas.

Via alevantarem-se umas após outras gigantes serras d'agoa, espumando de raiva contra os audaciosos que lhe devassavam o imperio.

Galgava o barco o promontorio, e Alberto erguido no topo da serra d'agoa, contemplava o abysmo transparente que se lhe apresentava aos pés, e que poderia sorver d'um trago as nações da terra.

O sol symbolisa a misericordia de Deus, a noute symbolisa a sua justiça, porem o mar é o symbolo do seu poder immenso.

Era noute.

Alberto estava sentado junto do marinheiro, que ia ao leme.

Pensava no futuro e em Deus!

A incerteza alem da morte é aterradora. Porque não veem os mortos contar aos vivos a sua vida secular. Tudo em nós será pó?!

O christianismo falla da recompensa da virtude e dos crimes!

O scepticismo faz da alma um deserto, e mata antes da morte. O acaso é loucura.

Uma serie de numeros confundidos, nunca pôdem por acaso tirarem-se por ordem. O que ordena o mundo é uma força que seja o que fôr é—Deus!

O homem lê em si. A razão é o livro de Deus.

No homem ha uma faculdade activa, que pensa. Não registemos o materialismo de Gall, nem de Lavater, podemos acreditar que a massa encephalica de Diogenes pesava mais do que a do commum dos homens, que o grande Kant nada mais tinha d'extraordinario do que os signaes que attestam grande imaginação, muito desinvolvidos, mas isto nada prova

mais senão que essas boças materiaes são a séde de certas faculdades, mas não que são as mesmas faculdades, porque ellas existem no cadaver, e elle já não pensa, nem sente, nem imagina.

O agente impalpavel abandona o homem, esse abandono é a morte.

As boças ficam, a vida fugio. O castello não é o castellão.

O escalpelo anatomico nunca topou com a intelligencia.

As perfeições phisicas não são thermometro das vantagens moraes.

O elemento imperecedouro, por não se lhe encontrarem partes, não se lhe póde comprehender a decomposição, não existem athomos, que se affastem. Devemos crer na impossibilidade da destruição da intelligencia. A crença conforta.

O homem é peor pela multidão, que o cerca do que por si. O peor n'uma reunião, é melhor quando sósinho. O desejo orgulhoso de campar d'espírito forte faz blasphemar até do Deus, que n'angustia se chama em auxilio.

A situação d'Alberto arrastava-o para estes pensamentos.

O espectáculo magnifico do luar de verão, que se alevantava no horisonte, e que semeava diamantes no seu caminho argentino, era bello e divino.

O barco estava inundado de luz. Tudo fallava magicamente ao coração.

O marinheiro do leme cantava umas trovas de que a musica era suave e melodiosa. O mancebo pensava quanto deve gozar o viajante admirando a magnificencia d'amplidão dos mares.

Alberto vio com pasmo, que os rudes marinheiros quasi selvagens ajoelhavam e resavam religiosos e constrictos. O homem é inexplicavel. Quando longe do perigo, blasphema: quando aterrado, supplica.

Como a cobra se ergueu contra o louco, que a reanimára, assim o homem se alevanta contra a omnipotencia a quem deve tudo. Os novos Titans pertendem escalar o ceu.

Chega a crise, com ella manifesta-se a consciencia do nada, que valem, então estremecem, curvam-se aterrados, e

humilham-se escravos. São assim em ampla escalla os homens do mar. Quando em terra são blasphemadores, e máus, são capazes de commetter crimes por uma palavra ao acaso, mas quando se veem no mar alto são temerosos até á superstição. É uma fragil taboa, que os separa do abysmo, o navio é o seu leito sobre a voragem immensa, receiam, que o oceano se lhe transforme n'um sepulchro.

A altivez foge, e os miseraveis ajoelham-se, substituindo a blasphemia pela oração. Creem, que a justiça de Deus perdoa as infâmias e os peccados, não pelo arrependimento sincero, mas tambem pelo estúpido de um instante.

Lembram Luiz XI tendo Claudio e Tristão por azas he-diondas com que esvoáça por cima do seu povo, ajoelhando-se apoz os crimes de morte e de sangue diante da imagem da Virgem; lembram o famoso Cardeal de Richelieu tomando nas mãos a hostia santa para se defender da justa indignação das leis francezas.

Os marinheiros ouraram submissos.

Como a suprestição reina ali despotica.

Então o senhor, perguntou um d'elles ao moço Alberto, vae com muito medo?

Não senhor, respondeu este socegado, porque o mar está bem tranquillo.

O grande caso, continuou o marinheiro, é que o senhor é provavelmente o unico em perigo, que vae aqui.

Sim, talvez, porque tambem serei o unico, que não sei nadar.

Isso é o menos. Redarguiu outro com ares de profundo conhecedor do pensamento do seu companheiro.

Como é o menos? Instou Alberto. Não vejo então qual seja o motivo.

É porque nós todos os que aqui vamos, disse o primeiro, que fallára, já não podemos morrer afogados.

Não podem morrer afogados? Alberto estava espantado, e proseguia. Então se o barco naufragasse, e não podessem alcançar terra, ou outro soccorro?

Elle appareceria.

Mas se não apparecesse?

Não pôde ser.

Não comprehendo. Agora a admiração estava no seu auge. O mancebo estava impaciente por sondar aquelle segredo, e já contava, que sahisse do mysterio rematada loucura. O marinheiro do léme, que era o mais velho, e que mostrava ser o mais amestrado na solução d'aquelles problemas tomou a palavra.

É porque quando o homem já tem tido a fortuna de naufragar tres vezes...

A fortuna?

Sim, a fortuna. A fortuna de naufragar tres vezes e de escapar de todos os tres naufragios, é porque não tem de morrer afogado...

Porem, que certeza tem de escapar do quarto?

Ora meu cáro, isto não é inventado por mim. Todos o sabem. Já meu avô assim dizia.

Com esta nos emballaram, confirmou outro, e nunca succedeu. Nem ha de succeder.

Nós todos os que aqui vamos já temos a nossa conta, proseguio o marinheiro idoso, e oxalá, que o senhor já tivesse naufragado tres vezes para nós irmos mais socegados do que vamos.

Agradeço-lhe muito, repetio Alberto sorrindo, porem eu desejava não molhar nunca nem sequer um pé, sem que seja por minha livre vontade.

Então entende, que é melhor andar toda a vida em sustos?

Assim disse com ar de mófa um outro dos companheiros do estudante. Os pobres homens repondiam convictos á pouca tendencia do mancebo para os banhos forçados.

O que todos devem pedir a Deus, bradou o velho com tom dogmatico, logo que chegam a dedicar-se a esta nossa vida do mar, é que o despachem quanto mais depressa melhor.

Mas não póde haver perigo.

É verdade, não tinha reparado!

Cada marinheiro tinha lavrado esta sentença, n'estas poucas palavras, que conservavam para Alberto um novo problema.

Qual é a razão d'isso?

E porque já anda por ali «São Telmo.»

*

Por onde? perguntou o mancebo olhando em torno.

Ora essa! Pois não o vê?

A esta pergunta feita d'um modo, que revellava o mesquinho conceito em que tinham a capacidade de Alberto, elle não pode deixar de responder ingenuamente, que não via o Santo.

Oihè, é aquillo.

Os marinheiros mostraram então uns pequenos luzeiros produzidos pela phosphorecencia das agoas, que brilhavam pelas cordas, semelhantes aos que surgem nas paragens dos cemiterios.

O moço attento vio e admirou pelo menos um quarteirão de santos, mui commodamente empoleirados nos cabos das vellas.

Aquillo é signal evidente de que o barco ha de chegar a porto de salvamento.

Se o mancebo tivesse a imprudencia de lhe dizer o que eram os santos, capazes seriam os fanaticos de o atirarem ao mar para fazerem a experiencia de ver se conseguia salvar-se do seu primeiro naufragio, porem o silencio foi a resposta unica.

Alberto não quiz fazer o papel desgraçado do pobre judeu, que negou, que o raio luminoso, que se reflectia na Custodia na Sé de Lisboa, não era um milagre, mas sim o resultado de uma racha aberta na parede, e o reflexo do sol, imprudencia, que pagou com a vida.

Os marinheiros continuaram conversando e Alberto escutando apenas. Alguns minutos depois um d'elles, querendo talvez saber com certeza qual era o gráu de segurança em que ia o seu companheiro de viagem, perguntou-lhe uma outra cousa de muita importancia para a tranquillidade do viajante.

Diga-me cá, o senhor ao menos «benzeu-se antes de embarcar esta manhã?»

Persigno-me quando me levanto.

Não lhe pergunto isso. Fallo-lhe a respeito de se mandar benzer por uma mulher de virtude.

O que? Por uma brucha?

Sim, brucha, ou mulher de virtude. Tudo é o mesmo.

Não senhor, respondeu Alberto, é cousa que nunca fiz na minha vida.

Pois creia que não faz bem. Tornou o homem do léme, com o seu tom auctorisado. Logo se acostumava, se viesse cá para a vida do mar.

Os companheiros d'Alberto estavam tão admirados do mancebo, como este o estava d'elles, e por isso não pararam ainda nas indagações, e perguntaram:

Nem traz ao menos um *sino de saimão*.

Alberto já tinha quasi vergonha de se apresentar desprevenido de todas as cautellas, porém não teve remedio senão responder:

Tambem não trago.

Os pobres marinheiros caminhavam espantados indo de surpresa em surpresa. Abaixo do diabo por certo que não conheciam ningnem mais audacioso do que o viajante novel. Estavam horrorisados do pobre homem. Era realmente digno de espanto encontrar um ente, que não queria ter a ventura de naufragar trez vezes, que era tão myope que não descobria *São Telmo* nos seus passeios nocturnos, que se não fazia benzer por uma brucha, e que demais a mais não era portador do imperterivel signo de Salomão. O horror era quasi igual ao do povo quando vio Urbano Grandier recuar diante da cruz, que lhe davam para beijar no momento de o queimarem. O povo ignorava que os santos servos de Deus, da Inquisição infame tinham posto em bráza o crucifixo de bronze.

Alberto perguntou aos seus companheiros se acreditavam em bruchas, ao que todos responderam afirmativamente, indicando uma especie de voto de censura a todos os incredulos. Os homens tinham a sua opinião fundamentada por que todos narraram factos que diziam, com a melhor boa fé, que tinham presenciado. Alberta callou-se, conhecendo que a lueta era muito desigual. Ao romper da madrugada estavam em frente da torre do Bugio, que rapidamente passaram.

A entrada da nossa barra de Lisboa é imponente, soberba e magestosa. É grandioso o panorama. É uma serpente colossal que se estende enorme deitada a margem do Tejo.

Que padrão triumphante de recordações! Vêmos alli renascerem os tempos heroicos que já dormem no esquecimento. Cada momento parece fallarnos da nossa antiga e nobre gloria.

A memoria das Cruzadas falla da famosa conquista de Lisboa. D. Affonso III proclama o bravo mestre de Calatrava o heroe dos Algarves christãos. Um padrão recorda o mestre d'Aviz calcando a Hespanha em Aljubarrota. A desamparada torre de Belem, ajoelhada na praia, ora a Deus por Portugal, apontando para a India, e pronunciando, com orgulho o nome de Vasco da Gama. As torres de S. Julião e do Bugio contam-nos as desgraças das ultimas luctas fallam das ideias livres derrubando o despotismo que reinava em nome d'um throno fatal. Parece-nos ver ainda o sangue de nossos paes baptizando a terra portugueza. Dentro em pouco manifestou-se a formosa capital, com a sua monumental praça do commercio. O gigante magnifico recorda o grande vulto do marquez de Pombal impondo o seu braço potente sobre as ruinas do terremoto, e alevantando Portugal para os vindouros, com a immortalidade para a sua memoria.

Aquella prespectiva enche d'orgulho nobre, um coração portuguez. Alberto passou as ferias em Lisboa, passando a vida trivial d'um estudante.

Havia muito tempo que o mancebo não via a sua terra, nem os seus amigos d'infancia! Tornando a ver os objectos que estimava, acreditou-se feliz. Viu sem saudades a primeira mulher, que tinha amado! O roçar de cada dia vae raspando e levando comsigo muita recordação e muita mágoa.

O tempo é muito poderoso.

Foi n'esta época a primeira vez que o joven Alberto resou sobre o tumulo de seu pae.

Acabáram as ferias e o mancebo partiu para Coimbra para terminar a sua carreira.

CAPITULO XIII

PRISMA DE MUITAS FACES !

Coimbra é uma terra variavel em seus aspectos, como variaveis são os pensamentos juvenis que alli se agitam. Nós não somos mais do que um simples mortal, nada nos parecemos com um demonio vulgar, e muito menos com um diabo de primeira ordem, porém apesar de tudo isso, havemos levar o leitor, não como Asmodeu levava D. Cleofas Leandro Peres Zambulho, mas mui commodamente para a patria das letras.

Comtemplae Coimbra de manhã. O aspecto da cidade é sempre triste e solitario para os olhos academicos.

As ruas abandonadas dão apenas passagem aos pequenos grupos de estudantes, que se encaminham silenciosos e taciturnos até ao Calvario em que pôde o impio *crucifige* da voz d'um cathedratico dar-lhe instantes de terriveis torturas. Não ha força, que os arraste, o desconsolo desenha-se em todos os rostos. Lá vão difficultosamente, marcham como o progresso portuguez.

N'uma pequena casa sem brilho nem esplendor poderieis ver um pobre louco perdido, que dedicou aos seus collegas d'algumas horas n'uma esplanca medonha o seu tempo necessario. No puchar constante das orelhas d'um valéte, vio elle dissipar-se o benefico sopro mensal com que o vae animando o velho pae. O martyr agora arrependido protesta nunca mais peccar! Almoça com rapidez. Tem os livros ao seu lado, e lança-lhe os olhos a furto. Mas é debalde, nada vê, nada pôde entender, tem a cabeça perdida. Apparece a lição lythographada para ser o norte o guia, o fio de Ariadna, porém este labyrintho é muito mais intrinçado que o de Dédalo.

O terror faz-lhe desenhar medonho o futuro. O espectro d'um *estenderete* é peor que a sombra de Nino ante Semiramis. A noute perdida no jogo fez alvoroçarem-se-lhe as ideias, nada pôde estudar, nada tem já tempo de ver, e mesmo nada é capaz de comprehender. Surge outra ideia nova.

Quantos dias tem faltado á aula? Quantos poderá ainda faltar? Se ainda ha recurso, mais uma falta é o paradeiro de todos os tormentos. A lista porém marca a impossibilidade de mais anuencias. Sonha as suas relações com um medico benefico. Muitas vezes termina assim a desventura.

Derrubam-se mil vezes estes justificados terrores, e apellando-se para a providencia, o martyr marcha impavido confiando na sua estrella, que não será chamado. Ageita contra vontade um sorriso aos labios para affectar tranquillidade nascida da sciencia e do estudo.

Chega-se á porta da aula, o raciocinio descansa por um pouco nos braços do mêdo. Vem de novo a duvida e o terror. Vê-se entrar o lente, deseja-se penetrar nas intensões d'aquelle executor de magoâdas provações. Os olhos attentos descobrem-lhe na cara signaes de que chama, ou que não chama. Da conclusão do raciocinio decide-se o destino, o estudante foge, ou então entra, vôa, como um pé de vento pela aula acima, querendo mattar o pensamento e a consciencia. A percepitação quer indicar os bons desejos, e o que se fatigou para chegar a tempo. Pobre innocente mocidade, que não sabe que tudo que pratica, já foi praticado por aquelles a quem pertende illudir. A velhice estúpida desespera-se, a intelligente sorrisse desculpando. A desgraça algumas vezes compraz-se em perseguir o infeliz, e é chamado á lição. É horrivel. O martyr vê alevantar uma cruz no seu mausoleo litterario. O que as mais das vezes acontece é passar incolume atravez de perigos e trabalhos.

Abençoado momento. Do intimo da alma são então um suspiro fundo e sentido que lhe refrigera o corpo com a maior tranquillidade. Não pôde haver nada mais satisfatorio momentaneamente.

Aquelle suspiro pôde traduzir-se por um juramento de nunca mais deixar de estudar a lição.

Ah! O pobre juramento expira á sahida da aula, e não torna mais a lembrar senão quando brevemente se encontra em idênticas circumstancias.

Todos os que foram estudantes sabem apreciar o valor d'estas agonias. Não ha voz que falle mais ao coração do que é a voz magica do sino, que vem terminar a aula quan-

do o estudante não sabe a lição. Ao par d'essa voz encantadora a voz harmoniosa da mais linda mulher, não passa do dissonante grasnar d'uma galha.

Existem academicos que estudam pouco, e demais são pouco animosos, e por isso em caso de perigo, vão aninhar-se entre os lençõs, e apellam para o soffrimento de molestias sem symptomas. Uns confiam-se n'uma cruel dôr de cabeça, outros deitam os alicerces a uma ptystica baseada nos sonhos hyperbolicos d'uma dôr de peito.

Assim variadas mas sempre tristes e melancholicas correm para os estudantes as compridas horas das manhãs comimbricenses.

Ha o momento d'um ponto mathematico, que sepára as tristezas das alegrias. É um Lethes sem barca, que se navega rapido da manhã para a tarde. Esse ponto mathematico é a primeira badalada, que annuncia o fim da ultima aula, muito principalmente nas abençoadas vespervas d'um feriado.

Os desgostos acabam, as doenças findam, os juramentos não tem ser; o passado esquece, e o futuro não lembra. O presente é que só campea alegre e feliz, como a quadra formosa dos vinte annos, que allí corre.

A tristeza, o isolamento e o silencio do almoço, são desforrados pelas folganças do jantar. Insignificante d'iguarias será elle, porém é rico de muito boa vontade, de muita alegria, d'animação e de ventura. Terminado o jantar, cada um vae procurar a distração, que mais estima e préza. Alguns vão n'uma tarde chuvosa d'inverno hybernar no volteio querido da mocidade moderna em torno do taboleiro d'um bilhar; em quanto outros mais propensos ao insuportavel penitenciam-se jogando as *damas* ou o gamão. Quantos com palavras de fogo e de vida, vão desenhar as esperanças douradas d'um porvir todo ventura, agrupando-se em torno d'uma mesa, esclarecidos pelo clarão resplandecente d'um *punch*, que anima?! Por entre as columnas dos rolos de fumo, que se crusam, escutam-se as espanções d'almas dedicadas pela patria. Allí vive muita amizade sincera e muito sonho d'amor, muitos desejos de sciencia. Outros, e não poucos, vão attrahidos pelo vicio, e talvez pela necessidade, perder o pouco, que possuem, e que não poderão talvez recuperar nas cartas mofinas e fataes.

Brilha porem a primavera com o seu estendal de flores, tudo é mais bello então !

Ostenta-se radiante uma d'essas tardes mimosas e suaves em que abunda Coimbra, a alma quer então respirar as fragancias enebriantes das margens do Mondego. Lá caminham os mancebos alegres ao longo dô rio, levam os pensamentos absorvidos em funda meditação, levam os olhos presos a essa longa fita de prata, que prende a Figueira da Foz, ao oceano atlantico. O sol d'ouro e de fogo brilha banhando-se abrasado no seu lago immenso, e dardejando os seus vividos raios nas folhas d'esmeralda de que se bordam as margens do poetico rio! A alma sóbe então para Deus, na contemplação da immensidade, e é só chamada para a terra pelo murmurio melancholico d'um barco, que navega fendendo as agoas, e pelas trovas suaves e harmoniosas do rude barqueiro, que descanta !

Coimbra é o paraiso de Portugal, é a cidade da sciencia, a cidade dos sonhos da liberdade, da esperanza e do amor! Formosa patria d'alma, que lá guardas os melhores momentos d'existencia.

A tarde pássa, a morte chega, e o fervor augmenta.

No jogo as paradas dobram, nos lupanáres scintillam as luzes, nas tabernas volteiam as taças, nas mesas recresce o delirio, e nos, que estudam consola ô saber. É bella essa vida dos vinte annos, que muda a cada instante em quadros de fogo. É bella essa vida, que rapida corre, deixando amarradas ao pensamento as lembranças d'esse tempo.

Essas recordações não morrem, ainda no fim da vida se encostam á campa.

Alberto extremeceu talvez neste momento, porque o ponto mais doloroso da sua vida ia chegar.

Qual será o meu destino? pensava o mancebo, encarando as mágoas, que o affligiam.

A lembrança da Viscondeça Maria, aquella noute de S. João, estavam sempre diante da sua memoria. Claudio pretendia apagar-lhe da lembrança a imagem querida, porém, eram baldados os seus esforços.

O amigo d'Alberto chegava a ambiçionar agora, que um novo affecto, lhe prendesse o coração, em vez de o ver persistir tenaz amarrado á pallida sombra d'um sonho.

Muitos dias os dous amigos passaram sem fallar n'essa linda menina, que tinha deixado Coimbra havia mezes, tão rica de bens de fortuna e d'innocencia, porém Claudio via claramente, que o silencio d'Alberto não era signal d'esquecimento. N'aquelle cerbéro, victima d'amor, divagava sempre a Viscondeça.

Era uma formosa tarde de julho. Alberto estava para fazer acto de formatura. As barracas para os banhos já estavam armadas no areial da praia.

O destino levou Alberto para aquelle sitio. Era o instante em que uma grande multidão de senhoras e cavalheiros vindos da Figueira desembarcavam no cães das Ameias.

Mostravam logo ser da alta sociedade, porque as suas maneiras eram delicadas, e as suas vestes de bom gosto e ricas! Alberto olhava com a curiosidade propria d'um rapaz de vinte annos admirando um rancho de mulheres novas, e formosas.

Qual seria pois a sua admiração quando vio no meio d'aquella turba a formosa Viscondeça?! A principio acreditou, que era uma fãntasia da sua imaginação, que era um delirio febril, porém, afirmou-se de novo, e não havia duvida, a linda mulher estava diante d'elle.

Se por acaso quizesse teimar em ter duvidas, teria de ceder sentindo uma voz bem conhecida, que o chamava, e uma pancada amigavel sobre um hombro, que o despertava para a realidade.

Olá, meu caro Alberto?!

Era o Visconde, pae de Maria, que fallava ao mancebo ainda mal tornado a si.

Senhor Visconde, balbuciou Alberto, estava agora bem longe de ter a ventura de o vêr.

Já vio Maria?

Foi a sr.^a Viscondeça, que eu primeiro vi.

Minha querida Maria, bradava o pae da Viscondeça caminhando para ella, que estava no centro das mais damas, e levando Alberto seguro pela mão, venho-te apresentar um antigo conhecimento, é o sr. Alberto da Cunha.

Meu amigo, disse a Viscondeça, tenho sempre um gesto extremo quando vejo antigos conhecimentos!

Sou muito feliz, tornou o mancebo, por o tempo não ter sido tão poderoso, que destruisse a lembrança do meu nome na memoria de v. ex.^a

Depois d'algumas apresentações, o Visconde pegou na mão d'um cavalheiro moço e elegante, e conduzindo-o junto d'Alberto, e disse-lhe :

Tenho a honra de apresentar ao sr. Cunha, o meu genro o sr. D. Pedro da Silva, esposo da minha querida filha!

Esposo da ex.^{ma} sr. Viscondeça?

Ha seis mezes.

Não pôde ser descripto o que se passára rapidamente na alma d'Alberto. O desgraçado apenas pôde balbuciar :

Tenho muita honra em conhecer a v. ex.^a

D. Pedro da Silva era um nobre fidalgo de Provincia, casára em Lisboa, com a formosa Viscondeça, e agora ia mostrar as suas vastas propriedades ao sogro e á engraçada esposa, e tencionava demorar-se em Coimbra, onde tinha uma boa casa, e já toda preparada á sua espera. Depois ia para a beira e o inverno deviam ir passal-o para Lisboa.

D. Pedro e sua esposa installaram-se na sua deliciosa habitação, e as mais faustosas alegrias cercavam os dous venturosos esposos. D. Pedro era um perfeito cavalheiro, bello, intelligente, e delicado, adorava sua esposa, e era por ella amado. No momento em que Alberto deixou a multidão, que acompanhava Maria, foi em busca do seu amigo Claudio.

O Visconde e o cavalheiro D. Pedro fizeram ao joven bacharel os mais cordiaes offercimentos, e elle prometeu ser assiduo nos futuros divertimentos, que projectara o noivo afortunado.

Quando Claudio soube da inesperada chegada da Viscondeça estremeceu, porque demais conhecia o caracter do seu amigo.

O amor podia leval-o a mil desvarios. A sincera amisade não podia deixar de ter médo do porvir. O negro futuro de ferro aterrava, mas ainda estava envolvido nas vestes douradas da esperanza.

Tarde chegou a formosa viajante, disse Claudio a Alberto affectando indifferença, brevemente fazes acto, e pouco depois partimos para Lisboa.

É verdade, respondeu Alberto, porém concluída que seja a minha formatura, posso demorar-me alguns dias. Nada temos que fazer já em Lisboa.

O amor era já o que fallava no espirito do namorado e ainda que elle o não presentisse, Claudio, não deixou de o conhecer. O amor aplanava mil difficuldades, e faz julgar verossimeis os maiores absurdos.

A narração d'Alberto pareceu estranha a Claudio, a mesantropia, que o magoava tinha fugido, a mais franca e leal ventura se manifestava agora. A Viscondeza voltava, cada vez mais bella, porém casada, e o homem que a amava exultava de felicidade.

Era maravilha de grande pasmo, e que o bom Claudio procurava debalde explicar.

Os dias passam velozes quando se é feliz, e quando os divertimentos cercam. Alberto procura endoudecer-se e não pensar seriamente no seu amor. A mais estreita convivencia comessou a forjar laços da mais sincera amizade entre Alberto da Cunha e D. Pedro da Silva. D. Pedro era leal, porém Alberto só procurava aproximar-se da mulher que amava, sem poder deixar de ver em D. Pedro um rival. Claudio combatia indirectamente esta presistencia do seu amigo em Coimbra, e quasi sempre em casa de Maria.

O acto já tinha sido feito. Alberto respondia sempre a Claudio, que não partia ainda.

Qual seria o seu plano. A mais sincera estima era votada pelo pae de Maria ao joven doutor, a amizade de D. Pedro cada dia tomava novas forças, e a formosa Maria, sempre e em tudo, dava a preferencia da estima e da consideração ao moço Alberto. A melhor harmonia reinava n'aquella familia. O quadro era de completa felicidade. Passeios no rio, caçada nos arredores, reuniões, bailes, tudo ajudava a fazer voar o tempo. Claudio ainda se não resolvera a abandonar o seu amigo, porque ainda tinha esperanza de o resolver a partir para Lisboa brevemente.

Quaes são as tuas tenções?

Não tenho tenções.

A pergunta de Claudio, tinha sempre da parte de Alberto a mesma resposta.

O pensamento é que luctava. A solidão é que despertava ideias más, porque o amor cada vez mais se agigantava. Se os olhos da mulher teem a faculdade mifagrosa de lerem o amor nos olhos do homem que a adora, por certo, que a viscondeça muí bem sabia, que era amada, se porem as palavras são percisas para rasgar esse mysterio e receber esse occulto segredo a esposa tudo ignorava ainda.

Quantas vezes no correr dos annos tinha Alberto visto a formosa Maria! Por certo muitas. Ainda bem treanças tinham brincado festivos, porem jamais o campeão dos brinquedos infantis, olhára para os encantos dos olhos travessos da sua companheira.

Chegou um instante em que a venda se rasgou, e em que os atractivos se patentearam.

Qual será a mysteriosa rasão d'esse arcano insondavel. Mil vezes vemos um ente por quem no futuro temos de sentir uma perdilecção ou antipathia extraordinaria, e vemol-o com a mais completa indifferença. O objecto de um energico amor, para nós mesmo no futuro passa-nos em torno, e comtudo nem sequer attentamos n'elle, e o que é máis, ainda consultados mal poderíamos comprehender como tal creatura podesse merecer uma viva paixão.

A viscondeça Maria estava agora mais desenvolvida e de uma robustez mais encantadora. Não era a formosa donzella debil e franzina, porem apparecia agora a mulher vigorosa no esplendor da vida e da felicidade. Maria era alta e airosa, lia-se-lhe no rosto a saude e o frescor dos vinte annos. Alva e rosada era-lhe a fronte como o rico fundo de um quadro de madrepérola aonde a mão de Deus tinha cravado os dois mais resplandecentes diamantes, esmaltes do diadema divino.

Roubados á coroa eternal eram aquelles olhos, que se fixavam magneticos sobre Alberto encondécido, e que o puniam pelo sacrilegio. Os seus cabellos eram negros, mas negros de matar, eram fortissimas cadeias forjadas pelas mãos do amor para enfeitiçar e para prender o temerario, que ou-sasse encarar a sua meiga e pura dona.

D. Pedro e a viscondeça Maria estavam no jardim tomando o fresco no fim de uma tarde de verão, quando Alberto

se apresentou. Não era estranha a aparição, porque a convivência do mancebo era assídua na casa de D. Pedro. Desta vez uma ausência de tres dias era quasi maravilha para os dois esposos.

Graças a Deus, bradou D. Pedro vendo Alberto, julgavamos, que estivesse doente.

Com effeito, já tinhamos saudades.

Permitta v. ex.^a, respondeu Alberto á viscondeça, que eu não creia n'esse ponto as suas palavras.

E' livre nas suas apreciações, tornou ella, mas certifico-lhe, que lamentámos a sua ausencia, e que se faz sempre desejado.

O pobre moço apaixonado, calcando o sentimento no intimo do peito, respondeu agradecendo. Unicamente Claudio conhecia as torturas do seu amigo. O visconde chegou do outro lado do jardim.

A franqueza e a lealdade eram apanagio do velho visconde. O tempo correndo veloz tinha dado ao visconde muito desengano, porem triumphante da lucta conseguira salvar um sorriso de satisfação para a sua velhice venturosa. Conhecia o mundo. O que era forçoso dar ao amor já lhe tinha esquecido, assim como tinha renegado dos sonhos de ambição. Rico, pae de uma unica filha, herdeira por seu avô materno da nma grande fortuna e de uma brilhante posição, espera tranquillo a morte, sem lhe preparar uma recepção de sentimento ou de terror.

Presado Alberto, e o visconde estendia as mãos a Claudio e ao seu companheiro, que estavam juntos a D. Pedro e á viscondeça, boa tarde. Como vae o meu querido Dr. Claudio?

Excellentemente, para poder cumprir as ordens de v. ex.^a

Não são capazes de imaginar em que me tenho entertido hoje satisfeitissimo?

Notem, acudio sorrindo Maria, que mui difficil foi poder alcançar-lhe a presença ao jantar.

Foi preciso ser eu o portador.

O visconde logo apoz D. Pedro tomou a palavra. Era forçoso justificar-se, e por isso perguntou:

Gostam de aves?

Bella pergunta, disse Claudio com rapidez, eu gosto d'ellas com uma estima trivial, porem Alberto vota-lhe um amor delirante.

Muito bem. Vejo, que poderei fallar, sem receio de ser condemnado. Tomei para mim a porção, de terreno que julguei precisa para fundar uma collonia. E' o meu Falansterio.

Com grave desgosto do caseiro.

Que se consóte como podr. Respondeu o visconde a seu genro, que o interrompera.

Alberto quasi estranho ao que se dizia junto d'elle, tinha os olhos fixos em Maria, que brincava graciosamente com um ramo de lilaz, o que não passava desapparecebido para Claudio.

Continue, meu caro visconde, já sabemos, que fundou uma colonia, saibamos agora quaes são os povos, que a vão habitar.

Toda a casta de aves grandes e pequenas, respondeu o pae de Maria, que eu possa arranjar, e desde já lhes peço, que se tiverem algum passaro esquisito, que m'o alcancem. Devo arranjar uma collecção admiravel. Que me diz a isto, Alberto? Parece que está abstracto.

Alberto estremeceu como despertando de um sonho. Ha momentos em que o homem ouve o que se passa em torno de si porem divagando por paizes remotos e desconhecidos, não responde; porem desperto, sente que a memoria volta, ou sempre esteve presente e falla com perfeito conhecimento do que se tem passado. Assim foi Alberto da Cunha.

O meu amigo Claudio acaba de afirmar, que eu morro de enthusiastica paixão pelas aves e comtudo não é assim! Só se perdeste o amor ha pouco.

Não digo, que as não amo, porem não são ellas o que mais amo.

Por certo, acudio D. Pedro, não seria muito de crer, que o senhor Alberto se apaixonasse por uma rola!

E porque não? perguntou Alberto.

Seridamente?

O visconde estava espantado. Tinha achado um enthusiasista muito superior a si mesmo.

Porem, senhor Cunha, era a viscondessa, que se dirigia ao seu mysterioso adorador, por Deus queira explicar-se. Não nos conserve por mais tempo suspensos. Primeiro admirados por ter uma paixão frenetica ainda superior á que tem pelos passarinhos, e depois por não querer, que haja espanto quando se lhe offerece por amante uma rolinha innocente.

Minha senhora. Ou o entusiasmo deslumbrante, que produz n'um desgraçado o espectro de um ente superior, ou tambem a compaixão, é que eu julgo os dois moveis, que podem despertar no coração o que se chama odio ou amor.

O amor é filho da compaixão...

Ou da consciencia da inferioridade. D. Pedro concluia a phrase do visconde, que attento esperava a solução do problema enunciado por Alberto.

Claudio julgava, que o sentimento amoroso do seu amigo não era extranho a esta excentricidade.

Alberto continuou:

Procurei no mundo mysterioso das visões encantadas os raios brilhantes d'essas estrellas expatriadas do ceu, mas deslumbrei-me e ceguei, antes de lograr possuir esse thesouro promettido pelo Deus da consciencia, mas a que a força creadora falta. Procurei na caridade o que não achava no amor. Quiz entornar os affectos do coração em beneficio dos entes fracos. Olhando para as innocentes avesinhas pareceu-me, que ellas tinham direito a um amor puro e santo. Sempre innocentes são accusadas pelo homem por procurarem o seu sustento e o dos seus filhos. São alcunhadas de mendigas pelo mesmo homem, que não é arrotéando a terra senão um bicho de outra especie, que ceifa as ceáras, em quanto a ave do ceu contenta-se colhendo grãos, que elle alli deixa cahir. Vi essas meigas creaturas de Deus passarem a vida na suavidade do seu amor puro e fiel, e cumprirem depois os seus deveres amando e mantendo seus filhos. As aves deram exemplo aos homens de justiça e de moralidade. Os carrascos ainda se infamam de novos crimes! Enquanto as provas aladas da benevolencia de Deus cortam o espaço, as provas vivas dos crimes de Satanaz, desfecham sobre ellas e assassinam-as cobardes. Amei as aves com enthusiasmo.

Então, disse a viscondessa, o seu amigo dizia a verdade.

Devemos ouvir até o fim, continuou o pai de Maria, porque segundo affirmou o sr. Cunha, este amor foi substituído por outro novo amor.

É esse que eu estou ancioso por conhecer.

Vou satisfazê-lo já, respondeu o mancebo a D. Pedro, e peço perdão por ser enfadonho.

Pelo contrario, o sr. Alberto não enfada, arrebatava e attrae encantando.

Agradeço, minha senhora, Se eu amava as aves porque as julgava desgraçadas, deixei de as amar apenas me convenci que ellas são mais felizes do que o homem, e concentrei o meu amor todo n'uns pobres entes mais desgraçados mil vezes.

Primeiro, tornou-lhe o visconde tocando-lhe no hombro, quero dever-lhe o favor de me dizer porque são ellas mais felizes do que os homens, quando eu já estava quasi convencido que eram muito mais desgraçadas?

Heide dizer.

Depois, continuou Maria, saberemos quem são esses symbolos d'infortunio, que lhe merecem tanta e tão rija ternura.

Julguei as aves desgraçadas, prosseguiu Alberto, mas conheci que me enganei.

Não é a dor que nos opprime a que mais nos lanceia, porque ou ella é mais forte do que nós e nos mata, ou diminue, ou acaba. O que nos dá maior magoa e flagello é o desgraçado conhecimento que temos de que o mal não tem remedio.

O que nos punge é sabermos que amanhã, no outro dia e sempre, os nossos tormentos hão de redobrar.

Esta consciencia do futuro é o que não teem as avesinhas, porque se mostram manifestamente felizes quando já lhe está sobranceiro o golpe que as vai ferir. As aves não tem receio pelo dia d'amanhã.

Sem lembranças do passado, e sem medo do porvir gosam do presente.

Outro movel fatal das agonias do homem é a sua ambição

desmedida. O bem estar social, foi a tortura mais cruel inventada pelo homem. Essa desgraça é ignota para os passarinhos.

As causas principaes dos dramas de sangue que teem horrorisado o mundo, teem sido o amor e o ciume, teem sido o desprezo das mais energicas paixões, porem as aves não sabem o que são amores falsos e mentidos, e não conhecem o desprezo porque, um amor é facilmente substituido por outro.

A ambição, que nos campos de batalha baptisa o assassinato com o nome de gloria, é movel poderoso das afflicções da humanidade, essa tambem não mancha as aves indifferentes ás jerarchias irrisorias. Sem amor traído, sem ambição, as aves gozam a vida muito mais tranquilla do que o homem. Convencido pois d'esta verdade, retirei-lhe a minha estima cordial, e lamento antes o meu proximo, e a mim mesmo porque me creio muito mais desgraçado, e de facto o sou.

O caso é que tem razão, disse o visconde, se vivem sem gloria, tambem não teem pena.

Apezar d'isso, acudiu D. Pedro, não ambicionava ser nenhum dos taes passarinhos.

O Bufon, tornou Claudio, devia-te um voto d'agradecimento pela apologia dos seus biographados. verdade o que affirma

Juro que estou convencida, que é senhor Alberto da Cunha, insistio a viscondeça, previno-o que não desisto ainda. Vamos agora a saber quem ama.....

Quem amo?

Alberto estremeceu, como se tocára a machina electrica. Depois serenou-se! Maria continuou:

Quem ama por compaixão?

Amo as flores, amo esse desgraçado lilaz, que v. ex.^a tem estado a martyrisar sem a menor dor, e sem que lhe fiquem nem sequer remorsos.

Pois cré que as flores sejam desgraçadas?

Creio.

Não quero que me tenha por criminosa, aqui tem o lilaz, e juro-lhe que fico arrependida de o ter colhido.

Alberto pegou soffrego na pobre flor. Era tão natural a

*

dadiva que ninguem a podia estranhar, o mancebo apaixonado, porem aceitou-a gostoso, e ficou em duvida se um pensamento amoroso teria feito nascer a offerta.

Não serão desgraçadas as mimosas florinhas?!

A voz d'Alberto era melancholica e triste.

Arremecem para a terra a semente que em pouco desbrocha, dão-lhe os cuidados e os disvellos. Para que? Para logo que ella brilhe florescente da sua primavera a arrancarem do tronco e entregarem-a á morte.

E que morte?! Uma terrivel morte prolongada. Collocam-a n'uma jarra, e mudam-lhe a agoa para se saciarem de ver como a pobre flor ainda conserva o seu brilho entre as agônias que a vão definhando. As flores progridem, amam, porem os homens por uma barbaridade ingloria não collocam os entes amados ao lado uns dos outros!... É myster que Deus bondoso lhe dê o mysterioso segredo de voarem nos ares para gozarem dos affectos mysteriosos do seu amor. Na sua desgraça ingente dá-lhe o Senhor forças desconhecidas para atravessarem os mares ou o deserto em busca do objecto da sua paixão gigantesca. São ainda as flores dos jardins as que talvez soffrem menos cruelmente. São, sim, um panorama de martyres graciosos para recrearem a vista dos seus verdugos, mas não se affrontam com as barbaras cruezas que as despedaçam nas serras.

Lá nas montanhas nasce a flor inculta, nunca tem um carinho benefico, nem um tecto que a abrigue do furacão, ou da geada, ou da chuva, nunca uma gotta d'agoa que lhe minore a sede com que a queima o ardente verão. Passa por ali a mão do homem, arranca, e mata a desditosa, pouco depois arroja-a para o chão, e lá vai depressa o prophano pé d'um impio esmagar a pobre florinha. Nascem as infelizes nos vallados, vão os ferros dos fazendeiros despedaçal-as, calcal-as depois, e dar-lhes sepultura ignobil, sem um pensamento de saudade.

É um poeta meu caro, disse o visconde, eu creio que as flores não sentem.

Comtudo, atallhou D. Pedro, o que diz Alberto, se não é verdadeiro é feliz de novidade.

Pobres flores! Balbuciu Maria quasi amorosa pelas lindas estrellas da terra.

Agradeço a v. ex.^a esse puro suspiro de compaixão por as minhas protegidas.

Baixando das regiões do segredo das flores, continuou o velho a sorrir-se, venha cá o meu querido Claudio, que é um homem sublunar, e venha admirar que lindos viveiros, e que bellas repartições para os meus pássaros.

Claudio deixava-se conduzir pelo pai de Maria quasi machinalmente, e o visconde continuava dirigindo-se para Alberto.

Hoje estamos incommunicaveis Amar as flores?!...

E ria a bom rir o ditoso ancião.

Um creado chegou, vindo de casa, prevenindo o senhor D. Pedro, que um sujeito lhe pertendia fallar. D. Pedro foi.

Alberto e a viscondeça ficaram sós no jardim, era ao anoutecer.

CAPITULO XIV

O CADAFALSO D'ALMA

Alberto sentio uma necessidade imperiosa de fugir d'aquelle sitio, uma nuvem passou por a frente do mancebo, quasi que sentio uma vertigem, cambaleou, porem apoiou-se a um vaso de marmore, que estava sobre um pequeno pedestal.

A encantadora Maria, objecto das suas adorações mais serias estava a sós com elle pela primeira vez depois que pertencia a outro homem!

Que pensaria do mancebo? Pois elle teria de partir para Lisboa... talvez para nunca mais, e não diria ao menos aquella mulher o extremo com que a idolatrava? Poderia fazel o? Não.

Pelo menos sem quebra da sua dignidade não podia. Era estimado por D. Pedro, a confissão do seu amor a sua mulher era uma traição.

D. Pedro estendia-lhe a mão d'amigo, quasi de irmão, e Alberto sentia remorsos antecipados, com vergonha de ter de lhe estender em pouco a mão d'um traidor. O esposo de Maria tinha-os deixado sós.

Como a fatalidade forja desgraças quando quer prescrever destinos de desafortunados. Trez dias se tinham passado sem que Alberto alli tivesse apparecido. Tinham sido tres dias de lucta. O infeliz queria partir, queria pôr o espaço entre si e a mulher adorada, mas não tinha forças. O amor é um despota invencivel, que amarra a mais clara e robusta rasão, e a faz ajoelhar-se-lhe aos pés com as mãos postas. As supplicas são escarnecidas.

O martyr voltou com a sua cruz sobre os hombros.

O que tinha soffrido n'aquelles longos tres dias é impossivel descrevel-o. Ninguem poderia comprehender tanto amargor, se mais ou menos em todos os corações o amor não fallasse imperioso. Os proprios soffrimentos, são os interpretes dos soffrimentos alheios. Alberto não tinha dormido, por isso estava com a cabeça perdida. Uma confusão estranha o dominava. Os seus pensamentos voavam de tropel n'um câhos medonho. O somno amigo dos felizes, foge da desgraça, e desaparece rapido logo que pressente os effeitos afflictivos d'um amor energico e sem esperanza. Debalde se pertendem entregar ao somno os sentidos, que se curvam ao poder de violenta paixão.

Cansado de muito pensar e de muito soffrer ardendo n'essa febre d'alma que mina e queima, procurou angustiado na solidão dos salgueiraes o linitivo para as dôres que o oppremiam. Não pôde encontral-o. Inutilmente queria buscar outros pensamentos. Buscava novos pontos em que distrahisse a vista, mas depois d'um rapido segundo procurava atravez dos ramos das arvores o lugar onde soppunha a mulher, que amava. Desesperava-se comsigo mesmo, voltava de novo a frente indignado, para pouco depois, 'ainda voltar ao seu proposito. No tempo que tinha estado em casa tinha sido estranho a tudo. Claudio mal tinhã podido fallar-lhe. Não tinha firmeza nos seus pensamentos, tudo n'aquelle abysmo do coraçã era incerteza e duvida. Maria, sempre Maria, mais nada. O terrivel passado agora estava tornado bello, pelos

horrores do presente. O casamento de Maria era um abysmo negro em que lhe naufragára a esperança.

E essa esperança gigante, cedo tombou, por que lhe metteu hombros o furacão da realidade tremenda. Tinha-se recostado, pensava poder vencer a insomnia. A fadiga era para elle uma ventura. Fechava os olhos, vinha um peso de ferro unir-lhe as palpebras cansadas, mas n'esse mesmo instante estremecia e acordava em sobresalto. Sentava-se agitado no leito, por que a tinha visto em rapido sonho. Dormia por um instante e vinha a sua imagem querida afa-gal-o risonha, e assentar-se-lhe ao lado.

Na convulsão do seu martyrio estremecia de novo, acordado, permittia ás lagrimas d'amor, que não envergonham que lhe corressem pelas faces. Miseraveis illusões de ventura que tristes vestigios, que deixaes?! Depois d'este luctar sahio finalmente com Claudio. A sua apparencia era socegada. Vinte vezes tinha parado na rua, com desejos de voltar para traz, vinte vezes tinha sentido intensão de tomar outro destino! Avistou a porta, chegou e batteu. Apenas sentio ecoar a campainha teve um desejo vivissimo que lá não estivessem. Subio e chegou ao jardim.

Sabemos o que se passou então.

O destino collocára-o a sós com Maria, depois d'um sofrimento espantoso. O horto foi muito amargo, no Calvario estava arvorada a cruz.

A tarde formosa do verão estava abafadissa e quente.

Os perfumes balsamicos embriagavam os sentidos, e o murmurio da fonte descantava amores. O ar tepido convidava a felicidade. As cores variadas das rosas, dos jasmins e das violetas, abrilhantando os verdes de esmeralda de que estava rico aquelle sitio, eram os esmaltes formosos do quadro deslumbrante, que representava nm anjo de Deus.

A Viscondeça Maria estava formosissima. A mão do Omnipotente n'um instante d'amor pelos homens, tinha depositado na terra um dos seus Archanjos divinos. Maria costumava estar sentada no sophá de cortiça. Estava elegantemente vestida de musselina branca, era uma antiga sacerdotiza d'Apolo inspirando a lyrá dos trovadores da idade média.

Maria, Maria, pensava Alberto contemplando-a, quem nun-

ca te vira, ou quem tendo-te visto e morrido d'amor por ti, perdêra a existencia n'essa hora.

O desgraçado estava só, diante da mulher do seu amigo, e essa mulher, era a mulher que elle perdidamente idolatrava.

O crepusculo é a hora mystica do amor.

O sussurro melancholico da viração esvoaçava por entre os arbustos. A natureza gemia saudades n'aquella hora abafada e mysteriosa.

O perfume delicioso do jardim, ao mesmo passo que ia adormecendo languidamente os sentidos, ia despertando desejos, e vivificando o espirito. As agoas christalinas que se despenhavam alegres e saltando por sobre as conxas symetricas d'uma cascata visinha, formavam com o seu murmuro uma conversação de namorados.

A natureza ateava o fogo no espirito, e o espirito queimava o coração.

Tinham já decorrido alguns instantes, porém o amante desditoso não se atrevera ainda a quebrar o silencio, contemplava aquella mulher com frenetico enlevo, gosava o paraíso n'aquella contemplação.

Maria olhou para Alberto, e fallou socegada, por que no seu espirito não existia a minima sombra que a podesse alterar.

Por que está triste senhor Alberto da Cunha?

Por que sou o homem mais desgraçado, que existe no mundo.

Que blasphemia! Atalhou a viscondeça procurando levar a conversação para um campo festival, o que Alberto não permittio insistindo:

Juro que digo a verdade.

Não havia remedio senão condescender, foi o que fez a virtuosa esposa de D. Pedro da Silva.

Nesse caso, começou ella graciosamente, como os desgostos partilhados se minoram... conte-me os seus tormentos, que talvez se lhe possa encontrar linitivo.

Alberto sentio uma convulsão que lhe percorria os membros, e respondeu em voz sepulchral.

Se V. Ex.^a soubesse o que póde!

Santo Deus, que voz synistra! Que aspectol Queiro dizer-lhe com franqueza... Ha já bastante tempo, que o encontro mudado.

E tem reparado?! Loucura! Alberto ria como um louco. Que importa á senhora viscondeça a minha ventura, ou a minha desgraça, ainda mais a minha vida ou a minha morte?

Jesus! Pois eu, tornou ella, que lamento as desventuras de todos, não teria muito sentimento pelas mágoas d'um antigo amigo?

Perdão, minha senhora. Tenha dó de mim.

As lagrimas chegaram aos olhos do desditoso, que continuava. Tenha dó de mim, mas não me pergunte nunca mais o que eu tenho.

Veja que está despertando a minha curiosidade. O senhor Cunha não pôde ser infeliz.

Porque?

Foi um brado quasi em furia a pergunta do martyr d'um amor cruel.

O senhor Alberto é joven, esta n'uma bella posição, é dotado de talento, dentro em pouco estará collocado n'um lugar honroso.

E dão essas cousas felicidade?

Que dá então a felicidade?

É a paz domestica, tornou elle, é a tranquillidade do espirito, são os gozos reaes dos sonhos encantados, n'uma palavra é o amor.

Pois bem, ainda mesmo procurando a ventura no amor, proseguio a viscondeça, qual será a razão por que o senhor Cunha não será feliz? Pois deve um homem com uma alma de fogo deixar de encontrar na sociedade, que o admira, uma mulher bella e pura que o comprehenda, e que lhe dê essa ventura intima que ambiciona?

Uma viva dôr magoada, despedaçava o coração de Alberto, sentia-se ferido por um raio abrasador.

Ao desespero succedia o abatimento. Soltou um suspiro, talvez o mais doloroso de toda a sua vida, que foi eccoar tristemente aos ouvidos de Maria.

Não esteja triste, que me afflige tambem!

Obrigado, disse elle. Deixe-me estar triste. A minha vida

tem de ser passada entre o desespero e a mágoa: esta é mais melancólica, mas não é tão despedaçadora. Apraz-me estar triste e sombrio por que me parece que Deus creou esta hora para o pranto e para a dôr! Tudo no meu pensamento me convida ás lagrimas. Quem podésse chorar. Apraz-me estar triste por que me esmaga a maior desgraça que pôde oprimir.

Não o comprehendo! A pobre Maria estava tão conscienciosa dos seus deveres, amava tanto seu marido, prestava tanto respeito ao seu juramento, que nem sequer o mais leve pensamto criminoso lhe esvoaçava na mente. Sympathisava com Alberto, via n'elle um rapaz delicado, talentoso, e magoava-se de o ver afflicto. A viscondeça estendeu o braço indicando ao mancebo um lugar junto a si, e continuou fallando-lhe com meiguice e bondade:

Venha aqui sentar-se ao pé de mim. Conte-me os seus dissabores. Quero tornal-o venturoso.

V. Ex.^a diz?...

Que o quero tornar venturoso.

Ordena-me que me sente ao seu lado.

Não ordeno supplico!

Manda-me que lhe revêle a causa do meu tormento.

Mando.

Veja bem minha senhora?!

Santa Virgem que mysterios! Tornou Maria já impacientada. Mando sim.

Que desgraça!

Alberto sentava-se junto de Maria erguendo os olhos ao ceu. Era uma ultima supplica, ao Eterno.

Não posso comprehender!

Vae comprehender minha senhora, as palavras de Alberto corriam com rapidez dos seus labios descórados. O vulcão não podia já reter nas entranhas o fogo immenso. Vae comprehender. A minha primeira palavra é a ultima gotta na taça de agonia, que trasborda. É a maior ventura um amor correspondido, como é a maior desgraça um amor calcado aos pés, ainda mais um amor fatal, criminoso...

Está apaixonado? A mulher que ama deve ser digna do seu amor! Serão felizes...

Serei desgraçado, por que este amor abraza...

Sem queimar!

A viscondeza ainda sorria graciosa, porém Alberto que já não podia sofrer no coração por mais tempo o enorme peso do mysterio, proseguio com vehemencia nascida do intimo da alma:

Adoro santamente uma mulher, porém quando o homem tem a desgraça d'amar a mulher, que pertence a outro homem, e que esse homem é seu amigo, e quasi seu irmão, esse homem deve saber morrer, para não ser infame aos olhos do mundo, d'ella, e de si mesmo.

A esposa de D. Pedro estremeceu. Alberto em delirio perdido e louco, deixou-se cahir ajoelhado, na rapidez do seu extremo frenesim, segurou a mão da viscondeza não lhe dando tempo de a retirar, e beijando-lha, exclamou:

Maria, Maria, para que a vi eu!

O veu estava rasgado. O mysterio tinha fugido.

A afflicta mulher estava n'um estado cruel.

Comprehendeu n'um instante o melindre da sua posição, vio o abysmo que tinha aberto aos pés. Olhou em redor de si. Ergueu rapidamente o homem que soluçava aos seus pés. Mil vezes se arrependeu da sua insistencia louca. Pobre mulher, como poderia pensar n'uma desgraça de tal ordem?! Comtudo era myster salvar d'aquella posição dolorosa, não podia buscar auxilios estranhos da sua fraqueza é que tinha de tirar a sua força.

Evocou ao pensamento a santidade das suas promessas feitas aos pés do altar, e sancionadas depois pelo seu coração.

O amor e o dever eram os esteios poderosos que lhe davam coragem.

Alberto ergueu-se, tinha lagrimas de fogo correndo-lhe nas faces. Eram essas lagrimas d'amor que podem correr no rosto d'um guerreiro, sem que lhe sejam labéo de vergonha.

Diante do imperio do amor não ha valentes, nem fracos, ha só escravos e martyres.

Senhor Alberto da Cunha, torne em si, disse ella com voz firme, veja que está louco. Esqueça-se do que proferiu, eu

nada ouvi. Adoro meu marido, e sei o que devo á minha dignidade. Deixe-me ter o direito de o respeitar como homem de bem, e não me imponha a obrigação de o desprezar. Disse que entre a infamia e a morte escolhia a morte, eu tambem perfiro a morte, á deshonra. Um segredo criminoso deve ter por campa o esquecimento. O senhor Alberto deve sair d'esta casa. Nada de loucuras. Esqueça-se de tudo, e seja homem de bem!

E diga-me, querida Maria, balbuciou elle, não me des-presa.

Não, respeito-o e lastimo-o. Adeus para nunca mais!

Maria, prorompeu Alberto com a voz cortada pela afflicção, sou mais feliz do que merecia ser na terra. Não pôde haver no ceu ventura igual. A mulher que adoro..... que adorei, era digna do meu amor. Se não me impozesse esse perceoito sagrado seria um ente vulgar.

Maria estava de pé altiva e firme, como a desgraçada rainha de França marchando para o cadafalso injusto, e respondia salvando o homem que lhe confessara o seu amor criminoso!

Sou casada!... Estas palavras são um abysmo, que nenhum homem d'honra se atreve a transpor, a fama d'uma mulher é um thesouro sagrado, que a virtude não prophana, e onde a vilania não pôde chegar. Se julga que não terá força para reprimir o seu amor, não torne a ver-me, e parta, mas se quer ficar é-me indifferente. Quanto a mim nada temo. Os homens honrados saberão respeitar a dignidade da mulher que se presa, e os infames que se esquecerem sabel-os-hei desprezar. Se teve a fraqueza de confessar o seu amor, tenha orgulho em o vencer e dominar, eu terei a coragem de esquecer tudo, e cumpriremos ambos os nossos deveres. O tempo cura muitas dores, o futuro ver-nos-ha dignos sempre. Uma esposa digna e pura será sua venturosa companheira. Adeus, senhor Alberto.

Maria ia para sahir, porem o mancebo ainda a deteve um instante, supplicando-lhe afflicto:

Não me fuja n'este momento, não parta sem me certificar que me perdoa. Cumprirei o meu dever.

O teu dever é partir para Lisboa onde te espera tua mãe, e a tua futura carreira.

Claudio tinha voltado havia pouco, deixára o visconde tractando dos seus frivolos negocios, e tinha ouvido tudo que tinha dito a viscondessa.

Maria quando se affastava respondeu ao infeliz Alberto.

Se carece do meu perdão, já lhe perdoei.

Dirigio-se para a sua habitação. O mancebo cahio sentado sobre o sophá, quando Claudio lhe batteu no hombro indicando-lhe o seu dever.

Tens razão, amanhã partiremos.

Vamos despedir-nos de D. Pedro. Tem cautella, disse Claudio, estás transtornado, e pallido.

Vamos.

Quando iam para se dirigirem para casa de D. Pedro sahia este alegremente, pedindo desculpa d'ausencia.

Demorei-me bastante, começava D. Pedro desculpando-se, porem não pude voltar mais cedo. A viscondeça?...

Sahio agora mesmo d'aqui, apressou-se a dizer Claudio, já vai anoutecendo...

É a melhor hora de passear no verão.

Nós iamos tambem retirarmo-nos, continuou Claudio para não dar logar a que D. Pedro pudesse reparar na alteração do seu amigo, que felizmente a noute occultava, é nosso dever igualmente recebermos as ordens de v. ex.^a porque amanhã vamos para Lisboa.

Sim... amanhã!... É forçoso!

A voz d'Alberto apesar de contrafeita, reconhecia-se-lhe quanto era repassada pela afflicção.

Pois querem partir agora? Prosseguio Silva. Porque motivo esta rapida resolução?

Demais nos temos demorado, Claudio fallando pedia a Deus que Alberto permanecesse callado, as nossas familias não podem levar a bem esta demora inutil. E' nosso dever irmos procurar o principio das nossas carreiras, e ainda mais é injusto fazer esperar nossas mãis.

Sim, é perciso, disse Alberto, está já firmemente decedido. Partimos. Não ha nada que seja capaz de fazer mudar a nossa resolução.

Comtudo, insistiu de novo o esposo de Maria, quando ha pouco os deixei; creio que não tinham determinado esta su-

bita partida, que se assimilha singularmente a uma desesperada fuga?

É verdade!...

É verdade, Claudio completava a phrase do seu amigo, dando-lhe nova direcção, é verdade que ainda não tínhamos particidado o nosso projecto, mas já estava decidido por necessidade.

É muito para lamentar semelhante proposito. Se me fosse permittido pedir a revogação de tal sentença, eu supplicaria. Temos feito uma convivencia magnifica, e é justamente quando iamos partir para gozarmos das bellezas do campo que nos querem deixar?! Sei que as suas familias devem estar anciosas por os verem já formados, porem a demora é apenas d'alguns dias, porque nós tambem breve partimos para Lisboa, e poderíamos ir todos, e pela nossa parte iamos em excellente companhia.

O senhor D. Pedro, é que nos pede para ficarmos?

O amargor e a intenção d'esta pergunta dolorosa de Alberto não podia ser comprehendida por D. Pedro que affirmava alegre:

Sim, sou eu que peço, e creio que se a viscondeça aqui estivesse juntaria os seus pedidos aos meus.

Os labios d'Alberto disseram d'um modo imperceptivel—Duvido!—era mais um gemido, que uma palavra, era uma interrogação á divindade.

A partida, tornou Claudio, está já definitivamente tractada. Não é possível.

Prometto que em oito dias partiremos todos, disse o esposo de Maria, Cada um de nós corta metade da sua vontade em beneficio dos outros.

Sim, é justo. É sorte, é destino.

É certo, prossegue sorrindo-se D. Pedro, apelemos para a sorte. Façamo-nos fatalistas. Pois não será fastidioso para mim ir agora correr o campo, sem uns excellentes amigos para as deliciosas pescas no Mondego, e para as caçadas nos campos? Alem d'isso dois bons companheiros nos frugaes banquetes camponezes... Convenho que sou um pouco egoistal... mas desculpem-me.

Isto é ainda sem fallar na sua aprazivel e bella conversa-

ção! Vamos está tractado!.. Não fallemos mais em partida!
D'hoje a quinze dias estamos todos em Lisboa!

Porem eu julgo...

Em quinze dias! Claudio foi interrompido por Alberto, D. Pedro continuou:

Nunca vi o nosso amigo Claudio tão insistente.

Talvez eu tenha razão! Continuou este.

Talvez não!

Gosto hoje mais da docilidade d'Alberto.

D. Pedro voltou-se para o mancebo, que a sangue frio desejava fugir do abysmo, que antevia, e dizia-lhe.

Que fez da sua costumada bondade?

Não s'esqueça nunca D. Pedro que nós queriamos partir e que nos não deixou cumprir o nosso desejo.

Não de certo. Fico cconstituído n'uma obrigação de mais, é esta prova da leal amizade, que devo a tão bons amigos.

Alberto estremeceu, a palavra amigo parecia uma censura pungente, ou antes uma ironia da sorte pronunciada pelos labios de D. Pedro.

É loucura mudar de projecto.

Eu fico, disse Alberto decedido ao seu amigo, não devo partir. Iremos todos juntos para Lisboa. Os decretos do ceu não se revogam na terra. Minha mãe esperará mais alguns dias. Jornada farei eu d'onde mais longamente heide ser esperado. O destino é um livro de ferro, não é para as forças dos homens voltar-lhe as folhas, sem que sejam auxiliados pelo tempo. O que lá está escripto hade fazer-se. Por cada pagina de martyrio são venturosos os que lá encontram uma lettra de ventura.

Era assim que terminava o caderno volumoso escripto por uma lettra clara e firme, o que depois se seguia era escripto por outra penna. Parei com a leitura e perguntei ao padre Claudio, que eu já conhecia como o amigo d'Alberto a razão d'aquella mudança.

Até ahí é que o meu infeliz amigo pôde escrever, disse o padre, o que se segue, é o doloroso remate d'esse drama. Fui eu que o escrevi. Continuei a ler.

CAPITULO XIV

ULTIMAS LAGRIMAS

O futuro veio realisar as tristes prophcias do martyr assignalado pela providencia para expiar talvez os peccados de muitos. A desgraça apontou-lhe para uma estrada magoada e dolorosa, e o desditoso fechou os olhos e caminhou. O caminho estava juncado por abrolhos rasgadores, que lhe despedaçavam os pés na senda afflictiva, mas elle como um novo Ashaverus prosseguia sem cessar. Propheta dos seus tormentos, antevia o seu futuro, porem não tinha forças para se affastar do abysmo. A fatalidade tinha ideado um magnetismo diabolico.

Nós ficamos em Coimbra. Quando sahimos da casa de D. Pedro ainda eu procurei desviar Alberto do seu proposito, ainda lhe ponderei as desgraças que poderiam seguir-se. Aquelle cêrbero enfermo já nada respeitava.

A sua amisade era immensa, mas a sua agonia era ainda maior, por isso apenas me respondia:

Parte, deixa-me tambem. Quanto a mim nenhum poder humano será capaz de me affastar do que julgo que me é imposto por Deus. A minha sorte está decidida.

Esse amor não tem futuro.

Quem sabe?

A allucinação tornava-o cego, ainda tinha esperanças.

Pois tu, perguntava-lhe eu de novo, cres que poderás chegar um dia a ver Maria sem paixão?

Não.

Julgas que ella chegará a atraiçoar seu marido?

Tambem não.

Qual é pois o teu destino.

Bem via eu que desesperava Alberto com esta insistencia cruel. Deus sabe que a minha intenção era pura. O meu pobre amigo, com a fronte pallida, os olhos brilhantes de fogo, e a voz alterada e dolorosa punha termo a tudo, dizendo:

Não me perguntes nada, não indagues nada. Deixa-me caminhar ás cegas. Não destingo o sol das trevas, só vejo

uma athmosphera mysteriosa. Pergunta ao cadaver porque permanéce no sepulchro em que jaz, e ao alienado porque persiste na sua louça apprehensão, e porque poderes superiores prendem um á immobildade, e o outro á loucura? Eu estou presa tambem d'um poder fatal. Se é de Deus ou de Satanaz não sei.

Se me perguntares se eu quero morrer, ignoro-o, se me perguntas se eu tenho consciencia da vida, tambem não sei, creio mesmo que não!

Morri quando me foi vedado o amor de Maria. Estou ansioso por solver a divida com o futuro.

Cada phrase do meu amigo, em que eu descobria uma agonia proxima da loucura, era para mim afflictiva. Os paroxismos da vida teem lampejos muito menos dolorosos do que era a existencia d'Alberto, nos ultimos dias da sua curta carreira.

Fomos para o campo, corremos muitos logares apraziveis, porem a imaginação d'Alberto, poetica e brilhante como já fora tinha morrido, amortalhada no seu ultimo desengano d'amor. Taciturno sempre, apenas fallava respondendo ás perguntas, que lhe faziam.

D. Pedro cem vezes estranhou a mudança do nosso amigo. O visconde com o seu genio folgazão e superficial, sorria-se attribuindo por leviandade a paixões romanescas os tormentos d'Alberto.

Maria tremia a cada interrogação de seu marido, e a cada phrase menos pensada de seu pai. A posição d'aquella mulher era tambem magoada e triste, porem ella cumpria como heroina os seus deveres, jámais uma palavra amarga ao mancebo apaixonado, mas tambem nem um volver d'olhos que traduzisse a mais ligeira esperanza.

A viscondeça tinha uma alta consciencia da sua honra, era incapaz de a manchar, comtudo não ha coração de mulher, que não corresponda no intimo, ao menos com a compaixão amiga ao homem, que ella sabe que lhe tributa um energico amor. Maria lamentava Alberto.

Passaram os dias de folguedo, para os felizes, que se divertiram, e os dias d'agonia para Alberto cada vez mais pallido e magro. Estava mudado, assimilhava-se a um cada-

ver. Já tinha confessado que soffria. D. Pedro disse-me algumas vezes:

Creio que o nosso Alberto não dura muito. Que subita mudança. O senhor que é seu amigo intimo, veja se o resolve a tractar-se. Aquella cabeça romanesca é um fogo que o queima.

Dizia tudo isto, porem de nada nunca desconfiou. Voltámos para Coimbra.

Alberto levantou-se um dia, triste como sempre.

Tinham passado tres dias que tinhamos regressado.

Vestio-se e preparou-se para sahir.

Onde vaes?

Solver uma divida.

Tambem vou.

Quero ir só.

É segredo?

É uma divida de jogo.

Mas tu não jogaste?!

Joguei a vida, e quero saber se perdi.

Bem, não insisto. Ha tempos que és para mim indecifrável, accrescentei eu, demóras-te muito?

Não. O enigma hade ser em breve adivinhado.

Comecei a vestir-me, Alberto sahio, e eu ainda me demorei. A victima caminhou só e com passo firme, talvez com um sorriso nos labios, e com certeza, com o fel no coração, para o patibulo, que o esperava.

Alberto chegou á porta da habitação de D. Pedro, e entrou percipitado. Ninguem pôde hoje saber qual era o pensamento do meu amigo. Talvez ia para se despedir da viscondeça! Pensaria em lhe participar a solução, que tencionava dar ao problema da sua vida?!

Não era possivel porém que Alberto imaginasse que o visconde tinha sahido, e que só voltaria á noute, nem que D. Pedro n'aquelle mesmo instante sahiria.

Se é destino ou providencia o que regula a sorte dos homens não sei, porém que existe um poder soberano que o despõe é inquestionavel.

A religião em nome da fé aponta para a Providencia.

Então Alberto foi um martyr.

Se o acaso foi Rei, Alberto foi apenas o ludibrio do nada. O primeiro creado que encontrou disse ao joven doutor, que todos tinham sahido menos a senhora viscondeça.

É facil imaginar o que se passaria n'aquella cabeça de vinte annos! O que a desgraça poderia ter preparado para um banquete de seu regosijo festival, era longiquo! As consequencias fataes eram a sombra de um sonho, realisando o pensamento de Pindaro.

Onde está a senhora viscondeça?

Na salla do jardim.

Muito bem.

Quer que lhe vá dár parte que está aqui?

Não, eu mesmo vou.

Um vislumbre d'alegria devia passar pela cabeça deste homem! A mulher que amo está só, vou vel-a, fallar-lhe, e ninguem me poderá obstar.

O pobre Alberto correu apressado, chegou á porta da salla e achou-a aberta, entrou e fechou-a.

O senhor Alberto!

A viscondeça ergueu-se rapidamente, e vendo que o infeliz fechára a porta perguntou-lhe anciada:

Que faz senhor?

Fecho asta porta. Quero fallar-lhe Maria, e depois quero morrer.

Meu marido sahio.

Já sei.

Por Deus, saia. Mete-me mêdo. O seu aspécto.

É o do martyrio.

Porque não seguiu o meu conselho?

Porque não pude, e porque seu marido mandou o contrario.

Meu marido ignorava tudo, e o senhor devia poder.

Porque o homem deve ser superior á paixão, dizia Albarto sorrindo, sou, sim sou. Porém entre a vida d'auzença que me propõe, e a morte eu perfiro morrer. Vinha dizer-lhe que vou morrer. Peço uma oração christã por um martyr d'amor.

Não diga loucuras. Antes de tudo abra essa porta.

Nem mais um instante aqui estarei; se o não faz chamarei alguem!

A viscondeça pegava n'uma campainha que estava sobre a meza.

Não uze vossa excellencia d'armas miseraveis quando as tem nobres e poderosas. Vossa excellencia quer esta porta aberta. Eil-a.

Alberto cumpriu a ordem de Maria.

Que vem aqui fazer então?

Pedir-lhe uma saudade como lugubre recompensa do meu longo martyrio.

Este homem está louco, é perciso sahir!

A viscondeça deu alguns passos para se retirar, de repente Alberto ajoelhou diante d'ella, mas em distancia, uniu as mãos supplicantes, e erguendo os olhos arrazados de lagrimas balbuciou:

Por piedade a esmolla d'um momento.

Era tão triste e magoáda a voz d'Alberto; era tão dolorosa a expressão da sua phisionomia que Maria sentio-se cruelmente reppassada d'angustia, cobrio o rosto com as mãos para não ver aquelle vulto venerando do soffrimento. Aquelle immenso amor em vez de ser um mysterio para a viscondeça, era uma verdade pungente. A duvida teve de ceder o lugar á certeza.

Que trance Deus do ceu!

Perdoa-me anjo do ceu, principiou elle, são duas palavras só: O vassalo da morte da beira do tumulo envia o seu ultimo adeus á fada que lhe prescreveu a sina mortuaria. Não é o ultimo canto do cysne, é o derradeiro estertor d'agonia. Com que amor a tenho amado, nem o pódem adivinhar corações, que o não sentiram; nem sonhar pensamentos, que n'elle se não abrasássem; nem pronuncial-o pódem as vozes dos homens. O patibulo espera o criminoso. A cruz espera o martyr. Criminoso, não, martyr sim, que o sou. Amor ou loucura, mas crime não.

Alberto, Alberto, por Deus, cälle-se, queira sahir d'aqui, levante-se, deixe-me!

A posição era cruel, mal poderia o coração bondoso d'aquella mulher, chamar em seu soccorro os seus creados. Poderia ella querer expor á irrisão publica o homem, que tanto a amava?

Poderia ir desafiar sobre a cabeça do desditoso a justa vingança de seu marido? Tudo isto era impossivel. Permanecer porém n'aquella anciedade era tambem despedaçador. Era esposa e amava. Uma suspeita podia envenenar os sonhos encantados do seu futuro d'amor. Era mulher, prezava a sua honra. Uma nódoa ainda que mentida, podia embaciar o lymphido espelho d'uma reputação irreprehensivel.

Se o vulto da padroeira de Paris surgisse agora do seu tumulto de séculos, e apontasse de novo ao Rei dos Humnos o vasto Oriente para theatro dos seus flagellos, libertando a patria em nome de Deus, não poderia Genoveva assumir aspecto mais sobrenatural e divino do que o da viscondeça Mária, quando mulher d'honra, a esposa virtuosa impunha ao seu amante ajoelhado que a deixasse em paz, e sem remorsos.

Era mais forte a candida Maria do que a Virgem do Senhor. Contra os flagellos dos impios, tem força a fé christã, contra as espadas dos guerreiros vandalos, havia para combater a virtude e a probidade. Os inimigos odeiam-se, e o odio cria forças gigantescas. Como achar porém forças contra o amor? Aquelle infeliz prostrado cahia pelo poder da paixão. Como poderia a mulher idolatrada, sem deidar despedaçar-se-lhe o coração a bocados como a tunica de Néssus, impor-lhe que a deixasse, impondo-lhe a morte.

Era a morte, que lhe impunha, porque o desventurado tinha dito já, que era uma despedida: era a morte, porque as lettras mysteriosas d'esse ultimo paradeiro dos destinos, avultava nas faces lividas d'Alberto: era a morte, porque a voz intima do coração lh'o segredava.

A sorte está lançada, Alberto ergueu-se. A luz dos olhos d'elle punha mais terror, do que medo. Luctei, cahi derrubado na lucta. O destino assombroso despedaçou-me as entranhas, o Prometteu não póde mais. Vacillante, encostei-me á sepultura, meu unico abrigo. Oh! é bella a providencia!...

Um sorriso infernal e sceptico fez estremecer convulsos os labios lividos do moribundo. Maria recuou atterrada, e o mancebo proseguio.

É bella a providencia, porque deu ao homem a esperança

como legado da sua eterna bondade. É verdade. Morreu a esperança da vida e da ventura, porém chega o destino benevolo, e offerta a esperança da morte e da desgraça. Creio, que blasphemo, porque o unico momento em que o homem é livre e forte, é quando pronuncia despotico a sua sentença—Não quero soffrer mais—Quando imperando no seu destino diz á vida—Acaba já.

Maria, antes de morrer, deixa-me apertar-te nos meus braços, dar-te um primeiro e ultimo beijo, seja embora o sello d'uma condemnação, é o infinito do amor resumido n'um mystico segredo do Omnipotente.

Alberto avançou em delirio para Maria, que trémula, se afastára, cahio sobre o sophá, porém, quando sentio o contacto dos braços do louco alucinado, repeli-o com força, e ergueu se bradando :

Nem merece compaixão. Podia ter dó d'um louco, mas desprezo um miseravel.

Á porta da salla estava D. Pedro da Silva.

O senhor Alberto da Cunha é um infame, que me ha de dar uma satisfação.

A luva de Silva bateu nas faces do amante desprezado, impremindo-lhe pelo contacto a côr do mais alvo marmore. As faces contrahiram-se-lhe, os olhos encovaram-se-lhe. Cerrou os labios n'uma anciedade espantosa. Dir-se-hia, que o pensamento interrogava o coração de balde.

A mulher á vista de seu marido assumio a serenidade, que o seu dever lhe impunha, mas não pôde reprimir na sua alma o terror pelas desgraças, que antevia. A figura magestosa de D. Pedro, era o symbolo da justiça. A sua consciencia estava pura, amigo leal, e digno esposo, não podia deixar de se julgar offendido, na sua honra, e de exultar pela sua bravura cumprindo os preceitos sociaes.

O seu olhar fulminava o seu adversario, quando pronunciou as terriveis palavras :

É um infame !

Um segundo, que foi um seculo d'angustia, e de tormento para Alberto, passou por elle envelhecendo-o.

Mente !

Maria estremeceu, D. Pedro avançou um passo, mas pa-

rou encarando com pasmo o transtorno assombroso das feições do homem, que tinha diante de si.

Mente! Parou um instante, e depois proseguio! Não é infame o reu de morte, que prescreve a si mesmo á sua propria e justa sentença: não é infame o pobre mendigo d'esperanças, que supplica á beira do tumulo uma saudosa esmolla de compaixão: infame, é o homem opulento de felicidade, que do alto do solio da sua fortuna cospe insultos n'um martyr amarrado ao poste do seu supplicio. Senhor D. Pedro da Silva, foi um homem de bem em quanto não pronunciou essa palavra, que lhe devia queimar os labios, como lhe ha-de queimar a consciencia, com remorsos. Sua mulher para ser digna sempre, não careceu d'esbofetear a victima: o myster do carrasco estava destinado para outro. Esta luva é um decreto de morte na sociedade; mas eu já não pertenco á sociedade! Vim aqui para ser o pregoeiro da minha partida para a eterna morada. Quando eu quiz partir obrigou-me a ficar!.. Resolvi morrer, e não me quero vingar da sua affronta, deixando-lhe em legado o nome de assassino.

Vinte vezes o quiz D. Pedro interromper, mas a vehemencia do seu contrario não lh'o permittio.

Apenas terminou de fallar correu como um louco, com força desconhecida afastou Alberto o seu rival feliz, arremecendo ao chão, e calcando aos pés a luva que tinha apertada ainda na mão. Com a rapidez do raio tudo isto se passára.

Eu apparecia n'este momento! Alberto entrando para o gabinete de D. Pedro e da Viscondeça ainda me vio, e disse-me:

Perdoa-me, se a amizade sabe perdoar!

Cheguei onde estava D. Pedro e sua mulher.

A Viscondeça chorava, e ouvi-lhe dizer:

Que vergonha!

Dize antes, que desgraça.

Era D. Pedro, que assim respondia á esposa, quanto a mim ainda não comprehendia, toda a estensão do infortunio, que alli pairava.

Salvem aquelle homem, bradou com afflicção, Maria, salvem-o, que esta morte é um crime horrendo, é um propheta de remorsos!

É impossivel !

D. Pedro pronunciou esta-palavra fria e pausada.

Ao mesmo tempo ouviu-se uma detonação d'uma arma de fogo, que acabava de se disparar.

Compreendi tudo. O drama de morte estava concluido. As primeiras paginas foram de martyrio e de lagrimas, a ultima era de sangue e de fogo.

Corri para a porta, veio o Visconde e os creados, e em pouco o mais triste espectaculo se nos apresentou. Fizemos saltar a fechadura.

Alberto estava estendido no chão, tinha dado um tiro na cabeça, e despedaçara o craneo. Na ultima agonia tinha levado ambas as mãos ao coração, que compremia ! Entre ellas tinha o revolver, o retrato de Maria, e o lilaz, que ella lhe dera.

Da epopea da vida d'um homem, só resta uma saudade como alma d'um tumulo.

Era assim, que terminava o manuscrito.

Era tão triste e magoado o desenlace d'este drama de que o sacerdote, que eu tinha ao lado, tinha sido um dos personagens, que eu não me atrevia a dizer-lhe, que havia terminado.

A tristeza comprime o espirito, como a alegria o expande. O padre vio, porém, que eu em abstracção olhava para o ceu, e não para o livro, e perguntou-me :

Já concluo ?

É verdade, agora mesmo !

Não pôde convidar felizes a dolorosa leitura d'essas paginas.

Pobre Alberto !

Dão pude pronunciar mais do que estas duas palavras, o padre Claudio proseguiu :

Quem poderá olhar com enthusiasmo para este mesquinho e triste mundo. Onde estará a felicidade ? Alberto, se não era rico, tinha uma fortuna para não soffrer privações, estava n'uma carreira brilhante, e era dotado d'um talento robusto. De que servio tudo isto ? Percorreu uma larga exis-

tencia d'agonias, e entoou essa ultima estrophe do poema da liberdade ao som do ecco mortuario da balla, que o despedaçou.

E a Viscondeça?

Vive com seu marido rica e feliz! Remorsos não os podiam ter, e as saudades e a compaixão, que são as flores da alma, como as flores dos campos murcham e secam e morrem depressa.

Ainda vive o pae de Maria?

Cada vez mais venturoso. O gozo está na razão inversa da comprehensão, o Visconde comprehende pouco, e por isso goza immenso.

Mas o meu presado amigo, lhe tornei eu, a quem posso e devo dar este nome, creio que me disse, que não soffria muitos amargores nem tormentos?!

Sim, gozo a consciencia de não merecér o mundo a potencia d'impôr o soffrimento aos seus martyres.

Troquei as esperanças pela cruz.

Mas a cruz fatiga?!

A cruz e o mártirio são a sina da vida. Todos tem o seu Calvario, o remate é a agonia, será mais feliz, o que melhor antepozer ao desespero a resignação, mais nada.

Era já noute quando me apartei do meu novo amigo, de quem tenho com prazer cultivado as relações da mais intima e leal amizade.

Sou feliz por algumas horas na sua companhia.

Diogenes diria abraçando o honrado presbytero, e admirando o seu character,

— Achei um homem! —

DEVER OU CRIME?

I

Temos neste momento defronte de nós a perspectiva grandiosa dos montes Herminios. A serra magestosa e gigantesca encosta-se possante para o lado do norte, no chão portuguez. Foram aquellas paragens, que nos longinquos tempos começaram a conquistar corôas de louros de victoria, que deveriam mais tarde enobrecer o pendão das Quinas triumphantes em Ourique ou no Salado. Foram os heroicos filhos d'aquelle abençoado territorio, que pelo valor de Viriato e dos seus bravos companheiros foram dizer aos senhores do mundo na batalha de Cannas, que haviam braços de não vergar, e animos de valentia mais, que humana. Esses braços eram os braços dos nossos avós, esses animos, são os animos de que nos sômos herdeiros. Os braços e os animos, eram de valentes lusitanos.

Os Turdetanos e os Celtas, e quem sabe, que mais hordas de extremados peleijadores tinham ensinado tanta bravura aos filhos da Península, que se lhes não via ao lado animo egual. Os Romanos aprenderam nossos brios no indomavel das nossas férreas vontades.

Os déspotas universaes, nunca tranquillos podéram gozar o jugo, que impunham pesadissimo aos filhos peninsulares. Nas Gallias, guerras d'extrimínio, destruição por toda a parte. N'um lugar são as povoações postas a fogo e sangue, n'outro são as ceáras queimadas.

A peste, a fome, e a guerra, pairam sobre o mundo avassallado pelos conquistadores herdeiros de Romulo.

Os Vandálos contáram aos Romanos o que elles tinham feito aos outros póvos, ensináram-lhes a fugir, e a ser escravos. O orgulho de Camillo dizia aos seus soldados — O que poderá acontecer? O que sempre acontece. Nós venceremos, elles hão-de fugir! — Os brados heroicos do grande general perderam-se no espaço com o volver do tempo, e o seu cadaver deveria estremecer na sepultura, vendo os seus herdeiros despojados quasi, vendo o imperio retalhado, e o estandarte possante das Aguias, arrastado pelas mãos dos soldados contrarios, que o escarneciam vencedores.

Depois do dia de hoje, vem o dia de amanhã. Os Godos deveriam seguir, como os póvos, que os precederam na historia, a mesma estrada d'opprobrio. Chegou o poder immenso, e com elle a immoralidade, com esta a fraqueza, e apoz o aniquillamento. A infamia do torpe Rei D. Rodrigo desperta a vingança paternal. e com ella a invasão dos Arabes. O Gaudaete é a lapide invisivel para o imperio, que nunca mais se vio.

Novas raças, novos póvos possuindo sucessivamente este sólo abençoade, que um dia.... Mercê de Deus!.... deveria ser partilha dos nossos avós portuguezes.

As terras da beira são do Conde D. Henrique. Nasce o Conquistador, e conquista-nos muitos palmos de terra para a patria, e muitos louros para nossa honra, e muitos brações para renome portuguez.

N'um alto imponente d'um oiteiro da serra da Estrella, estava edificado um castello grandioso e soberbo.

O monumento d'antiguidade tinha visto muitas das evoluções sociaes, que se tinham operado neste territorio. Mas quaes teriam sidó? Quando nasceria o gigante de pedra? Isso é que debalde o presente perguntava ao passado. O colosso grandioso estava denegrado pelo tempo, só nos ri-

gores do inverno, quando a serra se amortalha de branco, é que os flocos da neve iam também adornar a frente do castello senhorial, dando-lhe ainda um aspecto mais triste, e mais symbolico do abandono, que o cercava. Bastas correrias por alli passavam, a lucta encarniçada entre os sectarios da Cruz, e os filhos do propheta, conduzia os troços dos cavalleiros e seus acostados e prestameiros por aquelles arredores, porém nunca se aproximavam da velha fortaleza. Dir-se-hia, que um peccado de morte por alli tinha passado. O castello pertencia ao velho D. Luiz Coutinho, no tempo em que escrevemos esta historia.

Os annos tinham-se ido amortalhando nas eras, o poder dos portuguezes estendendo-se pelo occidente da peninsula tanto quanto merecia o seu estremado valor.

D'heroe para heroe tinha passado a coroa de D. Affonso Henriques.

As quatro partes do mundo tinham admirado tanto denodo e gentileza cavalleirosa.

De ventura em ventura, foi destino fatal topar um dia com a desgraça.

D. Sebastião foi á Africa. A infausta batalha d'Alcacer Kibir deixou um pregão de tamanha desventura, que os seculos, que teem corrido, e creio mesmo, que nem todòs que possam correr, poderão jámais esquecel-o, nem deixar de o ouvir sempre a murmurar-lhe aos ouvidos fatalmente. Contemplemos o dominio senhorial, que n'esta epocha em que se assenta no throno portuguez o cardeal rei D. Henrique, pertence ao muito nobre e poderoso D. Luiz Coutinho, cavalleiro e Suserano de Burgos formidaveis, e campeador famoso da batalha cruenta, que nos cubriu de lucto.

No castello vive o denodado campeão, mas ninguem o vê. Desde que foi a sua volta, carregado com o pezo da desgraça, e quem sabe se da vergonha que lhe competiu, n'aquella derrota nunca mais tornou a apparecer.

Estará elle por ventura só no castello? Não se vê lá ninguem.

Os dominios são immensos, a caça abunda, os fructos não faltam. Sitiado podia estar o cavalleiro que não seria a fome que o fizesse render jámais. Brevemente devassarêmos seus segredos.

Não se poderia dizer com certeza de não errar, quem teria sido o fundador do castello. Não era possível designar-lhe uma epocha de fundação. Parecia antes que em eras muito remotas elle teria sido edificado, e que o tempo pouco a pouco lhe tinha destruido uma parte, que depois se havia seguido uma epocha d'abandono, de guerra, ou d'esquecimento para o vetusto monumento. Mas ou a guerra passára, ou o abandono so trocára pela protecção, ou a memoria tinha expulsado o esquecimento, porque o castello via-se remoçado n'alguns pontos.

Os novos adornos porem marcavam uma nova era, e mais um largo periodo d'annos na idade provecta do ancião de marmore e granito.

Estava pois a habitação feudal em partes renovada, n'outras conservada apenas, e tinha outras partes que em verdade ameaçavam desabar sobre o viandante descuidado que acertasse em passar por alli.

A cordilheira portentosa da serra dos Herminios atravessa o fertil Portugal do sul para o norte.

O gigante vai contar aos Peryneus os segredos do extremo occidente.

A formosa rainha dos mares, que o braço lusitano ajudado pelos valentes Crusados, tirou aos sectarios de Musselim, escuta ainda o murmurio dos segredos, e vê ainda ao perto começar a erguer-se o vulto magestoso. No alto d'um outeiro que se ergue n'um declive d'immensa altura. é que está o edificio soberbo do velho feudalismo. O antigo monumento era conhecido por o castello d'Ataide, posto que pertencesse ao venerando D. Luiz Coutinho.

Os portões estavam abertos. A ponte levadiça estava baixa, e dando passagem a quem por ventura quizesse penetrar no velho palacio. Mas a solidão era o guarda mysterioso, ninguém d'alli se aproximava.

O pictoresco do lugar por certo não era causa para afugentar os caminheiros.

As arvores copadas e verdes bordavam as encostas e os valles, como attestado honroso dos habitantes, que se tinham felizmente esquecido do vandalismo dos seculos passados. As quebradas das agoas, que se despenhavam do alto da

serra, vinham em despenhadeiro por entre os rochedos, para brilharem como flores de prata por entre o verde de esmeralda das florestas de castanheiros e carvalhos. Estamos no outomno.

A tarde vai no fim, caminha-se com rapidez para a noite que promette ser tempestuosa.

Ao cahir do sol começaram as nuvens a erguerem-se de-negridas do horisonte, e a acastelarem-se gigantes sobre aquelles sitios solitarios. Alguns trovões longinquos retumbavam soturnos, e alguns relampagos fugitivos allumiavam funebremente aquella athmosphera abafadiça. O calor era insuportavel. A trovøada aproximava-se. Nem uma gotta d'agoa refrigerava a terra. O vento forte e secco varria as nuvens de poeira em direcção para o sul. Nem um lampejo de vida se bebia n'este ar abrasador, antes parecia que a morte adejava nas lufadas do vento, soffucando e comprimindo o peito.

No interior do castello tudo estava solitario. Corriam-se os vastos corredores, as sallas, e as camaras, e nem um escudeiro, nem um pagem por ali vagava. As escadarias desertas.

Na capella não recoavam, nem os sons do orgão, nem o psalmejar dos ministros do Altissimo.

Quem subisse ás torres, ouviria apenas o som lugubre das aves d'agouro piando synistras! Nem esculcas, nem vigias.

Por toda a parte o silencio, o ermo atterrador e tristemente melancholico. Não era um castello, não, era um sepulchro mal fechado ainda.

N'uma pequena casa baixa que deitava para o jardim, que fôra, e de que não restavam senão estatuas quebradas, e capiteis de columnas partidas, estava um homem velho. Era um antigo militar.

O guerreiro ainda mostrava nas barbas brancas e na tez bronzeada o exforçado do campeão dos combates. Era o escudeiro de D. Luiz Coutinho! Como seu amo, tinha ido á desgraçada campanha africana.

Vira acabarem alli tres monarchas. Chorava com seu amo e seu verdadeiro senhor, porque era senhor do seu coração.

A grande perda que entristecera para sempre o cavalleiro, tinha dado passado, presente e futuro de lagrimas ao escudeiro amigo.

Nas plagas da Lybia é que ficára o unico filho do fidalgo! Desde o momento d'essa morte nunca mais, nem senhor, nem acostado, mais quizeram saber do mundo. O esposo tinha ficado viuvo, o pai sem o seu unicofilho, e o honrado portuguez, tinha ficado quasi sem patria.

As portas da mansão de seus pais tinham-se fechado sobre elle para sempre, acompanhado do seu leal Mendo Lopes que o não quizera nunca largar. Os seus haveres eram dos seus antigos vassallos, ou antes seriam de quem os tomasse... que de nada queria saber o cavalleiro.

N'esta habitação silenciosa havia um outro homem ainda: era D. Vasco Martins, amigo intimo, e quasi irmão do velho D. Luiz. N'esse dia D. Vasco tinha voltado d'uma viagem d'alguns dias. Ninguem sabia o que fora fazer. Voltára porem o cavalleiro mais triste do que sahira, todavia mais firme e sereno. O seu rosto de marmore nada revelava. Como havia pouco que chegára, ainda conservava a sua armadura lusente.

O denso e funebre manto da noute, que parecia n'esta occasião ser tão medonho e atterrador, já tinha envolvido na completa escuridão o castello d'Ataide quando um cavalleiro a galope n'um cavallo negro entrou, empurrando a larga porta, depois de se haver apeado, e passado a ponte lavadiça. O cavallo ficou solto, e o cavalleiro entrou.

Um relampago fusilou, e allumiou com a sua luz, penetrando pela porta n'este momento, e deixou ver o rosto do homem que acabava de chegar. Era um mancebo. Trazia elmo, porem n'este momento erguera a viseira para enchugar o suor, que lhe sonhava a frente. Alagado estava elle, mas a chuva não a tinha sentido, e o frio não o molestava, porque um calor intenso e febril elle aquecia o coração.

Estava pallido. Aquella pallidez parecia dizer remorso e arrependimento. Não trazia armadura, nem ao lado lhe pendia a espada. As abobadas dos corredores eccoavam gemidos suffocados, que sahiam d'um peito anciado. Caminhava tremulo e vacilante. A capa negra e ampla em que ia en-

volvido dava-lhe o aspecto funebre d'um espectro formado pela fantasia creadora de maravilhas fabulosas. Não era a vontade que o dirigia, porém um poder forte o arrastava a seu pezar. O cavalleiro caminhava. Era Deus que o impelia? Era Satanaz? Arcanos do futuro não tem chave.

II

Tinham decorrido já as primeiras horas da noite medonha e tempestuosa do dia em que principiámos a esboçar esta narrativa. As torrentes d'agua tinham alagado os campos ressequidos havia pouco tempo. Era um troar assustador aquelle estampido constante eccoando na solidão estensa dos valles, e como que repercutindo das cavernas das alturas da serra.

Na vasta salla d'armas estavam dous cavalleiros sentados a pouca distancia um do outro. Silenciosos e tristes haviam elles estado havia muito tempo. Neste instante foi o silencio interrompido. Mais de trez horas talvez tinham decorrido depois que de todo escurecera.

Os dous cavalleiros eram D. Luiz Coutinho e D. Vasco Martins. D. Luiz era a estatua da resignação, D. Vasco, o symbolo da austeridade indomavel.

Que horas serão?

Esta pergunta era feita pelo cavalleiro D. Vasco a si mesmo, e nesta pergunta parecia envolver muito fel.

Que teria d'amargo o correr do tempo, que desse tão vivo afan ao illustre cabo de guerra? D. Luiz sabia de muitas desgraças que tinham flagellado o peito do seu amigo, mas eram desgraças iguaes ás suas, e nessas via o poder do Deus que respeitava. Deus é justo dizia o nobre portuguez christão, é por certo a punição dos meus peccados este meu sofrimento: Bemdito seja o senhor misericordioso porque me purifica na vida pelo martyrio para que eu possa merecer a eterna gloria lá na eternidade.

Não ouvi ainda esta noite, respondia placido D. Luiz ao seu companheiro, o relógio do castello dar horas algumas. Ou o frio o fez parar, ou o rumor da tempestade nos tem embaraçado de ouvir.

Talvez Mendo Lopes se olvidasse...

Não é dado o esquecimento ao meu fiel amigo!

Modello de escudeiros, acrescentou D. Vasco.

Ou antes da mais pura lealdade, servos d'estes, proseguia, ainda o senhor d'Alahide, não são servos, são irmãos ou filhos.

Não podia explicar a nuvem negra que assomou á frente do cavalleiro Vasco Martins.

Estas poucas palavras eram murmuradas baixinho, e d'um modo quasi imperceptível para se poderem ouvir pelos dous cavalleiros christãos. Ambos elles estavam armados, de sorte que mais pareciam duas armaduras desprendidas d'entre os muitos tropheus, que adornavam a vasta sala d'armas, do que dous homens cheios de existencia para soffrerem n'aquella solidão longiqua. Uma especie de chaminé vasta e baixa, ardia com um immenso brasido. As labaredas já se tinham estinguído, porém a ardentia das brazas de carvalho reverberava com vigor dando ao aposento um aspecto mysterioso e imponente.

O cavalleiro D. Vasco Martins estava sentado do lado da direita, era um vulto magestoso alto e robusto.

No seu rosto guerreiro via-se-lhe impresso um soffrimento profundo. Uma dôr muito amarga lhe tinha sido semeada no coração, para nascer em rugas nas faces desbotadas. D. Vasco era menos velho do que o seu velho companheiro. Este homem athleta de combates, não poderia ter mais do que cincoenta annos. O claro vermelho do brasido do fogo reflectia-se luzente sobre o aço pulido da sua esplendida armadura.

O seu pensamento parecia estar delirante, tal era o espanto do seu olhar, mas tinha os olhos sempre como espelhos fiéis da sua alma, representando mil ideias encontradas. Não podiam attentar um ponto unico e fixo, e pareciam no momento em que se encaravam annunciár um pensamento profundo e synistro.

D. Luiz Coutinho, senhor d'Alahide, era um pobre auçião alquebrado, oprimido pelo abandono das antigas forças, e que mal podia já com o peso da vida. Pobre velho deixava cahir a cabeça inclinada para sobre o peito, como cur-

vando-se respeitoso diante do pensamento da morte proxima, que se lhe afigurava sempre diante de si. Os habitos da guerra não tinham fugido com a louçania da idade. O soldado ancião estava completamente armado como o seu robusto companheiro d'armas. O peso do elmo tinha sido de mais, e por isso o tinha posto sobre uma cadeira d'espaldas que lhe ficava ao lado. O elmo bronzeado contrastava com a alvura das cans do seu dono. Infundia respeitoso praser o aspecto venerando d'aquelles cabellos, que os areaes d'Africa tinham visto encannecer, e que neste momento ignorados pendiam em madeixas sobre os hombros do peleijador da Cruz, em honra do moço e infeliz Rei D. Sebastião.

A luz rapida e fugitiva dos relampagos penetrava a furto pelas físgas das janellas do sallão obscurecido.

O lampejo vinha annunciar áquelles homens separados do bulicio do mundo o poder immenso de Deus. Os eccos do trovão, como harpa de santidade e de omnipotencia, atrovavam medonhos ao perto, para pouco a pouco se perderem ao longe, como despertadores infalíveis da consciencia humana, em honra do respeito divino.

O cavalleiro altivo e robusto parecia responder ao brado gigante da natureza com o sentimento forte e abrazador da vingança que lhe rugia no intimo do peito, e o pobre do velho só tinha para aquelles estrondos magestosos sempre os suspiros sentidos da mais religiosa piedade. Se tivesse inimigos só lhes daria o seu benevolo perdão.

D. Luiz Coutinho tinha acompanhado, o senhor Rei D. Sebastião, o monarcha esperançoso e juvenil da nossa historia, que um destino fatal quiz transformar no emblema da mesquinhez e da desgraça real, na incarnizada e tremenda lucta contra os infleis inimigos do nome christão. De tormento enorme tinha sido para elle uma hora fatal. O velho portuguez tinha visto a coroa portugueza resvalar da real cabeça do moço rei, para tombar e cahir nas areias africanas: tinha visto alli para sempre embaciar-se-lhe o brilho das suas heroicas glorias e façanhas, e tinha chorado por tal desdoiro, como filho estremoso da patria mãe idolatrada. Porém se eram grandes as dores do cavalleiro D. Luiz, não devera o outro cavalleiro ter soffrido menos no seu animo

varonil. As desventuras e as dores, que tinha encontrado na vida não tinham sido menos por certo, mas o seu animo rijo não queria aprender a vergar, D. Vasco Martins, era hespanhol d'origem, era altivo e soberbo como as garras orgulhosas do Leão da sua bandeira.

As lagrimas de muitas agonias enchiam-lhe o coração, porém, o valente guerreiro retinha-as alli presas pela potencia da sua vontade, embora ellas forcejassem por lhe rentarem pelos olhos ardentes para lhe queimarem as faces. Quem olhasse para o aspecto severo d'aquelle rosto, parecer-lhe-hia de visar alli a serenidade da paz mais tranquillã e bonançosa, mas era tudo isso d'este modo inexplicavel quasi, porque mais forte do que os sentimentos do seu coração, lhe pulava ardente nas veias a altivez da sua raça.

Corria o anno da graça de 1579.

Muito pouco tempo ainda tinha decorrido para o largo imperio do passado, depois que as amenas margens do Tejo encantadas tinham visto o poderio portuguez manifestar-se ao mundo. A frota gigante era adorno, que a princeza dos mares, enviara ao oceano immenso, como feudo senhorial dos seus brazões d'America, e da India. O Tejo tinha visto cheio de orgulho cem galleras formosissimas fenderem ousadas o seu seio benevolo, e tinha olhado com respeito para a bandeira das Quinas, que demandava ufana, desfraldando-se ao vento as ribas ardentes da terra africana.

Glorias de D. Manuel, o Venturoso, que immenso abysmo vos sorveu? Que fizestes moço Rei, Sebastião? Netto do Rei D. Manuel, onde estão os nossos brios d'outr'ora? Pobre monarcha allucinado, abraçaste a nuvem por Juno, matou-te o fanatismo, e lá foste fundir na praia da Lybia ardente o povo e a nobreza das boas terras lusitanas!

Venturoso pavilhão portuguez, já te ergueste cheio de gloria e triumphaste para inveja dos pavilhões estrangeiros, já viste prostrados aos teus pés cem monarchas do Oriente!

Famoso rei de Portugal, já adornaste a tua regia corôa das mais luzentes perolas dos indicos palmâres. Terra de tantas glorias, que negras sinas te fadaram! O presente funebre é tão atterrador, como foi o passado cheio de glorias esplendentes. Hoje tranzes-te d'agonias no centro d'um se-

pulchro aberto. Cadaver gellado, com labios sem voz, com olhos sem vista, e braços sem força, misera patria: o teu soffrimento deve ser espantoso, deves estorcer-te dolorosamente escutando os brados d'agonias infinitas, que sóta em seu delirio o povo portuguez.

Os nossos louros festivaes de cem combates, as nossas corôas, que nos enramáram as frentes em tantas e tão profiadas victorias, lá foram queimadas, tornadas cinzas pelos raios ardentes e fusilantes das adágas damasquinas dos protervos filhos de Mahomet.

O passado como um soberano respeitado, recebeu sentado no seu throno o preito e homenagem, que vinham muitas outras nações tributar-lhe de joelhos, e hoje o triste presente vê esses mesmos reinos orgulhosos, sorrindo de escarneo diante das tuas faces envergonhadas.

Cardeal Rei, a velhice procura um tumulo, o sacerdote um altar! Cardeal, deixa a real purpura, que a desbotas, larga o sceptro, que o não pôdem levantar as tuas trémulas mãos, depõe a corôa de que o péso te não permite erguer a fronte.

Cardeal Rei, o que fazem os teus povos? Os teus povos desunem-se em bandos faciosos. O edificio carcomido pela vetustéz permatura desconjunta-se, desmorona-se, desaba.

Alerta, Portugal, que só da união é que pôde nascer a força. Que vozes encontradas nos mil diversos pontos da patria?! D'este lado faz ouvir seu brado gigante o povo heroico! O povo brada na ingenuidade da sua alma guerreira, pelo soldado cavalleiro, por D. Antonio, Prior do Crato. Do outro lado a força potente d'exercitos aguerridos, proclama-se, despotica e cheia d'orgulho levantando-se em nome da lei, que prostra, e pretende ir escrever os seus controversos direitos na espada poderosa do filho de Carlos V.

O throno, o reino, a coroa de D. Affonso o Bravo, aos pés do monarcha Hespanhol.

Os eccos d'Aljubarrota, fazem-se gemidos, e os espectros de D. Nuno Alvares Pereira, e do heroico Mestre d'Aviz, cortam e partem as corôas das victorias passadas, com as folhas das suas nunca abatidas espadas d'outr'ora.

Entre as negras e funebrea paredes dos conventos dos

ambiciosos theocratas forja-se a traição ao patriotismo. O negro attentado está consummado quasi já.

D. Aleixo de Menezes educou o infeliz D. Sebastião na obscuridade do fanatismo, por elle o arrojou á morte, ou á perdição em longes terras, agora os abutres insaciaveis, os indignos filhos de Loyola, no collegio de Jesus, alevantam seus gritos sediciosos em nome da religião, e só ambicionam torpemente serem infames calcando a nacionalidade e roubando Portugal para a Héspanha.

A pobre e fraca voz do fraco Rei, debalde pertende fazer-se ouvir e perde-se no espaço, pugnando ingloria pelos direitos da netta d'El-Rei D. Manuel.

Patria, o poder do destino, ou o teu castigo, prescreveu a miseria, prefere antes a morte.

Antes morrer na lucta, do que arrastar vendida as vergonhosas correntes da mais ignobil escravidão!

Miserando povo portuguez, alimenta-te com as tuas lagrimas, já que te esqueceste de te alimentar com o sangue dos teus adversarios derrotados. Pranteia o pendão erguido e victorioso no passado, mas que em Alcacer Kibir ficou prostrado e vencido. Leal povo d'heroes, quando o Rei se esquecer de que é Rei, ou por arte e manha, ou por fraqueza, deslembra tambem, ó povo, que nasceste nas hordas populares.

O infeliz e alquebrado d'espírito, o quasi muribundo D. Luiz Coutinho, tinha encarando a patria perdida, tinha sentido murcharem-se-lhe para sempre todas as mais mimosas flores da sua esperanza.

Meu Deus, meu Deus, dizia o velho e afflicto cavalleiro, o que me resta agora a mim, já quasi cadaver e mal sustido á borda da sepultura? Que mais amarguras de fel poderá conter ainda o calix da minha longa e pezada existencia? Que mais poderá vir ainda atormentar-me n'esta vida d'afflicções?

A patria amada e querida, essa reliquia santa venerada dos avós não poderá ser partilha honrosa para os netos!

Pobre victima infeliz d'inaustos e cruéis destinos, eis-te manietada, cingida d'affrontosos grilhões.

O soldado velho de D. Sebastião chorava amargamente.

O seu companheiro estava estranho ao que se passava, um pensamento unico absorvia as suas faculdades.

As esplendidas flores da liberdade, prosseguia D. Luiz, eil-as para sempre murchas e seccas, já nem brilho, nem viço teem! A vida da religião e da cruz, tombar-se quer tambem aos prophanos pés do estandarte das meias Luas.

Alem... O velho mostrava querer designar as paragens agourentas das terras africanas. Alem, aonde se blasphemava torpemente do nome de Jesus Christo; muito amado, é que eu vi espirar, morrer, banhado no seu proprio sangue, o meu idolatrado filho! Filho unico do meu amor, que nunca mais te verei. É sina maldicta!

A voz do ancião era embaraçada pelos soluços que lh'a vinham cortar. D. Vasco pareceu prestar attenção, estremeceu, e começou a olhar sem volver os olhos para mais ponto algum.

Santa Virgem, que é isto? Repete D. Luiz quasi em delirio e erguendo-se. Por ventura não ouço eu bem? É o toque dos clarins da batalha, que eccoa pelas planicies ardentes da Lybia, é o pregoeiro da desgraça que proclama a victoria dos inimigos da nossa santa fé!

Espectaculo triste, eis as fronte dos soldados de Portugal! Encaro aquelles bravos, e os poucos desgraçados que restam, derramam lagrimas sentidas pelo rei que nunca mais hãode ver! Meu Deus, meu Deus, o que me resta agora? Já nada mais me pôde prender á existencia! Não podem mais tormentos oprimir-me, porque não podem mais desgraças flagellar corações d'homem.

Não podem!

A voz enfraquecia em D. Luiz que se deixava cahir sentado na sua grande cadeira ao mesmo passo que o cavalleiro D. Vasco movido por occulto mysterio se erguia bradando com força:

Não podem!

O guerreiro d'armadura lusente estava de pé como se pertendesse fulminar com seus olhares o velho que o encarava admirado.

Um sorriso de diabolica amargura se lhe desenliava nos labios vivia n'aquelle sorriso uma certeza pungentissima, que

apagava a derradeira esperança da existência de duvida. Era medonho de ver, D. Vasco Martins.

Porque motivo esse ardor, D. Cavalleiro? O que pertendeis dizer, meu valoroso amigo?

Estas exclamações interrogavam D. Vasco pelos labios de D. Luiz Coutinho; o seu amigo de batalha começou:

Escutai-me, campeão famoso do reino de Portugal. Vós apenas conheceis o cavalleiro D. Vasco Martins desde o momento em que elle veio da Hespanha para depor aos pés do Senhor Rei de Portugal a sua valente e gloriosa espada, e a sua coragem nunca d'antes abatida, para ter o direito glorioso d'ir militar em Alcacer Kibir contra os infames sectarios de Mafoma. Nada mais sabeis de mim!

É certo. Mas que tempo tem passado já!

A estação cruel da guerra e da derrota.

A desgraça aperta laços d'amisade.

Vencidos, voltamos!

Confortar-nos hemos na desdita.

Os acasos da guerra aproximaram-nos, prosseguiu D. Vasco, e as desgraças tornaram-nos amigos.

O bom cavalleiro apertava oprimido por uma dor viva e entranhada a dextra leal do seu amigo dos combates, entre as suas mãos robustas, e o soldado hespanhol prosseguia:

D. Luiz, não podeis pensar na extensão grandiosa dos tormentos, que me forçaram a ir ajoelhar-me aos pés do monarcha portuguez!

D. Vasco tirava os seus guantes, que arremessava sobre a mesa, e apertava depois junto ao seu coração as mãos tremulas e descarnadas do desditoso encido.

Vós, meu leal e estrepado amigo, interrompia D. Luiz com interesse, vós deveis a narração da vossa vida feliz ou desgraçada, ao vosso constante e desvelado companheiro dos perigos e dos trabalhos, nas batalhas e nas derrotas, vós não mentireis a esse nobre dever de confiança.

Hoje, brádon D. Vasco Martins quasi sem attender ao que dizia o seu amigo, hoje, que a dextra do Cardeal D. Henrique firmou com o seu real sello portuguez a perpetua deshonra para a minha familia, hoje, que o destino me orde-

neu imperiosamente um dever fatal, hoje, que as leis da honra me arrastaram aos pés do monarcha para lhe pedir a sentença infamante, que ha de erguer um cadafalso, a sentença cruel, que deve condemnar-me, hoje mesmo é que heis de escutar também a longa serie dos meus padecimentos immensos. Ah! nobre senhor de Athaide, exforçado D. Luiz Coutinho hoje conhecereis se podem por ventura azilar-se em peitos de homens, mais terriveis mais grandiosas, mais fúidas desditas do que as vossas!

O lume do fogão comessava a perder a força, e a extinguirse-lhe o brilho, e já mal permitia a fraca luz duvidosa, que se visse a calva fronte do senhor do Castello de Athaide, e mal fulgurava mostrando de espaço a espaço a dor, que viva transluzia no rosto afogabado de D. Vasco! As rajadas do vento tinham-se multiplicado sem cessar, a sua força era immensa. Parecia aos cavalleiros solitarios, que um braço omnipotente queria chamar para os abyssos o castello secular.

O cavalleiro D. Luiz estremecia a cada furacão, porque era na capella subterranea d'aquelle antigo monumento, que se guardavam os ossos de seus nobres avós.

Quando Deus me fez ver a luz do dia, comessava de novo o nobre hespanhol, e agora mais pausado e tranquillo, mal poderia eu pensar então na magoa, que o Arbitro supremo do universo queria no correr do tempo ligar á minha vida. Lembra-me como se fossem sonhos melancolicos da infancia, as palavras de meu pai, quando me contava ufano e cheio de nobre orgulho, sentado ao nosso lar, que só respirava alegria e felleidade, os nobres e heroicos feitos de Fernando, o cavalleiro. Lembra-me como se deixava arrebatado pelos sentimentos elevados do amor vehemente pela patria, suffocando então o que só a elle, e ás almas energicas e puras, quasi doar o Omnipotente, como prova authentica, lou de grande coragem, ou de grande fe. Recordo-me como elle engrandecia a nobreza dos louros do real guerreiro, que lhe tinham também a elle ornado victoriosamente a fronte. Não me poderá esquecer nunca do momento em que lhe ouvi contar, como os ultimos mussulmanos, que viveram n'esta terra abençoada, n'este jardim de frescas la-

rangeiras, tinham derramado as derradeiras e ardentes lagrimas nos alcáçares encantados da formosa Alhambra; como pela extrema vez nos muros de Granada, nos tópes das ameias das torres de rubidas frentes o estandarte do propheta fluctuára nos ares para se abater no pó sem vida: não se me olvidará jamais como enfim as mesquitas livres da profanação elevaram dos seus altares o incenso benefico da fé, e como pela morte de Boabdil, que errara longamente no dezerto morreram tambem na peninsula as outr'ora potentes bandeiras das meias luas! Recordo-me, n'este momento parecia, que o velho cavalleiro D. Vasco Martins evocava da funebre campa as tristes sombras do passado, recordo-me de ter visto o gigante rival do duque de Valois, depor depois de tão profiadas victorias e conquistas sobre o seu throno immenso o seu regio manto admiravel, trocando então as suas brilhantes coroas de imperador de Allemanha, e de rei da Hespanha, pela cella mesquinha e apoucada do convento de S. Justo, e vejo ainda agora, o seu nobre e valente filho sustentando dignamente o pesado sceptre, que recebera como gloriosa herança e juntando-lhe como gloriosa dadiwa de Deus, talvez ainda para mais lustre dos herdeiros de Valois. Quem sabe? Talvez uma joia lusente e nova para o seu diadema!

Uma lagrima assomou aos olhos de D. Luiz Coutinho. O infeliz cavalleiro acompanhava com o seu pranto patriotico o funeral da patria que tão cedo seria sepultada no captiveiro. O desditoso chorava como honrado portuguez, como herdeiro dos vencedores de Silves e de Ceuta, vendo já realisadas quasi as esperanças douradas do castelhano audás; parecendo-lhe já vêr com magoa extrema as garras destemidas dos leões hespanhoes empolgarem e destruirerem o pendão glorioso do valente rei conquistador, e parecendo-lhe devisar tambem por entre as densas sombras do futuro o netto poderoso de Joanna, a Doida, assegurar-se do patrimonio dos nossos reis, e fazendo estallar debaixo dos seus pés, as couraças e os arneses que tinham resplandecido ao sol d'Aljubarrota; e vendo o sceptro d'Henrique o Bastardo acobruilhando o peito dos vencedores dos Algarves; e devisando o fim medonho do pobre povo portuguez, que aca-

bava nas margens do Tejo, como nas margens do rio Gaudalete, á vóz vingativa do conde Julião, tinha acabado o immenso poderio dos godos.

O que se passava no intimo da alma do cavalleiro portuguez era um mysterio, que não era dádo aos olhos do seu companheiro devassal-o, nem tão pouco traduzil-o n'uma lagrima furtiva, ou n'uma expressão d'angustia desenhada no rosto afflicto.

D. Vasco Martins estava absorvido de mais nos seus pensamentos de magoa interna e propria para poder neste momento attentar nas amarguras, que lhe passavam proximas. D. Vasco Martins continuava pois sem attender aos movimentos desesperados do velho, e os copos da sua espada de fina tempera retiniam argentinamente sobre o seu arnez d'aço pullido.

Sabei pois, meu unico irmão na terra, continuou com vehemencia o filho de Castella, sabeis que o nome illustre que eu recebi sem mancha de cincoenta gerações, dava-me a inquestionavel justiça, e ao mesmo tempo a esperançosa coragem, de o poder transmittir intacto áquelles que por vontade de Deus de mim o herdassem.

Como são admiraveis os decretos do ceu.

Continuae, disse D. Luiz, a impaciencia devora-me!

Ide ouvir, e soffrer com a minha dôr.

E consolar-vos, meu irmão.

Ha mágoas que não tem conforto!

Para todas Deus é amparo e a religião balsamo.

Para além da morte, sim, para as leis sociaes não.

Não posso comprehender-vos?!

A honra impõe deveres...

Que um cavalleiro não pôde esquecer,

E' essa a minha agonia. Escutai. O relógio do destino marcou uma hora fatal, um sello diabolico veio marcar o meu nome com a infamia para sempre.

Santo Deus, que affrontoso tormento.

Quando eu era muito moço ainda, proseguiu D. Vasco Martins, acreditava, que todas as venturas tinham sido feitas para mim. Como é credula a mocidade na sua confiança no futuro? Eu via diante de mim riquezas immensas que los

meus avós tinham entesourado por espaço de muitos seculos, acreditei; que ellas, que eram um prognostico de ventura inabalavel. Brevemente veio o amor acordar-me no peito uma nova existencia, mais suave e mais presa á terra pelas delicias. A mulher mais linda e mais nobre para quem se teem sorriso as campinas andaluzas encantou meu coração rico de mocidade e d'amor. Pouco depois entre encontros da mais vivida chama d' affectos ella depôz em meus braços toda a candidez da sua purésa virginal. Colhi nos seus labios perfumados as rosas innocentes da sua mais pura affeição. Se tínhamos sido antes ligados pelas mãos sagradas d'um sacerdote, quiz Deus prender-nos bem depressa por um mais poderoso laço; minha esposa deu-me o nome santo e respeitavel de pae!

Vós ereis feliz!

Eu era o mais desgraçado dos homens!

N'este momento o relógio do castello dava dez horas.

O vento redobrava com violencia; a chuva batia furiosa contra as gelosias junto das quaes estavam os cavalleiros, as paredes estremeciam. O estrondo dos trovões ao longe prolongava-se atterrador e sótno. Um relampago esclareceu o vasto e sombrio aposento. Cada armadura dos tropheus da salla d'armas parecia um guerreiro que se acercava para um torneio, ou um combate. Dós frisos das columnas que bordavam as gelosias, subiram então para os ares com estrepito medonho as aves nocturnas que alli se abilhavam. As mensageiras d'agouro deixaram então morrer nos ouvidos dos cavalleiros o seu plo rosteo e sinistro, como annuncio fatal d'um cruel futuro, como prognostico diabotico d'um caso nefando.

O estrondo medonho punha medo aos mais heroicos. Aquelle inglorio campo de batalha apresentava o aspecto da morte sem defesa. Os elementos cruzavam-se furibundos e omnipotentes sobre as cabeças flagelo dos dous guerreiros. O homem pôde ser corajoso contra os perigos com que pôde lutar, porque animado pelo seu orgulho acredita sempre, que os poderes debelari. Porém ou a verdadeira valentia está no homem, que encara as procellas, que simham o mundo a desbar, sem empalidecer, nem passear, ou então esse

stôicismo sobre natural com que se despreza a vida, mostrando ás potencias indomaveis, que se nos não é dado vencer-as, tambem lhes não damos o direito de nos verem curvar abatidos, tem alguma cousa de sobrehumano. Que quer dizer valentia em prostrar um adversario homem como outro homem? Extincta a esperanza de poder ficar vencedor, o homem não concorre ao certame. A idéa de vencer acompanha sempre. Depois da derrota o que vale chorar? E' unicamente procurar a miseravel conquista do escarneo mais risivel. A consideração d'essa indiferença glacial para encarar as sensações extremamente violentas, não pôde alcançarse sem detida reflexão. O primeiro momento é sempre de espanto e de terror. Foi por isso que, os dois corajosos lidadores, que cem vezes tinham visto a morte de muito perto, sem nunca terem desmaiado, abaixaram timidos os olhos. Curvar ante Deus não envergonha. Os cavalleiros estremeceram, e voltaram os rostos acabrunhados para o chão, não se atrevendo a encarar o campo extenso que se manifestava de espaço a espaço. Os relampagos succediam-se. O horisonte largo e vasto era fúnebre visto ao pallido clarão dos fogos das alturas.

A terra era um vasto cemiterio, cada rochedo roberto de neve, ou alvo d'alvura da pedraria granitica da serra, similhava uma campa. Os pequenos povoados que se descobriam pareciam cardumes de lapides funerarias em preito d'honra á morte. Agora os vultos negros das arvores dispersas podiam lealmente compararem-se a espectros de gigantes, que vestidos de lucto caminhavam contemplando aquelle quadro de fatal destruição, e soletrando em silencio aquellas legendas de morte. O aspecto era triste e solemne.

Os cavalleiros não o podêram encarar.

Nunca assim tinham estremecido de terror no mais renhido de cruentos combates, nunca assim se acháram fracos no momento de rugir o alarido d'uma sanguinolenta batalha.

D. Luiz Coutinho trémulo e afflicto, é que rompeu o silencio, que impusera o fragor da lucta do céu com a terra.

O' meu Deus, bradou elle. Que quer dizer este combate de gigantes? É o acabamento final? O que prognosticam estas

chammas fáticas. Serão por ventura estes fôgos, os fôgos santos do ceu? Serão estas as labaredas medonhas do grande reino infernal? Parece um aviso ao mundo para grandiosos cometimentos. Quem proclama aqui o seu império? É uma ordem imposta pela vontade de Deus, chamando pela sua misericórdia os homens para o arrependimento? Ou será o dominio de Satanaz, que se manifesta, no trovejar medonho do seu rancor pelo homem, para nos impellir para a condemnação?

Callae-vos, bradou imperiosamente o cavalleiro D. Vasco Martins, não sejaes temerario. Não queiraes entranhar-vos nos arcanos mysteriosos do Altissimo. Quem pôde auctorisar a folha secca, que se agita no ar ao capricho do vento, a pertender voar possante como as aguias? Quem deu á creatura ser mesquinho a audacia de perguntar d'onde vem ou para onde vae? Quem permittio ao homem quèrer ir sondar os esconderijos mais occultos do seu Deus?

Não é curiosidade, balbucior o velho, não é crime, é veneração e respeito, mais nada. Quisera lêr no livro de Deus, para obdecer aos seus preceitos.

D. Luiz, atalhou o castelhano, só se aprende a lêr nestas manifestações divinas á custa de muitas lagrimas, de muitas desgraças, d'infinitas miserias, e só quando lagrimas, desgraças e miserias nos estão presas na alma e no coração. Então sim. É por isso que eu neste momento comprehendo a colera do Eterno. Eu sim, que o sei.

Vós? Porém dizei.

Estes, prosegue D. Vasco, são os adornos condignos da sinistra historia, que vos conto. É a harpa de Deus tangendo funebremente afinada pela agonia da minha pobre alma.

Conclui por Deus, que me fazeis estorpecer.

Como vós, intii venturoso cavalleiro, tambem a omnipotente vontade de Deus me tinha dado um filho, como vós, pobre pae viuvo de um filho, que amastes, tambem eu pranteio e lamento a perda d'um filho idolatrado e querido.

Tambem vós perdestes, um filho? Comprehendo essa dôr. Silencio, que blasphemaeis!

Não dizeis, que perdestes um filho?

Ouvi o mais doloroso e triste. Esperae.

O cavalleiro parava interdito, o seu pensamento parecia divagar perdido entre idéas encontradas. Esmagado pela desgraça duvidava se o que proferira seria uma verdade, ou uma falsidade criminosa.

Compreendeis-me, desgraçado? Proseguiu D. Vasco com vehemencia. Vêde a largura immensa do abysmo, que nos separa. Para vós os martyrios d'um affecto, que espirou, as saudades d'um anjo, que vereis um dia, para mim o punhal despedaçador sempre no peito, a eterna pergunta — Será dever ou crime? — para mim as urzes, que despedaçam. Vós sois quasi feliz, vós pranteaes a morte do vosso filho muito amado, mas vós pranteaes a sua morte honrada no campo da peleja; vós pranteaes um martyr coroado pela brilhante corôa da victoria, e eu, meu amigo e eu?... A voz do cavalleiro era cava e soturna, eu choro a perda da honra e da probidade do meu filho, choro a minha honra, o illustre esplendor do meu nome, que elle arrastou na sua infamia, pranteio nas torturas d'agonia as nodoas de sangue e de vergonha, que elle arremessou pela mais torpe vilania ao nome respeitavel e nobre dos meus venerandos avós.

D. Vasco Martins cahio prostrado d'animo sobre a sua cadeira. D. Luiz Coutinho nêm forças, nêm alentos teve para pronunciar uma só palavra. Decorreu algum tempo. D. Vasco ergueu silenciosamente a cabeça. Olhou com olhar fixo a fronte pallida do seu velho amigo, e um momento depois sorrindo com amargura, perguntou com tristeza a D. Luiz.

Dizei, D. Cavalleiro filho de honra, se por ventura não podem caber em peito de homem tormentos mil vezes maiores do que aqueles, que o braço poderoso de Deus quiz enviar na existencia ao nobre portuguez?

D. Luiz sentio um balsamo consolador que lhe refrigerava o peito. O preso sentimento da sua terna saudade achava-se melancolicamente suavizado.

Era o Archange da resignação, que o amparava.

Azas brancas d'innocencia lhe emprestava a fé na santa cruz da Redempção para o ajudar a voar para Deus. A consciencia da virtude é limitivo a muitos males, a consciencia do crime, é o germen sempre renascente de remorsos, que despedaçam. O velho só pôde bálbuciar:

Sim, tendes razão. É verdade! A deshonra é peor do que a morte.

Não penseis porém meu nobre companheiro, continuava depois d'alguns instantes de silencio o extremado pelejador D. Vasco Martins, não penseis que foi o coração do pae, que pertendeu buscar puresas mal sonhadas para se realisarem na terra, para que fossem apanagio glorioso do seu filho, não! E' certo que a mente paternal pensa na infancia dos seus filhos quando os contempla no berço, que aquelles innocentes deverão ser um dia a admiração do mundo -

E' verdade, interrompeo D. Luiz limpando as lagrimas filhas de muitas saudades que lhe escorriam pelas faces eadavericas, mas ai!... como as tristes e pungentes realidades veem matar as esperanças tão nossas, tão queridas e tão sonhadas.

Pobres paes, olham para as tebras porções da sua alma e debalde interrogam o futuro. O que lhe não querem revelar os segredos fechados no tempo supre-lh'o muito mal o seu amoroso coração. Que bella seria para o mundo essa presciencia! Venturoso pae que podésse em lagrimas dar a morte com permissão de Deus, ao filho d'honra que degenerado devésse no porvir ser um salteador infame ou um assassino desprezível. A creança está alli, o seu meigo sorriso infantil diz, innocencia, mas quem poderá devassar o que s'esconde atraz d'aquelle sorriso. Tigre de garras occultas, cofre de insondavel segredo, incomprehensivel mysterio de Deus.

Attendei, escutae, e medi com o vosso pensamento, proseguio o castelhano, toda a estensão do meu tormentoso martyrio. O filho do meu amor appareceu no mundo auspiciado pelas mais florescentes felicidades. Como eu acreditei, que elle vinha ser o complemento de toda a minha ventura? São tão admiraveis e extraordinarios os mysterios de Deus, que a intelligencia perder-se-hia blasphemando, se não pedisse auxilios á fé, quando esses mysterios nos dizem só desgraça e tormento. O filho anciosamente esperado nasceu no esplendor da opulencia, no centro luminoso da minha grandesa illustre, da minha grandesa quasi real. A quem me viesse dizer então—Esta creança ha-de ser um dia o ultimo

de todos os desgraçados da Península!—eu lhe diria sem hesitar—E' mentira! A creança cresceu e tornou-se homem, com elle cresceu o seu amor desenfreado pelos vicios. Debalde os mais extremos cuidados quizeram luctar! A brandura despresava-o, o rigor despedaçava-o! Era um flagello de Deus. Era a punição dos meus crimes! As fúrias desesperadas de todas as paixões ruins, multiplicadas pelos tormentos que me faziam soffrer, fizeram morada no seu espirito indomavel. Pequeno e mesquinho diante da proibidade, tornou-se grande e assombroso diante de todas as infamias. O ouro foi o seu primeiro affecto, engolphou-se nas riquezas que tinha herdado dos nossos avós, mas nada o podia saciar, desbaratava-a aos punhados, como um louco, era fernesim, era delirio. Seria castigo! Mas tudo isto ainda era pouco; arruinado, empenhado e pobre, poder-lhe-hia ainda ficar a sua honra, um cavalleiro pobre, e portador d'uma espada leal e sem mancha não tem que se envergonhar.

Dizeis bem, atalhou D. Luiz, a honra é a primeira, talvez a unica riqueza verdadeira.

Como o ouro de seus paes já não podia saciar a sua ardente ambição, e elle queria mais, e muito... associou-se a um bando infame... era a vergonha que o chamava para a minha desgraça. O miseravel não hesitou diante do crime.

Ha momentos na vida em que custa comprehender como o fraco mortal pôde com tão grandioso peso d'infortunio! O homem ente miseramente fadado, que á menor fadiga se prostra, que por um nada inexplicavel morre, tem lances na vida, que supporta, e que parece que seriam sufficientes para lhe fazerem perder dez vézes a desditosa existencia. N'este momento ligaram-se todos os tormentos no animo do infeliz pae. A memoria vinha implacavel trazer-lhe diante o quadro medonho do passado, com os seus lampejos de luz d'esperança, e com os seus funebres sombreados da escuridão fatal de realidade. O presente não era mais feliz. O momento era chegado. O Golgotha estava perto. A hora devera ser marcada. O ponteiro do relógio marchava sempre sem cessar. O que poderia dizer-lhe de mais suave o futuro? Era n'esse campo onde se deveria dar a ultima e a mais porfiada batalha. Teria o martyr—sereno e austero, a força

e o poder percisos para cingir dignamente a coroa do seu martyrio?!...

A vida é caminho para o ceu!

Mas é semeado d'abrolhos!

Assim é forçoso para purificar o crime!

Ou para fazer blasphemsr!

A resignação é irmã do Mestre divino!

Entre o vendaval e a rocha páte-se o baixel.

O piloto e o léme hão-de salva-o!

Depois de estar salvo n'outro ponto o espera a morte.

O baixel da humanidade não tem morte forçosa.

Mas tem os vermes que a esperam!

Tem a gloria que a chama!

Na valla d'um cemiterio!

Nos braços de Deus!

O baixel é o tumulo, e o oceano é o nada.

O baixel é a consciencia, o leme, é a cruz, e o mar que o espera a eterna gloria!

A dor começava a querer apagar no peito de D. Luiz os seus bons e sãos animos de portuguez e de christão. O infortunio é caminho da descrença.

Parecia que a morte se lhe asylara no peito, que lhe rugia por alli occulta murmurando ao coração as suas funebres endeixas, ou antes parecia que aquelle pobre e torturado já supplicava a Deus a esmolla compassiva e misericordiosa de o alliviar do peso medonho da existencia amargurada.

Se é permittido ouvir até o fim?!...

Porque não?.. Accrescentava D. Vasco, com uma vós que debalde pertendia mostrar tranquilla e serena. A Virgem deliciosa e pura que toda se entregou ao seu amor e á sua honra, á mais candida flor do encantado jardim do Creador admiravel, á mulher que mais santos affectos lhe tributou pagou-lhe, dando-lhe o miseravel como recompensa vergonhosa e ignobil, a deshonra, na mais arteira seducção; teceu-lhe por mão das furias a coroa do desprezo social, da infamia do mundo e talvez da condemnação eterna, e collocou-lh'a depois sobre a fronte manchada para sempre.

Bondade do ceu! É muito, é de mais!

Ouvi ainda, accrescentára o hespanhol. É muito, é demais mas ainda não bastava. Tudo isto ainda não podia saciar aquella alma anciosa por todas as infamias.

Esta mulher deshonorada era de nobre sangue. o pae soube da vergonha da filha, procurou o roubador dos seus brios de honra nunca manchada. O que se passou entre elles é espantoso. O velho impôz a reparação da sua affronta, appellou para o juizo de Deus, e o miseravel escarneceu do que ha mais santo. Escarneceu do pae que ambicionava a reabilitação da honra da filha, expulsou vilmente o velho cavalleiro. O egoismo da vida é que só fallou aos ouvidos do cobarde. Maltratou o ancião, que não desistia de lavar com sangue a sua vergonha, e o miseravel tirou um punhal e assassinou o cavalleiro ancião, como tinha perdido a filha. Fugiu, não mais quiz saber nem do filho, que desamparava, nem da mulher que tinha perdido. O filho nasceu para espirar pouco depois, e a mãe desgraçada espirou nos meus braços. Deshonrado, seductor, filho quasi parricida, ladrão e assassino, ainda infesta os montes de Portugal infamando o meu nome. A sua cabeça foi posta a preço, o premio para quem o entregar está decretado. Fui attestar ao cardeal, que hei-de entregar-lh'o, mas com a condição de que o hão-de justicar, logo que eu diga — E' este! — sêm mais provas, sem mais indagações. Era o que supplicava. Foi o que alcancei. Será um dever? Será um crime? Não sei. Creio que não erro. Deus me perdoe!

A altivez do velho hespanhol era immensa, grande era o seu desejo anhelante de cumprir com o que lhe impunha o seu dever, não era menor a sua coragem provada em recontros de guerra, e em lances de provação, comtudo para supportar esta desgraça manifesta, e deshonorosa elle sentia vergar-lhe o animo. D. Vasco succumbia quasi ao peso desmedido da sua desdita. O pae infeliz estendeu os braços, pôz as mãos erguidas para o ceu como para lhe supplicar auxilio e conforto, depois depositou as mãos sobre os hombros do seu illustre companheiro e inclinou a fronte apoiando-lh'a sobre o peito leal.

D. Vasco alguns instantes depois estremeceu. Pareceu-lhe sentir um rumor estranho no silencio medonho e sinistro

*

do velho castello, pareceu-lhe sentir uma dor mais forte que lhe vinha torturar o peito. O martyr levantou a cabeça, olhou em torno de si. Os relampagos já não fusilavam, tudo estava escuro e soturno como o interior d'um subterraneo, ou de um tumulo. O cavalleiro olhou temeroso de que alguém tivesse escutado as suas palavras, mas não viu ninguém. Havia um instante que a porta se abrira de manso nas trevas espessas. O vulto negro de um homem estava entre os umbraes. Estava silencioso como o marmore. Alma despedaçada pelos remorsos não tem voz.

III

Os dois cavalleiros estavam completamente estranhos á apparição do novo e mysterioso personagem.

No interior do castello tinha elle divagado, as vozes dos velhos, que fallavam é que lhe tinham sido fio conductor n'aquelle labyrintho immenso. Eil-o! Quem será o vulto negro? É o reu que está em frente do juiz? Será a consciencia ajoelhada e constricta no tribunal da penitencia?

O cavalleiro castelhano tomou com arrebatamento e violencia o braço de D. Luiz Coutinho e conduzio-o para junto do fogão: lançou rapidamente mão d'uma das tenazes que ali estavam penduradas na parede, e com ella revolveu apressado as cinzas, que já não lançavam quasi alguma claridade, e de que já estava perdido quasi o brilho, porque o frio lhe tinha completamente amortecido a superficie.

Revolvidas porem as brasas e as cinzas ainda ardentes, reverberavam com força, e deixaram ver os funebres actores d'aquella scena.

D. Vasco mostrou então á luz do clarão avermelhado, que saira do brasido, ao velho e alquebrado soldado de D. Sebastião, um largo pergaminho escripto de que estavam pendentes os sellos das armas portuguezas.

Vede, olhai, dizia nas extorsões afflictivas da mais pungente magoa o filho do Gaudalete, vede em que eu empreguei todo o meu poder e valimento. Combati em Africa, arisquei mil vezes a minha vida, ai!... porque não morri eu lá?! E ao cabo de tudo isto, vou sollicitar do monarcha por-

taguez uma graça que me deshonra. Mas é dever, aos criminosos o castigo, aos assassinos a morte. Fui alcançar das mãos do cardeal rei D. Henrique, em troca da minha existencia que votei ás terras portuguezas, em troca da minha existencia exposta á mercê dos inimigos da cruz em cem batalhas, em favor d'estes reinos, fui alcançar uma sentença infamante, em que está gravada a deshonra do meu nome, a deshonra do nome illustre, que lustrára tantos heroes famosos.

D. Luiz Coutinho não podia comprehender nada.

D. Vasco Martins amarrotava entre as mãos o pergaminho, e sentia no coração revolver-se-lhe a mais tremenda angustia.

Ainda que os olhos d'um heroe não devem derramar sentidas lagrimas, não podia nem devia por certo corar o valente cavalleiro, por sentir que lagrimas ardentes e abrasadoras lhe sulcavam as faces afogueadas pelas agonias do tormento.

D. Luiz estava atonito, as suas ideas estavam obscurecidas, parecia-lhe tudo tão novo, tão horrivel e estranho, que quasi que não comprehendia o que se passava em torno d'elle. Pobre velho, o mysterio estranho de que Deus lhe despedaçava o occulto veu, ainda continuava a permanecer mysterio para elle.

Uma voz provideucial como que veio segredar-lhe aos ouvidos. Um receio, vago, terrivel e inexplicavel, de que elle não pôde conhecer a causa, fez escapar-lhe dos labios um brado sentido e doloroso, e que parecia sahir do intimo do peito, o velho exclamou com ancia:

Oh! não faças tal é o vosso filho.

Com que prazer eu seguiria o vosso conselho, começava lenta e solememente o desditoso cavalleiro a quem a dor immensa não tinha sido bastante a quebrar-lhe o animo. Foi o vosso coração que fallou, mas a razão hade impor-vos o contrario. Por ventura podeis esquecer-vos que a sociedade tem deveres que se não pôdem, nem devem prostergar já-mais? A sociedade valente cavalleiro, é uma machina immensa, que se dirige para o possível da perfectibilidade humana, que tem restricta obrigação d'aspirar sem cessar a todos

os desinvolvimentos e a todos os progressos, tanto da vida do corpo, e do bem estar da humanidade, como da vida da alma, e da moral. Cada homem na terra, não é nada individualmente considerado, não é nada mais do que uma das molas idispensaveis para a consecussão do grande fim universal. Cavalleiro, quando alguma das rodas d'esta grande machina, ou pára, ou retrograda, então é dever imperioso arrancal-a para que o mundo não marche n'uma queda inevitavel para o abysmo.

É terrivel verdade!

Uma voz forte e vibrante eccoou pelo salão. Os dous cavalleires estremeceram a tão medonho brado. Era a fatidica trombeta do juizo final, chamando os mortos dos seculos ao valle de Josaphat. D. Luiz não podia libertar-se da surpresa. D. Vasco Martius era presa d'um terror involuntario. Aquelle brado terrivel veio despertar os cavalleiros e trazel-os de novo para o mundo.

Se as tubas dos soldados de Josué, aluiam poderosas as muralhas invenciveis patenteando o amplo caminho aos eleitos do Senhor, aquelle brado desfez muito pensamento de vingança na mente de D. Vasco, e deu vida a muita lembrança, e a muito sentimento.

O cavalleiro negro estava de pé no topo da salla d'armas, o elmo bronzeadado com plumas negras, tambem tinha a viseira descida, o seu amplo e largo manto envolvia-o desde a cabeça até aos pés.

Fôra elle que tinha bradado.

É terrivel verdade!

Foram as suas unicas palavras, porem poucas como eram, foram bastantes para espantar o senhor d'Attaide, e torturar D. Vasco.

D. Luiz Coutinho olhou espantado para o novo personagem. Como seria possivel que elle tivesse penetrado a taes deshoras, e por tão desabrido tempo, no castello solitario? Ainda mais, que poderiam interessar aquelle guerreiro as desgraças ignoradas e mysteriosas d'um pai torturado.

O cavalleiro negro tinha porem seguido D. Vasco na sua jornada tinha sondado os abysmos, que ella abriria, tinha voltado ao castello seguindo-o sempre de perto. Depois do

crime o castigo, mas que nasça o arrependimento, e que saiba um instante de coragem poupar um espectáculo vergonhoso e infamante.

Quem sois? Perguntou com voz a que o espanto emprestava energico vigor, o cavalleiro D. Luiz Coutinho.

Quem sou eu? Amarga irrisão! A voz do mysterioso cavalleiro tremia convulsivamente, não se poderia adivinhar, se por uma gargalhada de delirio, se por lagrimas de tormento.

Quem erguesse porem a viseira do homem, que tinha apparecido havia pouco, veria muitas lagrimas correndo em fie por as faces d'um rosto varonil. Quem eu sou? Sou um martyr da desgraça... serei mesmo um infame! Porem tenho soffrido muito. Nem um instante de prazer, nem um linitivo ao remorso! Sou um miserevel desprendido de todos os laços, que prendem á vida, mas que ainda estou preso á dor para maior condemnação! Antevejo na eternidade o braço de um Deus vingador para me punir, e os seus raios justiceiros para me fulminarem! Fui louco, perdido, criminoso..... pai, meu pai, perdoai-me, o perdão salva.

O desgraçado cahiu de joelhos com as mãos postas, não se acreditava digno de beijar a mão de D. Vasco Martins. O soffrimento redobrava nos peitos d'aquelles infelizes.

Voltou o silencio, não se proferia uma palavra. O mancebo que chorava atirou para longe de si, o seu elmo, e a sua capa. Não trazia nem armadura, nem espada, só tinha de cavalleiro o elmo que tirára. No cinto brilhava um punhal.

D. Vasco Martins tinha estremecido quando ouvira as palavras.—Pai, perdoai-me, o perdão salva. O velho cobrio o rosto com as mãos, não se lhe ouviu nem um suspiro, ficou immovel como um tumulo. O recém-chegado continuou:

Meu pai perdoai-me, porque eu serei o sepulchro da minha infamia. Nunca mais deshonrarei o vosso nome.

Nunca mais, bradou o cavalleiro pondo-se em pé.

Eu o juro!

D. Vasco ergueu-se, e correu para o filho, ergueu-o nos braços, bradando:

Filho, meu filho, eu te perdoo.

Obrigado, disse quasi d'um modo impercèptivel o joven. vivi como um fraco, morrerei como um cobarde.

D. Luiz estava ancioso e callado, comprehendia as dores do seu amigo.

D. Vasco estivera interdicto sem atinar com o que devia fazer, depois o pai vencera o juiz. Correu ao pergaminho e despedaçou-o, lançando os fragmentos no fogão, como temendo que ainda podesse ter valor.

Meu amigo, disse D. Luiz com alegria, fos-te nobre e justo.

Ha pouco, prosseguiu D. Vasco, era a justiça do mundo, agosa foi a justiça do pai.

O que porem os cavalleiros não poderam prever, foi que n'um instante rapido como o pensamento aquelle martyr das paixões do mundo agora perdoado tinha feito desaparecer em seu peito o ferro que lhe armava o lado! O infeliz bradou expirando, e caindo sobre o pavimento:

Pai, o vosso perdão hade trazer o perdão de Deus!

Ah! bradou D. Vasco indo para o filho! Morto! Seria um crime ou um dever? Olhai, era o meu filho. Foi tão desgraçada a vida d'este malaventurado, que o crime do suicidio é talvez a mais bella acção da sua vida.

Pouco tempo depois os sinos dobravam pelo eterno descanso da alma do filho de D. Vasco Martins, que tinha morrido de repente. Alguns mezes teriam passado quando um funebre e esplendido cortejo acompanhava ao jazigo um bravo que morrera. Era D. Vasco Martins um dos mais illustres e nobres hespanhoes, uma das coroas de gloria dos guerreiros da Peninsula.

Não sei qual foi a mão piedosa que os unio, mas na capella do castello está um tumulo onde se lê:—Aqui jaz D. Luiz Coutinho!—e mais para o fundo uma lousa onde diz—Aqui jaz Mendo Lopes, o leal escudeiro. É a lealdade aos pés da honra.

FIM

INDICE

	PAG.
CAPITULO I— Uma manhã no Presbyterio	1
CAP. II—As flores d'infancia e os espinhos da mocidade	17
CAP. III— A morte em presença da vida	37
CAP. IV— Brotam flores de nova primavera	41
CAP. V— O iman atrae o aço.	51
CAP. VI— Horas d'agonia	64
CAP. VII— Capua sem Roma	73
CAP. VIII— Cruz de Rosas.	79
CAP. IX— Ramalhete de loucuras	94
CAP. X— A Noute de S. João	105
CAP. XI— O Bussaco	116
CAP. XII— Uma noute no mar	126
CAP. XIII— Prisma de muitas faces	135
CAP. XIV— O cadafalso d'alma	149
CAP. XV— Ultimas lagrimas	160

DEVER OU CRIME	171
--------------------------	-----

MEMORIAS DA MOCIDADE

POR

FRANCISCO SOARES FRANCO

E

DUAS PALAVRAS DE SAUDOSO AFFECTO

À MEMORIA

DE

FRANCISCO SOARES FRANCO

POR

ERNESTO MARECOS

II

LISBOA

TYP. DO PANORAMA, 112 — Rua do Arco do Bandeira — 112

1867

DUAS PALAVRAS DE SAÚDOSO AFFECTO

A MEMORIA

DE

FRANCISCO SOARES FRANCO

O tumulto acaba de cerrar-se sobre o auctor da obra que precede. Ainda não ha dez dias que se gelou a mão que traçou essas linhas, que cessou de pulsar o coração em que latejaram as sensações que animam esse drama, que tombou para o seu travesseiro de pedra a cabeça que pensou essas paginas. Pobre orpham! pobre livro! na vespera de brotares à luz da imprensa, os olhos do pae, que amorosamente te creara, fecharam-se de vez para o sol da terra. Abriram-se, porém, para o da immortalidade. Vae, livro! se aquelle braço robusto não pode já'gora acudir a amparar-te o vacillar dos primeiros passos, restam-te, ao menos, como agouro de desassombrada periginação, os irmãos numerosos a que succedes na publicidade, a reputação, principalmente, do nome que a todos firmou. Vae, livro, que, ainda assim, és feliz. Ha lacunas, que essa morte deploravel occasionou, a que se não depara compensação, nem balsamo, nem substituição, nem remedio. Isto é verdade. Sabem-no por experiencia propria, triste experiencia, quantos privaram na intimidade de Francisco Soares Franco.

Pela minha parte, que com elle troquei affectos de irmão, que o contei no numero d'esses amigos, que o não são de

A

toda a gente, de firmeza indesmentida, de lealdade insuspeita, por quem, a toda a hora, depois da ausencia de um dia ou de um anno, o amigo, que chega, se reconhece sempre bemvindo, festejado, esperado; pela minha parte que, de longa data, acostumado a ver aquelle espirito, cheio de fogo e gentileza, contar em pouco a debilidade do corpo, me não pude compenetrar da possibilidade de que este houvesse de cahir tão cedo; pela minha parte, repito, surpreendeu-me o golpe de um modo tão doloroso, que, apenas volvido a mim o bastante para ter adquirido a fatal certeza, conheço que inutilmente tentara repassar-me da serenidade necessaria para biographiar o homem, tecer um elogio ao amigo, ou aquilatar o escriptor. Isto, pois, não é uma biographia, nem um necrologio, nem um juizo critico. É menos, e muito mais do que tudo isso. Isto é um tributo de saudade, espontaneo, sem galas de phrase, sem pompas mendigadas a um sentimentalismo bastardo. Isto é, sobretudo, uma recordação. Deixem, pois, que eu me recorde em liberdade, e consintam que o faça com a incoherencia que é peculiar ao estado de verdadeira agonia, consignando aqui para mim, ou para quem, por-ventura, me queira ler, taes quaes venham, as lembranças ou as ideias que, n'este momento, me suscite o nome do distincto e malfadado moço.

E, contudo, para quantos o prezavamos, era de aguardar o prematuro do funesto desenlace que a todos colheu incautos. Derivar-se-hia naturalmente para os que lhe tivessem sondado a existencia, e d'ella o houvessem acompanhado em largos periodos; mas a logica desfez-se de encontro a uma circumstancia, que já deixei entrever: Soares Franco. á força de se convencer que a saude lhe obedeceria á vontade de rija tempera, acabara por levar aos outros a convicção de que o milagre, se milagre o julgavamos já, definitivamente se operara. Enganámo-nos. Só se não enganou talvez o olhar inquieto e perscrutador da mãe, que o estremecia, e ahi o pranteia agora, a meio de indiscriptivel afflicção.

Foi sempre de vigor diminuto aquella organização physica. Soares Franco nasceu aos 29 de julho de 1829, e desde logo pela meninice adiante, tornou-se, em rasão do que nelle havia de morbido e pouco promettedor de bastos soes, o

alvo dos assiduos cuidados de seus paes, o doutor Francisco Soares Franco, essa gloria das sciencias patrias, e a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Carlota Soares Franco. Quando, já orpham de p^{re}, e entrado na puberdade, os estudos, cursados atravez da permanencia de um viver enfermo, lhe permittiram o approximar-se do summo alcaçar da instrucção, e partiu para Coimbra, sua mãe, que, ahi, lhe foi socia quasi até ao termo da carreira universitaria, chegou a tremer seriamente pelos dias do moço estudante, que os medicos consideraram em caso quasi desesperado. Mas a crise resolveu-se em bem, e, extincta que foi, Soares Franco atirou-se, com todo o ardor dos vinte annos, para os horisontes que largamente se lhe desdobravam em face.

Conheci-o, e principiou de firmar-se a nossa amizade, pouco mais ou menos por essa epocha. Soares Franco distinguia-se nas aulas, onde tinha a sustentar as tradições honrosas d'aquelle cujo nome herdara; distinguia-se no theatro, onde subidos dotes de actor lhe juncaram o piso com estrepitosos triumphos; distinguia-se finalmente nas lettras, onde, se bem que por então se provava nas primeiras armas, passava já por uma vocação esperançosa. Companheiro jovial, cheio de graça e de originalidade, á porfia lhe requestavam a convivencia os demais estudantes. De existencia, por tal fórma afadigada, necessariamente devia de resentir-se o corpo sem alento para grandes lutas, e, de feito, o rosto emmagrecido tingia-se-lhe por vezes n'uma pallidez assustadora; mas o imprudente ia sorrindo, e dobrando de confiança no futuro.

Concluiu a sua formatura em direito em 1855. Lembrar-me-hei sempre da noute em que, pela ultima vez, o vi representar no theatro academico. Acompanhavam-n'o n'essa despedida alguns moços notaveis que se formavam tambem: José Gomes Arouca, esse raro talento para a scena, que, hoje, quasi ninguem ahi conhece; Thomaz Ribeiro, poeta illustre que, hoje, toda a gente ahi festeja, e tantos outros mais ou menos justamente lembrados ou esquecidos. Foi uma noute de festa.

Volvido a Lisboa, de todo o ponto avesso ás lides tempestuosas do foro, inimigo, por indole e por convicção, das tricas pouco generosas da politica, Soares Franco lançou-se

*

na vida ecclesiastica como n'um refugio de paz e de estudo que o perservasse contra o bulicio e os rumores a que uma phase, já mais séria, da vida o tornara inteiramente desaffeiçoado. A sua voz eccoou então no pulpito, e conquistou-lhe de prompto um logar eminente como orador sagrado. Eu não estava em Portugal n'esse tempo, mas lá, aonde estava, chegaram-me as noticias de semelhante ovação pelas chronicas de todos os jornaes.

Provido n'um canonicato da Sé da Guarda, para esta cidade se dirigiu em 1856, e ahi assentou residencia. A atmosphera gelada da Guarda abatou-lhe profundamente a saude, de todo o seu principio, vacillante. Frio desabrido, horisontes de neve para aquella compleição que só hauria elementos de vida ao sol ardente do meio dia! Lá permaneceu, no entanto, até 1862. Durante esse espaço, sem embargo dos cruéis padecimentos que o torturaram, não só não abandonou o tirocinio da predica, a que já devia reputação esplendida, como tractou de ir experimentando a mão em tentativas litterarias de diversos generos.

Os soffrimentos aggravaram-se: supplicou e obteve licença de vir para a capital, onde chegou em 1862, e onde persistiu até succumbir. Ultimamente achava-se de novo de partida para a Guarda, porque a secretaria respectiva parecia não acreditar nos fundamentos com que mais uma vez se sollicitava a prorogação de licença. A morte do malaventurado requerente deve ter desannuveado de qualquer escrupulo a consciencia do alto funcionario que mandou emfim baixar a concessão pedida. Esta chegou quando, infelizmente, o que d'ella tinha a aproveitar-se, estava já envolto no lençol mortuario.

De 1862 até á sua passagem a outras espheras, desatou-se aquella alma em prodigios de assombrosa actividade. Sempre no exercicio de varias funcções do seu ministerio, subindo a miude á tribuna d'onde o verbo eloquente e inspirado descia a electrizar quantos, em roda, se agglomeravam no templo, Soares Franco deu-se com extremo apaixonado ás lettras, que, de antiquissima data, lhe eram enlevo predilecto. Incansavel, tenaz, inexaurivel, vivendo da sua ideia e para a sua ideia, repartindo-se, multiplican-

do-se, amoldou o talento, admiravel de flexibilidade e de opulencia, a quasi todas as feições litterarias, desde o artigo do jornal até ao drama, desde o sermão até ao romance, desde a poesia fugitiva até á epopeia. Nada lhe torcia a constancia, nada lhe entibiava o animo, nada conseguia affastal-o de levar preso o olhar no rasto da estrella da gloria, nada lograva esmorecer-lhe a aspiração para a corôa de louros, que, sem duvida, começava já a viçar-lhe em torno da frente, quando tropeçou de subito na corôa de perpetuas! Trabalhava com uma especie de phrenesi.

A sua fecundidade, sobretudo, era pasmosa. Depois de acalentado o pensamento primitivo, dispunha-se á obra, travava da penna, e escrevia de um jacto, sem uma entrelinha, sem um instante de hesitação, paginas sobre paginas em que a phrase não afrouxava, e o estylo não se desmentia. Tambem não era raro, e eu vi-o muitas vezes, que levantasse a mão do romance que acabava de enriquecer com mais algumas folhas, e a fosse em acto continuo assentar, com a mesma limpida facilidade, no drama, anteriormente encetado, cuja lembrança um capricho, aliás vulgar nos poetas, lhe apresentava á phantasia, como uma tentação. Obscureciam um tanto o esmalte d'essa qualidade, tão brilhante e tão pouco frequente, os defeitos que quasi sempre se lhe associam? Não vem aqui a ponto discutil-o, nem isto, como atrás declarei, é um juizo critico. Pelo que toca, porém, a defeitos, sempre direi de passagem que, emquanto a mim, Soares Franco, cujo talento alvoreceu cedo, mas cuja consciencia da vocação para escriptor (áparte para o drama) dispontou tarde, estava longe de ter chegado á plenitude dos recursos; e parece-me que sem erro se pode suppôr que o seu regresso da Guarda é o que lhe marca o principio de uma educação litteraria attentamente desvelada, e que as suas obras, por muitas bellezas que contenham, e muitos traços de mestre que manifestem, não eram ainda senão o prelúdio do que aquella intelligencia uberrima nos havia de dar para diante em perfumes delicados, e em fructos substancialmente saborosos.

É-me doce o pedir á remeniscencia os titulos d'essas obras. Umas foram escriptas ao péde mim quando, ha dous

annos, era minha a casa do auctor; leu-me este outras em grande parte; de todas, em summa, possuo mais ou menos amplo conhecimento. Tantas são, porém, as que desde 1862 produziu, delineou, refundiu, completou, que, por vezes conhecendo que se me interrompeu o fio da extensa lista, me sinto na impossibilidade de o reatar.

Afóra os escriptos disseminados pelos jornaes e algumas composições de menos alcance, compilou e deu ao prelo as suas primeiras poesias fugitivas, sob o titulo de *Folhas da vida*. Publicou a *Cruz do Captiveiro*, romance historico, *O Prégador Catholico*, grosso volume de sermões editado pela casa «Moré», seis volumes de sermões de que foi editor o apreciavel editor d'este livro, outro volume das *Memorias da mocidade* que sahio na bibliotheca «Jardim do Povo», bibliotheca que penso haver feito tambem a aquisição das *Memorias da Serra da Estrella*. Subiu-lhe á scena no theatro do Gymnasio o drama sacro *Rainha Santa Isabel*, e no theatro das Variedades o drama em cinco actos *Miseraveis de lúvas brancas*, drama que não estava nas forças da companhia, mas em que os entendedores foram unanimes em reconhecer a revelação de grandes conhecimentos scenicos, um subido valor architectonico, mimos de linguagem, riqueza de situações. A estas peças tinham de em breve succeder-se outras peças no theatro, a aquelles livros outros livros na publicidade. Mas a morte não o quiz assim. Além de um poema heroico, *Os Florões da liberdade*, que Soares Franco intentava dedicar a S. M. Elrei o Senhor Dom Luiz, além de numerosos trechos lyricos e muitos sermões ineditos, restam, nos manuscritos, *A Mãe*, *Osmar*, *A cruz do ouro*, *Um servo de Deus*, *O Infante Portuguez*, dramas originaes completos, o romance *O genio das florestas*, e os *Miseraveis de lúvas brancas*, estudo social de larguissimas dimensões, d'onde sahio o drama do mesmo titulo, cuja concepção me surprehe ainda hoje, de que o auctor deixou volumes concluidos, e alguns desgraçadamente só começados. É comprido ainda o catalogo do que fica por apontar; não me occorre, porém.

Enquanto, a meio de taes locubrções, o espirito se lhe comprazia nos voos audaciosos, o corpo ia vergando em pro-

gressivo desalento. Chegara-lhe a sua vez. Tão formalmente o haviam despresado, que urgente era que emfim o cercassem de cuidados. Não o alcançou, comtudo. Soares Franco proseguiu sempre, como que alheio ao mal que o minava por dentro, trabalhando sem treguas e sem descanso. Já a morte o apertava de perto, e o trazia desfigurado, e o convertera n'uma sombra de si mesmo, e ainda elle compunha um romancesinho, *O legado de um artista*, creio eu, para um jornal que lho pedira. N'este romance (notavel circumstancia!) as ultimas linhas escriptas, e que são as derradeiras que a mão de Soares Franco traçou, encerram a descripção do passamento de um personagem que se fina, quasi como elle devia finar-se dias depois. Seria um presentimento? Não, que o não foi. Depois de prostrado na cama pelo abalo definitivo da enfermidade, Soares Franco acreditava ainda firmemente na vida. Estava prestes a exhalal-a n'um suspiro, e não concebia a minima suspeita de que a cova lhe distava a dois folegos. E assim foi que, a pensar talvez n'um dos livros que lhe andavam em mente, ageitou a cabeça no travesseiro, e fechou os olhos para sempre. Não agonizou, despediu-se; não morreu, principiou a descançar.

Francisco Soares Franco cessou de existir (coincidencia tambem singular!) na madrugada do dia 29 de julho, dia em que completava 38 annos de idade. Grande e sincera foi a dor dos que se lhe acercavam do leito funebre: foi-o por parte de um companheiro de casa que o idolatrava; foi-o por parte dos membros d'aquella familia privilegiada, cujo seio conta hoje nomes illustres nas armas e nas letras, e que não podia deixar de dilacerar-se ao contemplar o desaparecimento d'aquelle a que se ceifariam ainda tantas palmas de gloria. Emquanto a sua pobre mãe, calemo-nos; ha golpes que só imploram o lenitivo do silencio.

Grande e sincera é tambem a minha dor, e já que me não foi dado abraçal-o no instante supremo, já que a noticia da sua morte me fulminou antes de lhe haver sabido a gravidade da doença,—tão curto espaço medeiou entre as duas, (1)—quize, ra do fundo de toda a minha alma, erguer um digno monumento á sua memoria. Escasseiam-me, porém, a mais de outros dotes, a firmeza e o socego de intel-

ligencia indispensaveis para taes commettimentos. Pretendi só, portanto, deixar n'estas paginas uma lagryma de saudade e um grito de magua.

Desejei que estas paginas significassem isso. Qualquer as haveria escripto melhor; ninguem as teria sentido mais do que eu. Como as senti, pois, as atirei ao papel. A critica não tem que ver com estes desabafos.

Lisboa, 7 de Agosto de 1867.

ERNESTO MARRCOS.

INTRODUCCÃO

Parece mal cabido escrever agora um conto.

O ouropel da moda gosta de titulos pomposos, como um programma ministerial.

As eras felizes, que são hoje alcunhadas d'anachronicas, em que se extasiava uma familia inteira, n'uma comprida noute de inverno, escutando, como a oraculo, uma velha veneravel, que contava a sua historia, morreram assassinadas pela walsa a dous tempos.

Deixal-as morrer para os outros, eu não me escraviso ás vontades alheias.

Eu gosto immenso d'ouvir a voz patriarchal e páusada da matrona, revolvendo na sua imaginação quantos sonhos de bruxas e duendes herdára da infancia.

Adoro-lhe a singelleza com que attesta, que viu tal ou tal calamidade feiticêira cahindo sobre um seu antigo conhecimento.

Os tempos passáram. Estava capaz de não contar.

Em fim, quem lér as primeiras linhas, logo põe de parte se fôr antagonista dos contos, e quem fôr do meu gosto lerá.

Estava capaz de lhe chamar—Romance social?!—

Nada, isso não. Mas se eu lhe chamasse—Mysterios infernaes, poema em prosa, e em doze cantos?—

Deixemo-nos de exitações. Nasceu conto, ha-de morrer conto.

Esta aristocracia dos titulos, que proscreeve, os contos e as novellas, lembra-me a extinção de todos os Franciscos Antónios, e Maneis Josés, para barões de varias cousas.

Lá vae para quem gostar de contos.

Isto é que é perder tempo, gritarão em chusma os furibundos apologistas dos caminhos de ferro.

Ainda assim eu gosto immenso dos caminhos de ferro.

Mas estimo e adoro a Norma, e môrro por o meu admiravel Camões. Não sou d'esses, que até invejam os avestruzes para almoçarem, jantarem e cearem guizados de carriz.

Talvez.... quem sabe?... talvez até escape uma terrivel maldição contra o auctor, chamando-lhe o symbolo do ultimo refem da escolla retro activa.

Não me julguem com direitos a figurar n'uma vidraça do museu como objecto curioso.

Deixêmo-nos de futuros. Eu sou um creado humilde do leitor, e muito mais da leitora.

N'uma pequena aldeia lá para as bandas da Beira alta, viviam duas meninas irmãs; era no tempo.... Ora ahi estão à espera, que fosse no tempo dos Assyrios, Persas, Gregos e Romanos. Talvez imaginassem vêr entrar em scena uma aluvião de capacetes, espadas, saiaes, bacinetes e gorgeiras, em torneios e saráus, e mil adubos irritantes? Pois não seuhores, nada d'isso.

Isto é um conto muito simples, muito trivial, passado entre gente vulgar, nem muito boa, nem muito má. Quem gostar d'estas cousas ornadas de coros e bailados e visualidades, tenha a bondade de fechar o livro.

Esquecia-me dizer quem me tinha contado o conto.

Podia alguém ficar julgando, que o conto era meu, ou, o que era peor, alguém, que já o tivesse ouvido chamar-me plagiario.

Plagiario? Este nome é mesmo da minha particular embirração. É *nomesinho*, que sendo muito feio... tão feio, que é synonymo de ladrão, pertence a tanto ente subllunar, que até me entristecia com a pequena porção, que me poderia vir a pertencer.

Vamos adiante.

Não sou auctor do conto.... Dou a minha palavra... Eu sei lá imaginar cathastrophes.

Eu sabia lá imaginar um homem a voar melhor do que as âves, e a nadar melhor do que os peixes, como o celebre Monte Christo, na sua gloriosa retirada do castello d'If.

Eu gosto d'aquelle Edmundo a morrer, mas aquella viagem aerea e aquatica, só me satisfaria o auctor com uma eterna verdade. O homem tinha de sahir, e sahio.

Nunca inventei catastrophes, atralhado me vejo eu com algumas, que me perparam.... ou que o diabo, ou o acaso, ou não sei, que ruim destino meu, vae alevantando diante de mim.

E o conto a esquecer-me?! Agora vae!

N'uma aldeia da Beira vivia uma menina linda, como um ameno dia de primavêra, nova, airosa, de lindos cabellos, lindos olhos, de mãos pequenas e delgadas, mui alvas e formosas, e uns pequinissimos pés, em fim em realidade historica, a memoria era da mesma maneira, que costumam ser todas as meninas dos romances. Tinha uma voz harmoniosa em extremo, era dotada d'uma intelligencia elevadissima, d'uns sentimentos de pureza extraordinarios, e de resto... era costureira.

É claro, e bem claro, e mesmo fóra de toda a duvida, que a pobre menina, que não era rica dos bens da fortuna, porque eu julgo, que em tempo nenhum apareceram costureiras por intimo desejo.

Que triste cousa, que é ser pobre no seculo actual!...

É muito melhor dizer a verdade toda de uma vez.

É mau ser pobre em todos os seculos. Se é homem compete-lhe uma vida bem amarga. O trabalho é o unico meio de alcançar a sua subsistencia. Muitas vezes nem esse lhe pôde valer, porque a doença o prende ao leito dos soffrimentos. Se o coração do operario se lembra um dia, que é um coração de homem, e acorda para o amor, é quasi inevitavel a multiplicação da desventura. Ligou-se pela santidade do matrimonio a um ente idolatrado. Que importam os seus mutuos amores? Que vale, que os seus corações afinem pelas harpas divinaes dos sentimentos mais puros? Que valor pôde ter, que os esposos n'um instante d'esquecimento da verdade da vida, afaguem e beijem e abençoem os filhos que estremece? Lá os espera o tormento nas maiores horas

*

da sua existencia. Um dia falta a saude! No outro falta o trabalho. Hoje é um filho n'um leito a gemer. Amanhã é a lembrança de que as pobres creanças, que lhes devem o ser, tem a esperar um futuro de fadigas e de miserias tambem. Por ultimo vem a morte ignorada, e a valla d'um cemiterio.

A pobreza é a mais pungente agonia da vida. Se os poderosos opulentos não fossem uns animaes, que escapáram á nomenclatura de Lineu, morriam todos de remorsos.

Vou fazer uma diligencia extraordinaria para me deixar de moralidades. Eu sei, que ha muitos leitores, que saltam indignados por cima da mais pequena reflexão! Uma das condições para ser escriptor, talvez seja não reflectir. O que se quer saber com ancia, é se a senhora fulana, e o senhor fulano, casáram ou morreram.

Como porém fallei dos males da pobreza nos homens, não tenho remedio senão considerar o que será a desgraça da pobreza para uma pobre mulher.

Como não quero porém cançar o leitor, direi só, que é o mesmo, com uma horrivel differença para peor.

Essa differença é nada menos do que a difficuldade de encontrar marido.

É experiencia repetida em muitos annos, que não ha nada que fique mais mal ao parecer mesmo de uma linda menina, e d'uma honrada e pura donzella, do que á o boato, convertido em certeza de que ella é pobre como o honrado Patriarcha Job.

Como para tudo ha a lei das compensações, ainda mesmo ás mulheres feias, tortas e aleijadas fica surprehendentemente uma fortuna collossal. Como um olho torto se torna sympathico. Como a leviandade e mesmo a devassidão se faz calumnia. Em fim, o dinheiro é um déspota de tal ordem, que sendo o tempo um arbitro, que não espera por ninguem, o dinheiro vence-o: annula as certidões d'idade, e faz retroceder os annos, que lhe parece. Como ouvireis mancebo destituido dos bens da fortuna, ouvindo fallar de sexagenaria com milhões, que lhe offerece o seu quasi seculo, e a sua muita experiencia, ouvindo fallar d'ella e dizer—É uma velha, tem sessenta annos—retorquiu logo—Não tem tanto. Sei-o eu com toda a certeza! E está muito bem conservada! —

Estas ideas mudam com o casamento. Está conhecido, que assim como o vinagre forte é o melhor para conservar os fructos verdes, o dinheiro é o unico vinagre capaz de conservar as herdeiras de nossa primeira mãe em disposições esponsalicias.

A difficuldade d'encontrar marido deve contristar. Quem poderá por gosto viver só?

A nossa heroína, que se chamava Christina, que tinha á falta de riquezas um formoso nome, e um excellente coração, vivia pobre e honradamente com sua irmã. Agora é que eu, com a mão na consciencia, não sei, não posso dizer, qual das duas é que era a mais bella. Laura.... que era a irmã de Christina, era um pouco mais alta do que esta, era mais forte e robusta, mas parecia-se muito com sua irmã mais velha; faltava-lhe todavia aquelle senhoril quasi adivinhado, que tanto caracterisava e distinguia as maneiras delicadas de Christina. Laura tinha immensa formosura, e a encantadora Christina por certo não possuia menos.

Ambas eram elegantissimas! Dous botões da mesma haste rescendem o mesmo perfume, se a enfermidade não prostra algum, deixando o outro intacto.

No tempo em que ellas viveram, que foi ainda ha muito pouco, não havia pelos arredóres das visinhanças nenhum morgadinho, por mais afidalgado e soberbo, que não olhásse com desvellada attenção para as pobres meninas. Pois esta *racinha* morgadia costuma archivar nos craneos, salvas as muito honrosas, e muito respeitaveis, e não menos raras excepções, costuma archivar nos craneos a parvoíce sendeira de quatro e de cinco gerações. É ponto de muita duvida ainda qual guardam com mais cuidado: se é a debilidade encephalica, se os pergaminhos empoeirados! Por esta razão elles não olham direitos para os entes populares de que se perdem as arvores de geração ao segundo ignorado obito d'algun obscuro casaleiro. Já se vê por consequencia, que as duas raparigas tinham, no seu tanto, muita consideração.

Ainda não ficava por aqui. Ellas eram umas meninas muito serias. Não sômos nós só quem o dizemos, era uma cousa atestada por todas as velhas moralistas da aldeia, que certificavam todas por uma voz—Ninguem tem nada, que lhes dizer! —

Devemos notar, que esta opinião é de todo o peso, porque os velhos e velhas, que fizeram tudo, que puderam, e a quem o tempo lithographou já na parede com um estri-dente e justiceiro—basta—não perdoam nada do que ainda lhe lembra com saudades, logo, que o veem praticado por os novos.

Os novos criticam hoje, e amanhã hão-de fazer o mesmo. Este mundo tomado como elle realmente é, é uma soffrivel hospedaria para se passar o curto espaço, que por aqui andamos, mas tomado a sério, é feio de metter medo. O Adamastor, o chamado feio Adamastor, comparado com o mundo, é um Adonis. Então em grandeza de maldade, o Adamastor é uma creancinha, que o mundo leva pela mão. Esta mania é geral, e por isso é de muito apreço a boa fama, que tinham as duas irmãs.

A necessidade de fazer uma introdução, em que apresentasse aos leitores as duas formosas filhas d'aldeia, levou-me a uma digressão mais longa do que eu desejava.

Sei, que as digressões são o antipoda de toda a rethorica. Resta-me unicamente pedir perdão.

O conto é muito mais sério do que realmente imaginam. Depois do perdão não posso deixar de crêr, que estão as pazes feitas.

Estabelecido este commercio d'amisade, que farei o possível por manter, vamos a dar aos leitores e leitoras as paginas tristes d'uma triste historia.

DUAS COSTUREIRAS

CAPITULO I

PRIMEIRAS LAGRIMAS D'AMOR

Que poema escripto pelas mãos de Deus é uma suave e pura manhã de primavera! É bella e magnífica a magestade do ceu a reflectir-se sobre a magestade dos campos. O sol brando e resplandecente alastra os seus raios d'ouro por sobre os prados, que já trajam as suas roçagantes vestes d'esmeralda. As flores variadissimas na sua côr dão esmalte de formosura á campina, á serra, e ao valle. O filho da aurora aclara as solitarias aldeias, que alvejam d'espaco a espaco por entre a verdura vegetativa: como cyfras mysteriosas d'um nome desconhecido, que a vista do homem soletra extasiado em nome da alma e do pensamento, e onde só pôde ler o nome de Deus.

A vida d'aldeia começa com o dia. Cada lar começa a dar atestado da sua existencia fumegando branda e suavemente. Depois cada aldeia é um thuribulo elevando em rolos de fumo o seu puro insenço ao Creador.

Que pura não é essa brisa fresca da manhã de primavera levando em suas azas imperceptiveis as sombras de pensamentos máus, e substituindo-os ali pela idea do Altissimo,

que então se manifesta e patenteia?! Como é poetico e magestoso, o desabrochar das mimosas flores dos arvoredos, symbolisando o poder do Rei dos mundos pela energica força do poder da natureza?!

Era n'uma d'estas lindas manhãs d'encanto, que n'um quarto pequenino, e formosissimo pelo que tinha de simplicidade e aceio, iam os raios fulgurantes da luz do dia, que se alevantava magestoso no horisonte, reflectirem-se vividos sobre o rosto d'uma encantadora donzella, era sobre a fronte da formosa Christina.

Se as mulheres podessem pensar a sangue frio ácerca das suas bellezas, se a vaidade as não cegasse, por certo que seriam muito mais bellas. Se as mulheres chegassem a conhecer quanto são mais formosas, livres do pezo dos enfeites garridos, e soberbos, e estudados, por certo que se não matriculariam eternos martyres de quantos ridiculos fabulosos quer inventar a caprichosa modista.

Quanto é arrebatador um cabello singellamente penteado: um lenço de cambraia rodeando uma cabeça airosa, é deixando cahir as pontas do lenço com os cabellos soltos, com que brinca o ar. A alvura do rosto eclipsa a alvura do lenço. Os cabellos formosos escapam-se a custo, moldurando o rosto. O olhar melancholico d'uns olhos innocentes e esperançosos do futuro, é muito preferivel ao olhar voluptuoso da devassidão e da mentira. Em um a realidade, que é a morte; no outro a esperança, que é a vida. A mulher deverá ficar sabendo, que é muito mais encantadora, trajando um singelo roupão largo, atado na cintura por uma fita, ao poder do acaso, do que hirta, e immovel feita de uma só peça, apertada, cavilhada, e atarrachada, dentro d'um symetrico e torturante espartilho.

A lei do progresso tem dado saltos desmedidos, mas no peccado não tem sido no que tem caminhado menos.

Minhas senhoras, a nossa mãe Eva depois que peccou lá nas paragens do paraíso, cubrio-se com algumas folhas de figueira, agora de seculo em seculo tem crescido as culpas de v. ex.^{as} a ponto de ser já preciso nada menos do que um balão para as occultar. D'aquí a cem annos só um historiadore tido e havido por homem rival d'Epaminondas é que

poderá fazer acreditar á posteridade que as suas respeitaveis avós viviam dentro d'uma canastra, que transportavam riso-nhas, com a resignação de..... d'uma mulher para andar á moda.

Por certo que estas lindas e mimosas flores da vida, se não torturariam pela força despotica da maldicta moda, que-rendo, devendo e podendo reinar pelo poder magico da belleza, se a sociedade com as suas leis de ferro não qui-zesse altiva impor o pé sobre tudo bello que a natureza creou, e substituir-lhe os seus atavios artisticos, e muitas vezes loucos.

Se esta verdade fosse conhecida, por certo que a linda Christina, não iria trocar o traje elegante, que trazia por um outro mais encommodo, e que certamente a não podia fazer tão deslumbrantemente bella!

A joven tinha aberto a sua janella, que dava para uma vasta esplanada d'oliveiras. Mais ao longe, viam-se os vistosos campos das cearas cortados pela estrada, que conduzia á ca-pelinha d'aldeia. Christina de pé entre os umbraes da sua janella, contemplava o campo fertil, que rodeava a sua aldeia.

A expressão do seu rosto angelico tinha alguma cousa de magoado e triste. A resignação não chega a ponto de appa-rentar a alegria. O veu melancholico, que anuveava a fronte de Christina, daria a suspeitar a quem tivesse longamente contemplado o soffrimento nas suas manifestações, que aquella creatura de Deus, que não era feliz. Christina suspirava tão cara e dolorosamente como só pode suspirar quem ama, porem quem ama não com um amor trivial, e morredouro, mas sim com um d'esses affectos, que quasi que se não sentem senão nos arrebatamentos freneticos do primeiro amor.

Christina suspirava. O suspiro que nasce da magoa da alma é uma porfiada lucta do infeliz com a sua dor. A dor lan-ceia-lhe as entranhas, elle busca arremessal-a para longe. A lucta é baldada, o tormento lá fica preso, como o ferrete da escravidão feito com o ferro em brasa fica preso á carne do escravo, assim fica a marca indelevel dos soffrimentos do amor nos corações, que escravisára.

A porta do quarto de Christina abriu-se, e Laura radiante e louçã, e cheia da energia de que a dotára a Providencia, entrou, como para vir formar um contraste delicioso com a delicadeza de sua irmã Christina.

Aquella fronte vigorosa, aquelle fogo no olhar, aquella brilhante louçania de formas, era a belleza guerreira das amazonas da fabula, ao mesmo passo que sua irmã parecia o jasmim formoso da Italia, que o orvalho da madrugada fizera vergar e pender.

Bons dias, Christina.

Laura tinha permanecido algum tempo em silencio, esperava, que o rumor, que tinha feito quando entrára, que não poderia deixar de ser escutado por Christina, como porem vio com admiração, que ella permanecia estática, resolveu-se a chamal-a.

Que teria a irmã de Laura, que não ouviu as palavras da irmã que a saudára?

Laura trocou a sua admiração por um vivo espanto, e adiantando-se, saudou sua irmã, já ao seu lado.

Quando a saudação foi de novo feita, a menina mais velha como acordando d'um somno pezado, disse para a joven que chegára:

Ah! és tu, minha querida irmã?! Acreditarás? Não tinha sentido absolutamente nada.

Não sabes, tornou-lhe Laura com a presciencia da amizade, ha uns dias, que te acho muito mudada, parece-me que tens andado triste.

Christina que bem sabia o que sentia no seu joven e puro coração não pôde deixar d'estremecer escutando o que lhe dizia sua irmã. A nuvem negra começava a levantar-se no ceu do seu futuro, porem não queria a virgem que ella fosse contemplada por outros olhos que não fossem os seus! Este pensamento é que lexou a irmã de Laura a não affirmar, nem tam pouco negar a sua tristeza, mas tomou uma evasiva estranha dizendo a sua irmã.

Nem sempre temos o coração prompto para folias e para jogos. Olha tu, minha estimada Laura, e Christina apertava entre as suas, a mão formosa da sua encantadora companheira, tu és feliz porque não te deu o Senhor um pen-

samento de fogo, como quiz dar-me para meu tormento; um pensamento, que se mata com tanto lidar.

Não penses tanto, Deus nos protegerá.

Deus?... feliz confiança é a tua, minha irmã.

Pois tu não crês?

Creio sim, muito! Mas sei, que Deus, que ordena á creatura a livre escolha dos seus passos, aliaz não existria nem virtude, nem crime. Penso d'este modo. Que lhe hei de eu fazer. E' sorte cruel.

Ha tempos a esta parte ainda é peor.

Christina abanou melancolica e tristemente a cabeça, parecia affirmar o que disséra á formosa aldeã, depois ergueu o braço e apontou para os vistosos campos, que se lhe apresentavam na frente ricos de gallas em magestoso panorama.

A minha alma, comessou ella, é como a natureza, que alem vez. Ainda ha bem pouco tempo tudo estava nu e despojado pelo poder do inverno. O gigante muribundo arquejava aos pés de Deus, depois comessáram os primeiros encantos da primavera, a vida foi pouco a pouco voltando, e o velho quasi çadaver, reapareceu risonho, festivo e juvenil.

Laura apertou junto ao seu coração a sua formosa irmã, por quem tinha uma entranhada estima em que transluzia muito respeito. N'este abraço de amor Laura depoz um beijo nos olhos de sua irmã... aquelles negros olhos ternos e avelludados de balde pertendiam occultar uma lagrima: mal contida foi ella porque já reflectira um raio do sol nascente. Mal contida foi ella, que se escapou fugitiva do coração.

Tu hem depréssa terás então a primavera do teu espirito, que succederá a este inverno tão frio e chuvoso... accrescentou quasi maliciosa a louquinha de Laura mostrando a sua pobre irmã as lagrimas ardentes, que se lhe debruçavam dos olhos

Quem sabe?

Foi esta a unica resposta de Christina! A mais pungente duvida tinha entrado cruel no espirito da donzella. Quem sabe os mysterios, que se occultam nos abyssos de um coração juvenil?!

Ha momentos na vida, que são de tão mysteriosa afflictção, que a creatura interroga o seu Creador, e pergunta dos

abysmos, que encerrará o seu futuro, com uma anciedade cruel e mortal.

O passado deixou em triste herança unicamente o desconsolo, o presente se não é de profundas agonias, também não póde affiançar esperanças de felicidade para o porvir desconhecido.

Quem sabe? Esta palavra é uma phrase cruel onde se envolve o espirito abraçado com a duvida.

Quem sabe? Phrase cruel, que marca as agonias e torturas de uma alma, que têm pelo porvir, que aneia, mas, que lhe não é dado penetrar.

Ah!

Laura soltou esta exclamação voltando-se para sua irmã, de quem se tinha afastado alguns passos, Christina admirada perguntou-lhe:

Que tens? Fizeste-me estremecer.

E' que eu sou verdadeiramente uma louca, bradou a menina como acordando de um sonho feliz, vinha aqui para te dizer, que desde a madrugada... Ora, creio, que ainda não eram cinco horas!... o nosso bom Gilberto aqui tem vindo trez vezes!

Mas que pertendia então Gilberto?

Queria fallar-te, mas a ti unicamente!

N'esse caso podias ter-me chamado.

Julguei, que estivesse dormindo, e por isso mandei-o voltar logo.

Mas porque supposéste, que eu ainda dormiria?

Ouvi-te ler... ou rezar até tão tarde.

Christina estremeceu, mas fingio, que nada tinha ouvido, e tornou-lhe:

Que me queria então Gilberto, a essa hora?

Isso não sei eu! Não lhe perguntei.

N'este momento ouviu-se rumor de passos na casa de baixo, que tinha a porta para a rua, e a voz de um homem, que chamava por Laura.

Está em casa, menina Laura?

Ahi vou já, meu amigo.

Posso fallar à menina Christina?

Podes, tem a bondade de subir.

Apenas Christina pronunciou estas palavras appareceu á porta do quarto da costureira um mancebo talvez de 24 a 25 annos. O tom de familiaridade, que existia entre o mancebo e as meninas aldeãs mostrava uma intima e verdadeira amizade.

Que me quererá elle? Dizia Christina a si mesma, e depois proseguia dirigindo-se ao novo personagem:

Entra! Que me queres então?

Laura correu para a janella, porque poderia ser segredo, e não tinha a indescricção de o querer devassar. Laura estava debruçada na janella do quarto de sua irmã contemplando os seus visinhos de aldeia, que marchavam para os seus rusticos trabalhos campestres. Se por ventura Laura não observasse, ou tão curiosa, ou não querendo por modo algum penetrar occulto mysterio, que podêsse existir na entrevista de Gilberto e de sua irmã, ella teria visto o joven aldeão entregar com rapidez uma carta a Christina, e teria visto por certo uma expressão de prazer e de magoa simultaneos desenhar-se no rosto da pura donzella no momento de a metter no seio.

Laura não poderia ter deixado de ouvir Gilberto dizer baixinho—E' de Gustavo.

E' de balde, não lhe responderei nunca!

Não era ao recémchegado, que ella respondia, era a si mesma, que fallava. Era uma resolução, que ella supunha enraizada na sua alma.

Por certo, que o leitor desejará saber quem é Gilberto. Gilberto é como dissemos um rapaz. Era robusto e reforçado. Nasceu na aldeia. Brincou muitas vezes na infancia com as duas meninas a quem ama como se fossem do mesmo sangue. Já não tem pae, nem mãe. E' pobre, mas vive feliz do seu trabalho.

A sua educação mui simples levou-o a poder crer com firmeza, que a entrega daquella carta cooperava para a felicidade de Christina.

Por acaso se enganaria o mancebo?

Só depois o tempo é que o poderá dizer.

Laura voltou da janella, e saudou alegremente o official de serralheiro, que era este o officio de Gilberto. Agarrou-

lhe n'uma das mãos com toda a franqueza da innocencia, ao que elle correspondeu satisfeito e contente.

Até que enfim cumpriste a missão.

E' verdade, já ia perdendo a esperanza.

Christina corou.

Vem d'ahi, Gilberto, eu vou accomodar o almoço. . . até já, Christina, vê lá, não te faças esperar. Se quizeres almoçarástambem, meu amigo.

Já almocei á mais de uma hora.

Almoçarás outra vez.

Nada, nada, isso era uma desgraça. Quero barriga de pobre. Custa-me a ganhar para almoçar uma vez, quanto mais...

Laura conduzia Gilberto, que á porta se voltou dizendo por ultimo a Christina:

Até logo.

Christina ficou só no seu quarto, fechou immediatamente a porta; depois abriu a carta, comessou a ler, terminada a leitura, deixou cahir a carta no chão, e cahio sentada n'uma cadeira, cobrio o rosto com as mãos formosas, mas ainda se lhe viram as lagrimas correndo em fio pelas faces virginaes.

Pobre Christina! Que poderia conter aquella maldicta carta? O futuro o dirá. Porque seriam aquellas tristes lagrimas?

Eram as primeiras lagrimas de amor.

CAPITULO II

O AMOR CORRESPONDIDO É GRANDE MEDICO

Tinham já decorrido alguns dias depois, que um hospede ainda moço tinha ficado instalado n'uma das melhores casas da aldeia. Quando elle chegára dias antes affirmava, que muito brevemente partiria, mas tinham-se os dias succedido com rapidez e o mancebo resedia ainda na poetica aldeia.

Ora apesar de dizermos, que o alojamento do recémchegado era n'uma das melhores casas, elle nem por isso deixa-

va do ser pessimo. O hospede por isto não estava retido pelos encantos da habitação.

No momento em que chegára tinha elle passeado largamente por dentro das ruas do lugar, e tinha admirado os arredores campestres. É de suppor, que um animo assaz poetico e melancholico lhe fizesse amar tão entranhadamente a solidão dos campos e das serranias, esquecendo-se por ellas do bulicio das festas e do ruido immenso dos divertimentos.

Agora, que são pouco mais ou menos onze horas da manhã, ainda o mancebo dorme no seu quarto. Não é exacto! Dormir, não dorme não... mas ainda não concedeu liberdade ao sol para o ir allumiar na sua alcova.

Os seus hospedes aldeãos estão ainda na primitiva sociedade. O nosso bom povo custa-lhe a mudar os habitos, que herdou das mãos de Deus na hora da criação. O povo da aldeia ainda não quiz afazer-se ao pessimo gosto das grandes cidades, ainda se não avesou loucamente ao pessimo systema de trocar o dia pela noute.

Era esta a rasão porque desde o romper do dia os aldeãos obsequiavam o seu hospede com um barulho muito menos conciliador do somno, do que o mais bem combinado e forte despertador.

O mancebo viajante parecia um homem de uma alta posição; se por ventura quizermos ajuizar a seu respeito, pelo seu porte ousado e altivo, e ao mesmo tempo delicado e affavel. Tinha havia poucos annos terminado os seus estudos na Universidade de Coimbra, fazendo a sua formatura na faculdade de direito. Tinha a apparencia de um homem abastado. Vestia com esmero e luxo. Viajava por gosto.

O mancebo queria percorrer todas as provincias do seu formoso Portugal.

Teria pouco mais ou menos trinta annos. Não era bello com essa belleza efeminada, que tão mal se casa com um animo varonil. Era palido e moreno, tinha um olhar penetrante e vivo. O fogo do seu olhar era o espelho da sua alma.

Os seus cabellos negros e soltos davam-lhe um aspecto quasi soberbo. O bigode macio e bem talhado, negro como

os olhos e cabellos, dava-lhe uma apparencia mais altiva ainda! Direito e delgado, tinha uma estatura regular e elegante. Tinha as mãos e os pés demasiadamente pequenos.

Gustavo era um typo como dizem as mulheres que é preciso ser, para poder merecer, da sua parte o ambicionado titulo de—um bello homem.

No correr passageiro e rapido da vida ouvimos fatalmente um sem numero de loucuras que nos maravillham. Confesso que a admiração não é justificada; merecia lastima, porém admiração nunca.

Os genios são raros, e os tolos são immensos. Desde que imperam as maiorias deveriamos aceitar como consequencia logica, muito mais amplitude na loucura do que na sensatez.

Peço perdão desta pequena digressão a proposito da pequenez dos pés do nosso Gustavo.

Certificou-me certo dia um apologista dos pés pequenos, que era por isso por onde melhor se poderiam conhecer os homens d'honra e virtude.

É realmente uma grande pena não ser isto uma verdade provada. N'esse caso escusava o mundo de ser tantas vezes logrado por miseraveis d'imperceptiveis pés. Voltemos ao joven viajante.

Poderá ser que alguém não sympathise á primeira vista, com o seu aspecto sombrio e quasi triste, em que parece desenhar-se um character violento, e susceptivel de paixões desesperadas, mas por certo que não haverá ninguem que deixe de muito se deixar atrahir sympathicamente para elle, depois de ter ouvido a sua conversação fluente e correcta, e de ter admirado a viveza e a animação do seu espirito.

Bem ou mal temos pintado o heroe do nosso conto como tambem nol-o pintaram. Nós estamos auctorisados a certificar que tudo isto é verdade, por tanto não podemos com justiça, estarmos a desenhar Manfredos, nem Saphies. É porém muito certo que não são os argumentos d'auctoridade os melhores para a base de bons attestados, mas usaremos d'este por falta d'outro.

Em quanto na larga'chaminé da cosinha da aldeia se perparava um almoço excellente na opinião dos hospedes, mas que talvez mui provavelmente fosse péssimo na opinião de

Gustavo; em quanto as mulheres da aldeia se afadigavam em ter tudo prompto e accomodado, para logo que o mancebo se apresentasse, eram bem diferentes os pensamentos que iam occupar a sua imaginação no seu quarto solitario.

Deram onze horas no relógio d'aldeia.

Maldito Gilberto, dizia elle. quando acabava de ouvir ecoar a ultima badalada. Não ha ninguem no mundo que seja um mais requintado imbecil: não é capaz de conseguir cousa nenhuma.

Gustavo ergueu-se cheio de impaciencia. Comessou a vestir-se com rapidez. Abriu a janella do quarto. Em quanto porém se ia arrançando, corria de instante a instante a indagar o que era á sua janella, o que bem manifestava a inquietação, que o dominava.

Ninguem apparecia. O moço revolvía os seus negros cabellos, retorcia com raiva o seu formoso bigode. Passejava com pressa, de repente parava, batendo com o pé. Desenhavam-se-lhe na fronte contrações desesperadas. N'um instante parou exclamando:

Dar-se-ha o caso extraordinario que eu não saiba escrever uma carta a uma rapariga d'aldeia?

Talvez seja peor ainda. Não entenderá ella nem sequer uma palavra do que eu lhe escrevo? Quem sabe, meu Deus, talvez que seja uma ignorante, uma estúpida?! Quem sente a efervescencia d'um capricho namorado endoudece logo, e perde a vista. Decididamente estou doudo e cego. Não sou senão um visionario em traduzir por manifestações de intelligencia, os signaes evidentes da mais vulgar mediocridade.

Talvez eu tomasse por innocencia o que não é senão uma atrevida inepecia.

Justamente na occasião em que o mancebo estava desesperado por o que mais importava ao seu coração, por o que o fazia permanecer n'aquella aldeia havia tantos dias, foi que uma voz perguntou da escada logo que o sentio levantado:

Vossa sonhoria quer almoçar?

Gustavo não pôde reprimir um gesto de impaciencia, porém pouco depois serenou-se e respondeu, como quem cede a uma necessidade imperiosa. Era um trabalho que tinha de se fazer.

Quero sim, senhora, isso já se entende.

Então quer que lh'ó leve para lá ou quer descer?

Eu mesmo lá vou.

Quando vossa senhoria quizer, tuda está prompto.

Mas que tem para me dar?

Coelho com arroz, que está famoso.

Eu não quero isso.

Ora essa! Está excellente.

Melhor para quem o comer. Não gosto, não quero.

O cometta 'ultimo tinha dado sérios cuidados á pobre mulher, e o proximo acabamento do mundo tinha-lhe tirado muitas horas de somno, mas um desespero tão grande como este, que demais tinha de soffrer callada, isso é que ella nunca tinha tido.

Soffrer e callar para uma vergontea de Eva, que faça parte da metade falladora e bella do genero humano é um soffrimento peor do que hexigas, e demais ainda ouvir um homem da cidade, um peralta, uma especie de impostor, desdenhar dos famosos costumes campestres, que já eram seguidos á vinte seculos, isso era dobrado tormento.

Arranje-me uns ovos, continuou elle, e uma gota de chá. Seja o que for!

Gustavo não pôde admirar a elasticidade muscular da sua improvisada cosinheira, por que não lhe vio a cara quando ella fazia uma *careta* medonha de contrações, ao mesmo tempo que resmungava:

Seja o que for, seja o que for! Mas para estes niquentos da cidade ninguem sabe fazer nada. Ora o coelho tão bom. Assim andam elles! Trazem licença do cemiterio! Impostores.

Assim n'uma democratica catilinaria ia pelagiando Cicero pela indignada inteusão.

Quando a mulher chegava da chaminé entrava Gilberto, que dizia:

Bons dias senhora Marcelina, como vae?

Pouco boa, mas antes assim que peor!

O senhor Gustavo já está levantado?

Já sim, mas ainda não almoçou.

Gustavo ouviu a voz de Gilberto, extremeceu e derigio-se logo para a porta, ao mesmo tempo que o joven serralheiro dextramente subia.

É preciso justificar a conducta de Gilberto. O moço aldeão tinha sido procurado por Gustavo que lhe tinha dito que adorava Christina, e que queria casar com ella. Gilberto acreditou n'isto como em verdade provada, e como estimava a menina como se fôra sua irmã, pôz-se á disposição de Gustavo.

Não podia deixar de acreditar o Gilberto.

Quaes aram as rasões porque elle podia duvidar?

Por um rapaz que parecia d'alta sociedade não se unir com uma aldeã? Essa distincção não a conhecia elle. A idea aristocratica, a elevação de posição era para elle como a ideia d'um sonho! Tudo isto porém ainda se destruia para elle, por que dando-lhe a ideia d'essas distincções, para elle não existia nada superior a Christina.

Aqui tem pois o leitor como Gilberto andava com a melhor boa fé neste negocio amoroso.

Então que ha de novo?

Aqui está!

A's palavras de Gustavo respondeu Gilberto, entregando ao mesmo tempo a carta.

Até que em fim!

A voz da senhora Marcelina tornou a fazer-se ouvir perguntando:

Então, venha ao chá que está prompto.

Nada, não s'encommode, respondeu Gustavo. Como o que quizer. O coelho mesmo. Mas logo fallaremos. Olhe, o melhor é eu não almoçar. Não tenho vontade, e tenho muito que fazer.

Se fosse possivel fazer-se mais feia a senhora Marcelina pela raiva que a minava, em quanto Gustavo rapidamente assim fallava, com certeza assim teria succedido, mas permaneceu na mesma, e apenas foi andando e murmurando enfadada:

Não ha nada assim. Ninguem o entende... Deviam-o metter na casa dos orates, E eu que o ature. Não tenho geito para enfermeira de doidos.

D'aqui a duas horas vem cá, entendes?

Quem me dêra já ver feito este casamento.

Sim, sim, até logo.

Gustavo queria distrahir o pensamento de Gilberto, que era muito mais orthodoxo do que o seu. Accrescentou:

Toma lá.

Muito obrigado, senhor Gustavo.

O Gilberto aquartelou nos seus bolços quasi deshabitados tres magnificos pintos de quatro oitavas. Fez a sua cortezia, endireitou o chapéu, que tinha debaixo do braço, e sahio, descendo alegre e contente pelo bem que tinha sido succedido.

A carta dizia assim!

Ill.º sr.

Não posso deixar de ter em uma alta consideração a estima que se tem dignado mostrar-me.

Porem eu não posso deixar de medir tambem a distancia que nos separa. Diz-me que obstaculos poderosos se oppõe á nossa união já. Conheço o mundo, pelas revelações de Deus. Fiquei sem pai nem mãe, heide tirar forças de mim mesmo. E com essas promessas enganadoras, que a desgraça chega. O meu lugar não póde ser nunca nos salões, que me offerece. Para sua mulher sou pouco digna, para sua amante sou altiva de mais. Tenho poder e dignidade para calcar as lembranças d'este amor impuro, ainda que o meu coração padeça. Se Deus nos collocasse em berços eguaes, talvez fosse o homem que eu preferiria a todos. Peço que não mais me escreva.

Tenho a honra de me assignar de v. s.^a

attenta admiradora

Christina.

Gustavo leu, quando acabou, rio-se, dobrou vagarosamente o papel, e mettu-o no bolso dizendo:

Escreveu. Eis o grande passo. A mulher dá sempre o— não—como primeira resposta, mas a segunda ou terceira, é quasi sempre—sim!—Não quer que lhe escreva, muito bem. tem razão.

Irei pessoalmente.

De repente chega junto da porta e grita para baixo animado do melhor espirito.

Ponham o coelho na meza. E ésta? E' tardissimo. Estou com uma fome terrivel. O ar da aldeia dá um apetite famoso!... Sinto-me com muita vida. Estou perfeitamente aqui.

Erguendo-se ao meio dia por certo, que o fresco do campo lhe devia ser muito proveitoso!

Gustavo fallava sem pensar, e descia a escada alegre e satisfeito, porque já se acreditava nos braços da encantadora Christina.

Esta ultima prova levara emfim o convencimento á alma da senhora Marcelina, que repetia:

Não tem dúvida nenhuma! Aquella cabeça não regula.

Gustavo comeu perfeitamente o coelho, os ovos e o chá.

A felicidade, principalmente sendo amorosa, é o melhor medico sublunar.

CAPITULO III

O DEVER E O AMOR

No pequeno e formoso quarto de Christina tudo estava melancolico e triste. O silencio monotono do ermo só era interrompido pelo cantico dos gallos em distancia e pelo sympathico som das nóras, que se ouviam mansamente. Um pouco ao longe escutava-se a voz melodiosa de Laura, que entoava junto do lar as meigas canções da sua aldeia. A voz era suave e fresca, tanto como tranquillo era o pensamento virginal da sua formosa dona.

A pobre menina apaixonada estava sentada n'uma cadeira baixa do seu mesquinho aposento. De tempo a tempo alguns suspiros abafados lhe fugiam pelos labios. Procurava no trabalho o esquecimento do seu amor. Pobre menina, era debalde!

Não é dado nem ao trabalho, nem á mais festiva distracção banir e riscar da memoria a idea fixa de uma paixão viva, que reina imperiosa no espirito. Inutilmente o pensamento busca mil diversos pontos em que pouse, tem de

mui rapido saltar para as ideias, que prendem ao objecto amado.

O somno é ainda impotente para destruir o amor; porque ou é o amor, que vence, e expêlle o somno, trazendo a alma do ente adorado para se identificar com a nossa, dando poder á imaginação de vir sental-o ao nosso lado, festivo, risonho e bello; ou então se o amor fica vencido na apparencia, a victoria renasce rapida.

O corpo cêde ao turpor, que o dóma; adormece, mas lá fica eterna a vigilia do espirito. Vem então n'esta hora um sonho, não sei se importuno, se feliz, trazer diante do ente apaixonado todas as falsas venturas de que o despertar é o algoz.

A anarchia do amor não tem despotismo, que não vença.

Christina queria banir da lembrança o joven, que lhe certificava, que a amava, e para quem se inclinava o seu coração: queria repelir um affecto, que lhe dizia á sua intelligencia, que sô poderia trazer-lhe no futuro dissabores e amarguras, porem tudo era baldado.

A pobre filha da aldeia não ousava crer na sinceridade da puresa do amor do amante, não ousava esperar a santificação dos seus affectos; porem a mulher altiva, digna e honrada não daria em holocausto o seu pudor á energia da sua paixão.

O mundo nas suas leis sociaes, rasga muitos corações, e nos seus preceitos impõe jugos tremendos, que não é dado espedaçar. O tempo correrá, mas as leis hão de ficar.

A orphã, que a sociedade posera tão baixo, filha de ignorados casalleiros, nutria na sua alma aspirações grandiosas, porque o braço do Omnipotente a collocára mui alto pela intelligencia. Christina sonhava com um amor elevado e nobre, como o que lhe parecera divisar no coração de Gustavo, e por isso é que de nenhuma sorte poderia ceder aos pedidos e offertas de muitos, honrados, mas grosseiros adoradores, que ambicionavam sollicitos a sua posse, e pediam a sua mão.

N'esta lucta de pensamentos crueis e afanosos, que de tropel lhe enlutavam o espirito, Christina foi despertada pelo rumor de passos proximos.

Pode fallar-se a menina Christina?

Christina estremeceu. e ouviu sua irmã responder:

Alli.

Obrigado!

Esta voz, que agradecia callou até ao fundo da alma da pobre Christina. A virgem quiz fechar a porta, chamar sua irmã. Um tropel de pensamentos diversos lhe faziam arder a cabeça, Um peso inexplicavel a prendia á sua cadeira de costura. Quiz fallar mas a voz cerrou-se-lhe na garganta. Em quanto este rapido pensamento torturava o animo da pobre aldeã, Gustavo subia, e apresentava-se á porta do quarto da donzella.

Desculpe, disse elle, desculpe, formosa e interessante menina, a minha ousadia em chegar até aqui.

A donzella, que pouco antes se fizera vermelha como se lhe tivesse chegado ao rosto o sangue do coração, agora estava palida, e perguntava apenas:

Que vem aqui fazer, senhor? Falle e saia.

Não seja cruel, proseguio o mancebo. Serei respeitoso.

Nem poderia deixar de o ser!

A altivez da honra transluzio brilhante no rosto da virgem! Se as ideias de Gustavo fossem arrojadas e temerarias teriam de se quebrar perante a força da formosa irmã de Laura.

Quero ouvir a minha condemnação da sua boca.

Já conhece o meu pensamento.

Quero a vida n'uma esperança, ou a morte n'um desengano.

Quer por certo perder-me.

Nunca, antes morrer, aqui aos seus pés.

Comtudo a sua presença n'estes lugares, já é uma temeridade sem explicação!

Tudo pensei. Vejo, que foi um arrojado filho do amor.

Diga antes do despreso em que tem a reputação de uma mulher.

A sua reputação não sofre mancha...

Porque me tenho imposto a lei da honra, como lh'a imponho tambem agora.

Porem, diga-me. Não poderia eu vir aqui fallar-lhe de mil objectos de costura?...

N'esse caso, falle.

E' sim, deve ser esse o meu intento.

Tracte com minha irmã o que quizer de objectos de costura. Creia; que toda a obstinação é inutil. Deixe-me passar.

Christina ergueu-se. A sua voz era severa e terminante.

Gustavo estava como se estivesse esmagado sob um peso que elle não podia suppor, que desabasse sobre elle. Afastou-se, e proseguio n'um tom meigo e submisso:

Devo deixal-a, bem o sei. Vou partir para sempre. As suas ordens são para mim leis. Não quiz todavia abandonal-a sem me despedir de quem me roubou a alma e coração, e com elles a felicidade, sem que me dêsse em troca, nem ao menos a estima, que é devida a todo o homem de bem.

Essa não lh'a posso negar.

Christina estremeceu vendo entrar Gustavo, porque a sua alma combatia como aliada poderosa do mancebo, era unicamente a honra, que detinha a virgem na confissão d'este amor. Não queria ella escrever-lhe e muito menos fallar-lhe, porque muito bem sabia a pobre menina, que esses projectos gigantescos feitos para lutar com quem se ama, que devem todos ser famosos castellos de cartas, que um sopro derruba.

Que ennumerados calculos forma solitaria a rasão, para poucos momentos depois ter de abater os seus orgulhosos e altivos estandartes diante das leis imprescriptiveis do amor e do coração.

Christina respondeu mui tranquilla. Queria convencer o joven da rasão do seu dizer. A conversação estava começada.

Creia-me, senhor Gustavo, ainda que tudo quanto me diga podêsse ter o cunho da verdade, ninguem o acreditaria senão quando realiado. A aldeia em que eu vivo, e em que nasci, é uma terra muito pequena. Ainda mal um pensamento não chega e já nós por mystico encanto o achamos assoalhado. Ainda, que sejam puras as suas intensões serão alcunhadas de crimes. A punida serei eu. Fala de obstaculos, remova-os se quer, e venha então. D'aqui até lá, bem

vê que é a vergonha e a deshonra que vem propor-me e que eu regeito.

Todavia, interrompeu o viajante realmente apaixonado, o meu amor não será nunca um ferro ardente que vá reduzir em cinzas o ente amado que o toque. Deverá, mulher adorada, sentir n'esta hora solemne o poder magico e desconhecido que Deus depõe no coração da virgem para que ella possa conhecer o homem que é destinado a crear-lhe na terra o seu throno de ventura. Formosa Christina, calquemos o mundo debaixo dos nossos pés. O mundo não merece que lhe acceitemos uma lagrima. Os terriveis preconceitos da vida algemam e matam. Despedacemos todas essas loucuras, sejamos felizes. Deus que me trouxe de longes terras aqui, que me despertou no espirito este sentir energico que eu já agora pensava impossivel, ó minha adorada Christina, é porque Deus nos quer unir. Aliás Deus só teria ordenado, eu pelo menos permittido o nosso encontro sobre a terra, para que se gerasse a nossa mutua desgraça. N'esse caso, Deus, seria mau, e Deus não seria Deus, se por ventura assim fôra.

Era energico o fallar do mancebo, a sua alma debruçava-se pelos labios em palavras de fogo, e as suas mãos impacientes apertavam as mãos da pobre Christina, que debalde pedia ao ceu a força de fugir!

O amor é o mais pesado fardo.

Gustavo quasi ajoelhado, tendo-se inclinado pouco a pouco diante do idolo dos seus pensamentos, como que se curvava ao peso de uma sagrada profissão de fé, nascida unicamente dos fogos do amor.

As chammas ardentes do delirio, que nascem d'um coração impetuoso, são assimilhadas às vagas do mar, quando ellas temultuam em procella ruidosa, que se erguem, espumantes de raiva, não chegam a parar senão quando encontram barreira possante e rija.

Christina mal podia affastar quem a sua alma chamava com todo o poder do amor. Dentre a escuridão tenebrosa da loucura, surgiu a luz clarissima da razão para que fosse a luz do triumpho para a donzella afflicta.

Trémula e descorada a menina balbuciou a custo querendo soltar as mãos que elle preestia em segurar:

Gustavo, Gustavo, quer perder-me?!

Não, quero salvar-te, continuou elle cada vez com mais animo e vehemencia, quero salvar-te das injustiças do mundo, que te faz pedir pão aos teus braços tão fracos e delicados, quando deveria com justiça dar-te os solios da terra por imperio. Quero, heide salvar-te das injustiças sociaes, que te condemnariam barbaramente a uma alliança com quem te não comprehenderia a tua alma de fogo angelical.

O amor e a lucta geram o desespero.

Christina empalideceu n'este momento. Era uma estatua de marmore. Dir-se-hia que todo o sangue se lhe tinha concentrado no coração. A virgem pensára em Julião Esteves, censeiteiro, que muito a amava e que era tal qual o apresentava Gustavo.

A virgem disse com magoa profunda:

Por piedade, nem uma palavra mais.

Christina, tornou elle, mas se eu te juro que tu breve serás minha esposa adorada.

A estas palavras que pronunciará Gustavo largando a virgem, e tomando um aspecto sobranceiro, e um tom em que parecia transluzir a verdade, Christina suspirou, flectiu em face o rosto do seu amante, depois d'um instante de silencio, passou as mãos pela testa afastando os seus formosos cabellos, e depois sorriu tristemente, com lagrimas no triste sorriso: Abanou lentamente a cabeça com esse ar de duvida, que os mil enganos do mundo perverso e corrompido trazem ás almas mais puras, e disse!

Sua mulher?! Impossivel.

Que pungente e dolorosa era a dor, que lacerava Christina quando assim dictava a sua sentença.

E quem poderá impedil-o?

O senhor mesmo?

Jámais o acredite.

O fogo da paixão dominava os dois amantes. Passados alguns instantes a donzella começou:

Esperai. Fallemos tranquillos, ouvi-me.

Sentados um ao lado do outro, querendo ambos penetrar na alma do ente, que verdadeiramente amavam, esquecidos por momentos das tristezas do passado, e das magoas que lhe apresentava o presente, cheios dos sonhos esperançosos do futuro, que nas horas da mocidade jámais abandonam, Christina começou:

Gustavo, creia que eu sinto alevantar-se-me no coração, uma chamma para mim até hoje desconhecida, e que eu creio que foi a sua vista que veio despertar-a, que é ainda ella que o anima... creio que jámais a sentiria... ou pelo menos estou certa que nunca me atreveria a confessal-a a nenhum outro homem.

Obrigado, minha querida e boa amiga, balbuciou o correspondido apaixonado, levando pela primeira vez aos labios a dextra da donzella seu encanto e seu amor.

Quem será capaz de com exactidão manifestar o que vai d'energico e vivo na alma do homem, quando elle tem a ventura de tocar pela vez primeira a mão da mulher que adora? Quem poderá descrever a força magnetica, que aviventa o corpo e a alma do ente feliz que n'um momento se crê correspondido?

Vivido sonho d'um instante, que um outro instante mata. Mystério do espirito; que o espirito sabe sentir, mas que não sabe relatar.

Espere, prosseguio Christina sem retirar a mão que o seu amante olhava tão religiosamente, como um arabe no deserto olha para as estrellas do firmamento, que lhe serão o seu norte e o seu guia na sua longa peregrinação; como os entusiastas do Koram olham para o tumulto do seu propheta. Espere, ha um homem de quem pôde talvez depender a minha fortuna, com honra e dignidade, a minha fortuna sem quebra do meu decóro, um homem que me ama, e que será immediatamente meu marido.

Um raio caindo sobre um cedro, que lascasse a arvore gigante, que a despedaçasse em fragmentos, não fazia mais tremendo estrago á pobre arvore, do que estas symples palavras da costureira produziram sobre o animo do amoroso Gustavo.

O mancebo ergueu-se e bradou com raiva:

É impossível, não hade ser assim!

Estava hirto, immovel, direito. Parecia que uma vara d' aço lhe varára o corpo bem a prumo.

Mas porque rasão não será?

Pois, continuou elle, tão pura e tão delicada, tão cheia de razão e de talento hade ir pertencer... Porem quem é esse homem?

É um homem honrado.

Um imbecil talvez?

Que m'estima como deve. Acrescentou a virgem com ressentimento mal disfarçado.

Um aldeão grosseiro.

De quem eu serei a esposa.

Infeliz sempre. Deve acrescentar. Prosseguiu elle. A delicadeza da alma soffre sem parar ao lado da falta da educação.

Não posso duvidar que seja assim. Será talvez sempre. Comtudo pode acreditar-me. Eu antes perfiro ser a esposa d'um pobre homem do povo, que seja rude e grosseiro, do que ser a amante despresivel d'um grande. O meu modo de pensar é assim. Tenho horror á infamia. Antes quero ser a primeira n'aldeia, do que a ultima na cidade. Antes o respeito popular, ganho pelo martyrio, do que o desprezo dos senhores, conquistado pelo abandono da vergonha. É mais bella a vida com o trabalho e com a honra, do que arrastada na ociosidade com a devassidão.

O que diz é justo e digno!

É o que me ordena o coração.

Ninguem lhe propõe a vergonha.

Nem que a propozessem eu a acceitaria.

Quem é porem esse homem de que fallou?

É um homem rico, porque tem trabalhado muito, e que hoje vive do seu trabalho.

Finalmente, senhora, prosseguiu o mancebo agastado intimamente pela impaciencia e pela duvida, Quem é esse homem?

E' um pobre confeiteiro.

Christina córou, um momento depois estava palida como uma estatua de cêra. Era tão baixa a sua voz quando pro-

nunciava estas palavras, que mal se poderia escutar. Parecia que tinha medo de ser ouvida. A alma da desditosa menina partia-se envergonhada, não porque não comprehendesse, que n'um peito popular bate muitas vezes a honra e a virtude, mas porque as formozas e bellas aspirações do seu espirito, desenhavam-lhe o amor elevado e sublime, e despedado de interesses vilões, que enchem exclusivamente as almas, que a educação não vem purificar para o idealismo. A formozas aldeã comparava n'este momento o elegante e engraçado Gustavo áquelle que ella já chamava o seu futuro esposo.

Gustavo tomou de novo a palavra. A impaciencia de ir vendo fugir-lhe a esperanza, ia tirando a doçura pouco a pouco á sua voz. O mancebo então bradou com força intima, e que elle buscava tornar invencivel.

Porem se eu digo, se eu juro, que será em pouco minha esposa.

Christina deixou passar um instante de silencio, depois proseguio de novo:

Acredito, senhor Gustavo, em tudo que diz. Tenho a certeza de que está convencido que tudo que diz é a pura verdade.

E quem poderá duvidar?

Dae-me a vossa attenção.

Juro que fallo como o meu coração me ordena, e que ninguem poderá obstar á minha vontade.

O sentimento, accrescentou Christina sorrindo, é quem alucina agora. Nós promettemo-nos mutuamente que fallariamos socegados. Ovi-me. Ou a minha paixão mais forte do que o meu dever me lêva a cometer um crime horrendo, que o mundo jamais perdôa, e n'esse caso vós pensareis sem duvida, que foi a vossa alta posição que me arrastou ao peccado.

Repeli essa idea. Jamais o penseis.

Deixae-me ver o mundo como elle é. N'este caso vós pensareis que se eu me quiz alevantar até subir até vós, que vós deveis despresar-vos de baixardes até mim.

Essa horrorosa obstinação que magôa...

E' o espelho do futuro que ponho diante dos nossos olhos,

para lhe fugirmos. Se eu porem conservar até os pés do altar a honra que herdei de meu pae, e se me tornar vossa esposa....

Que poderá então acontecer ?

O amor cede o passo á saciedade, continuou Christina lenta e pausadamente, a indiferença segue-se-lhe. Chega a tranquillidade da razão. A sangue frio é que se pensa. Vós então direis. Aquella mulher não me tinha amor, o que ella unicamente quiz foi que eu a tirasse da sua triste posição.

Jamais, minha querida amiga, tornon Gustavo com fogo, jamais houve coração algum que ardêsse em mais viva e pura chama do que o meu, jamais um amor tão puro e elevado se rojou submisso aos pés de mulher nenhuma. Minha adorada Christina, o berço e a campa são os dous pontos longiquos da existencia, e são ambos prescriptos por Deus; mas o espaço, que medeia entre elles, a cadeia mysteriosa com que se apertam é a vontade livre da creatura do Senhor, que tem a liberdade para procurar na terra a sua ventura.

Quantas vezes o destino engana cruel.

O joven prosequio sem attender ás palavras da menina interdicta.

A Providencia vem fallar aos meus ouvidos, só ao teu lado, minha formosa flor, eu poderei ser feliz.

Eu só vos disse verdades, replicou a costureira, verdades santas e indestructiveis.

Não, não o creias, e o espirito de Gustavo incendiado pela paixão cobrava a cada instantê alentos novos, dá-me o teu puro e santo amor.

O delirio do môço amoroso já o fazia vergar por terra. Gustavo ajoelhava aos pés da sua bella.

Eu amo-te frenetica e loucamente. Mulher, a tua alma é a minha alma. Não me falles mais d'esse homem que disseste. Não penses n'essa odiosa união. Esquece tudo.

Jamais o espereis.

E a pobre donzella que vacilava entre o dever e a paixão arrancava com força as suas mãos d'entre as mãos de Gustavo, que lh'as beijava ebrio d'amor, e abrasado nos fogos da maior energia affectuosa. Elle prosequia:

Vem, vem, sejamos felizes, opulentos de felicidade. Christina, pelo tumulto de meu pae, pela honra do meu nome, cré nos juramentos, que te faço. Tu serás minha esposa. Não penses mais n'esse homem sempre baixo e grosseiro, que mancharia a cada instante com o seu amor trivial o teu amor do ceu; que enregelaria com as suas palavras de gelo a tua alma de fogo angelical. Mata-me aqui aos teus pés, mulher anjo, que eu adoro tanto; ou então vivifica as minhas crenças já gastas pelo fogo inspirador d'uma nova e santa fé. Christina, tem piedade de mim.

Gustavo no seu delirio apertava em seus braços a menina abatida e sem energia... para poder fugir-lhe. A virgem ergueu os seus olhos lindos para o ceu, lagrimas ardentes de fel corriam nas suas faces bellas e palidas pela vehemencia da paixão. Quiz erguer os braços para o ceu, para implorar o Eterno, mas esqueceu-se da eternidade para erguer do chão o amante que estremecia. A donzella balbuciava:

A Gustavo, Gustavo, se m'enganasse?!...

Passou as mãos pela fronte, deixou pender os braços sem vigor, e cahio sobre uma cadeira a chorar.

No mais vivo e frenetico delirio do amor, n'esse instante sublime em que se resume na terra a eternidade do ceu, n'essa hora unica em que se ouve pela vez primeira sabir dos labios adorados a confissão tão querida e tão anciosamente esperada da certesa do amor, a alma pára para o tormento, e adeja nas regiões de prazeres suaves e indivisiveis.

Christina estava linda, Gustavo ajoelhou de novo diante d'ella, porem foi affastado meigamente; depois as mãos da donzela foram rapidas para affastar as madeixas aneladas dos seus negros cabellos, e para enchugar o pranto que lhe inundava os olhos; mas aquelle movimento veloz e rapido partiu um cordão que trazia ao pescôco, e de que pendia um cruxifixo d'ouro, que lhe déra sua mãe no momento de expirar.

O Christo crucificado cahio-lhe aos pés, ficou entre elles a separal-os. Gustavo recuou, Christina estremeceu.

A voz de Deus e de sua mãe vinha bradar-lhe à borda do abysmo — pára. — A mulher ergueu-se forte e firme,

repeliu o pensamento que a matava, e bradou tomando a cruz, e ajoelhando, ao mesmo passo que a cobria de lagrimas e de beijos:

Obrigada meu Deus! Mãe, mãe, eu t'o agradeço. Salvaste a tua filha.

Que dizes, minha Christina, minha adorada, minha esposa?

Nada, respondeu ella, eu não digo nada. Deus é quem fälla. Esqueça tudo, deixe-me para sempre.

Que estranha mudança?!...

Laura, Laura, minha irmã?

O mancebo estava no auge da admiração, Christina bradava á porta do seu quarto que abrisse.

Não comprehendendo, balbuciava ainda Gustavo, ao mesmo tempo que Laura bella e risonha apparecia á porta da entrada.

Christina abraçou a irmã que lhe perguntava admirada: Tu choraste, Christina?

Não! E' loucura. Porque havia eu chorar?

Depois a irmã de Laura voltou-se para Gustavo e disse: lhe mui tranquilla:

A obra estará concluida em pouco. Póde mandal-a buscar quando quizer.

Muito bem, tornou elle maquinalmente, e sem acertar com o caminho que deveria tomar no futuro.

Tudo estava perdido, pelo menos elle assim o acreditava. O orgulho fallava ainda de esperanças. O capricho revoltava-se contra a pungente realidade. Gustavo tæiturno e triste, vergou ao peso da sua magoa, e sahio vagarosamente. Laura acompanhou o mancebo até á porta, e o seu rosto angelico como que se reflectia n'alma do amante despresado.

Gustavo pensava comsigo na occasião em que deixava aquella querida habitação, que a irmã de Christina era uma donzella encantadora.

Christina ficou finalmente só no seu quarto, enchugou as lagrimas. Os olhos seccáram-se. Uma resolução irrevogavel tinha acabado d'entrar na sua alma. Sentou-se á mesa e escreveu uma pequena carta, que dobrou. Terminada a escripta Laura entrava de novo.

Minha querida irmã, disse Christina, peço-te que procures Gilberto sem demora, e que lhe rogues para levar essa carta ao seu destino.

Laura estava no habito de obedecer a sua irmã, pegou na carta e sahio.

Christina ficou por algum tempo encostada á mesa, mas sem tremer e sem derramar uma lagrima. Estava impassivel como o symbolo da resignação. Comtudo ainda sentio um frio intenso correr-lhe pelo corpo quando sua irmã lendo o sobrescripto da carta disse alto — Ao sr. Julião Esteves! —

CAPITULO IV

O SENHOR JULIÃO ESTEVES

A velocidade dos caminhos de ferro que tanto nos tem maravilhado fica muito áquem da velocidade com que se cumprem os trabalhos do amor.

Ainda não tinha decorrido uma hora depois, que o joven Gustavo tanto se tinha maravilhado da rapida mudança de Christina, e que a tinha deixado só com sua irmã, quando o sr. Julião Esteves entrava na pequena habitação da moça costureira correndo ao seu chamado.

Julião adorava Christina desde, que ella começára a mostrar desenvolvidas as suas fórmagraciosas, era rico, e acreditava, que seria aquella mulher, que poderia fazer a sua felicidade. Nunca pensára nas diferentes indoles, que os separavam.

Viu-a, agradou-lhe, projectou satisfazer o seu desejo.

Muitas vezes lhe tinha proposto um casamento, que a rapariga sempre tinha regeitado, por isso no momento de receber aquella carta, que o chamava, dizendo-lhe ser para esse fim tão desejado por elle, caminhou logo para o sitio, onde o bom confeiteiro sopunha ir achar a ventura.

Julião subio, comprimntou Laura, e chegou á alcova de Christina, que o esperava.

O rosto da virgem não mostrava prazer discripto no rosto, mas antes magoa profunda. O olhar de Julião não era prespicaz, a nada atendeu.

Quer fallar-me a toda a pressa, disse o recémchegado alegremente, e demais diz-me ser para o que muito me interessa... Não póde ser senão...

É verdade.

Aqui me tem. Todo eu sou ouvidos.

Dizia assim o confeitiro apertando a mão de Laura, que o seguira até o quarto de sua irmã.

Assente-se sr. Julião.

O venturoso namorado não se fez esperar, puchou por uma cadeira, segurando-lhe pelos dous braços, e arrastando-a um pouco para junto de Christina, e esfregando as mãos satisfeitissimo, depois de ter deposto no chão o seu usado chapeu.

Não é certo, proseguio a donzella custando-lhe a pronunciar cada palavra, como se ella queimasse os labios, não é certo, que me tem algumas vezes solicitado a minha mão?

Essa é boa, acrescentou elle, encolhendo as gordas pernas, e puchando no joelho as calças um pouco. é vocemecê, que o diz, e não hei-de ser eu capaz de negar a sua palavra honrada.

Um sorriso estúpido passou pelos labios grosseiros do noivo em prespectiva, e exprimio elle a esperança d'um desejo longamente ambicionado. A natureza em toda a amplitude dos seus direitos gigantemente materiaes revelava-se no brilho dos olhos d Esteves, que se acreditava já na posse da creatura, que a sua intelligencia apesar de acanhada lhe mostrava muito bem, que não merecia. Nunca uma só vez pensára o sr. Julião no espirito elevado de Christina, o que era para elle surprehendente era a sua estatura elegante e airoza, o seu alvo collo, e os seus formosos e vivissimos olhos d'ébano.

É meu dever apresentar ao leitor o sr. Julião.

Este homem era um typó vulgar, baixo, gordo, e baseado n'uns curtos e largos pés; era defendido por um par de mãos enormes, que ainda no tempo do maior calor, fingiam a existencia chronica de centenaes de frieiras. Como contraste á grandeza dos pés e das mãos tinha a pequenez dos olhos.

Um chapeo muito luzidio e russo apertava de ordinario

alguns poucos cabellos meios brancos, meios pretos, que eram cuidadosamente puchados dos lados para o alto da cabeça, para vêr se lhe podiam tapar uma espaçosa calva, que scintilou no instante em que entrára, e tirára o chapeo, porque o trabalho da collocação symétrica do cabello era quasi inutil.

Uns grandes botões d'ouro apertavam-lhe o collar da camisa, de côr enigmatica, e de linho pouco fino.

O importuno lenço do pescoço tinha soffrido uma temporaria prescripção, e apenas se instalava no seu respectivo lugar, nos dias de festa ou de confissão,

Umhas espessas barbas russas e curtas eram a moldura natural d'este rosto pouco amavel, mas onde transparecia a par da brutalidade, uma indole bondosa

Os olhinhos pequeninos, de que já fallámos, eram *esverdeados* e vivos, fazendo sobresahir pelo escuro n'uma bocca descomunal meia duzia de dentes postos d'espaco a espaco!

Trajava o sr. Esteves uma jaqueta de briche e um colete desbotado. Sobre o collete descansava um grosso grilhão de ouro de que pendia um relógio maior do que a palma da mão.

O sr. Julião, era um aldeão chapado, pé de boi, grosseiro, e difficil d'aturar, mas o sr. Julião era boa pessoa. O bom homem estremezia d'amor pela joven Christina. Já se vé que este amor, era um amor a seu modo, mas ninguem com justiça pôde pôr em duvida, que era amor.

Era pois detestavel em quanto ao phisico, e em quanto ao moral era inclassificavel.

Era este o feliz mortal, que tinha sido escolhido pela adorada do moço Gustavo, para ser o seu esposo venturoso.

O mundo com as suas terriveis exigencias, faz destilar muito fel do coração, e depois de ter coroadado a frente dos seus martyres sociaes com os tremendos diademas d'agonia e do martyrio, diz por ultimo preito—Fez o que devia!

Pobre Christina, amava loucamente e era amada d'igual modo, e o mundo cruel vem impor-lhe a ignobil troca d'um talentoso e elegante joven por uma repugnante e enjoativa machina vertical, que o capricho do naturalista porfia em chamar homem tambem, aliás será uma louca perdida. É lei

*

cruel, mas é lei, e só resta aos filhos da terra curvar a cabeça e obedecer.

Sr. Julião, prosequio a pobre victima resignada, hoje pensei maduramente no meu futuro, aceito as suas propostas, e só ponho uma condição.

Julião, que saltava de contente pela expansão da sua alma, que não sabia fingir, exclamou:

Aceitada já!

Christina soltando em fim esta palavra, que era uma solemne promessa, encostou-se para traz. Parecia fatigada, tanto lhe custára a pronunciar a sua fatal sentença. Houve um instante de silencio.

Eu não batalhava que era uma asneira querer-se-me escapar! Era elle que prosseguia com a verbosidade do prazer. Tanto bate a agoa na pedra que a faz amollecere. Quem diabo havia *escangalhar* uma *futrica* tão bem amanhada. Onde havia ir você que mais valesse. Ah! grande *cachorra* que me tem feito andar a perder tempo *ha mais de quanto!* Mas estou satisfeito, e não fallemos mais n'isso!... Não lhe tenho *aquella* nenhuma. O que lá vai, lá vai. Tractar de tudo é o que importa. Vou tractar da cousa e do que houver eu virei fazel-a participante.

Christina media cada uma das palavras de Julião pelas de Gustavo, estava como alucinada, não queria pensar, fechava os olhos para não ver. A queda era espantosa. O seu unico pedido ao Senhor era que o tempo corresse bem veloz.

O feliz Esteves ergueu-se agil, como se perdera vinte annos, e pondo a mão no hombro da sua bella, bateu-lhe tão ligeiramente como póde e sabe a mão d'um Julião Esteves, confeiteiro, amestrada na refinação do assucar.

Minha rapariga, disse elle, parece-me que estás triste. Leve o diabo paixões. Isso não é nada. Todas as afflicções passam em a gente havendo muitas terras e muitos vintens.

A virgem palida e atterrada balbuciou:

Diz bem, diz bem, senhor Julião, mas depressa, quero tudo com muita pressa.

Porque me não tractas por tu?

Não posso, a diferença da nossa idade...

Qual idade. Isso virá com o tempo.

Não se demore!

Olha que tu não tens mais pressa do que eu. O que hade ser... seja. Dá cá essa mão, que hade ser minha em pouco tempo.

Christina estendeu-lhe a mão, que elle apertou quasi com as lagrimas nos olhos, e dizendo.

Esta minha é grosseira, mas é amiga devéras.

O pobre homem dizia a verdade. Christina sentio um forte aperto de coração, teve tambem vontade de chorar. Pareceu-lhe que ia commetter um crime. Ficou silenciosa. O confeitoiro sahio.

Então sim, então a pobre menina chorou, então achou no pranto, senão a felicidade, pelo menos o linitivo ao tormento, que a despedaçava. Assim decorreram oito dias. Julião tudo poz prompto com rapidez. A pressa dos negocios anda quasi sempre na razão directa dos exforços dos interessados.

Rompeu finalmente a manhã do dia do noivado.

Quem ha que não tenha tido ainda a fortuna de presenciar um casamento n'uma aldeia? Se ha por ventura alguem, saiba que tem perdido um delicioso divertimento. Um casamento n'uma aldeia é o mesmo do que uma queda ministerial na corte, ou do que um formigueiro d'eleições em escolha constitucional.

Julião dormiu pouco em toda a noite, fantasiava mil castellos de felicidade futura; abençoava as seus trabalhos de tantos annos, porque era por elles, dizia o bom homem, que elle ia *comprar* uma linda mulher.

O futuro marido jurava redobrar d'exforços, para que podesse formar para a sua formosa esposa uma existencia de rosas e jasmims, como elle a entendia. Fazia tenção de lhe comprar muito ouro, e muito fato, uma excellente cavalgadura para ella o acompanhar ás feiras. Promettia a si mesmo adornar o paraizo conjugal com vaccas e cabras, e até com uma creada. Que mais poderia desejar a pobre e mesquinha costareira.

Julião apenas exigia que ella estivesse na loja pesando os

doces, e tomando contas. Quem o seu não vê, o diabo lh'o leva.

São expressões do noivo de Christina.

O aldeão enriquecido julgava em sua consciencia proporcionar d'este modo a felicidade da irmã de Laura, porque na sua imaginação fantasiava ainda a grandiosa differença que ia operar-se na sua posição, deixando momentaneamente de trabalhar para sustentar-se, e não precisando d'erguer-se para ir preparar o almoço ou o jantar.

Ha no mundo certas almas monetarias, se é que por ventura d'almas podem ser alcunhadas, que julgam, que n'um pouco de dinheiro amontoado vive inteira a existencia. Taes entes, nas trevas dos seus mysterios intellectuaes, chamam loucos aos espiritos elevados, que choram chamando-se infelizes apezar de terem no bolço o ouro de que precisam.

Quantas lagrimas se não derramam no centro d'abundancia? Quantas lagrimas não chorava a infeliz Christina, quando ia tornar-se independente do mundo, e só dependente d'um esposo rico, que muito a amava, e que ella mesma escolhera?

Demais, esta dependencia deveria ser mui fragil sem duvida porque ella devia por certo dominar-o.

A differença das idades, o muito que elle a estimava, e demais a intelligencia da noiva, tudo attestava essa esperanza.

Christina assim como Julião tambem não dormio na vespera do seu casamento, assim como Julião só pensou na pessoa a quem ia ligar-se para sempre. Mas como eram encontrados e differentes os pensamentos, que dominavam os dois futuros consortes.

Meu Deus, meu Deus, pensava ella no silencio da sua triste noute, dentro d'algumas horas eu serei uma mulher criminosa, porque será um crime pensar no unico homem que amo... e eu não posso riscar-o da minha memoria. Não o amo... amei-o muito, mas heide esquecê-lo.

O meu senhor, o meu esposo, o que terá direito ao sentimento puro e santo do meu coração, é Julião Esteves! Eu não posso deixar de lhe ser grata, sem me tornar um ente

perverso, porque eu sei que elle que me estima. Como poderei eu chegar a ter amor áquelle homem? Um velho! Que entende o pobre homem d'encantos e d'amores?! Passar a minha vida inteira junto d'elle?! Oh! que horroroso supplicio! Ter de o ver sempre, todos os dias, todos os instantes ao meu lado, ter de soffrer-lhe as caricias, não as poder repellir, dever antes agradecer-lh'as. Meu Deus, ha calices muito amargos na existencia! Dentro em pouco eu vou jurar que serei sua, unicamente sua. Ai! meu pobre coração, porque não morres no meu peito enfraquecido!? Que sociedade! Porem nos braços de Gustavo?... elle dentro em pouco despresaria a simples mulher d'aldeia, que tivera a loucura de crer no seu amor, e eu ficaria deshonorada e perdida. Morreria de vergonha, antes quero morrer de saudade. Mas quem sabe se tudo quanto elle dizia era verdadeiro? Santa Virgem, talvez que eu podesse um dia vir a ser sua esposa?! Loucuras minhas! Tristes e pobres sonhos, loucura foi sonhal-os. Adiante. Tudo acabou já. Pobre infeliz, amortalha-te na tua dor, é o teu primeiro tumulo, o outro vem já perto!

Assim chega o dia do enlace de Christina e de Julião Esteves.

Gustavo ainda se não tinha retirado da aldeia. Parecia que desejava ser testemunha occular e impassivel da sua condemnação. Tinha escripto algumas cartas áquelle porquem tanto desejava ser amado, mas não tinha obtido nem sequer uma resposta. Gilberto foi emfim prohibido por a joven de lhe fallar mais em tal homem. Era myster que assim se fizesse.

O serralheiro não comprehendia a recusa de Christina, porque elle não lhe passava pelo pensamento a idea de seducção.

Todos os rapazes e raparigas da aldeia esperavam a festa com impaciencia. O senhor Julião convidára todo o povo. Dava um jantar ás principaes pessoas da terra, á frente da qual aristocracia figuravam como vultos importantes, o cura, o regedor e o mestre de primeiras letras.

Chega a hora solemne e decisiva. Julião mostra-se aos seus amigos vestido de ponto em branco.

A alegria reflecte-se-lhe no rosto, que luz como se fôra envernizado. Os ultimos dias teem-o visto engordar a olhos vistos. O noivó puséra todo o esmero no seu trajo, mas o bom gosto não era o seu forte.

O primor que o acompanhava n'uma factura de especiones, ou n'umas saborosas brôas do Natal tinha-lhe sido agora falso. Trazia uma camisa bordada até á saciedade, que teria arrancado outra qualquer pèlle que não fôsse tão contumaz a mudar de lugar, tal era a rigéza do pano de linho novo e forte de que era feita. Um lenço vermelho e alanrajado, mas do melhor setim lhe atarrachava o pescôço, que perdêra a liberdade n'este dia. Era a golilha mais escandalosamente burgueza, que tinha adornado a garganta d'um bipede baptisado. As calças de quadrados côr de mêl e verdes, eram folgadas, ainda na esperança d'engordar mais no seu feliz consorcio.

Um colete de que não era permittido decifrar a côr, deslumbrava aquelles que o olhavam. Se é possivel aos homens passar alem da natureza, o arco Iris é muito inferior em numero de côres áquelle milagroso colete. Não lhe tinha esquecido o seu grilhão soberbo, que acompanhava um alfinete d'ouro, com um girasol d'esmeraldas, rubis e diamantes, que lhe prendia o lenço vistoso. Sobre tudo isto brilhava uma casaca de pano azul com botões amarellos, nova e do melhor pano, e feita para o baptisado d'um seu sobrinho, que n'esta occasião, já emancipado e de casaca quasi igual, vinha ao casamento do tio. O chapeu antagonista da nuca, formava na sua luta constante uma especie de dilema de nova especie.

Christina vinha de vestido branco liso, e nada mais.

Um lenço branco de sêda lhe encobria o lindo colo, e uma mantilha de sêda preta a envolvia toda, e lhe occultava o vermelho, que as lagrimas impremiram nos seus olhos lindos.

Entráram na igreja, e sahiram pouco depois.

Tudo estava concluido. Christina já era a mulher de Julião Esteves. Só a morte os poderia separar.

Dêve ser um momento bem solemne e afanoso aquelle em que se muda a face da vida, e em que se prendem para

sempre dous destinos. Não é porem assim, a leviandade da mulher e do homem, fáz do casamento um brinquêdo, a que respondem as mil desgraças do futuro.

Passáram-se algumas horas em que o noivo esgrimia com o impossivel para se tornar amavel junto da esposa. Qualquer dito que elle julgava espirituoso era uma punhalada no seio da pobre mulher, que permaneciã triste sempre.

É uso imemorial n'aquela parte da Beira, marchar o cortejo nupcial do templo para casa do padrinho onde se ha-de por força beber chá, e comer bolos. Não faltáram no caminho as fitas de mil côres atravessando as ruas. Umas nas mãos dos pobres suplicando esmola, em memoria do venturoso dia; e outras nas mãos dos amigos para demorarem e festejarem os noivos, e deitárem-lhe flores e confeitos; mas quaesquer d'ellas embaraçando-lhe a passagem. Julião ebrio d'amor e d'alegria soccorria liberalmente os indigentes, e ria e folgava com todos.

Se no mundo existe a felicidade gosava-a o esposo da pobre aldeã.

O padrinho folgou com os afilhados no tempo, que decorreu em tomar o patriarchal e insipido chá.

Eil-os em fim de marcha. Tudo na casa nova de Christina esperava pelo meio dia para apresentar na mêsa o jantar dos noivos.

Deu em fim a hora prescripta para o jantar dos esposos e convivas. Foram finalmente para a mêza. Julião e Christina ficáram juntos.

O jantar não apresentava a mais pequena novidade, era tão bem servido como são todos os jantares d'este genero. Abundantissimo até o delirio gastronomico; succulento alem da saciedade; era em fim d'estas primorosas collações, que enjoam com a vista, e fartam com o cheiro.

Em terrinas de mais de metro, similhando vastos oceanos de caldo, em que navega abundantemente um classico macarrão amarêlo, consistia a primeira coberta. Cada prato era um alguidar transformado n'um lago d'azeite, que era velozmente engulido pelas voragens sequiosas e famintas dos convidados insaciaveis. Seguiam-se a estes gigantes culinarios, promontorios de vacca, de presunto, de toucinho, cir-

cumdados de vastas planicies de couves e de nabos, capazes de fartarem a familia d'Agamemmon, juntamente com a das Danaides.

Que direi dos mil Chimborãos de carne assada, dos perus e das suas cordilheiras de batatas? Não digo nada. O gosto portuguez, faz hydropesia, aos mais susceptiveis, e mimosea os menos delicados com levissimas indegestões. Como corôa de tudo isto appareceo o imperterivel arrôz dôce. O arrôz dôce substitue nos jantares d'aldeia, a farça de cordel dos antigos theatros. Honra seja pois tributada ao companheiro fiel dos jantares da burguezia. O arrôz dôce é sem rival perferido, como o bacalhau impera na quaresma, reina aquelle em todas as solemnidades do anno.

O vinho bom e muito comessava a animar os convivas, isto é, comessava a dar parte de mudança para os andares superiores. O apetite de beber vae multiplicando os pretextos para as saudes. O amavel desposado não perdia occasião d'obsequiar a sua nova e cára metade, e por isso lhe repetia sem cessar:

Mais um bocadinho, cômè, não te faças *maricas*!

É costume terrivel, velho, e inveterado, principalmente nas ultimas classes sociaes, pertenderem mostrar a sua estima e dedicação, martyrisando e torturando quem não tem a fortuna de deglutinar um boi por obsequio. Estes entes fastidiôsos tornam-se amaveis querendo calçar no estomago dos pobres hospedes, que lhes cáem em casa tudo quanto puzeram na méza. Ha poucas torturas sociaes que tanto enfastiem, como são as que se aguentam de cara alegre, quando se está falando n'uma cousa interessante, e se é interrompido pela meliflua vóz d'uma senhora obsequiosa dizendo— Coma um bocadinho. Está tão bom! Não come nada!

Nos antigos tempos enforcou-se gente com muito menos rasões.

Assim queria Julião provar a Christina o seu amor.

Queria por ternura, logo no dia do noivado, matar a desditosa mulher com uma indigestão.

Come um bocadinho d'este arroz.

Mas se te digo, que não tenho vontade.

Empurra que te ha-de fazer bem.

Porem se eu não pôsso mais.

Come, que lá se acha.

O imbecil não era original. O mundo nos seus originaes estultos não é aváro. Como pôde a creatura usurpadora do epitheto de racional, imaginar que se cóme quando ha uma repugnancia extrema? Serão tão felizes, que tenham sempre appetite, ou tão estupidos, que se esquecem de quando não pôdem tragar nada? Não sei, nem provavelmente elles.

Tudo foi correndo sem acidente extraordinario.

O leitor ter-se-ha admirado de não termos dado conta da vida de Laura, de como ella tomou o casamento de sua irmã; de qual ficou sendo o seu presente: mas nós não nos esqueçemos d'ella, e vamos brevemente dar conta da irmã de Christina, que n'este momento se acha junto do sobrinho de Julião, que não cêssa de lhe provar a sua estima, que Laura não parece apreciar muito, e que muito menos parece estar disposta a corresponder.

Christina debalde s'exforçava para estar alegre. Quem tem a magoa no coração, se por minutos consegue trazer ao rosto uma falsa alegria, ella é de bem curta duração. Pobre noiva, em vão queria corresponder amigavelmente ás caricias desusadas do esposo, os seus repetidos offerecimentos eram um flagello insuportavel. Uma terna imagem vinha sempre adejar em torno da boa Christina, era a imagem de Gustavo.

Seria um crime esta lembrança?

A virgem não a podia vencer. Uma voz vinha retumbar aos ouvidos da noiva por sobre as vozes, que a rodeavam essa voz era a de Gustavo.

Debalde implorava o ceu, para que occultasse para sempre essa recordação da sua vida, recordação tão curta e rapida, mas que tão fundas raizes deixava no seu amargurado coração.

N'este momento o senhor Julião, que o vinho acabava de tornar tão verboso como um deputado da opposição, dizia á sua querida esposa como prova de carinho:

Cóme este bocado d'arroz, que está *papa-fina*, é obra minha. Que me dizes?

Não posso, meu amigo, tornou ella enfadada, não te can-
ses. É impossível.

Bom, bonito, tornava elle, boa mulher tenho. Sem comer
não se póde viver. Hasde comer até o diabo dizer — basta.
—Eu quero-te gorda como uma tainha e córada como uma
romã.

Sim, sim. é perciso que eu possa.

Quero trabalhar como um negro. Heide trabalhar de nou-
te e de dia para que tu sejas feliz, e tenhas tudo que qui-
zeres.

Se fosse possivel?!

Um pensamento estranho passou pela mente de Christina,
que seu marido não podia perceber.

Porque?

Porque ninguem no mundo póde ter o que deseja.

Has-de ser feliz.

A felicidade não é d'este mundo. Ella mudou de tom,
prosseguindo, talvez arrependida. Obrigada. A sua alma é
boa e nobre, dizia Christina em sem pensamento, como se
fallára consigo mesmo. Todavia...

Julião não parava. Os vapores do vinho, que fazem fallar
até os mortos, improvisavam um Cicero do negociante de
biscoitos, que porfiava nos seus obsequiosos requiebro:

Queres brevemente obrigar-me a fazer as despezas do en-
terro? Olha que te mando enterrar na horta onde s'enterrou
a burra branca. E ria, ria, o bom do homem.... ria com a
alegria expansiva d'um verdadeiro ignorante. Nada de phty-
sicas, e leve o diabo os boticarios e os doutores medicos. O
que hade ir para as garrafadas, e para os *emplastros*, have-
mos nós gastal-o a comer, e a beber, e a folgar. Anda bebe
este resto.

Julião offerecia o seu copo quasi vasio.

Christino levou aos beiços com repugnancia o copo, que
Julião lhe offerecia quasi á força. O homem depois de ver
com prazer sua esposa tocar com os labios o vinho, que elle
lhe offerecia dizia ainda:

Como bebe, hein? Ah! já! Tu não sabes, minha *pateta* que
hasde fazer tudo quanto eu quizer?

Tudo, sim, de certo.

Podera não. Quem dá o pão dá o ensino. Para que serve a tranca da porta?!

Julião chegou n'este feliz momento de grutesca inspiração á mais completa hilaridade; ria ás gargalhadas como se acabasse de dizer a cousa melhor do mundo.

A pobre menina abaixou a fronte; córou, algumas lagrimas de fogo lhe assomáram aos olhos. O marido reparou e disse-lhe, rindo ainda:

Olha a tola. Então não está a choramingar. Não tómes isto a serio?! Deus me livre de tal. Isto é graça. Pois não vias?

Tudo corria assim. D'um lado a expansão e a felicidade, do outro a magoa profunda e occulta, e o mais acerbo sofrimento.

Christina tinha resolvido Julião a levar para sua casa sua irmã Laura, e assim pelo seu sacrificio ia a joven amparar-se, e tambem a sua pobre irmã. Laura tinha já o seu quarto preparado, e n'este momento em que fallamos, tinha-se erguido e deixado a casa de jantar. No meio da confusão não se aperceberam da falta.

O tempo foi correndo sem reparo, até que o sobrinho de Julião, o senhor Anastacio Esteves, não vendo Laura, procurou-a por toda a parte, e não a encontrando voltou com esta imprevista nova.

Todos s'ergueram. Correu-se a casa toda, foi debalde. Sahiram, perguntáram em todas as casas, ninguem a tinha visto passar; todavia a donzella não appareceu. Julião mandou correr nos arredores os montes e os bosques, tudo foi inutil.

Anastacio lamentou a perda do muito que já tencionava dançar com ella aquella noute.

Christina estava inconsolavel. A maior tristeza e alvoroço, veio coroar este dia de festejo, grosseiro sim, mas feliz, e em que sabido desditoso era apenas o coração da heroína da funcção.

Assim corre o mundo, no momento em que julgamos possuir a maior ventura, eis que sobre nós desaba a mais tremenda desgraça.

Laura tinha desaparecido.

CAPITULO V

OS DEDOS DAS MÃOS NÃO SÃO EGUAES

É força retroceder até á epocha do dia em que a honra de Christina, lhe fez abraçar o doloroso partido de sacrificar-se a um homem, que não amava. Quando a mulher de Julião tomou esta resolução definitiva, deve estar lembrado o leitor, de que então disse Gustavo olhando para Laura.

A irmã de Christina é uma formosa donzella.

O joven sahio da casa das duas irmãs, um novo pensamento acabava de o assaltar.

Não posso vencer a obstinação d'aquella mulher, dizia elle, e amo-a demais para que tenha forças d'illudil-a. Podia desposal-a já, mas não tenho certeza do seu amor. Esta mulher despreza-me, ou pelo menos sou-lhe indifferente. Quem ama não calcula. Comtudo o que ella diz é verdade. Digo loucuras.

Aquellas palavras foram uma especulação para que eu lhe desse a mão d'esposo sem demora. Enganou-se, tive forças. o felizmente fiz o que devia fazer. Mas tu, Christina, desprestaste o meu amor, não quizeste, dar valor á minha palavra, quizeste campar de Vestal, pois bem, seja assim. Se não possuo o anjo roubar-lhe-hei o retrato. O pensamento vérga-se tambem ao poder dos sentidos. Será na tua familia, no teu sangue, que procurarei esquecer o teu rigor. Vamos, começemos.

Gustavo chamou um criado da hospedaria onde acabava de chegar, e mandou-o procurar Gilberto.

Alguns instantes depois apparecia o serralheiro.

Gilberto, disse Gustavo, conheces Laura?

Perfeitamente,

Como lhe poderei eu fallar? Ella sae?

N'este mesmo instante, accrescentou o aldeão, acabo de a ver sentada debaixo dos olmeiros da fonte.

Bem, espera-me... ou não!... Vai e volta aqui logo ao cahir da noute.

Então Christina?...

Odeia-me. Logo fallaremos.

Quer pedir a Laura que lhe diga?...

Gustavo accrescentou saindo:

Sim, é isso. Logo te contarei tudo. Até á noute.

Os dois saíram, cada um tomou para diverso ponto.

N'um ameno valle, o cantico das folhas que s'embatem umas contra as outras, os raios d'ouro coando-se por entre a ramagem; o fresco suave da tarde, que succede à ardentia do sol a pino, e o murmurio monotono, mas bello das agoas que se despenham em quebradas espumosas, tudo convida aos segredos do amor, e aos mysterios da fé.

N'este quadro Laura sobresahia risonha e tranquilla n'apparencia, mas revolvendo na imaginação dissabores, que lhe amargavam penosamente.

Christina ia casar. Laura ia ficar na triste dependencia de sua irmã. Laura não seria mais do que uma pobre protegida na casa em que sua irmã seria rainha e senhora. Este pensamento é sempre triste para as indoles orgulhosas.

Laura era d'este numero tão basto no mundo.

Gustavo chegou prasenteiro, saudou alegremente a joven, e sentou-se não longe d'ella, que se não affastou e respondeu ao cumprimento.

O mancebo meditava em como poderia arremessar a primeira pedra. A posição não deixava de parecer-lhe melindrosa.

Fazer uma declaração d'amor a quem sabia, que algumas horas antes, elle fizera outra igualmente a outra mulher, e que essa mulher era sua propria irmã, era pouco lisongeiro e muito espinhoso.

Não sabeis, começou elle, acho-vos mais bella do que nunca vos vi.

Pois juro-vos que vos enganaes.

Sabeis o que passei com vossa irmã?

Nada me disse.

Gustavo respirou com mais tranquillidade, e prosseguiu:

Parecis-me triste.

Não tenho motivos para estar alegre.

É pena cruel, balbuciou elle com ar de galanteio, que uma aldeia vos admire sómente.

Ha pessoas, tornou ella, que só nascem para serem constantemente desgraçadas.

Não é por vós que o dizeis?

Por quem o poderia dizer com mais justiça?

Consideraes-vos infeliz? Joven, tranquilla, robusta.

E não terei razão? A cada instante a minha sorte muda para peor. Sabeis que minha irmã vai casar-se dentro em poucos dias?

Sei. Mas em que póde isso occasionar a vossa desgraça.

Eu não tenho fortuna alguma, não posso viver só. Heide acompanhal-a. Serei pois forçada a obedecer-lhe. Será boa a cruel vida da dependencia?

Mas não será Christina ainda mais infeliz?

Não posso comprehender em que?

Pois não será bem triste, ainda que rica e abastada, ter por companheiro um velho, grosseiro, intractavel, que já-mais a deixará?

Não vos comprehendo. Que vale tudo isso? Não lhe falta nada, o que apetercer hade tel-o.

Se alguém vos dissesse—ficais indepenente—acceitar-lhe-heis as propostas.

Se a independencia não deixasse duvidas, aceitava.

Por mais estranho que pareça o procedimento de Laura, a pessoa que se dignou contar-me esta verdadeira historia affirma não alterar uma palavra do que n'esse dia se passou.

Mas, insistio Gustavo, se a vossa familia se opposesse á vossa vontade?

Nada me embaraçava. Saberria resistir-lhe. E unicamente cumpriria o meu desejo.

Logo vive em extremo contrafeita.

Dera n'este instante metade da minha vida para poder deixar a aldeia para sempre.

Não vos admireis do que vou dizer-vos. Prestai-me toda a vossa attenção. Não me censureis. Sou eu, que breve realisarei todos esses vossos ardentes desejos.

Vós? Laura estremeceu, olhou fixamente para Gustavo, que sem lhe dar tempo a continuar, disse logo:

Não vos occultarei, que tive immenso amor a vossa irmã, que a minha ventura era esposal-a.

Bem o sei. Em tudo isto ha grande mysterio.

Offereci a minha mão a Christina, disse o mancebo, mas disse-lhe, e é verdade, que só o poderia fazer d'aqui a algum tempo... Esta demora porém aterrou-a.

Mas d'aqui até lá?

Esperae. Laura, agora faço-vos a mesma proposta.

E eu repito-vos. E d'aqui até lá?

Vós sereis o idolo da minha existencia, o meu pensamento de cada dia, sereis a rainha do meu coração, que escrayo só pulsará por vós. Laura, nós crearêmos um mundo em que vivamos sós, ignorados de todos, e quando fôr tempo eu vos apresentarei ao mundo como esposa.

Isso não são cousas, que se possam crer de leve. Disse Laura com a maior tranquillidade do mundo.

Deixae-me partir para casa onde a minha falta poderá por ventura ter sido estranhada por minha irmã. Amanhã mandae Gilberto a este mesmo lugar, ás 8 horas da manhã, e eu vos mandarei dizer o que tiver pensado, é aquillo a que estou resolvida.

Porém dae-me sequer uma palavra, que me indique uma esperanza de ventura.

Não sei por em quanto. Mas se alguma cousa se realisar, é myster primeiro um inviolavel segredo, e depois deixar para sempre a aldeia.

Laura desapareceu rapidamente, depois d'apertar a mão de Gustavo, e de se despedir com o mais agradável sorriso. Gustavo não podia crer o que se passava, ficou espantado. Uma creança d'aldeia, sem exemplos de depravação, tratava aos 18 annos a venda de si mesmo com o stoicismo da mais corrompida creatura.

É notavel, dizia a si mesmo o cavalheiro, como pôde o mesmo sangue e a mesma educação produzir uns tão oppositos e diversos pensamentos?

Christina aterrada perante a idea da sua fama denegrada, calca os sentimentos do seu coração, e aceita um marido, que não ama. Laura pensando, que o ouro virá acompanhal-a, não se horrorisa da deshonor, alcançada por um cri-

me nos braços d'um homem, que lhe é perfeitamente indifferente. Seria isto infamia? Não éra.

As pessoas a quem falta o sexto sentido riem-se das susceptibilidades de certas organizações. As ideas moraes, que tanto avultam nos espiritos grandiosos, são imperceptiveis para outros entes.

Laura não comprehendia a força de horror, que a sociedade moral faz inherente á degradação da deshonra marce-naria, aceitava o fardo sem lhe tomar o peso. Transpunha o abysmo sem lhe olhar para o fundo. Além d'isto, as intelligencias acanhadas quando estão dominadas d'uma idea qual-quer, debalde se lhe pertende fazer comprehender o con-trario. Todos os pensamentos lhe resvalam na frente impe-netravel. Os olhos da alma fecham-se. Era assim, que estava Laura. A sua idea cruel era estar inferior a sua irmã, ir para casa d'ella, ficar dependente em fim, quem lhe aliviasse este horrivel pesadello faria de Laura quanto lhe aprouvésse. Esta era a horrivel idea, tudo mais era cousa nenhuma.

No dia seguinte Gilberto foi ao local indicado, como se ti-nha antes prometido.

Laura appareceu pouco depois.

Laura tomou logo a iniciativa, e começou :

Dize-me, Gilberto, o sr. Gustavo é rico?

Gustavo tinha contado tudo ao serralheiro, que não tinha querido acreditar, e que agora estava esperando as palavras de Laura para se certificar. Obrigado a Gustavo não era ca-paz de o atraiçoar, porém, amigo d'infancia das duas irmãs, desejava a sua felicidade, e da melhor boa fé andava em tudo. Como agora Laura seguia outro rumo, elle não era irmão, nem pae, que se podésse oppôr á sua vontade.

Eu creio, que deve ter uma excellente fortuna, se ajuisar-mos pelo que parece.

Foi esta a resposta do serralheiro. Laura ainda proseguio interrogando ao mesmo tempo Gilberto com um olhar inves-tigador.

Mas quem nos affiança, que o será?

Um homem, que viaja, que traz o luxo, que elle traz, e que dispende como elle, não pôde por certo deixar de ter muito dinheiro.

Seja como fôr. Dize-lhe, que aceito o que me propõe. Que determine, como e quando ha-de fazer-se. Entendeste? E silencio.

Gilberto cahio da mais elevada montanha para o valle mais profundo. Pois tudo quanto ouço e vejo será possível? O rapaz creado na aldeia não podia comprehender, como tão de leve se abandonáva a igreja das primeiras resas de creança, o tecto debaixo do qual se folgára na infancia, onde se tinha aprendido a pôr as mãos, onde um ignorado cemiterio guardava os ossos d'um pae, ou de uma mãe, e ainda para desencargo da sua consciencia atonita, dizia:

Mas; menina Laura, bem sabe, que eu que sou seu amigo, e tambem, que sou muito obrigado ao sr. Gustavo, mas devo dizer-lhe, que essas cousas, não são cousas para se fazerem a correr.

A minha bocca é sagrada. Não vejo, nem digo. Pense no que dirá o mundo?..

Tu és um pobre homem d'aldeia, ignorante como eu, tornou Laura, tudo te mete medo. O meu pensamento á força de tormentos tem ido mais longe. Fálas-me do mundo e de minha irmã?!

Quando eu perciso d'um vestido, ou d'uns brincos, ninguém m'os dá. Dão conselhos, que eu desprezo.

Quando ha um grande soffrimento, um pesar immenso, ninguém vem consolar. Uns dizem é loucura, e outros nem sequer pensam em tal. Olha, Christina casou-se. Está rica, está bem. Qual seria a minha sorte junto d'ella? Aturar todos os seus caprichos, suportal-a como senhora. Deixavamos de ser irmãs.

Era uma senhora, e outra escrava. É isso justamente o que eu não quero. Dize a Gustavo, que eu estou prompta, e do que occorrer vem dar-me parte immediatamente.

Como assim o quereis? Mas...

Agradeço-te os conselhos. O que só quero de ti meu bom Gilberto, é silencio absoluto.

Bem, bem, não darei mais conselhos. O serralheiro affastou-se resmungando—Quem córre por gosto não cança. Gustavo ficou, como que duvidando das palavras, que lhe narrava Gilberto, mas ocultou a sua admiração, e disse:

Bem. Vaes sahir d'aldeia, e alugar-me em qualquer terra desviada cinco ou seis leguas, uma casa, que mais te parecer conveniente. Comprarás o que julgáres perciso, e em tendo organisãdo tudo, traz dous bons cavallos, pára a pequena distancia d'aqui occulto n'algun d'esses bosques visinhos, e manda-me dar parte do que tivéres feito.

E Laura? tornou Gilberto.

Vae dar-lhe parte do que passaste comigo. Não t'esqueças de lhe recomendar segredo.

Não é perciso, ella sabe mais d'isso ainda do que nós mesmo.

Gilberto relatou a Laura tudo, que lhe disséra Gustavo, e quatro dias antes do casamento de Christina, sabio o aldeão serralheiro para cumprir quanto se lhe ordenára. Antes de partir despediu-se elle de Julião e da sua noiva, que lamentáram não mudar elle para depois do casamento a sua jornada; ao que elle pesaroso, lamentando igualmente, não pôder anuir, pretextando ser-lhe indispensavel comprar ferro, que lhe era perciso para a epocha d'uma proxima feira.

Gilberto sabio em fim para o seu destino.

Laura nunca mais vio Gustavo; e nunca, nem sequer uma vez pensava n'elle, senão dizendo: Dentro em pouco tempo não me levantarei ao romper d'amanhã. Nunca mais còso a minha roupa. Gustavo ha-de pôr-me por força uma creada. Elle é muito *fino* para querer que eu ande a fazer o almoço, ou o jantar! Cousas idénticas é que traziam a imagem de Gustavo diante de Laura. O seu pensamento fervia em conjecturas, mas nunca lá entrára o amor. Gustavo pela sua parte, via cláramente o despenhadeiro d'altura de pensamentos em que se ia abysmar! Mas Laura era o retrato phisico de sua irmã. O orgulho do mancebo revoltou-se, ainda, que injustamente, contra a resistencia da noiva de Julião, e queria como, que abrir-lhe no peito uma chaga, que sangrásse por dous golpes profundos. Era um capricho, uma vingança.

Laura sabia o que devia acontecer, mas ignorava o dia e a hora em que seria.

Justamente no dia do casamento do confeiteiro um homem de fóra d'aldeia lhe fallou em voz baixa, quando ella passeava no portal, ás horas em que junto do altar a filha da mes-

ma aldeia se ligava a um velho aldeão tão mesquinho, quando comparado com o alto espirito da noiva.

Ao anoutecer ergueu-se Laura, foi ao seu novo quarto, vestio-se com um fato de Gilberto, que lhe tinha pedido antes d'elle partir, e sahio atrevesse a aldeia. Facil foi a sahida ao fechar do noite, e no meio do bulicio da festa. No fim da povoação encontrou Gilberto e o desconhecido, que n'essa manhã lhe tinha fallado. Dous cavallos esperavam como estava determinado, Laura montou em um d'elles, e com ella Gilberto. O seu companheiro seguiu-os. Partiram a toda a prèssa.

Eis como Laura desapareceu. Eis a rasão porque ninguem a vira sahir.

Não é dado a ninguem penetrar no pensamento alheio, como porém nos foi relatado este conto, que é realmente historico, afirmaram-nos que fôra sabido depois, que Laura não teve um unico remorso do que então fazia.

As lembranças de sua irmã com quem vivêra durante a sua existencia inteira, nem as recordações do seu berço, não vinham trazer-lhe á alma as tristezas do destino e d'ausencia, que a esperavam.

A sua pobre aldeia não tinha prados, nem campos, nem uma triste cruz ignorada, que lhe valesse, não direi uma lagrima, porém ao menos uma saudade. As suas noutes innocentes, os canticos da sua terra tão singela, nem de lóve lhe acordavam o espirito para a dôr. As memorias de seu pae, e de sua mãe, não vinham fallar-lhe de infancia e deshonra. Nada lhe bradava aos ouvidos mais do que a esperanza das joias, dos ricos atavios, que antevia na sua ligação com aquelle homem; tudo mais eram sonhos, que lhe não tinham despertar no coração.

Gustavo demorou-se ainda algum tempo n'aldeia, e procurando-se a fugitiva por toda a parte, o mancebo acompanhou sempre, e não houve uma unica pessoa, que desconfiasse d'elle.

Deus dá um condão ás almas, que amam, que é o mysterioso condão advinhar o que se passa n'outra alma em que se reflecte o mesmo affecto. Christina olhou fixamente para

Gustavo, e o desaparecimento de sua irmã pareceu-lhe ter a sua origem no que pouco antes lhe disséra que a amava.

Uma nuvem se rasgou diante d'ella, o ciúme veio tomar o lugar da paixão, que se quizera soffucar, e Christina disse então á sua alma:

Se Laura fôr a amante de Gustavo, ou eu hei-de morrer na luta, ou hei-de vingar-me, forjando a sua separação. Tu Gustavo, não alcançarás a minha pòsse n'uma fantasmagoria, que satisfaz a tua vaidade, creando soffrimento ao meu amor. Tu não rirás de mim, por me haveres escarnecido, quando me vires ao lado d'um homem de quem zombas. E tu minha irmã, tu não possuirás um elegante e belo homem, que me teve amor, ao mesmo passo, que eu serei até á morte a mulher do confeitreiro Julião.

Vingança de mulher, animada pelo ciúme da mulher também. A luva para o tremendo e cruel duello tinha sido lançada aos pés da corajosa mulher. Christina tinha accitado com prazer o desafio.

CAPITULO VI

O ENCONTRO

De mágoa e de dor correram os primeiros dias depois do casamento da costureira.

A sua alma estava partida entre as saudades de sua irmã, e o seu desconsolo vendo-se ligada ao confeitreiro, de quem a falta d'educação a torturava a cada momento involuntariamente. Era uma barra de ferro constante sobre o peito. Era uma chamma a queimar o espirito puro de Christina. Quando pensava que o elegante Gustavo a teria esquecido para sempre, sentia uma dor pungente lacerar-lhe o peito, mas essa dor dobrava ainda quando se lhe apresentava na imaginação Laura gosando o puro amor, que devera pertencer-lhe a ella sómente.

Gustavo alguns dias se demorou ainda n'aldeia.

Finalmente abandonou-a um dia pela tarde, dizendo-se ali que marchava em direcção á Hespanha. Gilberto voltou pouco depois á sua loja. Tinha de facto conduzido bom

sortimento de ferro, com que muito augmentou o fornecimento da sua officina, e por consequencia a sua fortuna particular.

Julião era sim o mesmo homem, porem muito se esforçava por mudar. Desfazia o seu pobre pensamento em buscar no que poderia ser agradavel á esposa; mas debalde a grosseria s'exforça em não fazer soffrer a delicadeza e a intelligencia.

O contacto de Christina tinha comtudo imperado no marido, aquelle animo queria desabrochar, luctava e ficava prostrado, mas conhecia já a necessidade da lucta.

Certa manhã... Tinham passado dois mezes depois do casamento da formosa irmã de Laura. . . . Julião açodado e ligeiro fazia com que o moço aparelhásse um bonito cavallo com seu selim á ingleza, que elle havia muito pouco tempo tinha comprado para sua mulher servir-se.

O confeiteiro já prompto para sahir acabava de arranjar aquelle em que deveria montar.

Já não era o mesmo Julião do dia do casamento quanto ao vestuario. Era tudo escolhido por sua mulher. Tinha uma camisa fina e lisa, sem bordados, um lenço preto, um colete e calça escura, e um sobretudo preto.

Em breve Christina apresentou-se. Vinha toda vestida de côr de flor d'alecrim, e com chapéu de palha desabado. O marido achou-a linda e não pôde reservar esse importante segredo, por isso disse:

Estás cada vez mais bella.

Oxalá que sempre o digas, é essa a minha felicidade mais desejada.

Ambos diziam a verdade. Julião amava como um louco sua mulher, Christina respeitava o homem a quem tudo devia, que morria por ella, e a quem já quasi tinha amor.

As lembranças de Gustavo eram apenas sombras importantes, que ella afugentava pressurôsa, e as saudades de sua irmã eram como tudo d'este mundo victimas do mundo. Os dias limando na alma de Christina, tinham-lhe ganhado uma apathia senão feliz, ao menos bem tranquilla.

Christina montou ajudada pelo esposo, e elle muito satisfeito e muito feliz, e direi mais ainda, muito orgulhoso, e

revendo-se na mulher, acompanhou aquella, que em verdade era muito formosa, e a quem elle muito amava.

Bem custou ao confeitiro a resolver Christina a acompanhá-lo por distracção a uma feira, que proxima se fazia. Não porque nunca ella contrariasse a vontade de seu marido, mas porque não tinha gosto em divertimentos, já porque vivia bem, solitaria na sua aldeia, mas mesmo porque poderia alguém fallar d'essas distracções, não [se tendo podido alcançar noticias algumas acerca de Laura.

Quem pôde mesmo certificar-nos, se lhe custaria que em publico confrontassem Julião com os outros homens, ou mesmo com ella, e que então lhe chamassem mulher que se vendera por punhados d'ouro, quando sómente a sua dignidade é que a tinha forçado a dar tal passo.

Seja como fôr Julião venceu a obstinação de Christina, e ella o acompanhou a ir passar um dia a uma feira distante seis leguas d'aldeia em que moravam. Não sei onde era a feira, mas lembra-me que me contaram, que era para as bandas da cidade de Castello Branco.

O dedo de Deus aponta o caminho do homem.

A manhã correu bella e aprazível. Christina mal podia deixar de perdoar as grosserias innocentes do esposo, pelo muito que elle a adorava. Quantas e quantas vezes o pobre homem contemplava a mulher, que era sua em nome da religião e do dever, e ao mesmo tempo se lhe arrasavam os olhos de lagrimas, manifestando assim uma verdadeira prova authentica que dava o coração do seu muito amor; e outra não menos forte que mandava a rasão para attestar a consciencia que o desgraçado ia adquirindo de que a não merecia. Comtudo Julião vivia feliz e socegado. A conducta de Christina para com seu marido creava-lhe um eden.

Chegaram finalmente ao final do seu destino.

Depois do meio dia, a um calor abafadisso, e a um vento rapido e secco, que varria a poeira em redemoinho constante, começaram a succeder algumas nuvens pesadas, e percursoras d'uma d'essas trovoadas grandiosas, que nas proximidades da serra da Estrella, d'esse gigante que dorme no chão de Portugal, tantas vezes atterram os habitantes nas quentes e soffucantes tardes do estio.

Christina deixára então seu esposo na pequena hospedaria em que se tinham alojado, e tinha saído com o seu creado para comprar alguns objectos de que necessitava.

Algumas gotas d'agoa, destacadas e cahindo d'espaco a espaco, mas grossas e pesadas a alagárem o chão. O cheiro exalado pelos vapôres da terra ardente fazia respirar com sofreguidão. Alguns trovões fortes e soturnos comessaram a estalar em distancia, como um concerto mysterioso, que parecia provar ao mundo a colera de Deus. A harpa gigante da creação tirava sons magestosos em honra do Creador.

A faisca electrica percorria o espaco em ondulações vertiginosas, e parecia pertender escrever nas suas linhas tortuosas o sublime nome do Omnipotente. Christina foi obrigada a abrigar-se da chuva, que se despenhava a torrentes, e entrou por acaso n'uma escada, que foi a primeira que se lhe apresentou.

A cada momento que decórre a chuva augmenta mais.

Alguns instantes depois um creado appareceu no alto da escada, e vendo a joven que esperava na loja, convidou-a em nome de sua ama, para que entrásse em quanto passava o aguaceiro.

Christina aceitou sem exitar, e um instante depois entrava para uma salla pequena, mas primorosamente bem adornada. A delicadesa abraçada ao luxo existiam n'aquella habitação de fadas. Cortinas de cásca bordada alvas de néve pendiam das janelas, onde uns formosos transparentes faziam quebrar a força aos raios da luz. Um tapete macio e espesso cobria o chão e abafava o rumor dos passos. Moveis elegantes ornavam a sala. As cadeiras eram almofadadas de casemira cõr de perola, assim como o sophá. As paredes cobertas de papel estampado de filetes e flores de prata resplandeciam por sumptuosos espelhos de caichillos dourados. Jarras de porcelana cheias de flores odoríferas embalsamavam os áres. Mil objectos delicados ornavam as mêsas. Aquella habitação era bella pela simplicidade e bom gosto.

Abriu-se uma porta, e repentinamente appareceu uma elegante mulher, de rosto alegre e encantador, vestida com tudo que póde procurar o mais aprimorado capricho da mó-

da. Christina encarou-a e empalideceu. As duas mulheres pararam ambas.

Ficaram como petrificadas. Duas unicas palavras morreram no espaço, escapando-se-lhes dos labios!

Christina ?!

Laura ?!

As duas irmãs estavam finalmente face a face.

Laura, comessou Christina, logo que pôde vencer a sua admiração, tu aqui ?! Como nós te havêmos procurado com ancia ?! Que pungentes cuidados que tu não tens dado aos que te estimam ?!

Pronunciando éstas palavras abraçavam-se terna e santamente. Laura estava alucinada. Não dava acordo do que se passava em torno d'ella.

A esposa do confeiteiro tornou pouco a pouco a si do seu primeiro transporte, e perguntou então resoluta a sua irmã:

Então que quér dizer a tua desaparição ? Esta casa, este luxo, que te cerca ? Quem és tu n'este logar ?

Que fazes tu aqui ?

Laura abaixou os olhos sem ousar dar a mais pequena resposta a sua irmã, que perguntava.

Christina queria iludir a sua fatal convicção: pertendia enganar-se e duvidar. A antiga amante de Gustavo queria ler innocencia nos olhos de Laura.

Deus tinha perparado aquelle encontro. Tudo tinha sido providencial. Christina lançou os olhos em roda de si, a prova da verdade do seu pensamento estava diante d'ella. Olhou para sobre a mēsa, que estava no centro da sala, e de repente deu um grito como se fôra mordida por uma serpente venenosa: levou as mãos ás fontes, que batiam com violencia, e sufocou um suspiro nascido d'alma.

O retrato de Gustavo estava sobre a mēsa.

Gustavo. Gustavo aqui ?! Exclamou Christina. Que quér isto dizer ? Eu não comprehendo ?

E' o dono d'esta casa. A voz de Laura era quasi imperceptivel.

O dono d'esta casa ?! Logo tu ?...

Serei sua esposa em breve.

Mas agora ?...

Serei sua esposa em breve.

Laura repetia porque nada mais podia acrescentar, ao passo que sua irmã proseguia:

Meu Deus, meu Deus, os meus pressentimentos fatáes eram a voz do coração. Tudo está explicado.

Duas lagrimas, pérolas lindas, que nasciam d'alma, corriam sobre o seu rosto formoso. A dôr que a lacerava era profunda e cruel. Seria por ventura a vergonha de ver o nome de sua irmã manchado em nome das leis sociáes? Seria ainda um mal entendido ciume, que lhe feria o coração? Quem poderia advinhal-o? O coração tem mysteriosos escaninhos, que nem a propria pessoa pôde muitas vêzes sondar. A esposa de Julião ainda levou as mãos á frente para reter as lagrimas, se por acaso tanto podêsse, depois exclamou:

Laura, Laura, que é da honra do teu... do nosso nome? Do nome do nosso bom e honrado pae?

Laura não pôde logo deixar d'estremecer, tão pouco estava prevenida para semelhante pergunta, porém um instante depois cobrou animo, e respondeu ousadamente a sua irmã:

Para que pertendes aterrar-me? Que vens tu matar-me com taes pensamentos? Dentro em pouco nada mais de terrores, nem tão pouco de tristes desventuras, eu serei feliz, eu amo Gustavo...

Christina deu um salto, como se fôra tocada pela maquina electrica. Não pôde sofrer tanto calada.

Os seus sofrimentos tinham sido longamente sufucados, era myster que em fim se expandissem. Aquelle coração precisava respirar finalmente á vontade.

E por ventura, prosegue a amante arrebatada, não o amava eu tambem? Não foi elle o primeiro escolhido do meu coração? Imaginas, Laura, que a minha alma por ventura não amava com muito mais energia do que a tua? Jamais poderás, ter a Gustavo tanto, tão grande, tão forte amor como eu lhe tenho. Como eu lhe tenho. Entendês? E a zelosa alucinada insistia nas palavras que a deslustravam. Porém reparando na sua loucura acrescentou:

Quero dizer, como eu lhe tinha. Senti partir-se a minha alma, porém ergui-me na dignidade que era minha; votei-me a levar uma pobre e triste existencia ao lado d'um homem que não posso deixar de respeitar, mas que debalde procuro ter-lhe amor. Comtudo fiz para mim um pedestal do meu dever. Foi a vóz do nosso pae, que saio do tumulto para me sustentar digna e honrada, foi o braço valedor de nossa mãe que me ergueu do abysmo em que eu ia perder-me. Laura, Laura, minha querida irmã, acrescentou com intimativa sempre crescente, o arrependimento salva. São os labios de Jesus, que o affirmam á christandade curvada aos seus pés. Foge do pecado, que te cerca, que te cava o abysmo.

Porem que hei-de fazer ?

Vem comigo.

Nunca.

Mas qual será o teu futuro ?

Escuta, minha boa Christina, tornou Laura procurando acalmar a perturbação da esposa do confeitiro, pensêmos tranquilamente. De que serviria eu deixar agora tudo que devo ao amor d'este homem, e buscar uma ignorada vida ? Certamente que de nada.

Por ventura o mundo perdôa alguma falta ? Não.

Alem de que, eu amo-o, e sou amada por elle.

Christina estremeceu. Laura continuou:

Dentro em pouco serei sua esposa: e quando o não seja, eu não quero ter sacrificado a minha reputação, para depois d'ella perdida voltar para a miseria anterior. Não quero. Isso nunca.

Não creias, prosequio Christina, e mal se poderia conhecer, qual era o sentimento, que lhe imperava no espirito, se o amor em nome da sua familia, e a possível rehabilitação de sua irmã: se o ciume, que vinha ainda fallar-lhe do amor, que já perdêra, e da ventura que um dia poderia raiar para Laura. Não creias. Esse homem embála-te em esperanças enganosas, em mentidos sonhos do futuro, mas um dia chegará, bem fatalmente para ti, acredita-me, que elle já então saciado dos teus encantos, anhelante de novos amores, arrebatado por caprichos nòvos, calcará orgulhoso

e cheio de desprezo a mulher fraca e debil, que se entregou nos seus braços.

O libertino dirá então, que a mulher que por ouro lhe cambiára o coração, o daria tambem a outro qualquer que mais ouro lhe oferecêsse. Foge, minha presada irmã; a este viver só de vergonha. Eu estou rica para a vida, que se leva n'uma aldeia. Nada te faltará. Tudo póde ocultar-se com facilidade. O caminho que te prescrevo é o caminho da justiça. Confia nas minhas palavras, vem comigo. .

E' de balde tudo quanto possas dizer-me, acrescentou Laura d'um modo terminante. Devo-lhe muito. Era necessario ser muito ingrata para o abandonar. Não quero, nem devo praticar de similhante modo.

E por ventura julgas tu, que elle te não abandonará tambem um dia? Ponderou Christina com intima convicção. Não tem o seu coração de trinta annos amado a cem mulheres, durante a primavera da sua existencia? Porque as tem elle então deixado? Lê no passado o teu futuro. O que elle te diz, são os pensamentos expréssos, que provêem do seu genio, do seu talento, mas que não são filhos da sua alma. Gustavo ama pela razão. Sabe descrever amores, mas não os sabe sentir. Tudo isto são tristes verdades. O' minha pobre e iludida irmã, cêde aos meus desejos. Eu só quero a tua ventura. Cêde antes que elle te desprese.

Christina, esse procedimento!.. E' a minha desgraça.

Tu queres perder-me?!

Quero salvar-te, minha Laura.

Uma violenta agitação se passava no animo fraco da fugitiva d'aldeia. Laura já vacilava entre a vóz de sua irmã, e os seus devêres para com Gustavo, devêres que ella voluntariamente se tinha imposto. Quando na sua alma não existisse um enraizado amor para com Gustavo, existia comtudo um pacto, que deveria ser sagrado para ella. O seu animo fraco não sabia resistir, ao espirito dominador e despotico de Christina. Em uma vivia o frio da indiferença, e a mediocridade d'uma razão sem força, e na outra o fogo do ciume, e as argucias infinitas d'uma inteligencia pura.

Laura prosequio ainda mas transigindo já com a vontade de sua irmã. Pois bem...

N'este momento a porta por onde Laura tinha entrado, abriu-se de novo, e o creado disse para sua ama, que ia continuar a falar:

Senhora, o senhor Gustavo pervine a v. ex.^a que vem a esta sala, e que tenha a bondade de demorar os hospedes que lhe trouxe a tempestade.

A nova amante de Gustavo empallideceu e disse ao creado, que dissesse a seu amo que o esperava alli; Christina porem, que estava muito mais pallida do que sua irmã, apenas lhe disse baixo e com pressa:

Então que me respondes?

N'este momento não sei o que deva dizer-te.

Adeus, adeus, minha pobre e desditosa Laura, eu não devo, nem quero encontrar-me com similhante homem.

Mas não me odeies, minha boa Christina.

Deus me livre de tal. Mas o que fazes é injusto.

Jesus, que horrivel situação!

Ès uma louca. Segue os meus conselhos.

Quem podéra ler no futuro!

Crê que o ceu te castigará.

Não e creio! Christina abraça-me. As duas irmãs abraçaram-se de novo, a joven ciosa transpoz aquellas portas apressada e receiosa de ser encontrada pelo homem, que mais temia no mundo. Caminha comtudo satisfeita, a grande e terrivel difficuldade já estava superada, Christina sabia onde estava sua irmã.

Quanto daria aquelle coração amoroso para poder viver sem crime ao lado de Gustavo?

Laura afastou para longe aquelle pensamento doloroso d'um instante, e alegre e esquecida já de tudo abraçou ternamente o seu amante, que apparecia á porta. Os pensamentos como o de Laura se não gozam tambem, custa-lhe bem a soffrer.

Os dois esposos Julião e Christina partiram para a sua aldeia, não podendo o marido imaginar porque motivo sua mulher estava triste e pressurosa, o que muito em verdade lhe dava que cuidar.

Christina silenciosa jurava no seu espirito, não sei se apaixonado, se vingativo, que iria buscar, ainda mesmo ao

inferno, barreiras com que separaria para sempre Laura de Gustavo.

CAPITULO VII

CARTA DE CHRISTINA A LAURA

Minha querida irmã

Acharás estranho, que eu te escreva uma carta, porque tu quebraste os laços todos, que nos prendiam: comtudo não haverá cousa alguma que me prive até o meu derradeiro instante de cumprir os meus sagrados deveres.

Laura, nosso pai morreu, e o seu poder santo resumio-se inteiro em nossa boa e santa mãe, e no seu leito d'agonia, no seu ultimo suspiro quiz Deus fazer-me depositaria dos seus sacrossantos encargos; é a mim, que vi a luz antes que viesses ao mundo, que me cumpre exforçar-me para que tu faças tudo que te impoem os teus deveres.

Lembrada deves estar que a fortuna, quasi sempre avessa aos homens d'honra, abandonou nosso honrado e digno pai, e que a nossa misera entrada na orphandade, só teve por companheiras as lagrimas e a pobreza, e que os nossos bens unicos foram a probidade de que eramos herdeiras.

Lembrado ainda no estertor, da honra, que presava nosso pae rogou, que se um dia podésse-mos, era a cada uma de nós, que confiava pagar-mos os quatrocentos mil réis, que elle devia ao sr. Fernando de Castro. Nos assim lho jurámos.

Hóje eu posso, graças ao meu casamento, cumprir esse justo preceito. Podia cumpril-o todo. Serás tu capaz de deixar empenhada a palavra, que juraste nas mãos da morte? Esquecerte-has das lagrimas e soluços d'um pae muribundo?

Um homem não elegante e altivo, como esse que te allucinou, péde a tua mão: ama-te a ponto de perdoar a tua culpa. Offeréce-te não um amor illicito, e em peccado mortal; mas uma união sagrada por Deus aos pés do altar.

Este homem é o sobrinho de meu marido, o sr. Anastacio Esteves.

Sei que elle não tem os atractivos de Gustavo, mas calcula, que é um rapaz, que te estimará, e de quem tu serás a esposa, e não a protegida. Junto d'este serás a senhora, e não a odalisca comprada para o harem do crime dissolutó.

Pela honra me sacrifiquei eu, sêgue o meu exemplo, e cumpre o que o teu coração escutando a consciencia, que ha-de ser amparada lá do ceu pelo nosso bom pae, te deverá ditar.

Estou certa, que te não faltarão sêdas nem adornos, mas não podes ter ouro com que satisfaças o encargo paternal, com que te desonêres do teu juramento. Sopunhamos, que tens muito mais do que a quantia percisa. Atrever-te-hias a ir com esse ouro pagar a divida de teu pae? Não deverias ter mêdo, que os seus manes irritados te amaldiçoássem lá da sepultura? Não regeitaria a sua alma o ouro ganho pela deshonra do seu nome? Irmã, esse ouro adquirido no crime, irritaria em vez de socegar as cinzas de nosso pae, porque esse ouro queima.

Pensa muito seriamente neste dever, abandona o abysmo a que uma imprudencia te arrojou.

O arrependimento é percursor do perdão. Lembra-te quantas vezes escutaste o nosso bom cura dizer — Aquella, que estiver isenta de peccado, que lhe atire a primeira pedra!—

Foge dos braços da vergonha. Abraça a virtude que te chama ainda. Vem para a nossa aldeia. Vem resar sobre a solitaria vála que encerra as tristes cinzas mortáes d'aqueles que nos deram o ser, porque os seus rogos lá no ceu aos pés de Deus, te darão o perdão omnipotente, e a felicidade na terra.

Laura, se como espero, esta carta poder falar-te ao coração, no dia seguinte aquele em que a receberes te esperarão n'essa terra, junto ao Cedro grande ao pé da fonte.

Não digas uma só palavra a Gustavo.

As suas palavras de fogo, ainda que artificial, por certo haviam convencer-te.

É de joelhos, com o pensamento na honra que herdámos, que eu te rogo que faças o que te digo, por que é o que te cumpre.

Tua irmã e amiga

Christina.

Christina no momento em que deixou sua irmã sahio impressionada por tudo que uma inveja ciôsa pode despertar; revolveu na sua imaginação como poderia arrancar Gustavo a Laura; e posto que verdade fôsse o compromisso das duas filhas, a seu pae na hora da morte, não se lembraria Christina de tal, pelo menos do horror ao ouro de Gustavo, se não neste caso para procurar meios para conseguir a separação dos dous amantes.

A mulher de Julião inteligente e prespicáz conhecia a fraqueza d'animo de sua irmã, chamou pois a tímida mulher para as recordações d'um tumulto; aterrou-a com a vida do peccado, mostrou-lhe a prespectiva d'um melhor futuro, apellou para os seus deveres, e crêo dar um golpe seguro prevenindo tudo.

Não se esqueceu de pedir segredo para com Gustavo, porque não se esqueceu que o animo que era fraco para com ella, não podia, nem sabia robustecer-se em face de qualquer outro que lutásse. Christina não se enganava.

Laura recebeu esta carta, leu-a atentamente, e ficou aterrada e triste. Tudo quanto ali via lhe pareciam verdades indisputaveis. Não podia achar uma unica resposta plausivel ás rasões que lhe eram apresentadas por sua irmã. A debil menina forjava já na imaginação, como poderia abandonar Gustavo, e como procurar quem a conduzissé para junto de Christina. Quando estes pensamentos occupavam a mente de Laura, Gustavo appareceu.

Bôas noutes, minha querida. Foram as primeiras palavras do mancebo, quando entrou no aposento. Laura não respondeu ao seu amante, o joven descalsou vagarosamente as luvas, tirou o chapéu que atirou para sobre o sophá, ao mesmo tempo que se assentava negligentemente ao lado da formosa menina. O seu braço importuno para Laura, e para

elle prestadio, foi cingir a cintura delicada da menina pensativa.

Os ultimos raios do dia dávam uma escuridão duvidosa ainda, mas o amante não podia já divisar a expressão d'angustia, que enlutava o rosto da sua bella: todavia Laura ainda não proferira nem sequer uma palavra, e o seu silencio obstinado deu-lhe o quasi conhecimento de que uma dor profunda angustiava a pobre mulher.

O mancebo conhecedor do espirito de Laura, bem via que só porque uma angustia lhe torturava a alma, é que ella poderia permanecer em silencio, quando elle regressava depois d'um passeio dilatado.

Foi elle que encetou a conversação.

Que tens, minha querida Laura? Estás triste?

Não sei.

A tua negativa é uma resposta bem afirmativa.

Que mal te fiz então, minha flor espinhosa?

Já disse que não sei. Os espinhos não o hão-de incomodar muito tempo.

Mau, tornou elle, mau, a tempestade vae tomando força. Deus a afaste de nós.

Não ha ninguem mais infeliz do que eu.

E' o que diz a maior parte da gente.

Eu digo-o com rasão.

Ah! proseguio o mancebo sorrindo, e como persuadido que tinha adivinhado o mysterioso motivo que fazia sofrer a sua linda Laura. Já sei o que te flagela. Tive muita demora. Perdoa-me. Temos então ressentimento. Maldictos ciumes. Pois bem, eu aqui estou agora para te pedir perdão. Quêro fechar-te a bôca com um beijo.

Porem quem lhe falla de semelhante cousa?!

Não sei se era despeito, se era tristesa que existia no animo de Laura vendo tão mal interpretada a sua cruel situação. Gustavo continuava ainda alegre, e convencido que eram zelos, que oprimiam o espirito da sua amante.

Juro-te, querida, que se estive longe de ti, sempre tive em ti o pensamento.

Não penso eu n'outra cousa, senão em ciumes.

E porque não? Não seria a primeira vêz.

Isso já se acabou ha muito tempo.

Então já me não tens amor?

O amor não tem nada com os ciumes.

O mancebo estava maravilhado por ver a maneira fria e terminante com que Laura respondia a todas as suas palavras, porem estava mui longe de supôr qual era a verdade; e perdido em conjecturas, só podia attribuir tudo a algum pequeno capricho, ou leviandade propria d'uma cabeça juvenil. A mais perfeita e suave tranquillidade lhe animava um sorriso nos labios.

Se é certo que o môço Gustavo só apprehendera a conquista de Laura, por causa d'um capricho orgulhoso, e como para vingar-se do abandono e da repulsa de Christina, elle já hoje graças á convivencia estimava verdadeiramente a sua amante. Como poderá um joven liberalmente fadado por Deus, para possuir e apreciar os thesouros do sentimento, deixar de sentir um affecto meigo e suave por uma linda mulher, que se lhe entrega com a cega confiança da juventude?

E' todavia certo que muitas vêzes espiava o animo do cavalheiro a lembrança da facilidade com que a menina se lhe votára: n'outros momentos a falta de fôgos entusiastas no amor de Laura, fazia com que nunca no seu espirito se lhe tivésse acendido um affecto frenetico e vivo como outr'ora sentira pela sua primeira adorada. A condescendencia, e a docilidade da joven ás suas menores vontades tinham-lhe grangeado da parte d'elle uma estima grata a principio, que pouco depois se transformou em amisade entranhada, e que ao presente era um affecto robusto com raizes profundas e sólidas.

Gustavo como homem d'honra pensáva em dar com a possível brevidade, o seu nome áquella que era sua amante. N'este pensamento, que ia breve ser realisado, ainda tinha Gustavo em vista provar a Christina, que elle não mentia, quando lhe jurara amor casto e puro. Ainda o primeiro amor dominava.

O mancebo sentia mais por Laura um affecto placido e tranquilo, como se póde ter por uma filha ou por uma irmã, do que um sentimento energico e forte como outr'ora

tivêra por Christina. Havia ali amizade pura e santa, mas não existia nada dos delirios da paixão.

Vamos, dize, que tens tu? Continuava Gustavo tomando entre as suas as mãos de Laura. Olha se agora te deixei longas horas, dentro em pouco tempo não mais te deixarei. Vou escrever ao meu procurador para tractar de todos os preparos para o nosso casamento.

Quem sabe o que Deus terá destinado?!

Brevemente uma vida de felicidade, e de opulencia.

Um momento é bastante para destruir mil planos.

Não sejas ave de sinistro agouro. Nós serêmos felizes.

Quando chegar o momento então veremos. Balbuciou Laura estas palavras com uma profunda tristeza, e depois proseguio:

Se assimfôr?... mas permittil-o-ha Deus?

Pois tu, minha querida Laura, duvidas de mim?

Não, não é de ti que eu duvido.

Logo, d'onde pôdem nascer duvidas tão loucas?

E' um segredo meu. Não t'o posso dizer.

Pois tu agora tens segredos para mim?

Talvez a nossa separação seja forçosa.

Não ha ninguem que tenha esse poder.

Mas ha deveres sagrados que imperam.

Que pôde haver, filha, que te imponha o dever de me deixar? Gustavo estava afflicto. Parecia-lhe que era n'este momento que elle tinha amado com mais fervor a formosa costureira. Bem via o môço que um caso estranho dêra nascimento ao que tanto mudára Laura, mas elle não podia nem sequer imaginar o que seria. Perdia-se em mil pensamentos, mas era tudo de balde.

A joven respondeu ao mancebo — Ha um dever sagrado.

Mas qual dever? Por Deus falla.

Não devo responder.

Fazes com que eu morra de impaciencia! Falla.

Não sei se será uma traição.

Pois tu tens alguém a quem devas guardar mais fidelidade do que a mim?

Quem sabe se a nossa separação está mais proxima do que pensas, por vontade de Deus?!

Laura, em nome do nosso amor, acaba, nada de loucuras, nem de mysterios.

Laura não respondeu, mas não podendo lutar mais tirou a carta do bolso, e entregou-a ao mancebo impaciente. Gustavo de posse da carta, tocou prestes uma campainha, e pediu luz. O creado não se fêz esperar, e Gustavo em pouco leu a carta de Christina.

Gustavo amarrotou a carta entre as mãos: não ficou perplexo, mas a colera ardia-lhe no peito. O maior desespero do joven era ver a fraquesa de Laura, que lhe dava quasi a certeza de ser tarde ou cedo vencido por Christina.

Minha querida Laura, eu não sou propheta, mas eu conheço o mundo, e tenho a desgraça, ou a ventura de conhecer quasi sem differença, as pessoas com quem lido. Não te disse eu, comessou Gustavo mui socegradamente, desde o primeiro dia em que te apertei ao meu coração, que o nosso maior inimigo, deveria ser tua irmã? Ahi tens a verdade das minhas antecipações hostis. Tua irmã tem razão. Eu sei porque ella lucha. Christina soffre tormentos atrozes por se ver substituida na minha alma. Tua irmã tem uma lenta agonia por ter a desgraça de pertencer a Julião. Todas estas cousas despertam n'aquelle coração a idea da vingança. A sua intelligencia é grande para estar ás ordens do seu capricho. Ai, minha querida Laura, acrescentou Gustavo sorrindo, isto é um duello em que será vencedor 'aquelle a quem tu queiras dar as palmas do triumpho-

Sim, disse a menina opressa pela sua dor, sim, mas que hei-de, que posso eu fazer?

Hoje, proseguio o mancebo, nada pode fazer voltar a roda do tempo. O que é feito, é feito.

Não te illudas ácerca do que se diz d'esse homem. Elle hoje recebe-te com ar de compaixão, para te lançar em rosto um dia a tua falta. O homem grosseiro despreza sempre a mulher ainda que ella seja pura e santa, mas quando tem algum miseravel motivo porque insulte essa pobre parte da creação, tão louca, tão soberba nos seus festins de gloria, e tão miseravel nas suas verdades da vida, elle apresenta-se como carrasco senhor da força, e vergonha de si mesmo.

Esse homem, dizia Gustavo, lançar-te-hia a tua falta em rosto. O mundo não reabilita por lagrimas. Tem coragem, minha Laura! Espera, e a vergonha que pertendem lançar-te ás fâces, serei eu que tenha a gloria de te a arrancar, muito mais breve do que todos os outros pensam.

Ó meu querido e adorado Gustavo, nas palavras d'aquella mulher existia o amor, a duvida, o sentimento dividido, a luta do coração com a rasão pequena, tudo isso matava aquella pobre mulher.

A força, a intelligencia está sempre de acordo com o poder do sentimento, porque um e outro, filhos de Deus, aspiram á sua apothese. Quando a logica dos sentimentos destroe a rasão, é o poder da alienação que domina mais do que os poderes do coração e da cabeça.

Ó meu Gustavo, tudo que tu me dizes, é verdade talvez. Muito quizéra eu acreditar-te. Eu seria feliz por as tuas palavras. Porem pensa no valor que teem as promessas feitas a meu pae no seu leito de agonia. O que dirá minha irmã do meu comportamento?

Não tenhas o menor susto, retorquio o mancebo, tudo me cumpre a mim unicamente. Tens coragem para fazeres o que de ti vou exigir?

Dize o que é.

Tu partes amanhã, váes apresentar-te em casa de Julião. Eu sigo-te. Dentro em pouco lá estarei tambem, mas não quero que ninguem suspeite que eu hei-de chegar.

Até ahí, disse Laura, não vejo nada difficil.

Tu ali seguirás a minha vontade a despeito de todos e de tudo. Estás por isto?

Um instante permaneceu Laura em silencio, depois acrescentou com resolução:

Tu vaes! A tua presença me animará. Junto de ti eu te-rei coragem. Se não fôsse isso, meu Gustavo, conheço-me. Não tenho força para resistir á vóz de minha irmã. Ella manda-me, e força-me a curvar a cabeça.

Maldita fatalidade.

Não posso dominar-me. Ella é mais velha, tem sido para mim uma segunda mãe.

Tudo foi assim determinado entre os dous. Laura tinha

Esperança de resistir á vontade de Christina, porque o seu amante deveria estar ao seu lado a dar-lhe animo para a luta. No dia seguinte Laura sahio de casa ao romper do dia, e logo encontrou Julião e o seu sobrinho, que a esperavam já, como na carta dizia Christina. Falláram a Laura como se na vespera a tivessem deixado. Não houve a mais pequena recriminação.

Em poucos momentos partiram em direcção para a pequena aldeia patria de Laura. Os companheiros da linda fugitiva não tiveram para ella no seu transito mais do que palavras cheias da mais cordial benevolencia.

Alguns instantes depois Gustavo montou n'um elegante cavallo. O mancebo seguia de longe a sua amante, e sorria revolvendo no pensamento quanto iria quebrar o animo de Christina, que o seu amor fizera sua rival, no dominio desejado no coração de Laura.

Quando o ciume escalda o espirito, o pensamento adormece. O ciume e o capricho de Christina trabalhavam cegamente para cumprir-se a sua vontade, sem lhe lembrar que poderia talvez tornar para sempre desgraçada a pobre Laura tão leviana e tão fraca.

CAPITULO VIII

UMA BOA DESFORRA

A anciedade desenhava-se na frente de Christina passeando em uma larga sala da sua casa. A esposa de Julião estava acompanhada da mãe do sobrinho de seu marido. Ambas ellas esperavam duvidosas a chegada dos conductores de Laura. Cada uma perguntava a si mesmo o que faria o amante de Gustavo. A zelosa aldeã tremia com receio de ter perdido o seu trabalho, e de ver a seu pesar Laura nos braços d'aquelle de quem ella lhe tinha roubado o coração.

A janella estava aberta, por ella descobria Christina muito espaço de estrada. Debalde porem ainda tinha olhado muitas vezes para o campo.

A sua anciedade redobrava, porem sua irmã não era atraída pelo seu desejo.

A companheira de Christina n'este momento, era a velha Martha. Martha era a mãe de Anastacio. Era uma d'essas mulheres a quem a sociedade não tinha dado nada. Tinha vivido sempre a vida mesquinha d'aldeia, não tinha tido convivencia senão com outras aldeãs tão rudes como ella. Ignorante, não devia tambem nada ao estudo. Martha não poderia viver no mundo que chamam civilizado, sem o perigo iminente de ser enganada. Tudo era novo para ella, e ella já não podia aprender. Mas o mundo especial do campo, a vida que tinha sido sempre a sua, essa conhecia ella perfeitamente. A singeleza campestre guarda os seus mysterios especiaes, como as demais maneiras de viver. A velhacaria d'um aldeão, é tão sagaz, como a d'um cavalheiro de industria d'uma grande cidade; mas o que são é essencialmente diferentes. Se nós vêmos muitas vêzes o astucioso rir por ter enganado o aldeão, devêmos ficar certos, que os aldeãos riem muito quando enganam os homens da cidade.

Martha tinha presumpção de conhecer o mundo, e de facto conhecia-o, mas era o seu mundo, o que tinha visto, e onde tinha vivido.

O seu traje escuro contrastava com os seus cabellos quasi brancos. Uma fita preta lhe sustinha as cans apertada em volta da frente. Um lenço escrupulosamente pregado era o seu unico adorno.

A sua frente era palida, mas o correr dos annos ainda lhe não tinha apagado o brilho dos olhos.

A mãe de Anastacio conhecia emfim o mundo porque se não atravessa impunemente uma existencia de sessenta annos. Martha colhêra muita flor e muito espinho no seu transito pela terra. Os desenganos já estavam de pòsse d'aquelle coração. N'este momento a boa velha estava sentada n'uma cadeira pequena, e dobava a roda, com socego aparente. Aparente dizêmos nós, porque o silencio d'agora, tinha succedido a uma violenta discussão que ella tinha sustentado com a formosa Christina.

Bem vê minha tia, dizia ainda a esposa do confeitoiro, que agora tudo é inutil. O casamento já está decidido.

Se ella viér.

Pois não ha-de vir? Isso era o requinte da loucura. Christina fallava em harmonia com o seu desejo. Queria-se illudir a si mesmo.

Olha Christina, continuou a velha em tom sentencioso, eu não conheço a sua irmã, mas os precedentes da sua vida não me agradam com certesa. Tenho-lhe dito e ainda o repito.

Não ha mal que não tenha remedio. O arrependimento salva.

Ainda não lhe ouvi dizer a ella que está arrependida. Mas ainda assim. Ella é uma mulher que deixou a irmã, pela grandesa e pela opulencia, o meu filho é um bom rapaz, porem creado na vida d'aldeia, não pode ser homem para sua irmã. Quando os esposos não são eguaes, o desejo foge, e fica o aborrecimento.

Comtudo, retrocou a irmã de Laura, a senhora Martha, ouvindo o que dizia meu marido, e seu filho, cedeu voluntaria a este casamento.

Voluntaria, não, disse a velha, não nos illudamos.

Seu marido fallou porque fáz tudo que lhe ordena sua mulher, e a minha sobrinha tomou este hymineo em grande desejo. Deus permita que seja para bom fim. Mas eu duvido muito da felicidade. Quanto a mim eu cedi, porque não ganhava nada em recusar. Meu filho estava decidido, era pois inutil querer opor-me. Os filhos apenas são homens acreditam-se aptos para de tudo decidirem, e esquecem-se facilmente, que os velhos amigos, que lhe é muito difficil darem maus conselhos.

Verá, minha boa amiga, proseguio Christina, com vós meiga, que elles serão felizes.

Martha abanou a cabeça, e como não tinha forças para embaraçar este enlace, que ella sopunha nocivo ao seu filho, cedia com desgosto, e limitava-se apenas a altercar com a mulher de seu sobrinho, que ella acreditava a primeira culpada, e a dizer — Faça-se a vontade de Deus! Pobre velha, tinha razão.

Pode crer, continuara ella fallando com a mulher de seu sobrinho, em quanto ella impaciente não deixava de olhar com atenção pela janella se chegava a sua presa desejada,

poder este casamento... oxalá que eu me illuda ! mas creia não pôde ser venturoso.

Não queiramos deitar futuros. O que está para acontecer senhora Martha, pertence a Deus, e elle ainda se não dignou dizel-o a ninguem.

Pois sim, sim, proseguia a velha na sua opinião. Anastacio é um bello rapáz, é meu filho, e por isso eu não o poderei julgar de outra maneira. Muito má seria eu se podesse pensar de outra maneira. Quando um filho parêça máu a sua mãe, a quem ha-de parecer bom ? Mas Anastacio é... é rapaz. A falta de Laura é a vergonha para um marido que se presa. Note bem. Agora a força do seu amor, ou do seu desejo, ou da sua sympathia, faz com que elle lhe perdôe a sua loucura, mas lá virá tempo, quando a paixão se tiver extinguido, que o perdão ha-de acabar tambem. Eu sou velha, e sei como as cousas se passam. O crime em toda a sua negrura ha-de ser manifestado; talvez ainda mais negro do que realmente é, elle aparecerá. Minha cara Christina, eu não sei o que faz ? O meu filho ainda ha-de oprimir a sua pobre irmã.

Creia, respondia a aldeã entregue toda á realisação do seu pensamento, os casamentos d'amores, são os que por via de regra são mais desgraçados. Este hymineu é um contracto vantajoso. Se o amor não existir, existe o amparo para minha irmã, que vivirá do que é de seu marido, sem vergonha. Quanto a seu filho, elle encontra uma mulher bem educada, que poderá tractar da sua casa.

A loucura do passado ha-de extinguil-a o tempo. Laura para mesmo fazer esquecer a sua falta, deverá redobrar de affectos para com seu marido. É o partido que lhe resta adptar.

Uma nova indagação feita á jánella socegou emfim Christina. O rosto da mulher angustiado pela duvida, expandio-se em alegria. Christina acabava finalmente de avistar sua irmã. O seu jogo tão pensado e meditado estava em fim ganho, ella pelo menos assim o julgava. A mais venturosa satisfação lhe enchia a alma.

Christina calculava quanto n'este momento Gustavo estaria desesperado, procurando em vão a sua amante. A vin-

gança dá momentos de felicidade, que são págos depois por amarguras pungentes e despedaçadoras.

Aquella ultima indagação pela janella socegou em fim aquelle espirito atribulado. Acabára de exultar pela vista da irmã. A joven em alegria febricitante sentio um violento estremecimento em todo o seu corpo, e surrio pouco depois por ver cumprido o seu ardente desejo. Bem quizera ella devorar o espaço de tempo que lhe era perciso deixar decorrer até a realisação do consorcio permeditado, e casar immediatamente sua irmã, porque ella parecia-lhe conhecer de mais Gustavo para temer sempre que algum obstaculo poderoso lhe viesse, por sua causa, partir a sua vontade activa e poderosa.

Anastacio, Laura e Julião entráram na casa, que alguns mezes antes tinha sido testemunha da percipitada fuga de uma formosa joven, que voltava agora dominada por estranhos e opostos pensamentos. Pelo ménos era assim que se mostrava diante da sua nova familia.

As duas irmãs mostráram uma entranhada efusão de ternura. Martha aceitou friamente os cumprimentos da sua nova filha, e nem sequer pareceu notar o beijo respeitoso, que ella depunha na sua frente sombria. O filho da velha aldeã parecia desgostoso pela friêsa de sua mãe.

Christina pôz sobre a mêsa os papeis percisos para a celebração do noivado, que já estávam todos prompts, e que apenas aguardavam a nova e gentil desposada.

Eis tudo que é perciso, comessou a maliciosa esposa de Julião, amanhã tu serás a venturosa esposa do senhor Anastacio.

Oxalá, que assim seja.

Longe vão agouros maus !

Anastacio não podia sofrer com rosto alegre as palavras com que sua mãe atestava a sua nenhuma adhesão ao seu casamento.

A'manhã, proseguio Christina, desviando a conversa do ponto em que a não queria, e sorrindo em tom gracioso, para occultar fundamente em seu travesso sorriso a satisfação de ver cumpridos os seus vivos desejos: amanhã sereis meu sobrinho.

Deveis desde já comessar a aprender a respeitar-me.

E quem é que a não respeita?

Anastacio comprovou a opinião da senhora Martha, que murmurava por entre os dentes — Manda mais do que um general na guerra.

Assim deve ser, respondia Julião alegre, e depois de ter beijado sua mulher com amoroso transporte, e sem dar ouvidos ás palavras de Martha; a minha Christina tem mais juizo do que um abbade, e falla como um letrado.

Pouco importante foi o que n'este breve tempo se passou. Laura mal fallava, ella não podia deixar de estar com susto, porque era a unica pessoa conhecedôra da sua situação presente. A trovoada estava iminente, e prestes a rebentar, Laura já a sentia no seu coração. O seu animo fraco recuava diante do perigo. Occorreu n'este momento um accidente mui trivial e insignificante, mas de que é perciso fazer menção, porque se tornou valioso no futuro. Gustavo tinha dado á sua amante um bracelete d'ouro, com um bello diamante e que fôra de sua mãe. Christina resolveu sua irmã a effectuar n'esta occasião uma tróca, e Laura aceitou o contracto, ficando com outro que recebeu da mão da irmã. Christina queria a troca n'aquelle momento, não para ficar com o bracelete que era de Laura, mas porque pertendia fazel-a mais firme no seu proposito, convencendo-a que não devia ter prendas de amor de Gustavo, indo casar-se com outro, e então alcançou permissão de Laura para que se vendêsse para comprar outro. Laura não deu péso algum a este factu, e apenas fez tensão de o contar a Gustavo logo que se offerecêsse ensejo proprio...

O incidente do bracelete estava concluido. Christina estava orgulhosa de ter arrancado a Laura a prenda, que ella tinha havia pouco sabido por ella mesmo, que tinha pertencido á mãe de Gustavo, porque lhe parecia antever ali mais um golpe com que poderia feril-o. As duas irmãs conversavam alegres, e pareciam felizes. A mãe de Anastacio era o verdadeiro contraste d'aquella jovialidade, era a estatua da tristeza caindo por força estranha no meio do banquete d'alegria. Todos fallavam no proximo enláce, todos tiravam d'ali augurios felizes. N'este momento a porta abrio-se com fragor.

Ninguem se annunciava. Todos olharam, e de repente estremeeceram. O vulto nobre e altivo de Gustavo acabara de se apresentar silencioso. Laura curvou a cabeça, e tapou o rosto com as mãos. Cada conviva ficou petrificado. Gustavo esperava denodado o ataque da sua valente adversaria. As frentes de Julião e d'Anastacio boquiabertas, eram as simultaneas contemplações da reciproca fraqueza racional. Uma raiva ardente e volcanica incendiou as faces de Christina. O coração parecia-lhe querer fugir-lhe do peito. Calcou os seus sentimentos desesperados no fundo rijo da sua alma d'áço, e fictando o mancebo com altivez, perguntou-lhe :

Com que direito se arroja a entrar aqui?

O pensamento de Gustavo era torturar a que outr'ora amára mais do que a vida. O que mais custa a soffrer no mundo é o desprezo, e a ironia sua irmã tambem escalda com dores cruelissimas, por isso lhe respondeu :

Não atormenteis com furias damnosas o vosso animo viagativo. Porque venho aqui? Porque é minha vontade.

Essa resposta?...

É a que neste momento quero dar-vos.

É cobardia abusar da fraqueza d'uma mulher...

Não apeleis para generosidades. Gustavo tinha dado um passo, todos olharam, e mal percebiam, as vozes escondião na mansidão, a colera que n'ellas vivia. Fallemos claro. Vós tendes lutado não com a fraqueza d'uma mulher, mas com a astucia d'uma raposa, e a malvadez d'uma vibora. Nada tenho comvosco, mas não me deixarei calcar.

O amor adormecido, e verdadeiramente ajoelhado aos pés d'um feroz ciume, que existia nos corações dos dous antigos amantes, não o conheciam elles agora, só o capricho e o amor proprio é que os dominavam como escravos.

Ha ironias tão mesquinhas e cobardes, que só podiam ter como respostas a punição do carrasco, se elle se não desprezasse do contacto.

O rancor manifestado por Christina, achou só como unica resposta nm sorriso zombador, que era uma gota de chumbo derretido no coração torturado da mulher, que antevia a sua completa derrota. O joven, que fôra desprezado, que nesta hora pertendiam escarnecer, não podia deixar de banir todos

os seus nobres instinctos, e lembrar-se, que tinha sido cruelmente abandonado, e que depois de o votarem ao esquecimento, ainda o queriam apontar á irrisão.

Bem vejo, começou Gustavo, que sou estranho, ou antes, que pareço estranho n'uma reunião de familia. Não estejam porém admirados. Vou satisfazel-os. Eu sou advogado, e é como tal, que eu me apresento aqui.

Quem será pois o vosso cliente?

Aquelle que me confiou os seus direitos, e que em nome da lei o podia fazer.

É myster terminar, os mysterios são pouco apreciaveis, pelo menos para mim. Esta casa é minha...

E quereis, atalhou elle rapido como o pensamento, lembrar-me, que como tal não tenho o menor direito d'entrar?

Exactamente.

A lei pode entrar e proteger em toda a parte, o caso é que ella saiba que está lá a opressão.

Tudo isso são palavras pomposas. Escutae-me.

Dizei.

Christina recuperou todo o seu valor, e encarando audaciosa o moço cavalheiro, disse altiva:

Advinhastes o meu pensamento, e certifico-vos, que nada tendes que fazer aqui. Evocáes a lei, e por ella mesmo, eu vos poderia expulsar da minha habitação. Esta casa nunca vos foi offerecida pelas unicas pessoas que tem o direito de a offerecer.

Pervino-vos, pois, que é myster sahir. Dizeis-nos, que sois advogado. Ninguem neste momento péde o vosso auxilio. Aqui não se pleitea, vive-se santamente. Isto é uma festa e não é uma guerra.

Talvez.

Estou disso bem certa.

E se vos enganasseis?...

É mister concluir.

Todos os presentes estavam espantados do vigor das palavras de Christina. Laura vacilava ante o que já sabia que deveria acontecer, e Gustavo impassivel sorria altivo e desdenhoso diante da mulher ciosa.

Sois uma admiravel competidora, proseguiu elle, mas eu

sou digno combatente. Não fallaes verdade, dizendo que não é este o lugar d'exercer o nobre myster de advogado. Não é certo Laura, que me pedistes para vir expôr a vossa vontade?

É verdade! Balbuciou Laura. Todos admirados bradaram olhando-a—É verdade!

Ella! O grito de Christina saio-lhe do coração, ella olhou com desprezo sua irmã, depois disse encarando Gustavo:

Laura é livre, e vós não sois seu procurador.

Tambem vós não, ora como é livre, mas fraca, pedio-me que a auxiliasse contra as comicas e ridiculas traições, que lhe fazem. Já vedes, que não sou intruso, elle continuava entre a admiração do projectado esposo, do odio crescente de Martha, do espanto de Julião, e do solemne desprezo com que Christina fulmina com os olhos sua irmã. Laura disse-me, que vós abusaeis cruelmente da fraqueza da sua vontade. Que estando só comvosco não tem forças para poder lutar com o vosso poder, mas que via ser forçoso vir aqui dar-vos um desmentido solemne, e terminar por uma vez com esta guerra, cobarde e miseravel.

Não ha laço mais infame do que este.

É filho legitimo do que forjastes nesta madrugada. Disse impassivel o mancebo, e prosegueio:

É mister, que nos deixeis viver em paz. É tudo isto verdade, Laura, ou terei mentido?

Tudo é verdade. Repetio ella.

A esposa de Julião estava realmente bella. A sua palidez occasionada pela colera e despeito dava ainda realce maior aos seus olhos: e o brilhantismo dos seus olhos vivos o formosos scintilava esplendente como acontece aos grandes talentos quando procuram debalde um refugio intellectual, que lhe seja bandeira de triumpho para uma posição pungente. Christina só disse com voz quebrada:

Ah! se fosse eu!

Vamos, prosegueio o mancebo desejando terminar, não estejamos n'uma posição cruel para todos. Aqui ha duas questões, uma de vontade e outra de dinheiro.

A de vontade pertence a Laura. Laura, tem vontade, quer este casamento?

Não, não o quero.

Anastacio, empallideceu. Era mais o despeito do que o amor, que o incommodava. Martha olhou para seu filho e para Christina, para o filho com ar de reprehensão benevola, e para Christina como querendo fulminar com a sua desaprovacão um capricho fatal.

Não falle constrangida, Laura, incestio Gustavo, diga a sua vontade. Quer este casamento?

Não o quero.

Ora, eis-nos chegados a uma grande conclusão!

Não ha nenhuma lei que obrigue a casar contra vontade. Outr'ora faziam-o os páes, mas esse abuso é condemnado. Agora isso mesmo é muito difficil. Faz-se como se faz um assassino.

Aqui ninguem pôde obrigar. Laura é livre. Laura cortou pela sua vontade a primeira questão. A segunda corto-a eu!...

Qual questão?

A palidez de Christina era maior agora.

A do dinheiro, respondeu Gustavo tranquillo. Este ouro não queima. Sua irmã vae ser minha esposa. É mais um titulo porque poderia aqui estar.

A mulher que se entregou á minha honra tem direito a ser por mim defendida. Respeito e cumpro as ultimas determinações de seu pae, que muito o honram.

Gustavo atirava com uma bolça de libras sobre a meza, e proseguia:

Se foram subterfugios não o quero profundar, se é verdade faço o que devo. Ali está, Christina. Pense no que fez. Amei sua irmã, quiz amar esta innocente mulher por amor. Christina fez mais, porem foi no caminho perdido. Pegou no braço fraco da filha de seu pae, e pol-a em almoeada. Guarde os remorsos de uma accção que... que deve classificar. Não posso comprehender que se deseje accrescentar o escandalo á vergonha, para a fazer maior. A rasão do seu procedimento é miseravel. Não se alentam amores em crimes.

Juro-lhe, que os meus antigos sentimentos são o odio para redobrar em cada dia.

Christina empallideceu de horror, o olhar de Martha foi

como n'um raio fulminante castigar-lhe a audacia. Julião sentio em si o triste despertar da aurora da desgraça.

O esposo da costureira tinha permanecido espantado a esta scena em que elle tinha sido verdadeiro authomato, e de que em verdade nada entendia; mas estas ultimas palavras tinham sido fatáes para elle. A folha de uma espada afiada rasgando um amplo veu, faz o mesmo, que as ultimas palavras de Gustavo fizeram no espirito do pobre e mesquinho confeiteiro.

No momento de eccoar o ultimo som elle fictou os olhos penetrantes no rosto da esposa, que fulminada cabia sobre uma cadeira.

O desventurado marido teve um triste e doloroso momento de ver com os olhos da sua simples alma, olhou para Gustavo, e conheceu, que elle era bello; olhou depois para si!... Desgraça, fatalidade... Tinha comprehendido tudo.

Apertou a cabeça entre as mãos, e bradou em pranto arrancado por um quasi delirio:

Meu Deus, meu Deus, tambem ella o ama!

A verdadeira agonia só tem por fim a morte.

Gustavo a nada atendeu, tomou Laura pela mão, e ella sem proferir uma unica palavra o acompanhou para a sua distante habitação. Os cavallos esperavam. Anastacio estava parvo como um rapaz, a quem roubam um objecto encantador.

Ha tantos assim, que já não maravilham.

A velha Martha abraçava ternamente o seu filho, que ella achava, muito mais apreciavel do que realmente era. Se não existisse a mentira, poder-se-hia buscar nos corações das mães quando ajuisam dos seus filhos. Nos seus momentos de bom humor, quando a natureza é no esplendido brilho da sua puresa, mente-se, não achando nada superior. Não admira.

É o fructo do seu amor e das suas entranhas.

Quando trovejam nos paroxismos da sua colera arrastam pelos degráus da criminalidade o seu filho. É justo igualmente, porque desfazem d'um objecto seu. Os extremos tocam-se. Em qualquer dos casos a mãe mente sempre involuntariamente ácerca dos seus filhos. Se fallar verdade,

forçosamente ha-de ser má mãe. A razão é que inventou a verdade, porque o coração mente sempre. Quem o feio ama....

Christina deixou silenciosa affastar-se a tempestade, pegou no bracelete, que fora outr'ora da mãe de Gustavo, e sorrio.

Seu marido era um louco, ignorante, e amoroso. Só poderia ver o que ella determinasse, que visse. Isso nada valia. Além de tudo Christina portava-se digna e honrada, o seu odio era todo contra a felicidade de Gustavo.

Os olhos da joven estavam fictos na pulseira, que apertava nas mãos, e no seu pensamento corriam as ideas, que expressam estas palavras — Nem tudo está perdido.

—

CAPITULO IX

O BRACELETE

Deixemos por um pouco Anastacio com as magoas pungentes do seu tão mal estreado amor; a velha, e quasi prophetica Martha, luctando entre a ventura de ter sido malogrado o casamento, que ella não podia julgar de felicidade para seu filho, e a tristeza de ver tão pesaroso o ente, que mais amava no mundo.

Separarêmo-nos do afflicto coração de Julião, já que elle se não póde affastar da sua justa magoa. O desgraçado sentindo-se acordar para a verdade, sentio-se despenhar no abysmo da maior desventura. Os seus justissimos ciumes eram chammas crescentes a cada instante, e a cada instante renovada.

Christina permanecia firme como se a vida já não existisse n'ella, parecia de marmore. Não temia seu marido, porque a sua reputação estava pura, porque um pensamento unico lhe absorvia todos os outros. Os seus projectos de vingança continuavam a germinar-lhe no espirito, e a tomárem pouco a pouco alentos n'ovos. Os pensamentos succediam-se. Um momento regeitava, o que o antecedente achára bello, creando proposito differente. Deixémos todos estes nossos perso-

nagens, e sigamos de perto Laura e Gustavo, que se ausentam d'aldeia.

Nunca foi Gustavo mais terno do que então, nunca o seu coração palpitou mais energicamente por aquella mulher, nunca aos seus olhos Laura lhe parecêra mais formosa e encantadora. O procedimento de Christina quasi, que lhe tinha apagado as recordações do seu antigo amor, dando lugar a que se lhe purificásse no peito o seu affecto por Laura, que apenas despertára por capricho.

O calor já declinava, a aragem fresca da tarde trazia o perfume das flores, que ia embalsamando os ares, e os ultimos raios do sol franjando d'ouro as nuvens dávam á solidão um aspecto melancolico e suave, que despertava amor nos corações. Os dous jovens olharam o espaço estenso, que os rodeava, onde a vontade de Deus permefia, que elles caminhassem juntos ainda, e que tão santamente s'idolstrassem.

É um mysterio de Deus o coração do homem, mysterio tão insondavel, que o proprio homem não descortina em si mesmo. Gustavo tinha amado entranhadamente Christina, o o seu amor por Laura não tinha sido no momento de nascer mais do que uma especie de vingança contra o desprezo invensível da linda rosa d'aldeia; e comtudo um affecto energico o prendia á mulher, que se lhe entregára.

As memorias longinquas do passado ainda lhe desenhavam no fundo da sua alma o retrato encantador da sua formosa vingativa; porem e de tal sorte formada d'elementos contradictorios á natureza humana, o capricho e o orgulho dominam tão imperiosamente, que elle exultava cheio d'alegria por ter podido opremir e calcar a vontade de Christina. Julgava o mancebo n'aquelle momento o seu coração todo entregue ao amor de Laura, e olhando-a ébrio de ternura parecia-lhe contemplar o typo ideal das hurys do Propbeta.

Ó minha querida Laura, dizia elle fastigando o seu cavallo para que se unisse ao companheiro, que levava a mulher adorada. O minha querida Laura, foi hoje o dia do nosso hymineu. Julgo-me feliz.

Quisêra estar feliz tambem, respondeu elle a custo, mas sinto um aperto no coração. Não sei o que presagio?!

Deixa loucas apprehensões. Tudo nos sorri. A verdade traduzia-se em cada phrase do môço namorado. Considero-me teu esposo. Não são precisas as formalidades das leis religiosas e civis, para que este santo encargo se torne respeitavel diante da consciencia. Tomo sobre mim o cumprimento deste facto debaixo do mais sagrado juramento. Basta Deus e o homem para que seja uma promessa jurada dentro d'alma. Já nada nos pôde reparar.

Mas quem nos diz, acrescentou Laura, que Dens, que está aqui para aceitar as nossas promessas, ou se neste momento as manda anniquillar. Um instante muda a face da vida.

Não queiras dar-me de tão lindos labios palavras de martyrio. O sacerdote, que nos unio em nome do amor, foi Deus, Elle em pouço permittirá, que um seu ministro na terra nos una tambem em nome das leis sociaes. As nossas almas, sem fallárem, trocaram n'um olhar o vinculo indestructivel que nos prende.

Ninguem conte com o dia d'amanhã.

Este pensamento de duvida, que esvoaçara pela mente de Laura, nem fugitivamente passava pela mente de Gustavo. O pensamento do moço entusiasta era lealmente reproduzido nas suas palavras. Laura correspondia tanto quanto podia aos affectos do seu amante, posto, que a scena passada com sua irmã lhe deixára n'alma negros e crueis vestigios.

Festiva e louçã a joven correspondia a tão vivo affecto. A sua mão alva e macia, ao mais rapido correr do cavallo, que se adiantava, resvalando como por encanto por entre a dextra de Gustavo, que lh'a apertava e beijava, largando-lh'a.

Tanto presente d'amor, e nem uma saudade do passado, e nem um receio do futuro.

Os chamados presentimentos do coração, não são as mais das vezes do que loucuras, do que meios caprichos do acaso.

A habitação commoda e singella de Laura e de Gustavo appareceu em fim, elles entraram. Como n'um cofre d'amor alli se guardáram aquelles dous corações, que tinham as almas enleadas com as mais ternas e suaves cadeias. Não tem flores o jardim, não tem estrellas o céu, como as estrellas, e as flores d'um vivo amor.

Laura começou a tirar os trages pesados, que a oprimiam, e Gustavo ao seu lado estava brincando com as joias de que ella se ia despojando.

Quanto é bello sobre o teu braço, dizia Gustavo sorrindo e fictando o bello rosto de Laura, o bracelete que adornou o braço de minha mãe.

A menina estremeceu, pareceu-lhe, que uma arma terrivel se lhe apontava ao peito. Tudo, que passára com sua irmã, os terrores vagos, que a assaltavam havia tanto, parecia-lhe tudo explicado agora. O mancebo não percebeu a agitação da sua amante, e prosegue :

Ella não se indignou, que eu t'o offercesse, e agora péde no ceu a Deus por nós.

O estremecimento de Laura era prognostico de fatalidade iminente. A troca do bracelete fôra uma loucura.

Seria um laço? O que era fatal verdade, era, que elle estava em poder de Christina. O torpel de pensamentos, que a agitavam não transpareciam, porque ella permanecia em silencio.

Onde está elle? Perguntou Gustavo. Há muito, que o não vejo.

Não me lembra agora.

Foi a primeira palavra quasi sem sentido perciso, que occorreu á pobre menina imprudente.

Não te lembra? Mas é perciso saber onde está. Procural-o.

Deve estar guardado, porem não me posso recordar agora o sitio onde o tenho.

Porem um objecto d'estimação como aquelle, tornou Gustavo, que vale não só pelo preço, mas pela consideração, não se deve perder da memoria o sitio em que se guarda. Bem ves que é uma cousa, que vale dez, cem vezes mais do que o seu valor, porque provem d'uma origem sagrada. Procura-o bem. Tem paciencia.

Estou cansada. Não posso agora.

Porém se te rogo!?!...

Que insistencia!

Se estou impaciente.

Laura não se movia, porque sabia demais, que eram, baladas todas as buscas.

Porém, meu amigo, e que eu....

Acaba. Vejo-te confusa.

Confesso-te que não sei d'elle.

Gustavo enfiou. Poz-se de pé, e encarou fixamente a sua enleuada amante, perguntando-lhe com uma voz misturada d'angustia e d'ironia.

E já o sabias ha muito?

Já, sim, creio, que sim. Parece-me, que o roubáram.

Porém era preciso procural-o immediatamente. Prorompeo elle com energia. E estavas socegada com similhante cousa? Podiam-se ter empregado mil meios. Por ventura não conheces, que a mais ninguem no mundo o daria eu? Ainda, que eu perca cem vezes o seu valor hei-dê encontral-o.

Tanto enfado por causa d'um bracelete. Não era elle meu? Passarei perfeitamente sem elle.

Essa resposta é uma vergonha para quem a dá.

Pois não é verdade? Tanto horror por causa d'um bracelete. Que culpa tinha eu, que elle se perdesse? Minha irmã deu-me um bracelete tão bello e tão rico como aquelle, que eu tinha.

E Laura mostrou ao mancebo a prenda, que recebêra de Christina.

Porém, que me importam as prendas de tua irmã? Que tem tudo isso com uma dadiua de tanta estima, com uma joia, que tinha sido pertencente a minha mãe? Tu não precisas dos brindes de Christina. Demais eu *não quero*, que tu uzes nada, que provenha d'ella.

Era a primeira vez que a terrivel palavra *não quero* sahia da bôcca de Gustavo para impor ordens positivas á sua amante.

Laura tremeu de orgulho. O sangue aqueceu-lhe com a rapidez da electricidade. Rasgou-se-lhe dos olhos uma venda para lhe deixar ver uma verdade triste. O seu imperio todo era falso. Um sopro o destruia. Conheceu que não era rainha dominadora, mas sim captiva agrilhoada. A aguia sempre livre não pôde suster seu jugo voluntaria. A mulher ferida no seu amor proprio, voou no impeto d'uma altivez invencivel. Vio que uma vontade superior a queria fazer ver-

gar, ergueu-se forte. Essa idea pesou-lhe na alma a ponto de a fazer soffrer horrivelmente.

Milhares de ideas lhe assaltaram a imaginação.

Não quereis? A voz de Laura estava tremula de raiva e de despeito. E se eu o quizér?

Não o fareis.

Se eu quizer hei-de fazel-o. Não admito a ninguem o direito de me dar ordens. As palavras *não quero* atiram-se ás escravas. Não sei o amargor com que essas desgraçadas lhe tragam o amargo, mas sei que eu hei-de pisal-a com o pé.

Essa arrogancia depois da culpa ..

Não é depois da culpa, é depois da grosseria de um despotismo ridiculo, e depois da cobardia de ameaçar uma mulher com fantasmas irrisorios.

Confesso que estranho o teu procedimento, e muito mais as tuas palavras.

Não ha nada mais eloquente do que a justiça.

Achas muito justo usar uma prenda que te fôsse offerecida por tua irmã, depois do que se passou?

Póssô perferir um presente de minha irmã a uma joia de sua mãe. Se a quizer usar, hei-de usal-a.

Tal não farás!

Veremos?

Veremos? Gustavo estava tão pallido que não parecia o mesmo joven de ha pouco. Agora digo eu, que o não usará! O amante apaixonado e terno transformou-se n'um ente caprichoso e colerico, e n'um instante despedaçou entre os dedos a pulseira, que a Laura pouco antes tinha sido offerecida por Christina.

Lindos e formosos sonhos d'amor tem horas fataes que são como as nuvens do estio, que a mais leve aragem desfaz rapidamente.

Ha organizações cheias de delicadesa, porem que a mais leve objecção irrita. Pensamentos robustos, que uma tenue contrariedade offusca. Cada um d'elles era d'este genero tão fatal para si mesmo.

Laura desesperada vendo quebrar os seus desejos, narron colerica a Gustavo a troca que fizera, acrescentando por vingança — Que nenhum valor dava ao bracelete por ter per-

tencido á mãe do mancebo, mas que unicamente o apreciava por ser de ouro, e por ter um rico diamante, mas que ainda que fosse possível elle aparecer jurava, que nunca o quereria usar.

Cada uma d'estas palavras era mais o resultado de um rapido estudo ácerca do que mais poderia flagelar o animo de Gustavo, do que era a expressão da verdade da alma de Laura. A amargura do momento era tambem capás de fazer fugir a rasão, ou pelo menos de a paralisar a ponto de fazer crer filhos do coração todos os insultos, ou pelo menos despresos que atirava ao homem que algumas horas antes era tudo para ella, e a quem tinha sacrificado sua irmã, e o que podia ser o seu futuro. A colera é tão cêga em realidade, como devia ser sempre a justiça dos homens.

O frivolo, mas talentoso Gustavo não respondeu uma palavra sequer. Olhava attentamente para Laura, os seus olhos penetrantes fictaram-se na frente da mulher desesperada. Bem desejaría elle poder ler claro no fundo da sua alma. Pouco depois crusou os braços e deixou-se cahir sentado no sophá, inclinou a cabeça para o peito e comessou a pensar.

As ideas que Laura desejava debalde advinhar, e que se passavam na cabeça do seu amante deveriam ser estas. Como seria possível existirem dous pensamentos opostos com apparencias tão eguaes, sendo ambos partilha de duas mulheres filhas dos mesmos paes, animadas do mesmo sangue, creadas com egual educação. Christina comprehendeu, com a rapidez do olhar da aguia, mesmo sem ter visto, nem ouvido Gustavo, quanto deveria atormental-o tirar aquelle bracelete a sua irmã. Antevio intelligente quanto aquelle golpe marcharia certo ao coração d'aquelle amor, ou d'aquelle capricho.

O dom famoso da penetração intima ácerca dos mil objectos que nos rodeiam é realmente um grande presente offertado pelo Creador a muitos dos seus eleitos. Quantas vezes debaixo dos olhos de muitas pessoas passam os mesmos factos, como os mesmos panoramas, levando a uns impressões poderosas, e deixando a outros como se por ventura lhe não tivessem passado ao alcance. No rapido cor-

rer d'um barco no mar, ou d'um wagon pela terra são bem variados os aspectos que se descortinam á vista. Barco ou wagon caminha cheio de passageiros. Chega um instante de rapida passagem em que se divisa um quadro de melancolica magestade. As arvores abraçadas nas ramagens formam abrigos junto aos troncos para os pastores, e para os rebanhos. A ribeira de prata corta a esmeralda viva da relva. A luz do sol claro é luz do quadro. O sussurro das aguas em distancia parece dar vida ao coração por entre o calor abafadiço, e responder com meiguice ao cantico de saudade que entoia a flauta do pastor. A rapida vista d'este quadro enlevaria uma alma feita para sentimentos poeticos e delicados, mas seria indiferente para a grande parte dos que a olharem. E tudo se tinha passado de um modo egual para todos.

Ha vistas no mundo tão prespicáses que ao primeiro olhar ajuisam da pessoa que vêem. O seu juizo fica-lhe de tal módo preso ao cerebro que é bem difficil arrancal-as do seu primeiro proposito. O que é mais, é que ha sentenças proferidas por tão habéis juizes, que raras vezes são injustas. É uma verdadeira perdestinação. No centro d'uma sociedade vereis todos egualmente engolfados nos festejos, todos loucos de alegria. Passam-se muitas horas sem perguntar ao presente pelo futuro, e aceitando entre sorrisos tudo quanto elle entrega ao momento que chega.

Os factos variadissimos correram todos quasi confundidos, as peripecias amontoáram-se. Termina o festim. Procuraes dous convivas que tudo virem, que de tudo fizessem parte, e achareis, um que vos descreve tudo a ponto de vos fazer crer que estáes lá transportado ás festas, e outro que alem de mui pouco vos dizer tudo vos confunde de tal maneira que ficades tão longe, ou antes mais, do que antes de lhe escutardes uma palavra.

O que se dá ácerca de ver dá-se egualmente a respeito do ouvido. N'um ajuntamento de grupos variados, podem ser cinco ou seis as conversações. Achareis quem as escute sem as confundir, e achareis quem confunda só uma, fazendo d'ella tantas, quantas forem as vezes que d'ella fallar. Estes perdestinados dons de ver e de ouvir d'um modo superior, são uma especie de sexto sentido.

O mundo phisico e moral só é ponderado por esses entes eleitos, os outros satisfazem-se em ser contemplados.

Christina possuia a intelligencia de ver quando olhava; conhecia o mundo não por experiencia, mas por instincto; as delicadesas do espirito havia-a^o sonhado.

Vio Gustavo, conheceu-lhe o melindre exagerado, soube que o bracelete fôra da mãe do mancebo, que o dál-o como prenda era prova d'imenso affecto, logo roubar-lh'o era a victoria.

Laura vio tudo ao revéz, ou antes nada vio.

Revolvendo as flores não lhe encontra o aspide que lá s'esconde: não vê que sua irmã que a ilude, e que tudo sacrifica a vingar-se do homem que jurou desposal-a, que faz d'esse modo porque sente ainda uma especie de ciumes que não pôde vencer, e porque pensa noute e dia na maneira de os separar.

Algun tempo tinha decorrido quando Gustavo ergueu a cabeça e disse olhando com despeito para a mulher que permanecia ainda impassivel na sua frente:

Laura, é perciso estar completamente allucinada para praticar como praticas. Será possivel que as palavras que tantas vezes tenho forcejado por te fazer comprehender, ainda te não ocupem o espirito.

Nem as quero, nem hei-de comprehender!

Tua irmã jurou separar-nos.

Talvez tenha rasão... de certo a tem.

Gustavo estava de pé involuntariamente, a estas ultimas palavras os seus olhos dardejavam raios. Era o desespero de não poder atear fogo n'aquelle espirito, de ver aquella pobre abandonada, por fraca, por falta de energia, obdecer cegamente aos caprichos de sua irmã dando-lhe cada dia triumphos novos, e cada vez mais brilhantes. O mancebo comprehendeu com dor que não podia luctar só. Não temia nem os ardis, nem a audacia de Christina, tudo isso elle poderia prever, ou combater, e ao cabo despedaçar, porem tremia porque lhe era impossivel contar com a firmesa de Laura. O espirito do adversario da esposa de Julião certifi-eou-se n'este momento que o amor e o odio, eram dous entes chimericos para a alma de Laura, se é que não eram

antes duas fabulas ridiculas sonhadas por alguém no mundo; vio que os sentimentos do coração eram enigmas inexplicaveis para a sua futura desposada, e teve como triste conclusão que a sua existencia moral viviria sempre virgem d' affectos elevados, ou de rancôres justificados.

A pobre menina alheia a tudo que não fôsse a offensa que lhe roçara dolorosamente no animo proseguiu:

Ha-de tornar a possuir o bracelete de sua mãe.

No estado em que se achavam Gustavo não pode reprimir um sentimento de máo humor, e respondeu-lhe com azedume e duresa:

Terei, mas não para que tu nunca mais d'elle te sirvas, Quero quebral-o em meu proprio castigo, já que eu fui tão leviano que o offereci a quem nunca o deveria ter visto.

Gustavo ia para sabir, porem Laura camialhou para elle e disse-lhe altiva e firme:

Não sou, nem serei nunca sua escrava. É a justa recompensa de eu abandonar um homem que me offerecia a sua honrada mão de esposo, para seguir outro que me considera uma serva a quem se impõem ordens despoticas. É castigo. Como tudo porem tem remedio...

O mancebo estremeceu, olhou para Laura com um olhar perdido entre a compaixão e o desgosto. Conheceu que a desditosa estava presa d'um sentimento cruel. Teve o pensamento de lhe perdoar, de a abraçar, de alcançar o seu perdão, e terminar tudo n'um momento, porem um poder irresistivel lh'o prohibio, um orgulho indomavel o forçou a preestir, e uma força que não pôde vencer o impeliu a dizer:

Se lhe acha remedio!?... Póde dar-lh'o.

Saio. A porta fechou-se. Gustavo já não ouviu a resposta de Laura que dizia convicta:

Eu lh'o darei.

Assim léva o destino adverso horas que poderia ser de eterna felicidade. Eis os sonhos d'amor tão bem sonhados, e com tão sinistro e funebre despertar.

CAPITULO X

VICTORIA DE JUDITH

Esta scena cruel era a primeira que tinha surgido fatal entre os dous apaixonados. Pode bem pensar-se quantas recordações dolorosas deixaria na memoria de Laura. A hora triste da noute que se aproximava ainda mais a chamava para a melancholia. O silencio e a solidão prendiam-lhe o pensamento áquelle ponto fixo que a amargurava. Ficando só e quasi ás escuras Laura sentou-se quasi sem pensar, encostou o braço esquerdo ao sophá, e a cabeça ao braço. Se a luz batesse agora n'aquella fronte ficaria maravilhada vendo a belleza d'aquelle rosto. Era bello o brilho d'aquelles olhos humidos de lagrimas a scintilar no palido d'aquella fronte abrasada, e maravilhosos de voluptuosidade os aneis revoltos d'aquelles espalhados cabellos.

O homem que ella ainda ha pouco julgava sem quebra o seu esteio do futuro, acabava de sahir arrebatadamente. A scena desagradavel que tinha passado havia apenas um instante, podia repetir-se a cada instante. Era impossivel que deixásse de correr-lhe ao pensamento a lembrança de Anastacio. Laura pensou como o filho de Martha seria mais facilmente submisso ás suas vontades, e mesmo aos seus caprichos, esqueceu-se das diferenças que existiam entre elle e Gustavo, e concluiu por lamentar o passo errado que ha pouco tinha dado.

O que seria d'ella no futuro? Este desespero justificado pela posição presente, fazia nascer as duvidas cruéis ácerca do porvir. Não era o espirito de Laura feito de modo que lhe permitisse tomar uma prompta resolução. N'este ancisar cruel de soffrimentos Laura comprehendeu que só deveria recorrer a sua irmã.

Será isto uma loucura? dizia ella apertando uma na outra mão. Mas que hei-de eu fazer? De quem me hei-de confiar? Estou completamente só!

A pobre menina tinha rasão. Seria Laura porventura tão louca, que não acreditásse as palavras de Gustavo, quando

este lhe certificava, que era sua irmã a sua maior inimiga, quando se tratava dos seus amores? Não por certo. Não via ella, que as ideas de Christina marchavam sempre direitas ao fim de a separar de Gustavo? Conhecía, via tudo, mas um poder mais forte do que ella a impelia para procurar em tudo os conselhos e o auxilio de sua irmã.

Não existiria no coração de Laura o minimo sentimento d'amor por Gustavo? Decerto que ella o amava, como era capaz d'amar, e como era capaz d'amar com a força do primeiro amor.

Laura amava Gustavo e respeitava sua irmã, vivia auxiliada por estes dous esteios, fugia-lhe um carecia amparar-se ao outro com toda a sua efficácia.

A educação não é capaz de poder destruir a natureza, porem é bem capaz de a modificar, e em muitas cousas de a substituir. Laura tinha perdido seu pae e sua mãe quasi ao sahir da infancia, tinha-se habituado desde tenros annos a obdecer a sua irmã, posto que as suas edades pouco divergissem. Dous annos, ou trez, que são aos trinta annos absolutamente nada são aos sette e aos dez uma diferença espantosa. As palavras de Christina eram para Laura como os oraculos da Sybilla. Sábias e rectas e justas acreditava a menina que deveriam ser as determinações de sua irmã n'este caso melindroso.

Laura decidio finalmente escrever a Christina, e pintar-lhe tudo quanto se passára entre ella e o seu amante. Dentro d'uma hora a carta estava feita.

Impressãoada do mais violento despeito, gemendo ainda sob a magoa dolorosa d'uma lucta amarga, sentindo o coração ulcerado ao sangrar em nome do orgulho amoroso, sangue mais ardente que uma mulher pode sentir correr-lhe do coração, pôde imaginar-se as negras cores em que desenharia o medonho panorama. Ferida aberta offendendo a vaidade, o capricho e o amor, deve ter mui difficilissima cicatrização.

N'essa mesma noute um proprio foi levar a carta á aldeia de Christina, no dia seguinte veio a resposta.

RESPOSTA DE CHRISTINA A LAURA

Minha pobre irmã

Os meus pensamentos, por muito meditados, são raras vezes illudidos. Eu bem te havia prophetisado que esse homem deprêssa te calcaria com despresos. Confesso porem, que não esperava tão depressa. Essas crueis afrontas de senhor para escrava são muitos superiores ao mais elevado affecto.

É claro que o seu amor era mentira.

Seja. Deixêmos esses tristes pensamentos. Foi sorte.

Dizes-me que pertendes saber o que te cumpre fazer.

Dir-te-hei o meu pensamento.

Tracta-o sem o menor ressentimento aparente ácerca de tudo quanto se passou. Pratica de modo que nunca possa Gustavo imaginar que em ti existe a menor quebra nos sentimentos que já viveram, e que tu na tua ingenuidade acreditavas eternos.

Em tempo que eu julgar oportuno eu te darei parte do que deves fazer. Corre tudo por minha conta. E preciso tempo. Quero sanar os golpes que ainda hontem abriste. Martha é o mais difficil. Não desanimes. Mandarei quem te conduza para aqui. O que só quero de ti é que elle não sonhe sequer o minimo dos teus pensamentos. Se assim não fizêres a tua resolução é inutil. Conhéces-lhe o genio caprichoso, mas tambem lhe deves conhecer a intelligencia, elle quebraria a tua vontade, fazendo-te crer que era só para suplantar a minha. Os nossos desejos n'este momento estão justificados diante dos mais santos preceitos.

Não te parecem bem extraordinarios os acontecimentos que rapidamente se desinvolveram, independentes das nossas vontades, sem que nem a minha energia, nem a tua bondade pensássem apenas em fazer cousa alguma? Qual poderia ser diante da intelligencia o mutur poderoso que tudo pôz por obra com a rapidêz do relampago? Quem foi tão veloz em despertar na memoria de Gustavo a idea de procurar pelo bracelete que ha mezes te offerecêra? Foi no

meu modo de pensar o mesmo poderio desconhecido, que me despertou a lembrança de t'ò pedir, tão innocentemente. É uma velha crença que cada dia cria novas raizes nos corações da creatura, que o homem põe e Deus dispõe, e que os mysteriosos desígnios da Providencia se manifestam acobertados sempre no veu da sua obscuridade infinita e divina.

A minha consciencia impoz-te, ou pelo menos desejou impor-te um dever sagrado, porem Gustavo tudo pôde aniquilar, porque eram só os poderes humanos que luctavam; e esses é para a força das creaturas destruil-os. Pouco depois uma palavra, um acaso na apparencia, destróe os passados planos do homem que amas-te. A timidez que sempre tolhia os teus passos desapparece, e tu môstras-te pela primeira vèz mulher altiva e forte de coração.

Não são pois forças da terra que te impelem, são as forças do ceu. Não domina agora a creatura, é o Creator quem ordena. Contra este poder soberanamente poderoso, não hão-de valer jamais os sophismas, nem os attractivos de Gustavo, nem esse Deus que te inspira te deixará afracar no momento de cumprires um dever sagrado.

Laura tinha lido com religiosa attenção a carta de sua irmã, cada palavra ia pouco a pouco levando a convicção ao seu espirito, comtudo quando a audacia do pensamento de Christina subio corajosa para as regiões dos mysterios divinos, a alma da pobre abandonada ao seu fraco modo de apreciar, sentio-se de todo vencida. A falta do cumprimento das suas promessas era já para ella quasi impossivel, porque andava ligada a esta a sua vaidade de mulher, porem agora subia de ponto a impossibilidade porque Laura a via como se fôsse um ultraje á Divindade.

O quadro funebre da morte de seu pae que estava já quasi esquecido, desenhava-se agora com toda a sua magestade mortuaria, atterrava-se diante d'aquelle sinistro aspecto como se presente ali lhe fosse n'aquella solidão sua conselheira.

Na vontade de Deus manifesta. descobria ainda a filha esquecida, as rogativas de seu pae ao Todo Poderoso, e o auxilio divino prestado ao justo que supplicava o cumpri-

mento da promessa feita ao agonizante. Do auxilio de Deus em pró da vontade paterna, tirava a pobre menina a santidade de seu pae, o seu valor para com o Omnipotente, e por consequencia a sua ventura no porvir. Laura acabou de ler a carta. — É para nós a coroa da justiça nos tribunaes da rectidão e do dever. Ou has-de callar-te com toda a cautella, ou sujeitar-te por toda a vida ao dominio insupportavel d'esse homem orgulhoso. Anastacio, é um pobre homem. Não vês como eu sou feliz com Julião? Pobre homem, nada me recusa. O mais tardar em trez dias ahi estará meu marido ás duas horas da manhã espéra-o.

Espéro que até esse tempo tudo estará arranjado.

Se podes redobra de affectos?...

Tua irmã

Christina.

Foi esta a resposta que Laura recebeu clandestinamente da mão do portador que mandára levar a carta a sua irmã. Aquelle animo vacilante alegrou-se com o prompto remedio que dava a esposa de Julião áquelles males, mas teve medo que lhe faltassem as forças para cumprir o papel falsario, que lhe estava destinado. O dia seguinte já tinha passado, Laura já tinha estado com Gustavo quando junto da noute indo sosinha ao quintalinho recebeu a carta.

O que se tinha passado emquanto o mensageiro levava e trazia as cartas das duas costureiras não deve ser ignorado por o leitor. Laura escreveu, enviou um aldeão, e deitou-se. Depois de muito pensar adormeceu. No dia seguinte, como era costume, seriam dez horas bateu um creado á porta do quarto de Laura, ella foi abrir.

Que quer? Que horas são?

São mais de dez horas, respondeu o creado, e o sr. Gustavo, que já espera na salla da mesa manda pervenir v. ex.^a, que espera para almoçar.

Uma leve sombra passou ligeiramente pelo meigo semblante de Laura. Sentio pejo de se apresentar, mas sentio alegria de ser chamada.

Diga que não me demóro.

O creado sahio. Pareceu a Laura, que tinha já pena de ter escripto a carta, o dia de hontem era uma especie de sonho. Laura foi: Gustavo esperava tranquillo e affavel contemplando o campo atravez os vidros. Sentindo passos o mancebo olhou sorrindo para a sua ressentida e reservada amante.

O amante de Laura tinha defeitos como todos, porem dous minutos depois de se encolerisar, tudo lhe esquecia como se jamais tivesse acontecido.

Bons dias, Laura.

Bons dias.

Parece-me que estás ainda triste?

Quem? Eu? É engano. Não estou alegre, nem triste.

Vamos, vem cá, Gustavo adiantara-se pegando-lhe nas mãos d'ella entre as suas, e beijando-lh'as, o que ella lhe permittia com a condescendencia glacial do mais perfeito abandono, nós vamos aqui fazer as pazes.

Pode ser. E' possível.

Fui mau, fui descortez, mas tu perdôas. Tudo são palavras que o tempo leva. Não é verdade?

Ha cousas que se não pódem esquecer.

Quando o amor se manifesta exagerado d'um lado, começa a diminuir do outro.

Dous amantes assimelham-se ás duas conxas d'uma banha, quando o amor vae augmentando em uma d'ellas, vae diminuindo na outra o seu peso. E' regra com poucas excepções.

Então queres ficar sempre mal comigo?

Não. Já disse. Nem mal nem bem.

Vaes estabelecer as clausulas da concordia.

O bracelete de tua mãe...

Não me falles nunca mais em similhante cousa.

Antes eu nunca de tal me tivesse lembrado.

Embora, insistio Laura, agora sou eu que me quero lembrar, e que me lembro. Não posso deixar de o desejar para o restituir. É só o que deve fazer uma mulher que não é digna de o trazer.

Basta, basta, minha querida, proseguuiu elle perdendo ter-

reno ao mesmo tempo que ella o ganhava com uma habilitade... habilitade de mulher amada, basta o que se passou, está passado, o dia d'hontem ficou sepultado no abysmo do esquecimento. Não fallêmos mais em semelhantes cousas.

E' melhor o esquecimento em tudo. Nem eu sou para ti o que já fui... o que julgava ser.

E que ainda és e serás sempre.

Nem tu és para mim o mesmo que já foste.

Mas que hei-de ser?

Se foi desgraça foi d'ambos.

Olha, queres um conselho? Dá-me um abraço... Assim. Muito apertado. Temos crimes? Perdoêmos-nos reciprocamente. Sim?

Laura deixava-se abraçar indifferente, porem não tomava no tal abraço parte mais activa do que o leitor ou a leitora. O creado entrou e servio o almoço. Em conversas mais ou menos frivolas se passaram aquellas hórás. Algum tempo depois do almoço Laura foi para o seu quarto. Gustavo foi caçar pelos arredores. A's cinco horas veio a carta de Christina dar novas forças a Laura. As rasões escriptas n'aquella carta fixaram á amante de Gustavo no proposito firme de os seguir á risca.

Decorreram vagarosos aquelles dous dias. Os excessivos amores de Gustavo que pareciam redobrar, estiveram algumas vezes a ponto de quebrar-lhe o animo, porem a recordação de sua irmã e da sua offensa, davam-lhe poder de permanecer firme.

Laura preestio impassivel. Era ao anoutecer do terceiro dia. Gustavo tinha acompanhado Laura no seu quarto sempre

Era já quasi meia noute.

Parece-me que te acho ainda triste?

Enganas-te estou perfeitamente alegre.

Se não vejo motivo para tristesa exagerada, tambem creio que não ha motivo de grande alegria.

Puerilidades. Sonhei esta noute que uma linda avesinha branca de neve, que estava presa pelos pesinhos a uma gaiola, que tinha tido forças no bico para quebrar os ferros e fugir do captiveiro.

Não posso atinar d'onde te viésse tanto amor ao imaginario animalsinho.

É porque tomei tudo por aviso do ceu.

Então crês n'esses toques milagrosos.

A avesinha era eu, as correntes eram o tempo que já passou, e a liberdade conquistada, era o hymineu que feliz me espera...

Dize antes, que feliz nos espera !

Sim, que nos espera.

Laura acrescentou estas palavras d'um modo que poderiam fazer desconfiar Gustavo da veracidade d'ellas, se elle não estivesse na melhor boa fé.

Porem porque é que depois d'aquelle dia maldito eu te vejo sempre taciturna e mudada ?

Se estou alegre, admiras-te... Olha, não se póde estar sempre folgando e rindo, mas tambem não quero estar triste, e não hei-de estar.

E é isso o que eu mais desejo.

Sabes que mais, Gustavo, ha occasiões em que tenho pena de ti.

Pena de mim ? Que maravilha. Porque ?

Por não amares outra mulher mais digna, e...

Já disseste muito, porem ainda ias dizer ?...

Mais nada. E' segredo. N'esta hora sonho com o futuro. Estou a ler n'elle.... Persinto uma grande desgraça iminente.

Não tem duvida, eu a conjurarei. Qual é ?

Deixa que o não diga.

E's sempre um enigma.

Serei, acrescentou Laura sorrindo. E se eu te dissér que me parece que tudo está acabado entre nós ?

Eu rio-me, e digo-te, que é falso.

Talvez, que não seja.

Só Deus o sabe. Gustavo despedio-se da sua querida Laura, e sahio, para ir para o seu quarto.

Laura estava só, fechou a porta do quarto. Dava uma hora no relógio do Povo. Abrio a janella depois de ter affastado um pouco a luz para um sitio retirado. Em pouco tudo em casa estava tranquillo.

Um vulto passou debaixo da janella.

Sou eu.

Era Julião que fallava baixo, mas não tão baixo, que não fosse ouvido por Laura no silencio da noute.

A menina fez-lhe um signal com a mão, pelo qual elle ficou certo, que o seu dever unico era esperar. Começou a arranjar-se para o caminho. Depois fechou a janella, pegou na luz e sahio. Caminhava altiva e senhora de si, o seu partido estava tomado, se fosse surprehendida tencionava, mesmo contra a vontade de Gustavo partir. Desceu, abriu sem difficuldade a porta, Julião esperava junto do muro.

Tudo está prompto, vamos,

A irmã de Christina, ficou silenciosa, caminhou ao lado do seu cunhado. Chegaram onde os cavallos os esperavam, montaram e partiram.

Nem sequer deu o menor signal a Gustavo de que um pensamento sinistro lhe occupava a mente?! Ainda n'aquella mesma noute ceára com o seu amante. Despedio-se d'elle quasi com ternura e amor, o signal da despedida foi ainda um beijo... o ultimo. Triste sello d'aquelle pobre amor, apenas de crime e de desventura.

Era Deus, que a chamava a receber o castigo das suas immensas loucuras e leviandades.

Davam duas horas da madrugada no relógio da igreja da pequena aldeia.

Era a madrugada do dia 23 de fevereiro.

Gustavo depois de se ter despedido ternamente de Laura adormeceu tranquillo, nem sequer pensava já na desintelligencia passada, nem pela memoria percorria o mal, ou quem sabe se o bem, que lhe estava reservado. No dia seguinte Gustavo ergueu-se, esperou como de costume a linda fugitiva, porém debalde.

Deram onze horas, nada, ainda ninguem apparecia.

Tocou a campainha, e disse ao creado logo, que este se apresentou á porta do corredor :

Diga á Laura, que sem querer incommodal-a, lhe lembro que são onze horas, e que vamos almoçar.

A senhora não está no seu quarto.

Então sahio? Foi passear? Aonde?

Ninguém de casa sabe.

Não percebo. Que quer dizer?

Como já era muito tarde, continuou o creado, Maria foi ao quarto da senhora para saber se teria alguma coisa, mas como a não encontrou, veio perguntar-nos se a tínhamos visto, ou se tinha dado algum recado, ou dito para onde ia.

E depois? Que mais? Ninguém a viu?

Não, meu senhor.

Gustavo sahio da casa de jantar sem responder, foi ao quarto de Laura mais para ver se encontrava alguma carta, que o esclarecesse, do que na esperança de encontrar a sua amante, porém nada achou. Não encontrando ninguém, começou a revolver na imaginação as hypotheses, que se lhe figuraram possiveis d'acontecer.

Gustavo conheceu logo a poderosa vontade de Christina transparecendo neste novo lance da sua vida. Perdeu-se em mil conjecturas. Que plano lhe roubaria Laura? Que quere-riam fazer d'elle? O casamento desfeito ainda ha pouco, não lhe pareceu possivel fazer-se renascer de novo. Passou depois algumas horas em projectos. que um momento trazia, e que o outro levava. Eram mais de duas horas da tarde parou um homem á porta da habitação.

Era Gilberto, o sarralheiro, que procurava por o senhor Gustavo. Foi introduzido no quarto do mancebo.

Deus guarde a v. s.^a senhor Gustavo.

És tu, meu amigo?! Que novidade temos?

Trago uma carta da menina Christina.

E que é feito de Laura, acaso sabes?

Peço, que tenha a bondade de ler a carta.

Porém, é segundo sabes, se tu conheces o destino de Laura?

Laura está lá na aldeia.

Gustavo abriu a carta e leu éstas simples palavras.

Ill.^{mo} Sr. Gustavo

Laura está casada. Ganhei a partida.

Christina.

O primeiro movimento convulso de Gustavo, quasi, que amarroutou a carta da mulher do confeitreiro, que já tanto amára, porém calçou o despeito. Afivellou a mascara da alegria e fallou pausado e tranquillo. Dobrou com cuidado a carta preciosa, a nova espada forjada por esta nova Judith. Sorriq-se, mordendo os labios, e voltando-se para Gilberto perguntou :

Tudo correu então com felicidade?

Pelo menos assim pareceu. Deus lhe ponha a virtude.

Deve pôr, è de justiça. E acrescentou mentalmente.

Já não é para mim uma mulher digna de respeito, é uma flôr d'um alheio jardim, que bem poderei colher. Depois disse alto para o sarralheiro. Vae, meu amigo, vae, dize que te deem de comer, e de beber, déves estar cansado.

Obrigado senhor, mas não quero nada, vou tornar a partir sem demora.

Pois nem um cópo de vinho?

Lá isso... Não sou capaz de dizer que não.

Gustavo acompanhou Gilberto à casa de jantar, e em quanto elle bebia fallou satisfeito com elle, guardou no coração o despeito e o ciume, o que mais custa a suportar, e que mais despedaça uma alma que se crê superior. Como podia o joven deixar-se sentir com amargura o desprezo que lhe era votado por um ente, que elle em sua consciencia, banido o amor, acreditava com justiça mil vezes indigno de se lhe collocar ao lado?

Pouco depois perguntou com tranquillidade affectada :

Casou então muito cedo, não?

Logo que chegou, ainda era bem cedo.

Tinham arranjado tudo com muito cuidado.

Deus os faça felizes.

Tambem eu lh'o desejo de todo o meu coração.

Eu vou porque ainda espero chegar á festa.

Como e quando sahio d'aqui?

Gilberto contou o que se passára.

Tudo estava prompto, disse elle, foram logo para a egreja, Christina e Julião foram os padrinhos.

Bem, proseguiu Gustavo a si mesmo, estava resolvido a fazer a fortuna d'aquella mulher, porém a justiça divina foi

justa, cònheceu que ella não era digna do alto lugar que eu lhe destinava, e levou-a para onde lhe competia. Deixêmos passar a justiça de Deus.

Se v. s.^a me permite, continuava Gilberto, julgo que não deve amofinar-se, è verdade, que tem gasto rios de dinheiro, mas....

Não lamento quanto gastei, lamento o que não cheguei a gastar. Quando o desgosto quer calcar-me, eu hei-de tirar forças do meu orgulho, para a esmagar a ella. Pòdes alugar-me alguma casa lá n'aldeia?

Posso alugar a mesma onde já esteve.

Pois bem, quero essa mesma.

Porém, meu senhor, estão ambas casadas....

Descança, nada terás a temer. Conto contigo.

Pòde contar. Adeus sr. Gustavo.

Havia dous costumes nestes dous homens, costumes mui diversos, mas que se harmonisavam sem difficuldade. Gilberto nunca via Gustavo sem receber algum dinheiro, e Gustavo nunca se despedia do sarrálheiro sem lhe dar alguma cousa. Venceu pois o habito. Gustavo meteu a mão no bolsô e deu algum dinheiro a Gilberto, que elle guardou sem surpresa, por que agradecen com sinceridade.

Gilberto partio com rapidez no mesmo cavallo que o trouxera. Gustavo ficou só, e repelia a si mesmo:

Não perdi, ganhei. Porém como tudo muda no espaço d'algumas horas. Que ente miseravel que è o homem: Sômos uns brincos despresiveis nas mãs do destino. O ultimo que rir, è quem ha-de rir melhor.

CAPITULO XI

AS PALMAS DO MARTYRIO

Como è bella a contemplação da natureza nos seus aspectos de magestade. A sublimidade das grandesas da terra aponta para o ceu, mostrando o vulto admiravel de Deus no esplendor do seu mysterio. O inverno, com o seu cortejo de tempestade, simellia a uma vigilia de demonios, que folgam escarnecendo a humanidade, em quanto a natureza ador-

meçada parece esquecer-se dos seus filhos. Chega em fim a vivida luz do amanhecer do anno, rompe a aurora folgasã, a terra abre os olhos de novo á vida, e veste-se rainha com as suas gallas de verdura e de flores. Os paineis entristecem ou alegam o mortal, que os contempla. —

O inverno com a sua nudez, entristece-me, como se fosse para mim um prognostico do tumulo, que se aproxima inevitavelmente, e que vem periodico como fatidico despertador de memorias synistras e mortuarias. A primavéra tão florida e risonha magoa a minha alma como se fosse a recordação d'uma saudade incuravel. Aquella infancia do tempo, dispersa-me as recordações dos meus dias de creança. Olho para a minha corôa d'innocencia e vejo seccas e murchas as flores da minha primavéra. O tempo ergueu-lhe o athahude, e escreveu-lhe com lettras inapagaveis—Nunca mais! Pobre vida humana, como caminha apressada para a derradeira corôa.

O outomno é mais largo, porque é o cofre das saudades da primavéra, e os receios do inverno. É bella essa quadra da existencia, como é formosa essa quadra do anno.

A natureza contempla os fructos das suas fadigas, e os premios das suas lindas flores, e a existencia humana, colhe os desenganos das suas illusões, e enchuga as lagrimas das suas saudades. É bella uma tárde do outomno.

Como era formosa e poetica a tarde do mez d'octubro em que nós agora estamos! A natureza parece recrear-se agora na contemplação dos seus fructos sazoados.

Socegada e firme parece estar descançando das suas tão porfiadas fadigas. Assimilha-se á mãe cuidadosa, quando já vê os seus filhos todos creados, todos já fortes e robustos e livres dos desvarios das idades do delirio. As folhãs amarellas, que se desprendem dos arvoredos, são as rugas com que a mão do tempo quiz assignalár os seus cuidados maternaes.

Havia poucas horas apenas, que uma trovoadã gigante eccoára soturna e abafadiça pelos concávos rochedos da serrania de Viriato. As nuvens negras tinham-se aglomerado funebres para o lado do oriente, deixando como um arco triumphal de luz dourada no atrio mysterioso do Rei dos

astros, que se esconde esplendente. Os castellos de nuvens que escureciam os ares, e os vapôres ardentes, que saíam da terra pelas primeiras gotas d'agua, dávam á solidão uma athmosphêra quente e pesada. Aquelle imponente aspecto dos elementos impunha-se respeitoso aos olhos dos homens. A cordilheira alterosa das montanhas dos Herminios, parecia um cadaver gigante estendido na terra arquejando cansado aos pés de Deus. Os raios fusilando em corcôvos pelo espaço tinham sido a fuzilar os brandões funereos com que o prestito dos anjos parecia allumiar o muribundo. O surdo e pavoroso rebombo do trovão era o cantico mortuario, era a prece fervorosa implorando piedade aos pés do Infinito! Era bello e magestoso o mundo a passar por esta hora d'agonia.

Á tempestade tinha succedido a bonança. O arco Iris tinha resplandecido protector e amigo com a refracção dos ultimos raios trémulos do sol. A vivesa do ouro do astro soberano contrastava com o verde-negro da campina, fazendo brilhar como diamantes as gottas d'agoa da chuva que se penduravam das folhas dos arvoredos frondosos, ou que brilhavam na superficie d'esmeralda da relva do campo de que se bordava a planice. Como era bella e formosa a contemplação d'esta magestosa tarde de outomno.

Tinham decorrido alguns mezes depois, que a casa do pobre Julião tinha sido invadida pela tristeza e pelo desconsolo. Agora no pequeno caramanchel copado do seu pequeno jardim estava uma mulher emagrecida e pállida.

Os seus graudes olhos vivos pelo calor da febre contemplavam o clarão de luz, que deixava ainda o sol. Era uma anciosa despedida d'uma pobre muribunda, ao formoso astro da vida.

A amargura impremira-lhe na fronte a resignação á custa de muita dôr. A febre escaldava-lhe as veias abraçada com o frio da morte. Já não parecia nem a estatua de Christina.

O tempo chegára ao ponto negro do lucto da esperanza.

A desditosa estava toda vestidã de branco, era a sombra da melancholia divagando amortalhada, e coroada pelas suas funebres saudades. Os seus cabellos soltos, espalhados pelas costas, eram de instante a instante a instante affastados do rosto com as mãos trémulas e brancas de cêra, como as mãos d'um cadaver.

Os labios agitados oravam a Deus em preces fervorosas, as suas mãos emagrecidas erguiam-se para o ceu, corroborando a supplica.

O sentimento do coração, as imperceptiveis palavras dos labios, os gestos do rosto, identificava-se tudo para impetrar a misericordia omnipotente. Sobre o vivido brilhar dos olhos vivos, brillava o christal das lagrimas de fogo, e sobre o alvo das vestes, que trajava a alvura desbotada do seu pálido rosto.

Pobre borboleta, queimada nas chammias d'um amor fatal

Estava allí a sós entre os mimosos ramões do seu jardim. Esquecida, triste e morta quasi, tinha a solidão por templo.

A encantadora estatua de Christina estava ainda presa á vida pelas ultimas dôres, que ainda lhe faltavam, porém já estava presa ao ceu pelas doçuras suaves da mais santa esperança.

Rosa infeliz, que o tufão levou para a serra foi desfolhada sem dô. Anjo que o Senhor mandou á terra, tirou-lhe o Anjo das paixões as candidas ázas n'uma lucta d'amor. A luz de mil estrellas feitas n'uma, já não tem brilho nem luz, a virgem de Raphael feita mulher mancharam-lhe a tella, para lhe estamparem lá a negra effigie da morte.

Era a formosa e louçã Christina d'outr'ora, que estava allí, porém, tão mudada do que d'antes fôra, que mais parecia a sombra da mesma Christina d'outra era, que se tivêsse escapado do seu tumulo gellado.

Trese mezes são passados desde o dia em que ella victoriosa escreveu a Gustavo a carta que lhe noticiara o seu desejado triumpho: estes longos, interminaveis mezes teem sido em escalla ascendente um praso d'agonia, de magoas e dôres para a desditosa.

Uma febre devoradora lhe mina os alicerces da vida, o poder das sciencias e das artes teem sido impotentes para as crueis enfermidades da sua alma. O medico dos sentimentos do coração é Deus, e Deus não queria cural-a.

Seria o seu soffrimento a espiacão d'um delicto?

Seria talvez. N'esse caso era tambem o esteio na peregrinação para o reinado da gloria.

Conseguido o seu proposito de separar Laura de Gusta-

vo, parece. que esse desejo que lhe era vida, logo que ficou satisfeito deu lugar á morte, que pertendia apoderar-se da sua presa apeteçada.

Laura com effeito casou, teve um filho d'esse hymineo sem amor, o filho de Martha nem ama. nem aborrece o fructo do seu casamento por tanto tempo disputado. Anastacio toma a pobre creança como se fosse um encargo pesado. A sua falta d'educação despertou-lhe a memoria depois d'esposo, para o que lhe não devia esquecer quando ambicionava a mão de Laura. É duro e cruel para com a pobre infeliz.

O marido aborrece a esposa. O algoz lança-lhe em rosto cem vezes por dia as suas leviandades d'outr'ora.

Enfasiado em seus desejos; frio em seu coração, e nunca nascido em sua intelligencia maltracta e oprime a desditosa. O esposo cruel condemna a sua alma, porém, é o instrumento da justiça divina.

Laura é desgraçada. Os haveres do sobrinho de Julião tem sido horriavelmente diminuidos, um grande incendio reduzio a cinzas uma das suas melhores propriedades. Para mais penas sentirem, os infelizes estão quasi pobres. A mulher a quem Gustavo promettêra a felicidade vive no mundo unicamente para soffrer as penas dos peccados que peccára.

Que será feito de Gustavo?

Gustavo habita n'aldeia, nunca mais fallou, nem vio de perto nenhuma das duas irmãs. Tornou-se um louco perdido que só pensa em destruir a sua fortuna. De novos em novos amores corre como um louco pertinaz, que não quer achar de novo a rasão.

A flôr que hoje ambiciona, se a colhe amanhã, é, só para ter o prazer de a desfolhar pouco depois. Nas horas tristes da sua solidão repete sempre ao sarralheiro Gilberto—Que não sahirá jámais d'aquella terra, porque o tumulo da sua felicidade sonhada, tem de ser igualmente a sepultura dos seus ossos como das suas ultimas aguias.

Só pelos soffrimentos d'agora é que o mancebo sabe conhecer toda a extensão do energico amor, que a pobre Christina desprouso tão illudida.

Porque não daria Deus á creatura a faculdade feliz de não confundir nunca a verdade com a mentira? Quantos tormentos extinctos!?

Viram-se, e amaram-se; separou-os o casamento de Julião, e o amor cresceu; luctaram e combateram-se, porque o seu amor não se extinguia; tem corrido o tempo, não se veem; não se fallam, e elle vive doudo pelo amor, e ella morre pelo amor.

Christina foi o modelo da virtude, porém Julião, era merecedor d'um coração que lhe pagásse os seus affectos singellos e honrados! O esposo affectuoso e digno desde que teve conhecimento da fatidica paixão de sua esposa, sentio morrer a sua alma. Eram amores irrealizados, mas eram sonhos de fogo, sua esposa era honesta e pura, mas não lhe tinha amor, e era n'esse amor que existia toda a sua vida. Aquelle amor profundo tinha'por sepulchro dous corações, mas tinha sido bastante para gerar os infortunios d'uma familia inteira. A alegria folgasã do esposo de Christina já morreu ha muito, o infeliz já não sabe sorrir.

A chaga profunda, que se lhe abriera no peito, sangrava cada vez mais dolorosa, mas o seu tormento era suportado a sós, comsigo e com Deus. Uma palavra de recriminação jámais ferio sua mulher. Julião comprehendeu a estensão do sacrificio. Amava Christina com idolatria, dava a sua vida para lhe restituir a felicidade, e mais tarde a saude e a vida. O honrado marido tinha posto em pratica tudo quanto o poder dos homens permittia para arrancar a victima das garras do mal, que a consumia a olhos vistos.

Sósinho, na solidão do seu quarto, ou n'algum logar solitario do campo lamentava as loucuras do seu erro, depois quasi que o agradecia ao Senhor pelos momentos de felicidade, que lhe tinha dado, e só chorava por não ter morrido antes de conhecer aquelle fatal segredo.

Julião ainda offerencia ao Creador a sua vida em troco da vida da sua pobre Christina. Como elle passára na memoria as horas velozes dos dias depois do seu casamento!

Era um enlevo, um sonho, um paraíso. Tal vida não podia ser da terra. Como elle entre sorrisos aprendêra a lêr, e a escrever!? Como chegára até a crear amor por os livros de sentimento e de affecto? Aquella natureza esclarecia allumiada pelos fogos do amor d'aquelle idolo adoravel.

Trouu no espaço uma nota diabolica do alaude infernal,

e tudo acabou para elle. O commercio já lhe não lembrava, a agitação da sua casa fôra substituida pelo silencio do mais completo abandono. As flores estavam abandonadas, as ruas do jardim cobertas pela erva, até os pobres canários do viveiro iam morrendo esquecidos e abandonados.

Era Christina com a sua alegria e a sua vida, que dava alegria e vida a tudo, que a rodeava, com a sua dôr tudo soffria tambem.

Não ouvis, leitores? Vinde comigo. Caminhêmos até junto do lugar onde está Christina. A dôr, que lhe despedaça o peito, não a pôde ella conter fechada nas entranhas, deixa-a voar para o ceu e para a terra, nas palavras que solta, e nas lagrimas que chora. É ella que falla.

Ai! Deus meu, Deus do ceu! Como Deus castiga!

Era um remorso vivo e pungente, que lhe cortava na garganta a voz nascida do intimo do coração.

Que fiz eu causando tanta desventura ao meu pobre marido? Santo homem. Que nobre coração! Na rudez do seu amor singello, e tão puro como o dia. Tenho respeitado o seu nome como devia, quiz dar-lhe a alma, não pude...

Não fiquei vencida. Vencedora de mim mesmo quero habitar nos palacios encantados da morte. Que lucrei eu com tão grandes affrontas a Gustavo, e com tantas desgraças para minha irmã? O que eu não podia era vel-os juntos!

A infeliz estorcia as mãos com amargura, olhava em torno de si, tinha mêdo, que o ar ou as plantas escutassem o seu triste segredo. Era o seu amor, que a tinha matado. O seu maior crime tinha sido separar sua irmã da ventura, que a esperava. Era esse o remorso que a pungia.

Calou-se, os seus labios sorriam amargamente. Christina pensava como seria feliz se podêsse ao menos uma vez pedir perdão a Gustavo, e morrer com a certeza d'esse perdão. Perguntava ao ceu se por ventura seria possivel.

O sonho de prazer voava depressa, a negra realidade chegava com presteza.

Este soffrimento é expiação, proseguia ella, cada um dos meus tão grandes peccados, vai-se desfazendo pouco a pouco pelo correr d'estes longos dias d'agonia. Oxalá, que seja assim!

Meu Deus, dae-me as angustias e os soffrimentos, mas purifica a minha alma, salva-me. Dae ao meu honrado esposo muitos dias de felicidade.

E chorava, e soffria com magoas tamanhas, e implorava o ceu com uma anciedade cruel. O vento fresco do cahir da tarde soprava agora do norte, uma rajada mais violenta veio trazer a setas pés algumas folhas velhas que já seccas se desprendiam das arvores para regressarem ao pó.

Algumas d'ellas foram roçar a fronte de Christina, a menina tomou-as nas mãos, e contemplou-as com tristeza.

Pobres folhas! Já nada são. Imagens tristes da minha vida. Ainda ha tão pouco tempo verdejante desabroxavam na hastea, e agora já procuram o seio da terra. Viveram? Quem sabe? Eu é que não vivi. Ha pouco o sol brilhante, o esplendor, o gozo talvez, e depois? O destino e o tempo a envia-las para o pó! Morreram, pobres folhas! Funebres espelhos da minha alma. Tem-se passado?... Nem eu sei?! Ainda não ha talvez dous annos, que eu robusta e feliz lia sómente no porvir largas venturas, no passado as innocentes recôrdações da minha infamia, e no presente o socego do coração e do espirito. Foi o poder mysterioso do amor, que me despedaçou fibra por fibra a alma inteira, e que mil almas me teria despedaçado, se mil almas eu tivesse. Folhas tristes do livro da minha existencia, eu tambem como vós tive uma risonha primavera, tambem como vós desabrochei sem pezares, e tambem como vós n'um triste inverno caio victima quebrada pelo poder da sorte.

Veneremos a Deus na magestade dos soffrimentos, adoramos a Deus com a serenidade da resignação! As arvores dentro em pouco revestidas em nova primavera brillarão louças, porém eu?... Serei, serei a terra e o pó.

O pranto amargoso do desconsollo corria nas faces ardentes de Christina, a mocidade sem futuro mais do que o da sepultura não pôde esquecer-se da tristeza.

Lindas flores da primavera, proseguia ella, canticos suavissimos do cantor das noutes, tudo para mim acabou já. Que lucrei eu em prender minha pobre irmã áquelle homem? Foi um crime. Môrro no verdor dos annos. Gustavo!... Gustavo!....

Baixo e manso parecia querer esconder no coração a palavra que sentida lhe fugia por os labios. O que é mais, o que é peor, ainda é meu pobre marido, matei-lhe a sua vida, que podia ser tão venturosa.

Um homem velho, com a frente baixa e triste, com todos os signaes de amargura, caminhava para aquelle sitio.

Trazia as mãos seguras e apertadas atraz, vinha alquebrado com o péso da velhice e da magoa. Os seus passos eram desiguaes e pouco firmes.

Meu marido.... Continuava ella acreditando estar só. O velho parou. Meu marido, santo homem, a sua fortuna servio de cadafalso para sacrificar a sua felicidade.

Trabalhou vinte annos, e quiz.... e sonhou alcançar uma mulher, que lhe adoçasse o resto da sua vida. E amava deveras o honrado ancião. Queria uma mulher que o amasse também! Era justo. Não são de fogo os seus amores, não, mas são verdadeiros. Ama como sabe, mas o seu amor é sincero. Não sonha, não imagina delirios, mas sente porque tem o mais nobre e honrado coração. Porque não pude eu entregar-lhe o meu amor. Deus bem sabe, que luctei quanto pude. O que achou elle em troca da sua estima tão santa e tão verdadeira por mim? A ingratiidão. Não, essa não, porque o respeito muito. Mas o que sou eu? O que tenho eu sido? Uma mulher sem piedade, que o tenho apunhalado a cada instante com o indifferentismo cruel da minha alma. Mátome, meu Deus, mas aceita a minha vida em expiação dos meus peccados.... Crimes, creio que não!.... Amei muito, foi a minha culpa! Concedei a meu marido as venturas, que elle merece, dae-lhe uma esposa que comprehenda a sua boa alma, e levae a minha vida, que já para nada presta.

O velho oculto entre a folhagem, tinha estremecido escutando o som d'aquella voz, depois tinha absorvido cada uma d'aquellas palavras, estremecêra, as lagrimas longo tempo contidas brilharam na sua frente anciã. Era Julião, tinha envelhecido dez annos. Não pôde permanecer por mais tempo, nem oculto, nem silencioso, os passos conduziram-o para junto da moribunda, e os soluços romperam afogados em lagrimas. Christina ergueu-se admirada, elle tomou-lhe as

mãos e ajoelhou diante de sua mulher. A infeliz nem forças, nem alentos teve para reagir, sentou-se de novo. Pegando-lhe nas mãos vio o esposo que ellas escaldavam com o calor da febre, regou-lhas com as lagrimas do amor e d'amizade. Christina estava sem falla, e sem movimento e deixava correr o pranto pelo rosto afogueado. Era um martyr aos pés d'outro martyr! Era um martyr que podia perdoar, e que pedia o perdão para uma sua irmã em troca da coroa do seu martyrio.

Ó minha adorada Christina, balbuciava com amargura o pobre velho, não falles de morrer, de nos deixar, não augmentes a minha dôr que é tão profunda já. Deus não ha-de querer punir-te do peccado que foi só meu.

Debalde pertendia Julião fazer-se reu das culpas alheias, a sua generosidade nascida d'alma, ainda amargurara mais o espirito de sua esposa. A expressão melancolica e triste do seu rosto, era o protesto energico a desmentir o ancião que afflicto proseguia:

Eu é que estava louco, minha filha, quando pertendi juntar os meus cabellos brancos, aos teus formosos cabellos negros; quando pertendi juntar no mesmo abraço o presente e o futuro. Como poderiam ligar-se os teus esperançosos annos de primavéra, com os meus já tão cansados a cabir no inverno da vida? Perdoa-me, foi porque te amava muito minha adorada Christina.

Não prosiga por piedade, interrompeo a infeliz com dôcura, quasi suplicante, por ventura não aceitei eu voluntariamente a sua mão? Não aceitei a missão de ser sua esposa, e como tal de lhe adoçar o rigor da existencia? Não fui com firmesa prestar esse juramento diante do altar?

Esse juramento era impossivel.

Porem eu menti.

O teu coração foi mais forte do que a tua vontade.

Não ha desculpa diante da minha consciencia. Oxalá que Deus seja mais indulgente!

Ha-de ser, sim, ha-de ser!

O que tenho eu feito? Tenho envenenado os seus dias, que lhe podiam correr tão placidos e tão bellos.

Deste-me os unicos momentos de ventura, que tenho tido em toda a minha longa existencia.

Julião já sentado ao lado de sua esposa encostava-lhe a cabeça enfraquecida ao peito, ella apertava-lhe as mãos com veneração e respeito, e erguendo para elle os seus olhos de fogo, dizia-lhe com o tom magico da verdade que não é dado imitar a hypocrisia.

Resta-me por consolação derradeira, que se os meus sofrimentos são atrozes, são o preludio do supremo indulto.

Não sinto n'alma os remorsos da traição...

Quem se atreveria a suspeitar a tua virtude?

Não é dado arrancar do peito um sentimento, que a Providencia lá fez nascer para uma grande punição, porem é dado morrer aos vinte annos com a consciencia pura, e consumida pelas chamas d'uma fatalidade cruel.

Tu não has-de morrer, não, acrescentava o esposo cheio de amor e de compaixão. Para mim rasgou-se um veu de um terrivel mysterio. Conheci a verdade! Como podias, tu, Christina, trocar-me nunca por um elegante e bello joven cheio de talento e de attractivos? Era impossivel.

Por Deus, não prossiga que me despedaça o coração.

Ouve-me, eu não sou nem bello, nem joven, porem o que sei é que te amava tanto, que cheguei a ter esperanças.

Essa confissão, balbuciou ella, é um Golgotha cruel.

Amava-te, não digo bem, amo-te, amo-te como um doido, amo-te cada vez mais. Nós podiamos ser venturosos.

Sim, se a morte não dissésse de ha muito á minha alma, que o imperio da minha vida tinha de acabar breve.

Eu é que não quero que tu morras! Vive. Eu parto, qu ro ir viajar, quero ir morrer sosinho n'um canto ignorado, serei feliz com a minha dor, sabendo que tu não soffres. Ficas opulenta e rica, e senhora da minha fortuna, porem não morras, Christina. Vive. Diz-me o coração que Deus ha-de aceitar a vida do pobre velho pela tua. N'essa curta idade feliz a força é imensa. Se Deus aceitasse o meu sacrificio, eu poderia ser ainda venturoso.

Os seus nobres sentimentos, meu excellente amigo, interrompeo ella com ternura imensa, vem ser novo fêl aos meus tormentos acerbos.

Seria bem feliz se os trabalhos da minha longa existencia, podéssem assegurar a tua ventura.

Quem poderia conhecer o Julião d'outrora? Em vez de gordo e folgasão, estava triste, abatido e magro. Não tinha o mesmo modo de fallar. O amor é o melhor mestre.

Christina esclarecêra aquella intelligencia que tinha vivido nas trevas. Não ha no mundo nada mais eloquenté do que uma hora de energica paixão.

Christina redarguiu a seu esposo:

Meu pobre amigo, o seu muito affecto por mim é capaz de o tornar louco. Pois crê que se possa viver com este calor que me abrasa o peito?

Creio que Deus pôde fazer um milagre.

Para salvar um justo, mas não para deixar de punir um criminoso.

Se ha crime, se o ha, que eu não o creio; eu posso perdoar, e eu já perdoei.

Crê que eu seria tão vil que aceitasse infame a sua fortuna, e que aceitasse o duplicado crime de abandonar aquelle que deveria amar?

De ti só creio a virtude, mas quero a tua salvação.

No ceu espero-a da misericordia de Deus, porem na terra é impossivel.

Não ha impossiveis diante do Senhor.

Quem apagasse a derradeira chama do fogo do passado. Acredite, Julião, que se eu podésse praticar o que na ingenuidade da sua nobre alma me propõe, Deus me podia perdoar? Não. A espada que me pune é a espada da justiça divina. O tempo que destróe imperios, destruirá tambem as minhas lembranças. É preciso morrer.

Christina a principio fraca e debil foi pouco a pouco animando-se pelo poder d'uma forte exaltação. Eram o remorso e o amor fortalecidos pela febre.

Passou as mãos pela frente, quiz marchar com pressa para casa. Julião ia fallar ainda, porem ella pôz-lhe a mão na bocca sem pronunciar uma palavra. O velho callou-se.

Vamos!

Quiz caminhar e não pôde, levou a mão ao peito, um violento e rapido ataque de tósse a forçou a sentar-se de novo.

Julião amparou-a junto ao coração. Quando a violencia da tosse lh'o permittiu Christina disse com um sorriso de meiguice e doçura:

Como o frio da noute me consola. Parece-me que vejo Deus atravez o espaço infinito do firmamento, e que escuto os anjes entoando os seus hymnos alem sobre as estrellas. Arde-me o peito, suffoco-me.

A tranquillidade foi de curta duração, o ataque voltou de novo, e mais terrivel ainda; agarrou com vehemencia nas mãos do pobre marido, que a amparava afflicto, e que vio com magoa imensa correrem-lhe por sobre as mãos os jorros d'aquelle sangue quente que sahia do debil peito de Christina, como um pergoeiro proximo da ultima agonia.

Ah ! disse ella, como alliviada d'um peso enorme. Não é nada. Estou melhor.

Quiz erguer-se e caminhar, não teve forças... Dos braços do esposo foi para o leito conjugal, que lhe seria em breve o leito d'agonia.

Christina ficou estendida sobre a cama como se já fosse uma defuncta. Julião sabio com a rapidez do raio.

Um subito pensamento lhe animara os passos.

Sonhara com a salvação, encontraria a morte?

Deus tinha revelado esse mysterioso segredo ao futuro, o futuro é que o póde revelar.

CAPITULO XII

O ADEUS E A CORÔA

Olhemos para este pequenino quarto. É todo caiado, todo branco. E' já noute. A um lado está um leito armado todo de cortinas brancas tambem. A luz posta em distancia, reflecte-se lugubre sobre o leito mortuario, mostrando o aspecto do soffrimento que ali móra. As cortinas de cassa branca transparente cômam a escassa luz, que batendo sobre a frente de Christina, lhe dá o aspecto d'uma santa adormecida.

Como contraste d'essa habitação singela e candida, vê-se caminhar taciturno, afastando-se o vulto negro do ministro do Senhor. O padre vae silencioso, ninguém pôde ler-lhe no rosto os segredos que leva na sua alma. O ministerio santo do sacerdocio tem por cofre fechado o coração. Deus pesou as palavras passando dos labios do penitente para o seio do mensageiro de Deus, depois sepultou-as no esquecimento voluntario e religioso, onde nunca mais entra a memoria.

O padre perdoou em nome da piedade do Deus da cruz.

O som festivo da visita do Rei do ceu tinha-se manifestado aos fieis. Aquelle som que deveria dar alegrias imensas, traz sempre ao coração uma dor involuntaria, porque o toque d'aquelle sino é quasi sempre o annuncio da morte.

A ultima visita do Creador á creatura estava terminada já. Christina acabava de ajustar as suas contas tremendas com o Juiz suprêmo, a lugubre cerimonia tinha findado havia pouco.

Que ente miseravel e fraco é a pobre creatura humana. A mulher formosa, bella e cheia de intelligencia já tinha desaparecido. A' muribunda espirando ocultam-lhe agora os lenções as suas debeis formas de que a vida foge.

Sem movimento, nem força, quasi nem pensa, nem espera. Que pôde esperar? Que lhe resta? A vóz do Anjo do exterminio que a chame para os pés de Deus.

As suas ultimas palavras ao ministro do Senhor, se alguem as podêsse ter ouvido, eram ainda um receio da eternidade.

Padre, acredita que Deus me perdoará?

Creio, foi a resposta do sacerdote do Deus de páz. O Senhor não quer nunca abandonar um arrependimento vivo e verdadeiro, nem deixar empenhada tampouco a palavra de perdão, que vos assegura um seu ministro em nome da sua misericordia.

Obrigada! Até o ceu!

Deus vos ouça!

O padre sahio. Tudo se ultimou. A mulher purificada pela santidade do sacramento ficou só um instante. Não tinha

terrores, nem visões. Com o seu Christo adorado entráralhe no espirito a esperança.

Pouco depois entrou no pequeno quarto Julião mais pallido e mais triste do que algumas horas antes. Gustavo seguia-o.

Parou á porta. Foi Laura que o deteve no corredor.

Gustavo, lhe disse ella baixo, vejo que nunca me teve amor. Porque ao mesmo passo que me abandona, e evita a minha presença desde que chegou aqui ha algumas horas, mostra por Christina que nunca lhe deu uma só prova de affecto uma affeição enraizada !

Este momento é solemne demais para essas palavras.

Correu logo ao chamado de Julião, e agora mesmo... eu o vejo... esconde a custo as lagrimas.

Não fallemos de vida, proseguio elle, no recinto aonde reina a morte. Porem lembra-te que tua irmã foi minha adversaria porque me tinha amor demais, e tu sacrificastê-me alguns dias da tua formosa primavera de existencia tendo para comigo amor de menos.

E' o ultimo insulto que me aguardava ? !

E' a ultima verdade. Demais. Como podia deixar de vir aqui ? Esteves julgou que a minha presença daria linitivo a sua esposa. Recusar, era impossivel, ainda mais era cruel saber que ella morria sem lhe dar o ultimo adeus. A separação ha-de ser curta.

Se a expiação não dever ser longa !

Laura, Laura, lembra-te que vendeste o meu amor, e que Deus pôde lembrar-se d'esse crime.

Os culpados foram Christina e Gustavo.

Não foram. Gustavo seria o esposo de Laura, iriam ambos para longe, e Christina poderia talvez ser feliz.

N'esse caso o verdadeiro culpado...

Será julgado no tribunal divino !

Laura escutando estas palavras não pôde reprimir um movimento de raiva. Passou-lhe pela mente um pensamento ruim, conheceu que não lamentava a morte prematura de sua irmã. O seu despeito era maior do que a sua ternura. Foi esta a primeira vez que o seu amor por Gustavo lhe fallou imperioso. Teve ciumes d'uma desgraçada a braços

com a morte. Pela primeira vez na sua vida se arrependeu por ter despresado o amor do mancebo.

Arrependimento, ciúmes e remorsos, eram o cortejo funebre do castigo.

Laura entra na camara de sua irmã. Gustavo estava de pé junto do leito, tinha os braços crusados sobre o peito, e a cabeça baixa. Os olhos estavam tão fixos na frente de Christina, que não pareciam animados de vida. A estatua da Contemplanção devia ser assim moldada.

Christina abriu os olhos, e olhou por um instante para o homem que tanto tinha amado, pouco depois, um pensamento, celestial talvez, afastou-a do seu ultimo apêgo á terra, e chamou-a para a virtude e para Deus, quasi sem força estendeu com custo a mão a seu marido. Julião curvou-se e deu um beijo sobre aquella mão já quasi fria.

Christina comessou com voz debil:

E' chegado o meu ultimo instante. Bem o vejo! Perdão, meu excellente amigo. Um volver de olhos senão de muito amor, ao menos d'um respeito e d'uma estima, que o amor podia com rasão invejar foi cravar-se penetrante sobre o rosto de Julião! A alma nobre do honrado homem agradeceu o legado d'aquella que amava.

Perdoem-me todos, proseguiu ella custando já a ouvirem-se-lhe as palavras, Deus tambem já me perdoou. Minha desditosa irmã, companheira dos debeis passos da minha infancia, esquece os males que eu te causei.

Uma nuvem passageira embaciou o brilho dos olhos de Laura, que parecia expressar na frente o synistro pensamento — Ha crimes que não teem perdão! — A esposa de Julião ainda fallava:

Vae, minha irmã, vae resar na minha sepultura, e pede aos nossos bons paes que lá do ceu roguem por mim.

Laura permaneceu impassivel. O que se passava na sua alma era um mysterio de Deus. A sua resposta foi porem tão duvidosa e equivoca como incomprehensivel era o seu aspecto.

Descança, minha boa Christina, tudo quanto Deus faz é por melhor!

Quando ella pronunciou a palavra *boa* Christina, parecia

que a dizia envolvida em fel. Gustavo estremeceu, e Christina que já persentia as inspirações do ceu, soltou um sentido suspiro, em que se escondia um perdão.

A agitação da doente vendo Gustavo, que Julião julgava que traria a saúde e a vida a sua mulher, se lhe não fez aproximar o seu inevitavel fim, por certo que lhe não minorou os soffrimentos.

Gustavo... Senhor Gustavo, disse ella olhando para o mancebo, peço-lhe perdão de no tempo em que eu fui livre não ter acreditado nas suas palavras! Essa culpa foi bem longamente expiada. Troquei ouro de muita esperança, por urzes de muita dor. Pedia sempre ao Altissimo para poder morrer sem remorsos de traição, nem de infamia, e Deus seja louvado, porque Deus ouviu-me.

A frente do martyr d'amor estava serena como um placido mar de estio bonançoso, mas da mesma sorte que as ondas formosas occultam o abysmo, o abysmo rugia no amago do peito de Gustavo.

O tremulo e pallido amante escutou as palavras de Christina como um condemnado ouve a sua sentença de condemnação. Custava-lhe a conter as lagrimas, porem, ou as queimava na febre do coração, ou Deus lhe não permittia semelhante linitivo. Era o destino d'uma alma d' aço, que não querendo vergar partia. Aquella mulher amou imenso, porem soffucou o seu amor, para não corar diante da sua consciencia. Leal e constante a seu marido cahio victima do mais santo dever. Não pôde extinguir o seu amor, porque não cabe nas forças da humanidade, vencer os imperios espontaneos do coração. Amor ou ódio, ambição ou crime, são despotas crueis com que só podem luctar com energia a virtude e a fé.

A virtude ergueu-se rainha da sua alma, porem nunca pôde tirar de lá a querida imagem de Gustavo.

Passados alguns instantes, vencida a primeira dor Gustavo comessou com uma vós a que procurava dar a maior tranquillidade:

Viva, Christina, viva para a sua ventura, e para a ventura de seu marido, que a adora. É nova. O tempo cura

muitos males. Ninguem é capaz de a amar mais do que Julião.

Obrigada !

Christina balbuciou esta palavra agradecendo a Gustavo, a hora em que lhe avivara o seu dever para com o ente de quem destruíra a felicidade.

Já tomei a minha resolução, continuou elle, parto brevemente para longe... Tenho deveres que só eu sei.

Uma violenta e nova agonia, avivou em Christina uma nova dor. Christina olhava ainda o moço apaixonado, de repente enleou os braços ao pescoço de seu marido. Tremeu com susto de sentir á borda do tumulto um negro pensamento de amor em peccado.

Adeus, meu esposo, disse ella, alma pura e sem crime, a quem devo imensa afeição, esta divida não a pude pagar, perdoae-me !

As lagrimas dos esposos confundiam-se no mesmo soluçar, os braços formavam cadeias, que partiria a morte.

Respeitei o vosso nome, aceite-o tão puro como de vós o recebi ! Adeus !

A sua cabeça pendeu sobre o travesseiro, resvalando por o peito de Julião. Os olhos do desgraçado contemplavam-a espantados, deixava o cadaver maquinalmente fugir-lhe dos braços, depois d'um instante de segredo entre os vivos e a morte, Julião adiantou-se, pôz a mão sobre a fronte de Christina, e recuou atterrado e com mêdo. Deu um grito de desespero e de amor, quem sabe se tambem de esperança. O ceu pertence aos justos. Quem sabe se Christina ainda ouviria seu marido na eternidade.

As lagrimas foram orvalho de vida ao pobre velho, que teria sucumbido se Deus lhe não valésse.

Cahiram todos ajoelhados, e oraram. As préces nascidas do coração subiam para Deus como guardas da alma, que se elevára ás regiões desconhecidas, e as falsas préces ficavam na terra transformadas em remorsos para punir o sacrilegio. Julião apertava a cabeça entre as mãos, bradando em soluços:

Já não tenho ninguem ! Quem me diria que eu é que lhe havia fechar os olhos ! ?

Gustavo pegou-lhe na mão que estava gellada, e largou-a como se tocasse um ferro em brasa!

Morta, morta, repetio quasi louco. O Anjo não podia confundir-se com o homem! Ninguém pôde ter ciumes d'um cadaver. Viva era vossa esposa, morta pertence á terra! Viva, respeitei-a sempre, morta posso confessar que a idolatrava com o fernezim d'um louco.

Julião nem via, nem ouvia, estava completamente estranho a tudo que se passava em torno d'elle. A irmã de Christina levantou-se e conduzio seu cunhado para fora do quarto, o infeliz deixou-se levar sem resistencia. Gustavo ficou a só!

O mancebo, olhou em redor, curvou-se e beijou Christina sobre a fronte, depois vio que as suas lagrimas de fogo ainda resvalavam sobre as faces geladas da sua encantadora e sonhada amante. Como louco e perdido ia Gustavo fugir d'aquelle funereo lugar, quando Laura se lhe apresentou diante, e lhe disse:

O que pertende fazer, Gustavo?

Fugir para sempre, morrer talvez!

O meu amor para ti não vale mais do que a recordação d'um sonho.

Não cometamos novos crimes. Lembra-te de teu marido.

Que me não ama.

Que é teu marido.

A tua indiferença é a tua conselheira unica.

Laura, aquella martyr, que ali morreu agora, foi entre nós uma poderosa barreira a separar-nos na vida, mas separar-nos-ha mais efficaamente alem da morte. Péde perdão a Deus dos teus peccados, e vê se acaso Elle te pôde perdoar.

E' o ultimo desengano, a ultima punição.

Oxalá, porem não creio. Mal haja a hora em que o destino me trouxe a esta aldeia, para minha desventura, e para a desgraça de tantos, porem bem haja a hora em que eu de novo cá voltar para alcançar o ultimo perdão.

Laura ficou espantada pela maneira de fallar de Gustavo; nem o comprehendia, nem acertava em fallar.

O mancebo affastou-se. A irmã de Christina ainda ouviu o som d'aquella vóz outr'ora vibrante e affavel e agora lacrimosa e sentida, que dizia a Julião:

Adeus, se nos não virmos mais na terra, perdoe-me pela interseção d'aquella desgraçada, que ali morreu pela fatalidade que nos feriu a todos. Vernos-hêmos um dia no ceu! Gustavo deixou a aldeia.

Dentro em poucas horas um prestito funebre e triste acompanhava ao cemiterio da aldeia o cadaver de Christina. O acompanhamento era singello mas imponente pela religião que respirava. Os ministros do Senhor entoavam os seus canticos suaves e repassados de melancolica tristesa, e as mulheres e creanças seguiam o caixão, orando por alma da infeliz que morrêra na flor da idade, e pranteando o anjo protector, que com a sua mão benefica enchugava as lagrimas de tanto desditoso.

O som melancolico dos sinos ia segredar tristesa aos ouvidos do viuvo solitario: eram o ecco da vóz de Deus que chamava Christina para a mansão do eterno repouso. O ecco levava pelos ares aos ouvidos de Gustavo que se affastava aquelle som inexplicavel, como se fosse um derradeiro — Adeus! — da desditosa costureira.

Os Anjos mostraram-lhe aos olhos da sua alma a coroa florida e bella da bemaventurança da que já era do reino da luz.

CAPITULO XIII

A DOUDA E O CURA!

(Conclusão)

O tempo no seu volver constante vae levando de envolta consigo, a lembrança dos sentimentos e das paixões que nos domináram, deixando-nos apenas uma saudade ou menos ainda uma simples recordação.

O tempo com o seu poder despotico arraza nações e alaga imperios, e cria das ruínas dispersas, ou antes do nada,

potentes imperios novos, e novas nações soberbas e dominadoras; o tempo fêz da Roma fraca borda selvagem do caudilho Romulo a victoriosa senhora do mundo, ao mesmo tempo que fazia de tanta nação avassalada um simples nome para a historia do passado.

O tempo fêz tambem da pobre aldeia, patria querida e socegada das duas costureiras, uma paragem triste e melancholica. Tudo ali parecia lugubre.

A linda aldeia de outr'ora já não é a aldeia de hoje. E' a mesma verdura nos campos, e o mesmo brilho no sol, mas aquelles que lá vivêram, e que nós vimos e conhecêmos, já quasi todos volvéram para o nada d'onde os tirára o poder do Creador, e aos olhos dos que ainda restam é tudo triste como está triste a sua alma.

Martha já não existe, Anastacio Esteves trajou as vestes mortuarias em signal de tristesa e lucto por sua mãe. A prophetisa das desgraças do seu hymineo, tinha morrido convencida, que era a voz de Deus que lhe antecipára as amargas verdades que depois se manifestaram. Anastacio tinha soffrido os mil revezes com que muitas vêzes o capricho do acaso se compraz em torturar um infeliz. Via com magoa e dor sempre ao seu lado a mulher de quem a formosura o captivára, mas que nunca lhe tivêra amor. A cega allucinação da posse da belleza que ambicionára tinha-se extinguido rapidamente, e tinha ficado só a triste lembrança do passado, e o enojo da prisão constante. Tudo concorria para lhe amargurar a existencia, estava pobre porque tudo lhe tinha corrido mal, consideraveis percas o arruinaram, via-se reduzido a trabalhar para comer, e ainda mais para sustentar a esposa, e o filho que nascêra da sua desgraçada união. Arrostando longo tempo esta vida, até que em desconsolo e magoa, morreu!

O consorcio olhado tão de leve em todas as idades, logo que o desejo domine, e o amor cegue, é sem contradição o passo mais arriscado da vida do homem.

Quando absolutamente não ha fortuna, o casamento é um inferno, multiplicado pelo tempo, com os desgraçados filhos que vão nascendo, porém, quando não existe amor, é uma vida tão atroz e medonha, que não ha palavras na lingua-

gem humana com que se possa descrever. Onde existirá o par afortunado que não tenha lamentado mil vezes a sua liberdade, que perdeu, ou qualquer outro bem, que o hymneu lhe roubou?

Porem, o casamento será até á consumação dos seculos, como diz o sabio francez — Fortaleza sitiada, os que estão dentro querem sahir, e os que estão fóra querem entrar!

Com amor, e saude e fortuna, o casamento deve ser o ceu, é o que todos buscam, e é essa a esperança tantas vezes fatalmente illudida, que leva todos á conquista do nó terrivel para que não basta a cortal-o a espada d'Alexandre.

O antigo e folgasão Cura d'aldeia tinha morrido. Chorado por todos os seus filhos tinha terminado emfim a sua rapida carreira passada na terra.

Os amigos do bom padre, que tanta consolação evangellica achavam nos seus conselhos, ainda lamentavam a sua perda mui recente, e por isso tambem a aldeia estava triste.

A chegada no novo Cura, que o Bispo mandára para lá, tinha alegrado um instante, mas não tinha podido fazer esquecer o antigo pastor benevolo.

Houvéram festejos de galla, mas cessáram, tudo tornou a cahir no mesmo silencio.

Quando chegou o novo Cura, todos o foram visitar, e beijar-lhe a mão. Era um santo Cura d'almas, que das almas se fez logo senhor.

A bondade estava escripta no rosto do joven padre, a tranquillidade serena era-lhe na frente o symbolo da bonança. Se o rosto era o espelho da alma, nada no mundo mais tranquillo.

O sacerdote vivia quasi só. Ninguem ia habitualmente a casa d'elle mais do que o sarralheiro Gilberto, que passava lá horas inteiras, e que muitas vezes sahia de lá alta noute.

Nunca o padre sahia de casa senão para cumprir com os deveres do seu ministerio, ou para ir visitar Julião Esteves, que se deixára dos negocios, e que tambem vivia muito recolhido.

Outro passatempo talvez bem doloroso, ou pelo menos bem melancholico tinha o servo de Deus, era passar muitas horas sósinho no cemiterio d'aldeia.

Talvez que o santo parocho fosse orar pelos mortos, que jaziam alli. Deus escute as suas preces!

Tudo n'aldeia permanecia tranquillo e socegado para as vistas contemplativas dos indifferentes, eram só os que tinham sido atormentados alli, que tudo se lhe apresentava da luctuosa côr da sua alma. O calix tinha sido longo e amargo, e para alguém ainda não estava esgotado.

As rosas da primavéra vecejavam tão bellas e formosas como outr'ora, o correr lympido das fontes era como tinha sido sempre socegado e sonôro. Havia de novo n'aldeia uma desgraça pungente.

Era uma pobre douda. Uma rapariga formosa e robusta havia perdido o juiso. Debalde a pertendiam reter em casa, percorria os campos e os valles, n'uma anciedade pasmosa. Parecia milagre como tanto podia. Muitas vezes conseguiam recolher a pobre alienada, era debalde, era trabalho de pouco tempo de utilidade, um fernesim desesperado se apossára d'ella, e fugia para a soldão.

O viuvo de Christina tinha feito immensa deligencia para soccorrer tão miseravel desvario, porém, os esforços não tinham o menor exito. Um poder sobrenatural parecia animal-a. Seria o martyrio da virtude para aspirar á amplitude do ceu, ou seria a expiação de negros e terriveis peccados para conquistar o perdão?

Muitas vezes a misera douda ia sentar-se para o adro da igreja, que era sobranceiro ao cemiterio, e d'alli começava a fallar só... Quem sabe se os mortos a escutariam nas regiões do mysterio?

Quem pôde affiançar-nos se os anjos lhe respondiam?

Quantas vezes ella apontava para o templo do Senhor, e attestava, que d'alli tinha nascido a sua desgraça, por um fatal hymineo?! Como a pobre mulher julgava lêr o nome d'um marido ingrato, e d'um filho estremecido, que já perdêra, nas inscrições gravadas nas pedras dispersas pelo chão sagrado?!

N'outros momentos mais triste e lacrimosa, fallava de culpas e de arrependimento. Pranteava desgraças, que a fatalidade accumulava sobre a sua cabeça!

As imagens venerandas é respeitaveis d'um pae e d'uma

adorada mãe, santos e bons, eram mais fantasmas fatidicos a condemnarem, do que espiritos benevolos a protegerem. Quantas vezes tambem n'um delirio mais febril, e mais afflicto, se não manifestavam contradicções horrendas na sua mente allucinada. Umas vezes chorava amargamente por uma irmã, que tinha perdido, que parecia ter amado com transporte, é de quem lamentava com dôr a perda prematura, outras vezes, não menos, queixava-se douda e furiosa, do calix d'agonias amargas e pungentes, que tinha sido forçada a esgotar, offerecido pelas mãos d'essa mesma irmã. Fosse qual fosse a causa do seu delirio, o seu tormento era immenso, e causava dô, tanta mocidade e tanta dôr.

Julião esteves envelhecia a olhos vistos, parecia procurar o tumulto com esperanza unica: vivia chorando sempre a perda irreparavel d'uma esposa querida e adorada.

Laura tinha desaparecido havia muito iempo já, pelo menos ninguem d'aldeia sabia d'ella, e como pela sua ausencia tinha ficado abandonado o seu filho innocente, Julião levou-o para sua casa. A innocente e descuidosa creancinha era alli educada pelo pão santo da caridade. O velho martyr do triste segredo do seu nobre coração aceitava aquelle pobre orphã infeliz como reliquia sagrada e pura do bem que Deus lhe emprestára por pouco tempo, e que tão cêdo lhe tinha querido levar de novo.

Julião era um virtuoso e honrado homem, amava o filho de Laura como se fosse um pae extremoso e dedicado.

Um dia.... era ao cabir da tarde. Os ultimos raios d'um formoso sol d'otomno estendiam-se pela habitação d'Esteves. O fresco da tarde começava a levantar-se, e agitava as cortinas de cassa branca da janella. Todo vestido de negro estava Julião sentado n'uma cadeira de braços, tinha a face encostada á mão esquerda. A estatua mortuaria trajava toda de negro, e só tinha como contraste a corôa alva da côr da innocencia, formada dos cabellos brancos, que fabricára a dôr ainda mais que o tempo.

Fazia companhia ao velho o veneravel padre Gustavo.

Trazia o padre os seos habitos talâres, porém, não tinha como Julião alva corôa a contrastar, porque os seus cabellos eram negros como ébano.

Os tormentos são muitas vezes caprichosos, quèrem passar sem deixar vestigio.

O innocente filho de Laura brinca alegre, santando-lhe nos joelhos. Era neste momento em que á porta da habitação apparecia a douda d'aldeia.

Venha, minha pobre amiga, disse Julião, levantando-se e indo para ella. Debalde lhe pegava na mão, e se esforçava para a fazer entrar e socegar.

O semblante da desgraçada era sempre a copia fiel da sua pobre alma, e a sua alma era o symbelo da mais cruenta e acerba dôr.

A douda nesta occasião deixou-se conduzir, olhava attenta para a creança que o padre tinha no collo. Os seus passos eram machinaes e involuntarios, tinha os olhos fictos e era atraida por um maquinismo desconhecido.

Julião segurava-lhe a mão, porém, deixava que ella seguisse o caminho que lhe determinava o desejo do seu coração. Parou em frente do sacerdote e da creança.

Como è formoso, começou ella com a suavidade melancolica da saudade e da resignação, não ha sarafim nem anjo que se lhe compáre. Como a sua mãe será feliz com o seu amor.

No extasis arrebatado que a prendia, a misera louca deixou-se ajoelhar, pegou nas mãosinhas do innocente, que a olhava espantádo, mas sem terror, e quasi sorrindo, e beijou-lh'as com transporte. Uma serie de pensamentos pareceram agitar-se no cerebro da desditosa, primeiro um sorriso d'esperança lhe esvoaçou pela frente, mas foi pouco a pouco escondido n'uma densa nuvem de tristeza. As lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces. Com as mãos trémulas affastou os cabellos do rosto, ergueu-se com rapidez, e parecendo ferida d'uma dôr terrivel, bradou querendo affastar-se :

Fujámos, fujámos, o meu filho morreu. Eu já não tenho filho, só m'espera a morte.

O padre levantou-se, segurou-lhe n'uma das mãos, agitando-lh'a com força, e encarando-a com todo o fogo do seu olhar, querendo chamar aquella rasão obscurificada a uma crise violenta, e bradou-lhe com a angustia estampada na

fronte, e apresentando-lhe o menino, que na sua innocencia infantil estendia os braços para ella.

Laura, Laura, torna em ti, aqui tens o teu querido filho. Tu não conheces o teu filho?

A doida olhou-o, e estremeceu. Eucarou o padre, depois voltou-se para o menino, um impulso desconhecido a chamava para o innocente, ia para abraçal-o, porém, soltou uma gargalhada, terrivel, fria e soturna, como o som do ultimo desalento que mata o condemnado ouvindo lêr a sua sentença inivitavel.

Alguns instantes de silencio decorreram, que Julião nem o sacerdote ousaram interromper, depois a magoada mendiga d'esperança começou com afflicção e dôr!

Laura, sim, e a sua memoria queria acordar o escuro passado que já dormia para nunca mais despertar. Laura?... houve um tempo em que esse nome era o meu nome! Era assim que me chamavam. Mas hoje? O que sou eu hoje?

Era tão pungente e dolorosa esta amarga interrogação, que ella fazia á desgraça, que a tinha avassalado, que ninguem lhe poderia escutar sem sentir um acerbo aperto de coração.

Um instante depois proseguia dominada sempre pelos pensamentos da sua desditosa sorte.

Eu já não tenho nome!... Mas espéro, que me baptisem no ceu. Sim, hão-de baptisar-me de novo.

A douda sorria com a suavidade da esperanza.

Eu quero um nome lindo. Ha-de ser um nome escolhido por Deus. porque Deus ha-de chamar-me, porque o anjo da morte ha-de vir chamar-me para o esquife, e porque meu filho ha-de orar por mim!

As suas palavras pareciam mais uma oração de sybita abençoada, do que de uma pobre creatura penando males tão pungentes.

Quem me dêra que Deus me boptizasse já.

As lagrimas afogaram-lhe a voz. Julião affastava o rosto para não vêr, o padre sustinha a custo o pranto que forcejava por dar testemunho do seu cruel soffrimento. Do pranto a douda passou ao riso.

Ria-se a infeliz perdida e louca, parecia que a felicidade lhe sorria, e ao mesmo tempo as lagrymas alagavam-lhe as faces. Desditoso sorriso infeliz, que é muito mais amargo do que o pranto.

A dôr do louco, sem consciencia do seu soffrimento, é mal sem lenitivo, porque não alenta esperanças. Martyr inerte, que soffre e sente e morre, e não sabe. Desgraçado sem passado nem futuro, que vive d'um presente imaginario !

O meu filho, prosequio a douda, eu já não tenho filho, nem esposo, nem parentes, ninguem!... Nada. E tive-os..., oh! sim, que os tive.... e matei-os.

A força do desespero estava na sua voz, o brilho do raio scintilava nos seus olhos. Atterrâra encarar a desgraçada n'esta hora d'exaltação.

Abysmei-os, continuou ainda, nas voragens dos grandes males que me turturavam a alma. Olha, padre de Deus, e ella encarava com uma estranha expressão o rosto do sacerdote christão, e lia na sua pallidez mortal um mysterio desconhecido e terrivel. Olha, houve um homem bello e formoso como tu, com um olhar semelhante a esse teu olhar, que me adorou com dignidade e honra, e que eu atraíçoei com infamia.

Silencio, Laura, não chames esses sonhos que morreram.

Aquelle homem, continuava ella prestando attentos ouvidos ao padre que fallava, tinha uma voz como a tua, amava-me como tu deves amar.

A Christo e á sua cruz.

A ancia crescia nos corações magoados do sacerdote e da mulher desditosa. Ella prosequio.

Esse homem quiz trocar-me a vida por um paraíso, e eu troquei tudo pela traição. Aceitei o amor, e dei em troca o desprezo. Deus castiga. Fiz mal. Deus não se vinga, não, mas Deus pune.

Laura, Laura, minha querida irmã, repetia com ancia do mais vivo e fraternal affecto o joven cura, vive e torna em ti para amparo e protecção do teu filho. Elle carece do teu auxilio.

Não carece !

Laura pronunciou estas palavras socegando repentinamen-

te, depois pegou nas mãos de Julião e de Gustavo, e beijou a frente do menino, que nem chorara nem sorria, e que na sua tristeza innocentinha parecia ter conhecimento por parte de Deus do que alli se passava de tormentoso e cruel.

O meu filho tem dous paes.

Tem sim, ha-de ter, balbuciou Julião, o orphão ha-de ser feliz com a ajuda de Deus!

O filho sem mãe estuda a infancia na solidão, e a solidão no desamparo!

Apenas terminou o sacerdote de pronunciar estas expressões singellas e verdadeiras, a louca disse baixo e melancolicamente:

Ninguem procure saber de mim? Não sabeis?

O Omnipotente é justo.... Eu hei-de morrer, sem saber que morro!

Horrorosa, tremenda verdade!

Gustavo apertou o menino ao coração, e affastou-se voltando o rosto, e ouviu a voz de Julião que dizia:

Já não resta esperança alguma.

A doida tinha fugido com a rapidez da desesperação. A sua triste missão de peregrinar pelas serras é fatalmente cumprida. As tempestades não podiam amedrontal-a, porque rugia dentro d'aquella pobre alma tempestade mais medonha. Contava as suas desditas as pedras do cêrro, e aos arvoredos do bosque, mas era tudo silencioso e mudo, não havia linitivo no mundo para as dôres d'aquella mulher.

O padre sentio no seu coração mesmo sem vêr, que a misera que se affastava, conheceu, que aquella desgraça era irremediavel, levantou as mãos para o ceu, e apenas balbuciou:

Seja feita a vontade de Deus!

Julião vio-a correr desesperada, era seu desejo impedir-lhe o passo, mas nem forças, nem alentos em si tinha para sê mover, parecia, que poder desconhecido o prendia ao lugar em que se achava.

Houve profundo silencio por alguns momentos, que só era interrompido pelos sons inarticulados do pobre orphão, que sorria alegre, e que festivo batia as palmas, sem poder vêr,

porque lh'o tapava a formosa venda da innocencia, a desgraça assombrosa, que lhe voltava em redor.

Passado algum tempo o padre Gustavo levantou a cabeça, pôz a mão na face corada do menino, disse com solemnidade respeitosa e veneranda :

Pobre creança, de hoje ávante será meu filho. Meu excelente amigo, acrescentou ainda o ministro do Senhor, se a mãe foi culpada... se o foi... Deus lhe pedirá contas. Nada nos cumpre mais do que curvar a cabeça e respeitar os divinos decretos, porém o filbo não tem culpa dos infelizes desvarios da mãe.

Não por certo, Deus não o punirá.

Julião pronunciando estas palavras tinba-se aproximado do padre, e abraçava com ternura o pequeno que brincava contente, ao mesmo tempo que Gustavo lhe respondia com muita fé nascida d'alma.

Deus ha-de fazel-o feliz, e nós empregaremos as nossas forças reunidas para o proteger.

Ha muita tempo que essa resolução se apoderou de mim. Vivo completamente só. Não tenho um ente que possa gozar felicidade pela minha fortuna senão este.

Julião apertou a mão do padre com franqueza e amisade.

Folgo muito de vos vér animado d'um espirito igual ao meu. Esta creança é quanto resta, do que nos deu muita luz d'esperança, como nos dá hoje muita magoa de saudade. Este innocente será meu filho. Deus me deixe viver até o ponto de o vér feliz, e livre dos maiores perigos do mundo.

Bom homem, atalhou o sacerdote, é de crer, que Deus consinta em lhe deixar realisar esse acto de virtude.

Tudo está já feito, continuou o velho, ha dias fui á cidade. O meu testamento está prompto.

Decorreram pausadas aquellas horas vagarosas do crepusculo, que tanto se dilatam nas tardes do principio do outomno. O sol já tinha desaparecido havia muito.

As primeiras sombras da noute começaram a fazer com que os objectos se confundissem em curta distancia.

O vermelho afogueado da lua cheia começava a brilhar melancholico e soturno. O silencio d'aldeia era como em to-

das as solidões do ermo e partilha dos pequenos povos. Guarda-os a encosta da montanha, ou a devesa da serra. Não vae lá o bulicio das cidades. O clarão da lua dava uma palidéz tristissima ao pobre cemiterio do logar. A erva crescia por toda a parte como estendal d'esperanças dos mortos, que alli jaziam, pedindo a gloria. Os raios da luz celeste iam pouco a pouco tomando força e vigor, e reflectiam-se nos topes e nos braços das singelas cruces, que espalhadas no chão da morte eram o ultimo attestado d'uma existencia, que tinha peregrinado pela terra.

Ajoelhado em frente d'uma cruz estava um vulto imovel. Era o cura d'aldeia. A imagem veneranda e ascetica do ministro da paz, resumia em si o emblema da religião da esperanza! As suas préces casaram-se ao rumurejar vago e semi-vivo da solidão, que falla.

N'aquelle campo mortuario despertava na mente a idéa de serem as trovas desconhecidas, que entoavam as cinzas dos mortos, para suplicar perdão, o que nós escutavamos alli. Que faria o padre solitario de joelhos na mansão funebre dos mortos?

Orava com fervor, e abraçava a cruz que allí se erguia!

O Pastor das almas supplicava ao Todo-poderoso o indulto para alguém, que alli jazia, e rogava depois com ancia cruel o perdão d'algum pensamento, que não devêsse cazar-se á morte, que o rodeava, e ao esquecimento do mundo e dos seus enganos, que tinha jurado.

Na pedra singela junto de que elle estava prostrado lia-se um nome simples e isolado — Christina! — O pobre nome ignorado e só por muitas horas era visitado todos os dias pelo venerando sacerdote, que o pronunciava com um sentimento ignoto que as intelligencias humanas só comprehendem, e muitas vezes tambem por o velho Julião Esteves, que sahia de lá sempre banhado em pranto.

Se fosse possível ás vistas dos homens penetrarem no intimo das almas alheias o nome de Christina, encontrar-se-hia estampado no espirito do martyr constricto, como se fosse uma saudade fanada pela angustia, que geram as immensas tempestades da vida.

Correu muito tempo sem que fosse alterada cousa alguma na aldeia.

Um dia a pobre douda appareceu morta de joelhos á porta do templo!

Deus fez a vontade ao velho, que ainda vio crescido, e feliz o filho da pobre Laura. Sob a educação do Cura seria difficil saber, porque valia mais aquella creança, se pela virtude, se pelo talento!

O amor correspondido é a imagem do ceu, o amor despresado é o vulto fatidico do inferno.

Desgraçado e triste foi o amor das duas Costureiras.

UM CASAMENTO A' CONGRÊVE

Nicolau Ispiridião da Costa era um homem, como é a maioria. Perdoem-me os optimistas da especie. Nicolau era da maior parte porque não primava por atilado.

Não pensava por onde ia, seguia a sorte das ondas, caminhava á mercê do vento. Nicolau não tinha individualismo, era a generalidade viva, e a vulgaridade em pé.

Tudo n'elle era sem logica e por acaso. Desde pequeno que lhe chamavam o—*Pechincha*,—e ninguem sabia, nem porque lhe tinha sido posta uma tal alcunha, nem quem lh'a tinha posto.

O caso é que ninguem o conhecia senão por o Nicolau Pechincha.

Não havia demais a mais nome tão mal cabido. O pobre rapaz não *pechinchava* quasi nada. Esta palavra é muito republicana, não se sujeita a leis de grammatica, nem móra em dictionario, senão para dizer—que não é de lá—mas o vulgo applica-a ao que—lhe cabem fortunas.—

O homem Pechincha era o menos Pechincheiro do orbe em termos habeis. Se requeresse emprego, não o tinha; se

entrasse nas sortes, via só navios!... Tudo lhe era pouco propicio.

No genero amores era um sudario. Tinha nsmorado mulheres ricas e pobres, alvas e morenas, em fim de todas as cathogorias, e de todas as côres, mas o triste *chuchar* do dedo da solidão era o seu negro destino, as mais das vezes.

Tambem não o julguem emblema de jejum!

A raiva fazia-lhe crer no celibato como uma enfermidade chronica de que este cavalleiro era victima, para o muito mais que desejava.

O contrario era em cousas de mal, mas de mal em ponto de rebuçado, de mal que o povo chama... *arrelia*, *ferro* e *zanguinha*, n'isso então era um *frêcheiro*, um *barra*, um cavalleiro da Tavola Redonda.

Nunca sahio sem chapeu de chuva, que não recolhesse molhado como um *pittainho*!

N'uma Procissão roubavam-lhe sempre, pelo menos um lenço, e n'um *apertão* esmagavam-lhe um callo. Se lançavam caldeirada de janella já se sabe, que não cahia senão em cima d'elle! A montar n'um burro estalavam-lhe as calças, e depois cahia sempre. Até um dia que estreiou um chapeu novo, cahio-lhe em cima uma cana d'um foguete, que vindo a prumo, não só lhe furou o chapeu, mas ainda lhe ferio o alto onde costumam ter morada os miolos, ou o encefalo.

Não havia ninguem menos Pechincha, mas o mundo teimava em lh'o chamar, e ninguem o conhecia por outro nome. Isto prova que a gente é o que os outros embirram que nós sejamos.

O mundo a porfiar, que o França é tollo,
E o França a porfiar, que o mundo mente!

Quantos pregoeiros andam por ahí a gritar a respeito de talentos que o microscopio não alcança. Os arautos morrem esfalfados, e os talentos hypotheticos mais parvos do que eram em materia prima.

Agora diz o leitor, se o heroe da historia, não tem historia, como quer escrever?

É o que tem de notavel esta historia, é ser historia sem historia.

Talvez isto tenha a explicação das attracções para o abysmo?! Seja como fôr, este casamento sem promenores, sem preludios, sem todas as galantarias dos namorados, sem caricias nem arrufos, encantou-me. É um casamento d'improviso, espontaneo como um *cogumello*; é um facto sem principio, nem fim, um raio matrimonial, finalmente uma cousa que eu gosto, e que está em harmonia com o seculo dos telegraphos electricos e dos wagons.

Seja pois como fôr, e vamos acompanhar Nicolau Pechincha.

Não se amofine o pio leitor porque é só com o pensamento que o seguimos, aliás não fazia o cenvite, porque o caminho é pessimo, o tempo é peor e a constipação era certa.

A cidade da Guarda era a patria do Pechincha. Aquella vergonha da humanidade tinha desabrochado entre as neves da serra da Estrella.

O seu horisonte era adusto e pedregoso, mas elle achava-o bom porque não conhecia outro melhor.

As *Panoias* e *Massainhas*, logarejos circumvisinhos da fria e velha cidade, eram os unicos pontos geographicos que o mancebo conhecia.

Os meios de fortuna não lhe faltavam, era até ricasso. O medico talvez para o mandar passear, tinha-lhe aconselhado banhos. Era em fins de setembro que Nicolau sahia do seu ninho da serra para ir fazer a côrte á formosa Amphitrite, no seu imperio de christal. Eram as suas expressões.

Tres bestas, *fóra elle e o arreeiro*, estavam promptas para a marcha. Levava duas cargas em duas mulas, e elle ia n'um cavallinho, manso como um borrego, feio como uma velha enfeitada, magro como o esconderijo da cabeça d'um tolo, e robusto como um muribundo.

Pechincha levava os seus bahús de roupa, o seu trem de cama, e alentada comida.

O rapaz era muito preso a recordações, e então tinha

mettido no dedo um anel da avó, que o tinha embalado ao som das ventanias da patria. O anel era um *cachucho!* Tinha vinte e tantos diamantes e um rubi no meio. Tudo isto luzia como o olho de goraz fresco, e tudo estava agarrado a um ávo de ouro purpureo, por liga de mais. Era um anel d'encher o olho. Para ser bom bastava ser antigo. Diziam-lhe por lá:

Hoje já se não fabrica d'isto.

Não faltava cordão, nem relógio para acompanhar o anel.

Soou a hora da partida. Abriram-se as cataratas do ceu em acção de graças, pela sabida do Scipião da terra.

Houve neve e vento, trovões e relampagos, mas elle deixou-se escorregar mui socegradamente para o seu caminho em declive perigoso até chegar á baixa do Mondego.

Não é preciso seguil-o muito no principio da jornada, porque o caso que decediu do seu destino, só teve logar no ultimo dia de jornada. Nos primeiros dias, molhou-se até aos ossos; e talvez, sem respeitar a transparencia do craneo, até aos miolos; comeu como um bruto, e bebeu como uma esponja ressequida. Dormio como um animal que durma bem, e andou tanto quanto lh'o permitia a andadura mal geitosa do Bucéfalo, e a escabrosidade do caminho.

O terceiro dia de jornada alvoreceu de sol claro. Já se tinha passado aquella influencia da serra, que espalha sempre muito frio, e que nestes dias tambem tinha espalhado, por obsequio talvez ao moço Pechincha, uma não pequena porção de bategas d'agoa.

O grande capote ia pesando encharcado e escorrendo em cima d'uma das cargas.

O todo de Nicolau apresentava-se agora a descoberto. Durante o seu penoso transito muitas vezes tinha elle dicto o que todos dizem sempre:

Uma destas só a mim acontece. É um tempo medonho feito de proposito. Sou peor que caldeireiro. Em me pondo a caminho é sempre assim!....

Estas exclamações eram interrompidas por algumas gottas da aguardente do frasco.

O charuto era tambem companheiro e consolador dos *fracassos* do caminho.

Vendo porem o dia lindo que se lhe apresentava, o homem que não queria desdizer-se e voltar a traz com a sua presumpção d'infeliz, dizia:

O tempo não está seguro. Isto não dura. D'aqui a nada temos por ahi agoa *como terra*.

Em fim em attenção ao sol o nosso heroe em miniatura desanimou e desenrugou o rosto.

Desde que começára a jornada tinha elle vindo sempre de mau humor, o que lhe compremia o frontal com rugas e contracções, que lhe davam a apparencia d'uma bota de ruga afidalgada, ou de um cochicho apertado em mão de rapaz travesso.

Era a compressão que dá o aspecto produzido pela raiva e pela estupidez. Foi nas melhores disposições que elle e as suas alimárias, e o arrieiro deram a sua entrada em Palhares.

Nicolau Pechincha attesta que trazia as carnes moidas e pisadas, e que nem um osso deixava de lhe doer terrivelmente, tinha-se demonstrado uma clara desintelligencia entre o corpo do cavalleiro, e o dorso afinado do cavallo.

Esquecia-nos dizer..... e mesmo talvez não fosse d'uma subida importancia para a solução do caso..... que este moço não se lhe conhecia a idade senão pela certidão. Era uma creatura que desde os dezoito annos até aos trinta e tantos que já contava, sempre tinha sido gordo e gordurento: sempre tinha tido uma barbinha rala, e mal semeada, e hirsuta, o que ainda conservava. Era entre amarello e castanho.

Os cabellos e os olhos pretos, e estes d'um absoluto silencio porque se não occupavam a dizer nada.

Chegados que foram deram entrada n'uma espelunca com nome d'estalagem.

Estas chrismas aristocraticas não são raras por todas as nossas provincias. É de crer que lá por fóra aconteça o mesmo. A casa era apenas uma suja taberna.

Por assentos tinha duas arcas enormes áquem do mostrador e mais nada. Em cima d'um tonel de pessimo vinho,

havia uns queijos e umas sardinhas fritas. Eram os viveres que podia fornecer aos transeuntes.

O arrieiro e seu amo pararam, entraram, o moço desaguou os machos, enquanto o patrão se sentava e pedia alguma cousa de comer.

A jornada tinha dado cabo do farnel para comerem, era por consequencia preciso sujeitar ao que apparecesse. Nicolau provou o queijo, que achou salgadissimo; e o pão, que achou amargo, e o vinho que lhe fez desenhar uma careta modelo de caretas feias.

O arrieiro comeu, achando tudo bom, ou antes comendo por comer, sem opinião, nem gosto, como é muito vulgar.

Quando do que havia já se tinha feito a refeição, o arrieiro chegou mui respeitoso diante de Nicolau Ispiridião da Costa, e disse-lhe:

Tenho a pedir um favor a V. S.^a

Diga o que é.

É que tenho de ir receber um dinheiro...

N'esse caso vá, porque dinheiro é sangue.

Mas sempre me demorarei alguma cousa.

Ispiridião pensou um pouco, meditou para ver o que poderia responder ao seu subordinado, e depois perguntou:

Que distancia é d'aqui até Coimbra?

Ainda são tres legoas boas.

Quanto se demóra no seu negocio?

Talvez meia hora.

N'esse caso póde ir, que eu espero aqui.

O moço almocreve não se fez esperar, e partiu a dar ordem á sua vida.

Pechincha tinha feito as suas considerações. Elle ia para a Figueira tomar banhos do mar, mas queria demorar-se dois ou tres dias em Coimbra.

Não lhe soffria o animo passar pela rainha das lettras em Portugal, como cão por vinha vindimada. Se não tinha lá ido amamentar-se ao seio salutar da Minerva de pedra, queria ao menos veneral-a com uma visita sem pressa.

Faltavam tres legoas, a todo o tempo que chegassem era

sufficiente porque o dia era grande, e tres legoas para se andarem não era preciso fazer grande esforço.

Alem de tudo isto o mancebo Costa era admirador do bello sexo, e já que mal tinha podido abrir os olhos nos dias anteriores, queria agora ver e gozar da prespectiva das formosas zagálas, muito boas, mas muito pouco arcadianas.

A construcção debil e assucarada que a Arcadia quiz comprazer-se em dar ás suas Marcias, não foi adoptada pelas montanhas e logares reaes e verdadeiros.

Alli ha muito bonitas mulheres de carne e osso, tão lindas como grosseiras, e que não tem respostas mysticas, nem poeticas, mas *dictinhos* picantes e azedos para os Adonis atrevidos que lhes não agradam.

Mais d'um Zosino audaz, se affirma, que por lá tem ido na doce esperanza de colher a sua coroa de myrtho, ou as agoas cristallinas d'alguma nova Hipocrene, e só tem colhido algum empurrão de nome, quando se não explicam meio pouco feminilmente por alentada bofetada de mão aberta, que repercute pelos *eccos* da serraania, e pelo frontespicio do martyr.

Ispერიდიão Pechincha era modesto, e nunca tinha tido grandes reveses.

O homem tinha tambem o seu sudario de culpas amorosas, que recordava gostoso em horas melancholicas de saudades felizes. E para dizermos que era muito infeliz seria faltarmos á verdade reconhecida, posto que elle o affirmasse.

Modesto nos principios, atrevido nos meios, conseguia os fins.

O que tambem era certo era que o amor predilecto do Pechincha nunca tinha vestido senão chita nacional.

Que importancia terá isso?

Ha duquezas que só se pôdem amar pelo dó, e só se lhe pôde offerecer como prenda oleo de figado de bacalhau.

Em quanto o arrieiro foi; o rapaz foi dar a sua volta, e não desgostou. Viu raparigas de varias cores, gordas e ma-

gras, e altas e baixas. Em todas admirou a bella saude e os dentes alvos de neve.

O mancebo sympathisou. Alli demais já começam a apparecer aquelles formosos *tailhes* das Nymphas do Mondego, que tanto, e com tanta rasão deram que entender e que escrever ao nosso Épico.

Tambem nem sempre Natercia?

Era o pensamento do poeta, que via com um olho só, mas que via bem como se tivesse dous.

Depois de se regosijar admirando aquellas cinturinhas de vespa vincadas pelas roupinhas apertadas, o moço sentia-se aquecer.

Os pezos que conduzem á cabeça ou seja o cabaz do jantar para o pai ou irmão; ou a trouxa de roupa para o rio ou ainda o cantaro asado faz revolverem-se tão audaciosas as redondezas femenis, que não ha cenobita que não largue um suspiro... de raiva contra o demonio que tem destas *maganeiras*...

Em vendo um homem sério e modesto apresenta-lhe disto, e quem sabe de que mais?...

E o seio a arfar?... e a tez morena pelo sol?... e os braços grossos e fortes?...

Melhor é experimental-o que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pôde experimental-o.

Estes dois versos repetia-os muitas vezes o nosso heroico mancebo, que para ser Loveláce, só lhe faltavam meios de que dispor, mas nunca desejos.

O arrieiro voltou.

Marchemos, que já são horas, disse elle!

Então arranjou o dinheiro?

Felizmente não houve novidade.

Ora bem, então toca a partir.

O almocreve arranjou o paciente cavallo, symbolo do quietismo, e o nosso Pechincha montou em seguida.

Depois o moço foi arranjar as outras mulas. Tinham ambas o aparelho largo, e o arrieiro a ambas apertou as silhas-

Para fazer isto puchou para si o animal ficando-lhe o joelho na barriga e deu algumas voltas ao arrocho.

Note o leitor n'este incidente.

Na hora da despedida, apesar do mal que se tinha dicto do vinho, ainda se bebeu mais um trago.

Eil-os mui satisfeitos a caminho dirigindo-se para os montes e valles, que constituem a serra do Carvalho.

Como chronistas modelos de verdade não queremos deixar no esquecimento um acontecimento frivolo, mas característico do valor moral do senhor Ispertião. Era a memoria que nos ia fazendo esta verdadeira traição. A memoria tem d'estas innocencias. Em lhe parecendo salta por sobre um fpecto, como gato por brasas, e só depois de ter dormido por tempo infinito o somno dos justos é que apparece a lume, porem depois de ter deixado folgar e rir o seu adversario o esquecimento.

Estas nossas faculdades são todas mimoseadas com columnas d'Hercules. Com certeza este bichinho homem, apesar de ser a coroa da criação, se levasse ainda uma demão para o aperfeiçoar, é caso averiguado que se não perdia nada.

N'uma das noutes em que Pechincha tinha chegado á pousada em que deveria ficar, cansado e estafado, foi logo direito para a lareira. Aquelle *foyer* estava concorrido.

Não podia deixar de ser assim. A noite estava aspera e aquella fogueira convidava.

Uma estalagem d'um logarejo é o ponto de reunião dos poucos habitantes que se não deitam com as galinhas. Ali se falla do proximo aquecendo o corpo, e a murmuração. O mestre de primeiras lettras d'aldeia estava ali e o barbeiro. Fallaram com o recém-chegado, lamentaram-lhe o mau tempo, e fizeram votos para que no outro dia estivesse um dia bom.

Nicolau mandou vir vinho, o copo correu, e do copo surgiu breve a animação da conversa.

Tractaram de cousas diferentes. A final, Pechincha disse que ia tomar banhos de mar á Figueira.

Hade gastar uma boa *maquia*, disse o professor, e o barbeiro accrescentou axiomático e sentencioso:

Quem o gasta é porque o tem.

Um dos fracos de Nicolau era gostar de fazer de lord e por isso disse logo com desdem:

O gasto é uma bagatella.

Gabaram-lhe o bom gosto do anel *cachucho* e do cordão e do relógio. O proprietario deixou com gosto admirar os seus adornos. Tudo foi avaliado, e o dono a tudo deu uns cincoenta por cento a mais na avaliação.

Cearam todos, e só Nicolau pagou. Depois da ceia o amo disse ao almocreve que queria sahir muito cedo e ainda de noute.

O arrieiro *recalcitrou*, afirmou que os caminhos eram maus que de noute era impossivel romper, que haviam abysmos a cada passo.

Os convivas attestaram o contrario para lisongear em o apetite de quem os tinha obsequiado. Nicolau animado porfiou, e o arrieiro pareceu ceder.

É muito para ponderar que a maneira porque um triste viajante considêra uma jornada, é diametralmente oposto ao pensamento do almocreve.

O viajante quer ver-se livre do que lhe é um flagello; e o almocreve quer demorar o que é sua vida e passatempo. O que nos encommoda, nem de leve o magôa. Por isto é que o moço das cavalgadas queria dormir descansado, e sahir só quando estivesse tudo bem claro.

Nicolau foi para o quarto. O arrieiro ia n'alheta de seu amo, entrou e fechou cautelosamente a porta.

Tenho que lhe dizer um segredo.

Então que temos de novo?

O ar synistro do moço, desinvolveu o terror na cara do patrão.

Era noute e em longes terras.

Não lhe pareceu ainda agora esquesito, estar eu a teimar, que não sahiriamos cedo.

Sim, a mim lá me pareceu... O que era!?

Calluda. O senhor fez muito mal em estar a fazer de rico com estes homens, e demais ainda a mostrar-lhe as joias, que traz de tanto valor.

Então parece-lhe que tem perigo?

Pois então não tem! O senhor não tem ouvido fallar em ladrões na estrada de Lisboa?

Tenho sim.

Pechincha tremia, porque não esperava semelhante pechincha. Estava palido como um defuncto.

Pois então se não fosse isso, retorquiu o ladino arrieiro, estaria lá com aquellas cousas. V. s.^a manda e paga. Pois não lhe parece tudo extraordinario?

Confesso que me admirou.

Nicolau convinha com a condescendencia do medo.

Acha que estamos em maus lençoes, hein?

Não estamos bem, mas deixe o caso por minha conta. Eu já lá estive a conversar com elles. Já ha muito que se sabe que por aqui anda quadrilha, mas não o sabia tão positivamente como o sei agora...

Positivamente... hein!?

Pechincha deixou-se cahir sentado sobre a dura enxerga da barra.

Quando v. s.^a *subio cá para cima*, fiquei fallando com elles.

Aquelles mesmos é que são os...

Os salteadores desalmados!

Jesus, santo nome de Deus!

O pobre desditoso quasi que não sentia calor nas veias.

E eu que trago ahi cousas de valor.

Tudo elles notaram.

Já se preparam para o latrocio?...

Não tem a menor duvida que é esse o seu intento. Falle, diga tudo quanto sabe.

Não me interrompa v. s.^a

Não, mas diga-me só... Tambem teem matado?

Em achando resistencia è logo.

Lá por isso estou socegado porque eu não resisto.

Disse-me um d'elles, que boa presa para uma madrugada. Ora deixem-se d'isso. Nem tudo que luz é oiro. Disse eu. Então aquellas cargas?... Elle que vai para banhos não leva os cavallo carregados de palha. Deve levar bem bom dinheiro.—Estão enganados, lhes respondi eu, porque sou eu até quem faço as despezas da jornada. Em Coimbra

é que o sr. Costa hade receber dinheiro para ir ao seu destino.

Pechincha ficou satisfeitissimo com a esperteza do arrieiro, e esteve a ponto de o abraçar, mas lemitou-se a dizer:

Fez muito bem, eu o recompensarei.

Fallaram no anel...

Até o anel lhe serve, scelerados!...

Tudo lhes serve e com tudo estão contando.

Então que lhe parece que se faça n'este caso?

Quer seguir o meu conselho?

Pois isso pergunta-se? Estou nas suas mãos.

Posso então dizer o que é necessario.

Mande que eu obedeco.

O que é perciso é sahir tarde e depois do sol estar já fôra um bom bocado.

Sim, isso é claro e magnifico.

Almoçamos.

Com elles?

Se cá estiverem será bom.

Faça-se mais esse sacrificio á pelle. Dar-lhe de comer quando tinha vontade de os estrangular.

Aqui é fazer das tripas coração.

Está então tudo tractado. Não se mecha. Deixe-se estar até que eu o venha chamar. Mas veja lá?...

Ora essa, fique certo que nem um morto debaixo da terra é capaz de estar mais quieto do que eu heide estar n'esta pocilga, neste infernal covil de salteadores.

O subterraneo do Gil Braz, com o preto Domingos e a dama Leonarda, saltava em torno do Pechincha como espectro.

Até amanhã.

Adeus, feche a porta e leve a chave, em caso d'assalto salto pela janella. Não se póde viajar sem armas.

O almocreve foi para baixo alegre e satisfeito.

Apenas voltou as costas a Nicolau, que deixára fechado, rio como um homem feliz e satisfeito de si. Foi ter com os comensaes, e disse-lhe que tinha resolvido o patrão a ficar até tarde sem lhes dizer os meios de que tinha disposto,

porque não podiam ser muito do agrado dos pobres e inofensivos homens.

Convidou-os da parte de seu amo para almoçarem, o que elles muito agradeceram, aceitando, e depois foi accomodarse com todas as commodidades de arrieiro. Dormiu regalado enquanto o pobre Nicolau Ispiridião da Costa Pechincha não pregou olho em toda a noite. Deixou a candeia accesa, cada movimento da luz era um fantasma. Não se passavam tres minutos que não erguesse a cabeça do travesseiro. O relógio não cessava de ser aberto. A molla ficou devassa. Acreditava que parava. Nunca teve noute mais comprida.

Todas as cousas d'este mundo por mais terriveis que sejam teem que ter um fim.

A noute terminou, o dia estava mau, o arrieiro veiu chamar-o, almoçaram e despediram-se cordealmente.

Os olhares de Nicolau eram synistros a ponto d'espantar os homens, mas bem longe estavam de suppor a verdade.

Só o arrieiro é que estava senhor da localidade da scena.

Em fim sahiram. Póde fazer-se idea da carga que tiraram dos hombros do pobre Pechincha. O homem estava verdê. Quando se viu longe é que respirou largamente.

Narrámos o pequeno incidente. Isto mostra só que com os almocreves é percisa muita pratica de os aturar, e muita prespicacia para os conhecer, e muito tacto para os dominar até certo ponto não muito vantajoso.

Vamos agora subir a serra do Carvalho.

Quando os dois personagens, almocreve e seu amo, iam saboreando o sol quente do descampado, o moço parou de repente diante do palafrem, que estacou.

O impeto com que o fez, e o amargor que se lhe desenhava na fronte, fizeram atterrar Pechincha que se empertigou na cavalgadura, n'uma contemplação pasmada.

O almocreve estava callado, a caravana tinha parado toda, mas o infeliz suspirava com força animada pelo vinho e pelo calor. Com rapidez de relampago começou por atirar ao chão o seu chapéu desabado, depois procurou em

todos os bolços objecto, que sem duvida, muito o interessava.

O patrão estatico, e em espasmo, pôde fallar em fim, e perguntou com instancia:

Homem, que tem vossê?

Sou o maior desgraçado do mundo.

As lagrimas corriam-lhe pela cara abaixo, e as pesquisas não cessavam. A resposta não satisfez porque Nicolau insistio de novo perguntando:

Não o entendo.

Ninguem tem uma sorte mais mofina.

Mas explique-se por uma vez.

Antes quebrar uma perna.

Que diabo de mysterio.

Estava reservada para mim esta sina.

Com todos os diabos diga o que tem, que me parece um doudo a despropositar.

A mostarda tinha chegado ao nariz do nosso Isperidião, aliás não muito susceptivel de se zangar. Mas ali haviam muitos motivos para despertar a zanga. O comportamento do arriero era realmente muito estranho! Ou o homem tinha endoudecido, e n'esse caso todas as cautellas eram legitimas para resguardar a saude do corpo: ou um infortunio de marca maior tinha desabado em cima do pobre martyr em acção de ganhar o ceu.

A curiosidade tambem tinha o seu lugar d'honra.

O grito que tinha soltado Nicolau chamou o almocreve á existencia real, sem o tirar das regiões do seu tormento. Conforme pôde explicou o mal:

Pois o senhor não sabe? Fui receber ali umas libras d'um milho que não era meu, e trazia mais vinte libras da terra para umas encommendas, que havia trazer de Coimbra e agora perdi a bolça... não a acho.

Oh! diabo... uma d'essas!

Isto é d'um homem dar um tiro n'um ouvido.

Mas onde poz a bolça?

Aqui n'este bolço!

E designava o bolço do peito da jaqueta, posto pela parte de fóra.

Quem vai metter ahí dinheiro?!

O que será de mim? Estou desgraçado.

O pobre arrieiro dizia mal á sua vida, e com razão, e chorava e arrepelava-se sentado n'um monticulo da estrada.

Nos grandes lances é que se conhecem os grandes espiritos.

Nicolau tomou a palavra e perguntou para s'informar, e seguir depois a sua idea.

Vossé onde esteve depois que recebeu o dinheiro?

Fui direito para onde o senhor estava.

Desde que partimos tem vossé vindo sempre adiante de mim, e a bolça não lhe cahio.

Nada, não senhor, isso tambem eu digo.

A gente que lhe deu o dinheiro é gente capaz?

Muito!... Ouro em pó que lá ficasse.

Então não perca tempo em choradeiras, que não atam nem desatam. Marche por ahí fóra, vá sempre com o olho vivo, para que lhe não escape no caso de ter cahido pelo caminho e chegue a casa d'essa gente a perguntar por o seu dinheiro. É de suppor que o encontre.

Diz v. s.^a muito bem!...

O arrieiro aprovou logo o parecer do patrão. Quando se está afflicto, qualquer alvitre agrada sempre muito, porque desperta a esperança.

Então vou lá *n'um prompto*. Respondeu o choroso almoceve. V. s.^a vai andando *de vagarinho*:

Mas eu não sei a estrada.

Não tem que errar.

Veja lá, olhe não aconteça mais alguma.

Não senhor, eu passo as mulas das cargas para diante, e ellas estão costumadas á estrada e lá vão. Aqui na serra não se póde enganar ninguem.

Tudo se executou como se determinára. As duas mulas com as cargas foram tocadas para diante, e o arrieiro enfiou a bom correr pela serra abaixo; voltando para traz. Continuou a mui pacifica ascensão e o bom Pechincha mui tranquillo ia subindo montado no seu pouco brioso animal, atraz das duas mulinhas.

O sol estava quente, e já bastante encommoçava.

A desgraça do arrieiro preocupava o Pechincha, porque as creaturas aparvalhadas nem sempre são declaradas porto sujo para lá entrar a sensível bondade.

O caminho é direito, não tem nada que errar,—são palavras sacramentaes de todos os que indicam alguma estrada.

Ainda mesmo que a pobre creatura se ache a quatro passos metido no Labyrintho de Creta, o attestado tem sempre a mesma formula, e o pobre vê-se no meio d'um descampado, sem fio d'Ariadua para o conduzir. As mais das vezes apparecem tres caminhos, mas um vai direito á quinta do senhor *fulano*, e o outro vai ao olival do fidalgo *sicrano*, e como os que ensinam o sabem, entendem que ninguem o pôde ignorar, e o martyr, já se vê, toma sempre por onde não deve e esbarra em quantos beccos existem.

Tambem ha talentos caminheiros. Muitos homens aprendem um caminho apenas o percorrem, e outros ainda que o trilhem um milhão de vezes jámais o trilham só sem erro.

Não se tinha passado um quarto d'hora desde que o almocreve tinha ido ao seu destino, quando Pechincha, que ia todo encalmado e cheio de suor, e limpando a testa despertou, espantado ao som argentino d'uma voz que dizia:

Ó senhor?... O senhor por ahi vai enganado; porque por ahi não ha caminho, ahi começa o rio.

O cavalleiro levantou a cabeça e procurou descobrir quem lhe fallava... Era uma rapariga que fiava encostada a uma arvore guardando umas ovelhas.

Mas o arrieiro disse-me que era caminho direito, e que as mulas sabiam ir sem errar.

É sim senhor...

A camponeza aproximou-se e disse:

Muito boas tardes.

Muito boas tardes. Respondeu Pechincha consultando o relógio e verificando que já era mais de meio dia.

Olhe, continuou a rapariga, o caminho é como a palma da mão, mas foi o senhor que metteu a aqui um *todo o na-*

dinha pãra a esquerda, mas eu lhe *boto* para lá as cavalgaduras com licença de v. s.^a

Ora, faz-me muito favor, e fico-lhe muito obrigado.

Pechincha, não encontrava a sua menina achada por elle, e perdida na solidão, um primor, mas tambem não lhe parecia apimentada de mais, e logo fez tenção de a recompensar.

O caminho era estreito, a rapariga foi ao fim, caminhandode volta, e as mulas retrocederam. Pechincha a cavallo coseu-se o mais que pôde com a encosta d'um grande outeiro, que fazia face ao rio.

As mulas passaram para a frente, mas quando chegaram ao ponto onde se tinham estraviado, em vez de tomarem para Coimbra tomaram para casa, isto é, para cima.

Nicolau Pechincha ficou desesperado, e começou a gritar:

Torna aqui, demonio. Ora o maldicto animal!...

Mas as selvagens quanto mais lhes berravam, mais corriam, o cavalleiro apeou-se deixou solto o seu pacifico amigo, e correu atraz dos revoltosos com o chicote. Quando as bestas se viram fatigadas, como não costumavam ser, ainda mais corriam, mas por onde queriam, e fogindo cada vez mais do caminho. Largaram a estrada e já pisavam o matto, e o pobre Nicolau atraz sem as poder alcançar.

N'este momento eccôa um brado formidavel.

Valha-me Nossa Senhora, que lá se despedaça a mula.

Pechincha encostou-se a um arbusto que o picou; para o salvar do estupor em que tinha ficado. A respiração sahia em borbotões gasosos. Era a raiva, o cansasso, o medo, o terror, e a estupidez da ignorancia, que se debatiam fazendo campo de batalha do misero mortal.

O instincto foi de felicidade.

Quem tinha gritado tinha sido a rapariga.

Quatro passos adiante a mula cahiria n'um abysmo de muitos metros d'altura. Não era a altura das cataratas do Niagára, mas era o sufficiente para matar um christão, ou mesmo uma figura d'outra raça, e isto era mais do que muito para dar afflicção a Pechincha.

A mula tinha parado, e a rapariga tinha-a mettido de novo na estrada, com boas maneiras.

A chicote ás vezes nem as bestas andam contentes com elle.

Quando o desditoso liberto da fatalidade em perspectiva conheceu o perigo em que tinha estado, lançou uma canada de suor a ferver por os póros, deminiu um palmo, e benzeu-se com devoção, por entre duas lagrimas, deu um abraço na sua libertadora, que se não livrou d'um beijo *rochunchudo* e harmonioso mas todo recheiado d' affecto fraternal.

Se a mula cahisse? Lá iam os seus bahús para o rio!.... Demais tinha de pagar a mula... E o que é peor do que tudo?... E se não tivesse que pagar nada?... E se pagasse apenas com a pelle?...

Todas estas considerações faziam a athmosphera avinagrada, e a respiração do fel da peor qualidade.

Pechincha podia aceitar tudo, menos ser Blondin sem os primeiros rudimentos da arte, ou ser Icáro sem azas nem sequer de cera.

Cinco ou seis vezes olhou o misero viajante para traz para ver se despontava no horisonte o seu Palinuro, tudo era baldado, como a Maricótas da—Fabia—elle diria...

Sorte amarga,
Não haviam senão bestas de carga!

Eil-o outra vez desconsolado e moido transitando em busca da terra da Promissão. A Canãan travessa fugia sempre como a Juno deixando a nuvem. Agora era uma descida, logo um promontorio a subir.

No azedado do seu animo o mancebo não pensava que o Hynalai fosse mais alto do que aquellas montanhas, nem mais perigoso dobrar o cabo das Tormentas, do que viajar na estrada da beira.

A noute dos salteadores, e os abysmos da serra do Carvalho—alem de lhe serem funebres pelas ideas, até lhe pareciam titulos de romance dos que se passam com as toupei-

ras nos subterraneos, e com as serpentes nos desertos. Que considerações elle não fazia?...

O leitor sabe por certo, que para uma cousa acontecer sempre hade haver uma causa? Sabe tambem que ninugem quer ser culpado d'asneira, ou de crime? N'este caso lançam-se sempre as culpas para quem fica mais á mão.

Não escapam, nem sequer os inamoviveis. Se um copo está n'uma meza quieto... quieto como um copo entregue a si mesmo... e se vai uma mão e o deita ao chão, dando-lhe por tumulto provisório o sobrado.

Disse logo o pouco attento quebrador:

Diabo do copo, onde se foi agora pôr!

Pechincha seguindo a mesma antiga marcha deitava as culpas de tudo ao arriero. Porque não pensaria elle que o arriero, não lhe deu o chicote, não o mandou correr sem ver por onde, não lhe mandou espancar as mulas.

Ai, pobre verdade, gritas a bom gritar ha seis mil annos para sahir do poço, mas não sahes de lá. Já agora é melhor perder as esperanças.

Depois de ter chegado á crista altaneira da serra, o caminho comessava de novo a descer por um declive até chegar ao alveo de uma ribeira. É preciso fazer comprehender a topographia do sitio ameno. De todos os lados em derredor desciam montanhas com arvoredos mais ou menos copados assombreado o lohar formoso. É de não perder de idea, que o dia tinha sido calmoso, e que alli o sol se estendia coado por entre as folhas, produzindo uma frescura agradável e vivificante.

Seria talvez aquella ribeira uma corrente forte no inverno porem agora apenas apresentava uma lymphá tenue e sem força. As innumeradas pedras soltas e pulidas, que cobriam o chão, é que attestavam, que por ali passava agoa por habito.

Ao desembocar ali, o largo era poetico, no meio em frente havia o outro caminho, que seguia subindo, e que era evidentemente o caminho a tomar, e formando com elle dous angulos rectos, um para cada lado, e corria a ribeirinha modesta, que se passava quasi a pé enchuto com dois saltos.

Para qualquer dos lados a viela da agoa era estreita, e amparada por terra elevada em parallelas.

Da banda esquerda havia n'um ponto um pouco elevado uma casa de mesquinha apparencia, que mesmo por isso ali lindissima. O telhado era renovado, e uma linda parreira coberta de folhagem e uvas a tornavam mais encantadora. Quando Pedincha chegou ali, apesar de não ser poeta de afinação campestre, sentio-se não direi arrebatado, mas contente e agradado da cousa. Entender é para poucos, mas gostar é para todos. Se entender é fructo quasi prohibido, gostar é fructo quasi forçado.

Para arrancar Nicolau a gostos de intimo seutir lá estavam as mulas em commissão permanente.

Nos animaes dásse o mesmo, que na maior parte das pessoas. De tres cousas a seguir, a que se perfere é a peor. As bestas foram da maioria. Da união nasce a força, e por isso as matorias hão de ser sempre o valhacouto dos debeis fracos de espirito ou de corpo.

Uma corrida mui fóra da esperanza do caminhante despertaram-o e fizeram-o olhar, para o que produsira o estrondo, que o fizera saltar.

Eram as duas mulas, que cada uma d'ellas tornava a correr de carreira para as azinhagas ou viellas da agua, mas indo uma para a direita outra para a esquerda.

Entre nuvens de espanto e raiva nascente viu o martyr nuar das sombras fugitivas, uma para um lado, outra para o outro; uma sombra côr de castanha, e outra preta.

Eram as côres das mulas.

Já se vê pois, que quando fogem não mudam de côr.

O cavalleiro despendeu do intimo uma grande multiplicidade de — *chós* — mas tudo era baldado. Os *chós* voltavam ao coração

Volta atraz!.. Mas para que é repetir o que elle disse? Ispერიდიão repetiu, tanto quanto sabia, a escalla da musica das cavalgadas, pela solfa pesada e apimentada de um arrieiro a ferver.

As bestas param insensíveis. Aquelle Narciso não achava Ecco possível nos corações quadrupedes. O Adonis quiz ir tambem mirar-se no rio. De feito entre blasphemias contra tudo, que ha terrestre, e até mesmo contra o proprio ceu, Nicolau apeou-se, e correu para um dos lados, a agua fez

que parásse, porque nas estreitas azinhagas ia de léz a léz com dois a tres palmos de altura.

Não podia fazer mais do que mirar-se nas agoas.

O que havia mau de um lado, era peor do outro.

Neste momento Nicolau Isperidião da Cunha perdeu a cabeça, azedou-se como vinagre superfino, maldisse tudo creado e para crear, do santo do seu nome e até de si.

Nem nas profundas do inferno, bradava Nicolau fullo de raiva e ardente de desesperação, ha casos como os que a mim me acontecem... Nunca aconteceram nem ao proprio Belzebut. Maldicta a hora em que sahi de casa. Excommungados sejam os banhos

Inda que elles me podessem fazer bem, indo assim reduzido a sangue de bugio, o bem... só se fôr *estendendo a botta*... e indo para os anginhos. Que estradas, que tempos, que sustos, e sobre tudo, que bestas!... Deus do ceu! Tenho o corpo como sallada. Nem pelle já trago por... muitos sitios. E estas infernaes mulas, não se contentaram com o tormento *d'indágora* querem-me torturar até ao ultimo suspiro! Duas vezes dei dinheiro á rapariga... por signal, que era bem boa... sempre dei-lhe um beijo..

Um suspiro saudoso suavizou tantas magoas por um instante para breve continuar:

E o diabo do arrieiro sem apparecer?! O que andarás a fazer aquelle estúpido?! E se elle perdeu o dinheiro..... Quem o aturará?! Demais coitado é!.... Que contas darás de si?...

No meio de tudo Pechincha tinha optimo coração.

Já d'aqui não saio. As mulas estão paradas! D'aqui lá é um bom bocado, mas ainda as vejo... Deus queira que se não mecham. Esperarei. E que remedio tenho eu?

O relogio da fatalidade ainda não tinha parado.

Saltou mais um dente da róda, e o Pechincha deu um grito.

Acabava de ver o seu cavallo doente e cançado, agora mui gostosamente refrescado pela aragem, que se rebolava por sobre o chão arenoso do alveo do rio. Como os utensilios d'aquellas *animárias* de aluguel não são dos melhores, a silha tinha estalado, fazendo cahir o aparelho para o lado,

em quanto o cavallo se espojava com uma agilidade e robustez, que ninguem lhe suporia.

Seria talvez a visita da saude.

Agora arrebenta o aparelho!... Palavra de honra, que é já muito soffrer, agora tenho vontade de chorar!

O descoroçoado martyr de meia duzia de pequenas misérias sentou-se n'uma pedra a roer as unhas, a chorar, e a abanar a cabeça com furia.

Não queria o destino que aquella alma descansasse!

Uma vóz sahida sem elle saber de donde eccoou aos seus ouvidos, maviosa e consoladora pela adhesão!

Coitadinho, clamava de lá a vóz incognita, o que lhe tem acontecido!?... Tenha paciência filho de Christo. O que Deus faz tudo é por melhor. Se eu podésse sahir d'onde estou iria ajudal-o mas é-me impossivel!...

Ao primeiro som da vóz Nicoláu saltou espavorido; olhou para todos os lados: não viu ninguem: pela proximidade do som pareceu-lhe que vinha das proximidades da casa. Correu n'aquella direcção. Não se tinha enganado.

Era uma velhinha, cega, que estava sentada á porta.

Nicolau fallou com a mulher, que lhe ouviu a historia entre muitas lamentações, e que rematou por lhe pedir alguma cousinha pelo amor de Deus.

Nicolau deu a esmolla notando que todos pédem.... O rapaz era justo... o que faria se elle fosse ás grandes capitaes onde se não pensa n'outra cousa... isto quando se não rouba.

Soube que a velha tinha um filho que ia trabalhar no amanho de uma fazendita, que trazia de renda, e que não vinha senão á noute. A mulher propoz ao inconsolavel Nicolau, que esperasse com resignação, para ver se vinha o almocreve, ou o seu filho, porque então iria apanhar as endiabradas mullas, e arranjar-lhe o cavallo. No caso que o viajante quizesse continuar jornada, o rapaz o levaria até á proxima venda do topo da serra seguinte, ou então ficaria na casinha da cega.

A mendiga não offerencia nada agradavel, mas quem dá o que tem não é mais obrigado. A venda do cimo da serra é um pardieiro de trez palmos, com quatro de immundicie,

e onde os porcos se nauseariam. Procurar concluir a jornada até Coimbra ainda era idea de Pechincha, mas a isso obistou logo a velha ilucidando-o:

Não vê que estamos da banda de cá do Mondego, e que a cidade fica do lado oposto?... É preciso passar nas barcas, e ao sol posto acaba-se a carreira.

Era mais uma decepção amarga.

Ha dias aziagos em que o homem
Em profunda tristeza mergulhado,
S'esquêce de si mesmo, e se concentra
No mundo interior da consciencia !

Esta verdade pungente, e por todos os miseros mortaes bem conhecida por experiencia callava agora profundamente no animo do desditoso Pechincha.

Nunca as palavras de Magalhães, poeta brasileiro, lhe pareceram ter um tal cunho de verdade.

Tudo se conspirava contra elle? Onde estaria encantado o mal amanhado do arrieiro? Não tinham resposta as lamentações do pobre Pechincha entalado entre as bestas e a velha. As nuvens negras do desconsolo iam-se acastelando sobre aquelle pobre coração. Se alguma lagrima lhe assomava aos olhos era de fêl.... e fel quente.

Não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe !

N'um dia pompas e gallas,
Miserias no mesmo dia,
Já não tens c'roa real,
Monarcha, sem, monarchia !

O cerrado da noute da tristesa tinha estado muito dene-grido, para que Deus em fim se deixasse esquecer de lhe mandar um refrigerio. No longinquo ponto do horisonte luzio uma estrella fagueira e lympida.... Uma estrella? Não foi uma estrella só... foram mais... foi o sêtte-estrello... foi uma constelação.

Quando outr'ora o principe Theren, dignidade de muito mythologica memoria, naufragou na ilha de Créta, e que an-

dava perdido nas brenhas visinhas do palacio de Minotáuro, a sua primeira surpresa, foi ver chegarem muitas nimphas, em descantes de tróvas, e em danças lascivas e amorosas.

Faça o leitor idea a formosura que deveria estar cavilhada e atarrachada a nimphas, de poesia, e demais a mais mythologicas, e como n'aquella ardente belleza a derreter-se por sobre o valentão do senhor Theren, o não poria em gravitação volcanica.

Para mais ajuda as raparigas fallavam d'amor, procuravam Venus e Cupido para lhes deparar marido...

Já se vê que tudo isto transtorna... e dá com um homem no hospital dos doudos da terra em questão.

Pechincha não é para comparar com Theren, mas ás vezes um pigmeu tem seus pontos analogicos com um gigante. Foi o que aconteceu.

Nicolau Pechincha lançou os olhos ao espaço que o rodeava. A esperança esperneara n'aquelle animo feito em salada, e já se não queria pôr de pé.

Eis o instante da ventura!

Rasgou-se para elle o veu da desgraça, a esperança, se não se pôz em pé, sentou-se á espéra de que viria de novo, e o futuro pareceu menos avinagrado.

O que imagina que elle viu, leitor amigo?

Talvez pense, que era o almocreve, que voltara?

Enganou-se.

Se acredita que era o filho da velha... Tambem se enganou.

Não era um salvador, nem uma fragil talvez para salvar o pobre naufrago, tambem não era uma salvadora... Não senhores, eram nove. Nove salvadoras, nove táboas valentes de incontestavel salvaterio, nove estrellas protectoras, nove nimphas de Calipso extraviadas, emfim nove raparigas, como nove joias d'amor.

Mas que raparigas?! Não eram dadas ás frioleiras da agulha, nem da leitura, nem dos pianos, não... Ellas gostavam de vida fresca e arejada e livre, e por isso vendiam canastras, que traziam da sua terra para negociar em Coimbra. Eram lindas canastras nóvas, brancas, que as resguardavam do sol postas á cabeça.

Mas o que ellas tinham de melhor e de mais atrahente não era o venderem canastras?

Aposto que leitores e leitoras já sabiam isto?

As pequenas ainda nenhuma se podia emancipar pela idade, e só uma é que tinha tomado infusão de borrage por causa d'uma constipação!

Que mercado de esplendida saude?! Que florescente e encantadora mocidade?!

Digamos a verdade.... com vinte annos e esplendida saude não pôdem haver mulheres feias.

Era um ramallete de mimosas flores nascidas e colhidas na florescencia da mais esplendida madrugada. Haviam de rósas, violetas, assucenas.... em fim havia um composto admiravel, despertador de amores e de ternuras... uma condemnação fulminante ao celibato.... *phrase* antiga, e pouco usada.

Em fim não eram ramallete, nem eram papoilas nem madres-silvas, eram mulheres, e mulheres raparigas e boas.

A mocidade feminil ha força de todos os seus atractivos e encantos naturaes vinha ao encontro e em auxilio do nosso muito feliz e venturoso Nicolau Ispiridião da Cunha... mas Pechincha.

N'aquelle grupo encontrava-se de tudo quanto ha bom.

O mais difficil paladar tinha de ficar satisfeito.

Quem diria o que escondiam aquellas canastras?

O Taublas estava em propicia occasião de colheita saborosa.... pelo numero do genero, que alimenta e strangula amores de todos os tamanhos.

Havia ali a rapariga delgadinha mas *sucáda* de carnes sem deixar advinhar um principio da materia dos botões. Que tinha a sua côr pallida, e os seus olhos e cabellos castanhos, sem cousa nenhuma de espantar. Mas tudo isto juncto e accumulado no todo d'uma nimpha bucólica e serrana, que ainda lhe chegam os dedos para contar os annos, tórna-se muito agradável, e d'uma atração maravilhosa. Mas como no basar dos escravos ali se admiravam as variedades.... o peor podem é que se não podiam comprar.

Ha males que a fatalidade não evita, mas que a rasão não pôde nunca prever, mesmo acautelada.

Pechincha não teve em sér.... além dos serviços que havemos narrar.... senão os olhos que fossem felizes, porque o coração.... Esse ?.. Suou muito vinagre para entrar triumpante no atrio do templo da deusa de Cythéra.

Havia ali a rapariga pequenina, *reboluda, rochunchuda, a* mulher no véll... ou botão de casaca, com olbinhos azues claros, vivos, buliçosos, indagadores.... e porque se não dirá toda a verdade e *bisbilhoteiros*. Com sua bouquinha pequena, franzida.... d'estas que estão sempre a fazer juramento, que hão-de saber tudo quanto houver da vida do proximo, e da proxima, para ter o prazer de o assoalhar... e atirar em noticia correctá e augmentada a todos os seus conhecimentos.

Estas mulheres tem de ordinario as mãos e os pés pequenos, curtos, gordos.... pés e mãos esperançosos da redondeza. Os cabellos eram louros até mais não poder ser!... Estas mulheres louras ou são deslavadas, ou lavadas de mais. Não são as que tem mais vassalos na sua corte de amor.

Em geral aquella Alemanha e a Gran-Bretanha, são muito mais felizes nos inventos de machinas, ou de livros, que nem o diabo entenda, do que são na producção do genero femea do homem. Mas é de crer, que os seus respectivos Adonis vivam satisfeitos por que apesar de tudo, elles ainda são mais pyramidalmente guindados em impossivel do sympathico. O Tamisa e o Rheno são salobros para aquellas flores.

Ó venturosa Hespanha tu sim, tu é que és a terra da das *muchachas* lindas, requebradas, airoas. Vel-as flexiveis e aérias e divinas repicando a castanhóla, é de lhe pedir como o poeta:

Léva-me, ó lua contigo
Preso n'um raio dos teus.

A menina não tem rasão de se zangar por a assimilharem á lua, porque hoje ella é muito respeitada no systema planetario. Já lhe acharam olhos, e nariz e bocca... já lhe veem montanhas e... e desconfia-se que se procura descobrir as

edificações dos lunaticos, e os seus caminhos de ferro. Isto é agora e no tempo mythologico tambem era uma creatura muito decente. Lembra uma das nossas antigas meninas... hoje respeitaveis fêras fugidas ao Barnabó... que iam de madrugada ouvir missa, de capote e lenço, e chaile pregado no pescoço. Suspirava de amores por o seu Endymião, mas eram suspiros com toda a decencia. Nas horas vagas andava à caça dos passarinhos. Vejam que casto ente.

Mas ali havia tambem o hom typo peninsular, o que é adubado com gottas de sangue d'Arabia. Havia o olho azul formosissimo, de que o ceu invejaria a côr... se o ceu invejasse... ou lhe importásse com os olhos das raparigas.

Mas se elle se não importa, importamo-nos nós. Tracte das suas nuvens, e ventanias e borrascas, porque nós homens sublunares tractaremos dos olhos das Evas encantadoras. Os astrologos são da opinião do ceu.

Que bellas sereias morenitas conduziam as canastras? Tinham a tez da côr do ouro fulvo... lembravam a bella indiana de olhar ardente, dizendo luxuria e sensualismo até ao derradeiro suspiro. Eram destas formosuras de fogo que não estranham nem pasmam diante do amor, e da morte de Adrianna de Cardoville e do principe Dejalma.

Os olhos grandes bellos, rasgados, humidos... d'um azul escuro... ou antes d'um azul com raios de azeviche ou de ebano... Olhos com olháres tão penetrantes e mortypheros como os golpes das fléxas indianas. Os cabellos não tem côr perfixa... o que os vê, que os contempla, que se extasia diante d'elles, a ver-lhe os encantos, a maravilhar-se n'aquelle assetinado, a embriagar-se n'aquelles perfumes... nunca chega bem a saber qual é a côr mysteriosa de taes cabellos. Em Arcadio.... *Grilhões de Cupido. Adornos de Venus. Prisões de corações! Correntes d'amor!..... e.....* e muitas cousas mais. Para mim hão-de ser fôrmosos cabellos d'uma mulher pasmosa pela sua belleza surprehendente.

N'aquelle momento o Pechincha queria ser canastreiro, e eu tambem queria... e talvez o leitor... A leitora essa é que por certo acha isto peta. Bonitas mulheres sem *cui*, isso é que não é possivel.

A proposito quero dizer a v. ex.^{as} o que tambem outro dia me disséram. O caso foi assim!

Diga-me vossê sabe porque as senhoras trazem cuia?

Por ser móda. Respondi eu.

Só por isso não a traziam porque a cousa é ridicula de mais para se poder tolerar.

Então não vejo nenhuma rasão plausivel?

Eu lhe digo. É de supôr que tenha ouvido dizer desde tempos immemoriaes — *que a mulher tem cabeça de vento!*... *que a cabeça d'ellas é traste de luxo!*... *Que as cabeças da mulher não pensam!*... Chamam-lhe — *ventoinhas, e cabeças d'avelã!* Ora estas cousas todas não digo que matem, mas sempre molestam. Tanto repetiram a cousa que as mulheres de todas as nações...

Foi uma cousa tão bem combinada como a expulsão dos Jesuitas pelo Marquez de Pombal... em toda a parte e á mesma hora.

Dizem por ahí... disse uma repetindo os taes atrevimentos... Ora nós não podêmos mudar, porem podêmos-lhe dar um *cheque* que fará inveja ao senhor de Bismark, que é pelos módos um espertalhão de mão cheia... é isso o que quero propôr.

O que é? O que é? Berraram, gritaram todas com uma curiosidade capaz de comerem todas as maçãs não do Paraíso, mas da Praça da Figueira.

É usarmos nós de duas cabeças? Uma para tráz outra para diante.

De duas cabeças?... As circumstantes ficáram com caras tão aparvalhadas, como as dos deputados quando lhes chega um decreto para dissolver as çamaras.

Fazemos uma cabeça de trapos... Não a hão-de achar leve, nem d'avelã... e demais, dous é mais do que um... Quem tem duas cabeças pensa com uma, em quanto a outra descansa. Hão-de pois respeitar-nos pela mesma rasão que se respeita o czar, porque vamos ter uma grande multidão de cabeças ás nossas ordens.

Aqui tem porque nascéram as cuias. Não acábam.

Não, não, só quando se convencerem que a cabeça nova e artificial *talvez* ainda pense peor do que a outra.

Apparecia ali tambem a mulher alvissima e d'olhos negros. Apparecia de tudo, para mostrar a imensa variedade de generos em que as creaturas feminis são formosas, e bellas e atrahentes. A mulher não é má, senão a mandar... porque manda sempre torto... ou então a causticar o marido... ou a entidade que o valha com ciumes furibundos.

Havia ali entes de alvura admiravel, que contrastavam com uns olhos de velludo negro... mas d'um negro que era galla de eterno amor. Uma quantidade de cabellos eguaes, que soltos cobririam as suas donas desde a cabeça até aos pès.

Mas tão córadas, tão seductoras... e demais deviam tambem ser virtuosas a ser verdade o que disse Diogenes — *que o vermelho é a cor da virtude!*... Esta boa maxima do excellente philosopho que não queria que Alexandre lhe tirasse o que lhe não podia dar.... Escuso dizer que era o sol, que lhe tirava fazendo-lhe sombra, contrasta d'um modo estranho com o dizer de Francisco I

A mulher sempre varia,
Tolo é quem na mulher se fia.

Seja em fim lá o que quizerem esta invasão de tropas auxiliares. desenhou-se no horisonte, e desceu por ali abaixo em palestra alegre e folgasã. Foram-se aproximando, e só muito depois d'este momento é que o nosso martyr Pechincha pôde apreciar e admirar os encantos que nós já posémos em esboço ao pio leitor.

Quando as folgasãs raparigas viram o cavallo deitado, o aparelho em divorcio, e Pechincha de braços crusados á sua espèra, dêram todas uma gargalhada afinada, como a dos doudos do — Ritorno de Collumèlla.

Nicolau pensava, que o caso não era para rir.

Minhas queridas e bellas cachopas, disse o mancebo com vóz assucarada em ponto de rebuçado, vão aqui acudir ao seu proximo em trances de agonia.

Veja se lhe acódem, coitadinho.

Era a velha que fallava lá do seu esconderijo.

As moças olhavam-se admiradas e perguntavam a si mesmo com curiosidade crescente:

Que diabo terá o homem, estará damnado ou doudo?

Nicolau comessou a contar a historia, mas as raparigas lá lhe pareceu que o conto era comprido, e uma d'ellas, talvez a mais insoffrida disse:

Pois sim... *Vossé* já acaba a *lenga-lenga*, mas ajude-nos primeiro... dê-nos uma *demãosinha* para nos descarregarmos d'estes fardos.

As canastras assim mesmo ainda hão-de pesar...

Podéra não, respondeu uma espevitada a Isperidião, se ellas fossem de vento, é que se levavam a si.

O mancebo rio.... ou gostou da graça, ou pensou que ali o seu papel devia ser todo risonho.

Ora, digam-me, minhas joias, não encontraram por a estrada um homem... um almocreve?

Nada, não encontrámos nem *viva alma!*

Nicolau concluiu a sua historia, contada já bastas vezes, por entre as gargalhadas das pequenas. Ellas todas choravam a sorte do arrieiro, mas dentro em pouco comessaram a rir e a folgar, e dizerem suas gracinhas... lá das da *móda* dos suburbios da serra do Carvalho. O nosso homem, agora campeão feliz de nove deusas, tinham-lhe tirado cem arrobas de cima do costado... tinham-lhe dado uma alma nova... Até já ia abrindo olhos atrevidos e poucos castos para ver as suas amaveis protectoras tão a proposito enviadas por o ceu... dos entes *Pechinchas!* Já se achava com forças de dizer a cada uma d'ellas com a mão no coração:

Se cuidas, menina
 Que eu seja perjuro,
 Pois olha eu te juro,
 Um raio me parta,
 Me abraze um corisco,
 O diabo me leve,
 Se eu falso te fôr.

Era necessario comessar a pôr em movimento aquella caravana.

Uma das raparigas... eu não lhes sei os nomes... haviam ali Polycarpas e Brites... ou Annas, Maganas, Rebecas, Suzanas, uma d'ellas fosse qual fosse disse então:

Vamos, não seja tudo tagarelar. Venha cá meu janota dê-me cá um auxilio e vamos a comessar o trabalho em quanto o diabo esfrega um olho.

Prompto e com todo o prazer.

Nicolau não se fez esperar, foi para a primeira... foi para a segunda... depois d'umas ás outras, e a final não fazia cousa nenhuma.

As raparigas eram desembaraçadas, eram d'estas que chamam boas mulheres de trabalho, em fim voltavam uma casa de cima para baixo.

Uma Engracia ou Aldonsa aproximou-se da ribeira, e crusou as saias por baixo das pernas, mostrando cousas muito bem acabadas, e que Nicolau viu com um prazer extremo, e meteu-se á agoa, passou a dianteira da mula, e lá a fez voltar para o terreno enchuto; mas outra canastreira fez a mesma operação do lado oposto, e finalmente o pobre e extenuado Nicolau Pechincha viu juntar-se a sua tropa rebelde. Em quanto isto se fazia as outras não perdiam tempo, antes todas trabalhavam.

Uma poz de pé a azemola, que era a vergonha da burra do proprio Sancho Pança.

Outra foi arranjar a silha. Tirou do bolço uma navalhinha e abriu um golpe no furioso atanado que servia de aperto ao animal, depois fez um nó na outra parte quebrada, e lá lh'o introduziu para remediar. O aparelho arranjou-se, tudo estava prompto.

Ora aqui tem o meu fidalgo...

Tudo prompto e lesto. Disse outra, e retrucou terceira. Onde não chega uma mulher, não chega nada, os homens são uns *choramingas*.

É porque eu estava sósinho.

Vossê o que tinha era medo de se constipar.

Era, era, era mêdo da agua.

Estes bonecos de alcorce parece-lhe que o ar os léva.

Era um tiroteio, que o Pechincha não podia deixar de sofrer com paciencia e resignação.

Vamos a andar, que são horas, gritou uma d'ellas basta de palavras, a barca em sendo ao pôr do sol não tórna a passar, vamos a caminho.

E o maldicto arrieiro, que não apparece, murmurou consigo o infeliz Nicolau, que posto que estivesse livre d'um trance tremendo, não podia deixar de estar aterrado com a idea de passar barcas, e ir para Coimbra, onde nunca tinha ido, sem saber caminho, nem carreira. As raparigas tinham sido anjos do Senhor, mas era de crer, que aquelles anjos batessem as azas e fugissem para as suas paragens.

A caravana pôz-se em andamento; as pequenas poséram as canastras ás cabeças, Nicolau declarou que ia a pé, e assim; deu alguma cousa á velha, e comessaram todos a sua ascensão.

O coração do moço estava primeiro impressionado levemente por todas as suas companheiras e protectoras, mas depois de examinar bem tinha assentado como ponto decidido que a melhor de todas aquellas Maritórnes era uma Libania trigueirinha.

Esta rapariga era de regular estatura muito alva e rosada, com lindos olhos, lindos dentes e superiores cabellos. Alem d'isto tinha umas covinhas nas fâces, outra na barba, e ainda mais duas nos roliços braços.

Nicolau já tinha feito assim um preludio de declaração, mas tinha sido recebido de *chacôta* e de *caçoada*. Não ha nada peor.

Quando a mulher se zanga, e regeita. mas tóma a cousa a serio então — O barco vai n'agua — mas quando responde a rir, o granito não se moveu.

Apesar de tudo Nicolau ia com ella atrás de todas e iam ambos conversando no que muito lhes... interessava. As raparigas das canastras tambem subiam e palestravam a seu sabôr.

Ouçámos o que dizem Nicolau Pechincha e a Libania.

Ora dize-me cá minha pequerrucha?...

Ai!... retrucou ella, d'onde me conhece que tanta festa me faz.... Andou comigo na mestra para me tractar por tu?... Como me tracta o pae e a mãe?

Isto foi um modo assim não sei como! Balbaciou elle.

Porem se voce me cê não quer não a tratarei por esse modo... posto que seja o mais lindo tractamento.

Cá por mim tracte lá como quizer.

Então sempre é verdade que dás licença?

Visto que faz tanto gosto não ficámos zangados por isso... Faça-se-lhe a vontade.

Vamos então ao que importa e ao que eu muito desejo saber... mas com franquesa.

Diga lá que eu responderei.

Gostas de andar constantemente n'esta vida da estrada?

Não desgosto... como fui creada n'isto.

Comtudo não querias antes ter uma casa, creados para te servirem, e bom ouro para fazer cegar todas as tuas injejosas companheiras?

Olá, se gostava quem dera um d'isso... mas essas cousas é que não são para a gente pobre.

Pódem ser para ti, sou eu, que tudo isto te darei se tu quizéres deixar esta vida e vir comigo.

Porque tem por lá algum amanho de pórcos, ou de barrella, ou de lavoura?... Olhe, que eu de mais não sei nem *patavina*.

Não tolinha tudo isto eu te quero dar porque te amo desde o momento em que te vi.

Nicolau enlaçou a cintura de Libania!

Alto varêta. Repliou ella toda azêda e sacudindo-o com força. Pregue mas não bata no pulpito. Então...

Ouve cá ou Anna Felpuda então cá o *chóchinha* não me sae atrevido dos quatro costados... Quando estava a chorar ao pé das burras não era tão *valledevinos*! Agora o caso é que é de rir!...

Nicolau mordeu os beiços até fazer sangue, ao mnito que tinha de desejos, e mais *av alguma cousa* de amor, junctou-se-lhe uma grande porção de capricho. Tudo isto cresceu como pão fino e bem fintado no animo de Pechincha, quando se viu saudado por umas insolentissimas gargalhadas saidas das fauces d'aquelles nove diabretes. Calculou elle, que o estrondo da peça do Paulo Cordeiro, era menor, porque elle ia ficando surdo e cego por uma vertigem.

Que grande ratão, bradou de lá a Anna Felpuda, vossô

pensa que é *um cuida e elle é outro*. Olhe que nem todo o mato é orégãos. Por se andar na estrada a ganhar a vida, não se deshojra ninguem. Temos ido lá á *Nobre cidade...* temos lá visto saccas de carvão (1) com melhores bigodes que vossê... e bem fallantes, como um livro, e ainda nenhum se atreveu cá com a gente.

Depois d'esta jaculatoria Nicolau Pechincha sentio-se com a cara a uma banda, como se tivesse tido uma apoplexia. Engulio, achou rasão, admirou as proibidades de passeio, mas resignou-se.

N'esta occasião surdio do grupo uma vozinha aflautada, que lhe veio dar a ultima enchadada na cóva.

Mais valéra que o Unhas de fome abrisse os cordões ás bolças... estivemos ali a trabalhar como mouras... lá para elle... e nada de novo... Vem então fazer-se *fino* com asneiras... Não ha caso assim.

Minha rica filha, ainda me não fui embora.... estas palavras eram dictas vermelho até ás alvas dos olhos... Tenho tensão de as recompensar muito bem... Nunca fiquei devendo nada a pessoa alguma, quanto mais ás donas lindissimas de tão lindos olhos.

E elle a dar-lhe, resmungou outra, págue o serviço que lhe fizéram, e deixe lá os olhos de cada um. Cada qual é como Deus o fez... *Vadé retró Satanaz!* Que não venha o diabo ou quem nos dê quebranto.

Agora estamos nós a chegar á venda da serra, e sêde não nos falta... Uma Polycarpa é que mostrava o seu estado sequioso, e a sua predilecção por Bacho, e pelo grande patriarcha Noé. Agora é que se quer ver a bisarria.

Alli vamos a beber até não quereremos mais.

E a comer, acrescentou outra, porque lá isso de beber sem comer, é cêgar e não ver.

Não ficava por aqui ainda a contribuição. A tal declaração de ternura tinha de custar muito cára.

Ha-de pagar-nos a barca.

E'isso quanto é então?

São dez réis por cabeça.

(1) Nome que dão aos estudantes.

Então é uma bagatela.

E outros dez réis por cada canastrada.

Tudo se ha-de arranjar em harmonia.

O diabo do *farçóla* vae entrando *no rego*.

Continuaram o caminho, e o Pechincha voltou ao *caváco* com a sua querida Libania, tão cruelmente para elle interrompido.

Tu ainda agora, comessou elle zangaste-te comigo, e sem rasão nenhuma. Pois não ha muita rapariga que vive com alguém de quem gosta... mesmo sem serem casados.

Não me volte ao *sucairo*, que não quero essas conversas. Conte alguma cousa de santos, ou de bruchas, ou então calle-se e deixe-me em paz.

Mas dize-me, insistio Pechincha querendo prescrutinar o motivo da obstinação, lá por a terra não tens nenhum Manuel... ou algum José?...

Tenho, tenho lá muitos Manueis, e Josés, que são tanto meus como são de vocemecê.

Digo algum Manuel, que t'arraste a aza.

Lá os Manueis da minha terra não tem azas... só se forem algumas de pau que apanhem na venda.

Pergunto se não tens namorado?

Não senhor... não tenho, nem tampouco quero!

Pois tu não queres também casar?

Isso lá, também... Ha-de ser o que Deus quizer.

Mas sem namorar como has-de casar?

Não são cá percisos namoros. Libania prevenio por gesto intimativo que ia tomar a palavra para explicações. Eu costume ouvir o que me dizem as pessoas, que são mais velhas do que eu, e que tem mais juizo, e que sei que não me dizem senão o que é direito.

O que esta gente me diz é o que eu faço. Pouco me importa cá com o que me dizem os «franchinótes» como vossê e outros quejandos, que diz o Padre Prior, que o que querem é desgraçar as raparigas cá n'este mundo, e abrir-lhe as portas do inferno no outro.

Maldicto Padre Prior! Balbnciou Pechincha.

A minha mãe diz-me — Acautela-te com os paralvilhos da Nobre cidade... depois do mal feito não tem remedio. O meu

pae brada o mesmo. E o senhor Padre Prior diz que só deve viver homem com mulher.... quitando os irmãos, e os paes e os filhos.... lá isso já se vê.... só aquelles que forem casados.

Então d'esse módo nunca tiveste namorado?

Não senhor; e não sei para que isso sirva?!

Para comessar a tractar do casamento.

Nada; isso é lá com meu pae.

Pois não quer escolher ... Todos lhe servem?

Todos não, mas eu lhe ponho tudo em pratos limpos.

Vem um qualquer moço lá dos da minha criação lá da terra e comessa a dizer-me — Ó Libania para aqui! — Libania para ali! — Libania para acolá! — e vae eu digo-lhe logo! Se elle não me agrada, e é muito mal amanhã!... Olha rapaz. não pèrcas o teu tempo porque eu não gosto nada de ti! E tanto lh'o digo, que elle não tem remedio se não acreditar! Agora se o homem é galhardo... e não destôa... digo-lhe: Vae ter com meu pae e com o Padre Prior! Para conversas é que eu não estou... que não quero viver com a minha alma condemnada!

Pois o Padre não sabe o que diz...

Não sabe o que diz?... Tornou ella espantada e quasi excomungando o pobre Pechincha. Sabe tudo que está escripto nos livros, e tem até lá um livro, que diz estas cousas, que elle ensina, que foi escripto todo desde o principio até ao fim por a propria mão de Deus.

Pois minha querida Libania, prorompeu Pechincha em tom dogmatico, deixa lá fallar teus paes e o Padre, porque o que elles tem medo é que tu para ahí te juntasses com um *Jan Ninguém* sem eira nem ramo de figueira, e que ficasses desgraçada. Mas ha muitas raparigas que vivem felizes toda a vida com os seus amantes. A vida em peccado mortal?... Isso são palavras. Deus é bom. O amor é forte. Ha sempre tempo de arrepender. Tóma o meu conselho. Vem comigo. Eu me entenderei com teu pae. Nunca te ha-de faltar nada. Quero-te dar dinheiro para comprares uma fazendita lá na terra, com casa para morar. Havemos lá ir muitas vezes. Agora em Coimbra compro-te roupa... muita e boa... Has-de ter bom ouro.

Pois sim, lá isso sim compre o senhor o que quizer, tornou a pyrronica Libania, que tudo lhe agradeço... mas isso de viver um com outro, isso só quando formos á igreja ás benções do sr. Padre.

Queres antes casar, replicou elle como uma polvora, com um animal, um burro d'um serrano, que se vae embebedar para a taberna, e que depois venha para casa e que te desanque os ossos.

Essa é boa... Libania já não estava nada macia, se se embebedar é porque é sua vontade, e se me batter... batte no que é seu... É meu marido pôde dar-me... quem dá o pão dá o ensino.

Pouco mais ou menos iam os negocios do Pechincha n'este estado, quando se comessou a sentir a lamuria do arrieiro. Pobre homem... Eram umas poucas de libras de que tinha que dar conta... O infeliz tinha perdido toda a esperança. Que fazer? Lembrava o suicidio. Tudo era desesperação. As consolações eram debalde.

O arrieiro estava n'uma posição desesperada.

Chegaram á venda. Era muito para ver como os copos de vinho e o pão e as sardinhas frictas desapareciam, sepultando-se nos lindos jazigos das formosas canastreiras. Libania bebia como a que bebia melhor.

A algazarra era imensa, as gargalhadas não tinham conta, nem peso, nem medida.

O miseravel almocreve encostado á parede com as mulas na frente, estava triste como um patêta colhido em flagrante. Ou como um actor pateado.

Beba uma pinga e coma! Instava o patrão.

Oh!... pois eu posso ter vontade de comer?

As tristezas não pagam dividas.

Tomára eu, que Deus me matasse.

Vossê ha-de dar remedio ao mal, faz-se uma subscripção, os seus amigos hão-de protegel-o e valer-lh-e, eu hei-de dar, lhe o mais que poder.

Muito obrigado.... Mas que desgosto?!...

As lagrimas assomaram aos olhos do desgraçado.

Pagas estas palavras á comiserção sincera Pechincha foi para onde o chamava o seu travesso coração.

Os amores estavam agora ainda peores do que antes.

Ha momentos supremos que decidem da vida das nações, assim os ha tambem, que decidem da sorte, e mudam a existencia das creaturas. Um casamento feliz.

Um tio que morre a tempo, nem tarde, nem cedo.

Uma sorte grande aos trambolhões pela porta dentro.

Um instante quasi d'estes estava a rebentar.

Quando a frescata estava n'uma temperatura dos Tropicos, ouviu-se de repente um grito furibundo.

Foi um grito que espantou como espanta o primeiro *rum-pante* da musica de pancadaria n'uma festa d'arraial. Foi um grito com um estoirar estridente como o da foguetada que rebenta nos ares na entrega d'um ramo de mordomo em festividade religiosa. Quando se ouviu o grito, viu-se tambem dar um salto furioso e frenetico.

Ai! que elle cá está.

Era o arrieiro que bradava, e era elle que saltava.

Acabava de encontrar o seu querido dinheiro.

Mas aonde, é que o leitor não advinha?!

Mui comodamente pendurada a bolça de lã pelos seus gróssos cordões. O almocreve tinha-a no bolço do peito, e n'uma volta que deu ao arroxo enlançou-se-lhe e tão bem que não havia tiral-a.

A leitora deve lembrar-se, que lhe fiz notar a junção, que ha do arrieiro com o animal n'este aperto.

De sorte, que andou a mula endiabrada por mattos e restevas, por agoas, e por sérras.... todos a viram.... camponezas, canastreiras, Pechincha e o proprio arrieiro e ninguem via o que estava pendurado na maior publicidade.

Não é nosso intento descrever a alegria do arrieiro, o afortunado ficou quasi louco.... Então sim, então bebeo.... Fez-se Jupiter, Mercurio, Ganimédes, tudo... ria, chorava, abraçava as raparigas... que se deixavam abraçar entre risos á conta do pobre homem ter estado tão magoado.

Esta estação era bella, mas tinha de acabar. As Cápua tem muitos inconvenientes. O Pechincha fez sabedor do seu amor ao almocreve, e este jurou-lhe logo um adjutorio de verdadeiro aliado.

Pagou-se tudo ali.... ainda assim.... Pagou-se? Pagou o

sr. Nicolau Pechincha, e não lhe soube o divertimento nada barato.... O arrieiro tinha achado o dinheiro, e a final de contas quem ia perdendo só n'este joguinho era o Pechincha.

Poseram-se a caminho; o almocreve foi todo Libania! Deitou abaixo a logica. Tudo inutil.

A mulher era bronze, era marmore, ou não ouvia, ou não entendia, ou era uma grande velhaca, ou uma honrada mulher ás direitas, ninguem lhe arrancava outra resposta, que não fosse:

Em nós sendo casados... Tudo o mais é peccado.

O que o almocreve alcançou de Libania e de todas foi ficarem nas Terras, que dista uma legua de Coimbra e irem só no outro dia.

Todos ficaram contentes, o Pechincha por esperanças, as raparigas por comerem á custa alheia, e por maior rasão o arrieiro, que tinha, sem trabalho, mais vinte e quatro horas d'aluguel.

Passou-se a barca, e chegou-se ás Torres. Foram para uma casa conhecida do arrieiro.

A ceia foi o melhor que podia ser. Presunto e ovos e vinho e fructas. Depois da ceia debalde Nicolau instou com todas as suas forças para que Libania fosse passeiar com elle para a quinta. A rapariga attestou que estava cançada, que o que queria era dormir, que bastava de massada!

A conversa ainda continuou, e ainda chegaram a um accordo. Foi o seguinte:

Nicolau resolveu Libania a ficar nas Torres, ao que ella assentió com a condição de lá ficar com ella a Anna Felpuda. Este negocio arranjou-se comprando o misero Nicolau as canastras da Libania e da Felpuda. Combinou que esperariam ali o regresso das suas companheiras.

O arrieiro foi encarregado de trazer chinellas, e meias, e lenços, e chitas, e demais a mais uma cadeia d'ouro com um pendente, e umas arrecadas de pezo.

O almocreve accommodava lá as suas encommendas e voltava quando as raparigas.

A caravana partiu. Todas faziam largos commentarios ácerca da Libania, e todas eram concordes em attestar que

elle perdia o tempo, porque a joven serrana era muito honrada, muito temente a Deus, e demais a mais tinha um medo do pai como d'um chaveco de Mouros.

Tudo isto conservava aquella estatua na consistencia e firmeza da memoria do Terreiro do Paço.

Os namorados não pensam, e na verdade o miseravel Nicolau Pechincha, já estava tão perdido, tão allucinado, que d'ali a doudo pouco distava.

N'este caso porem ainda aquelle espirito teve um lampejo de luz, que podia ser propicia.

Durante os cinco ou seis dias d'espera, queria elle ganhar tempo, ensinuar-se, fazer-se amar, procurar occasiões..... e mais do que tudo ver se mediante algum dinheiro perdispunha em seu favor a senhora Anna Felpuda.

Digamos depressa o resultado do plano.

Interrogada Anna, esta respondeu-lhe:

Se eu visse que ella era capaz d'acceitar as propostas de vossê... Não tinha duvida em lh'ó dizer... Porque quem corre por gosto não cança. Depois que dissesse:—Duro é e mal se cozeu!—mas fallo-lhe os *pontinhos da verdade*, tudo é malhar em ferro frio... A filha do Bocca Negra não se juncta... nem com o Rei... senão para bom fim.

Entre as conversas que teve com Libania chegou a ouvir-lhe com toda a claresa:

Morro por vocemecê, quem me dêra que fosse meu marido... se o não fôr tenho vontade de me atirar ao poço. Já fiz uma promessa a S. Antonio lá da terra de lhe levar uma vella do meu tamanho e ir descalça, se esse dia chegar... mas viver em peccado?... Antes morrer.

Pechincha não esperava por esta pechincha e ficou mesmo sem pés nem cabeça, preso pelo beijo e completamente perdido.

O caso já não era para muito menos.

Estava já decedido um grande problema, Nicolau Isperidião da Cunha, amava até mais não poder a sr.^a Libania por alcunha a Bocca Negra apesar de ter a mais linda bocca do mundo,

As raparigas e o almocreve regressaram, vieram as encommendas... tudo alegre e claro... eram d'estas cousas que

gritam por encarnado e amarello... Libania gosta de tudo até mais não poder.

No meio de tudo, ella estava louca de contente.

Poz a cadeia... vio-se ao espelho... mirou-se, tornou-se a mirar!... Estava toda desvanecida. Até não se me dava d'apostar em como olhava para as canastras... muito por cima do hombro.

Já havia outro plano formado.

Aquella *fatiôta* tinha toda de se fazer, já estavam mulheres para irem arranjar tudo.

Pôde o leitor fazer idea das obras que iriam fazer costureiras das Torres... Pobre dinheiro do martyr que ardia sem ninguem ter dó d'elle... nem o proprio dono.

A Felpuda ficava... Já se vê ganhando um tanto por dia em quanto lá estivesse.

Lá na terra diriam tudo ao pai... elle faria o que quizesse.

Nós sempre sômos uns grandes parvos quando phantasiarmos castellos na Hespanha.

Já Pechincha suppunha que o pai chegava, que se lhe abatiam as primeiras iras, e que depois mediante quatro centos mil réis o muito... seria elle mesmo, que o auxiliaria nos seus desejos.

Quod volumus facile credimus!

Pechincha tinha ouvido contar tantos casos extraordinarios, e monstruosos, de mães e de paes, que vendiam as filhas!... tinha esperança.

Estes casos que tanto o tinham horrorisado por infames, não lhe pareciam agora de todo maus...

Dava elle a si boas e excellentes rasões:

Se os paes veem que a pequena que vai bem amparada... se o homem que a leva é um homem capaz... se em fim amparando a filha amparavam a sua velhice!...

Nunca lhe tinham lembrado estes tão justos motivos e só agora é que vinham á suporação!... O que é achar-se o triste mortal com a ponta do rabo entalado sem esperanças de a poder desentalar. A nossa rasão é a rainha das tintureiras, tinge tudo de todas as côres conforme lhe convem, sem o menor utensilio.

O que Pechincha não sabia era quem era o sr. Antonio Bocca Negra. Era uma especie d'animal muito pouco para inimigo. Era um Hercules... mas em vez de valentia tinha brutalidade. Alto, robusto, patriarcha da sua tribu, fazia-se respeitar como o primeiro. Todos tremiam d'elle, era-amigo da mulher e dos filhos, mas só se fazia a sua vontade. Era fanatico em pontos d'honra, e adorava os frades, e os conventos. Chamava a estes liberaes os phelisteus... mas altar e throno tinha-os no coração. Em fim era um carvalho velho que não dobrava. Era chamado por arbitro em muitas questões e a sua opinião era uma escriptura. Muitas vezes diziam:—*Foi uma providencia que a este homem lhe desse para bem, aliás com aquelle genio já tinha mortes ás costas!*—Apezar d'isso quando se via mettido n'uma desordem dava bordoadas a valer. Um dia sósinho varreu uma feira com um varapau, escapando-se sem ninguem lhe poder tocar nem com um dedo.

Era este o Minotauro com quem tinha que se haver o fransino e debil Pechincha.

Apenas as raparigas companheiras da Libania chegaram á terra contaram ao pai toda a verdade.

Certificaram o amor do Fidalgo... Pechincha como tinha gasto dinheiro era fidalgo na opinião das boas serranas. O velho ficou logo de *candeias ás avéssas*. Ingetaram-se-lhe os olhos de sangue.

Todas as jovens juraram pelo honrado comportamento da Libania. Ao que elle respondeu:

Se assim não fôr não vive um instante depois de me ver... porque a mato...

A Anna Felpuda, que ficou a acompanhá-la é como vocecê sabe uma rapariga muito capaz que ninguem tem nada que lhe dizer.

Ninguem diz o contrario.

Todos ficaram *passados* de susto, mas não se ouviu nem uma palavra.

Ainda era alta madrugada quando o sr. Antonio Bocca Negra sahio de casa com o seu barrete deitado para traz, vestido de lavado e fato domingueiro, e seu varapau ao hombro. Caminhava assobiando e fumando.... fez a jornada

comendo bacalhau frito com ovos, que tinha trazido de casa, e bebendo agoa... porque é de notar que Antonio nunca bebia vinho.

Encurtemos o caminho.

Libania estava com Anna n'uma casa grande terrea, estavam dando alguns pontos e Nicolau tinha ido n'aquelle instante á quinta.

Foi exactamente n'este momento que Antonio se apresentou na vasta casa. Quando as duas o viram ficaram a tremer... nenhuma acertava em fallar.

Libania pallida como a morte ergueu-se convulsa e digna de fazer dó ao mais cruel, dizendo para Antonio com as mãos postas:

Sua benção, meu pae!

Retire-se, bradou elle com voz de trovão, filha indigna... cara sem vergonha... infame... perdida.

Por Deus sr. Antonio, atalhou com ancia e intimativa a boa Anna, não diga isso... A sua filha é pura como as agoas do nascente ou como as estrellas do ceu.

Tenho d'isso a certeza, replicou elle tirando do bolço uma grande navalha de mais d'um palmo, aliás já a tinha feito em boccados. O meu caso todo a deslindar é com esse brejeiro... que quer ser o seu seductor... onde está elle?

N'este momento entrava o Pechincha.

A vista d'Antonio atterrava-o, a vista da navalha aberta e do pau ferrado não era de perspectiva muito d'encantar.

Sr. Nicolau, é meu pai.

Meu sr. tenho a honra de o cumprimentar.

Aqui não ha senhores, nem cumprimentos, retrocou forte e energico Antonio. O sr. é o que tem andado a perder a cabeça e a reputação d'esta mulher... Ella é minha filha, e em quanto eu fôr vivo não hade nenhum patife gabar-se de que mangou comigo. Isto são duas palavras. Quero saber se o sr. quer casar com ella... n'esse caso tudo está prompto, tractamos dos papeis e tudo se arranja... Ella não é nobre mas é honrada... e vossê se não se fez fidalgo para a desinquietar, tambem não hade ser fidalgo para casar com ella. Se recusa. Vamos ali para fóra, quero-lhe quebrar os

braços, e depois de lhe dar muito murro, e muita bordoadada, quero-lhe enterrar esta navalha nas tripas sem a menor demora.

Mas sr. Antonio...

Não ha mas, nem meio mas.

São apenas algumas palavras.

Então diga, mas olhe que não gosto de massadas.

Eu tenho parentes de quem espero herdar e por certo me desherdariam se eu fizesse um tal casamento... era melhor a menina ir comigo... a titulo de creada... já se vê que eu lhe teria creadas para a servir... passado esse tempo casariamos e tudo ficaria feito.

Era isso tudo que tinha a dizer?

Era isto... Disse tudo.

Não quer dizer mais nada?

Não senhor, mas creio que tenho razão.

Agora fallo eu. Não sei se tem razão. O sr. ou é o primeiro tolo d'este mundo, ou um velhaco muito bregeiro... Creia que perde o tempo. O caso todo reduz-se a isto. Ou vossê já, já... vai tractar d'escrever cartas para a sua terra para eu lá ir arranjar todos os papeis, ou eu lhe vou aqui quebrar todas as costellas uma por uma.

Fallando assim Antonio agarrou no peito da camisa e do collete ao misero Pechincha, e atirou com elle d'encontro á parede, fazendo um ecco soturno aos ouvidos dos circumstantes... e muito desagradavel a quem lhe soffria o baque.

Pois vossê não considerou as heranças em quanto lhe parecia que isto era roupa de francezes e agora já quer ser rico por tempos. Eu não como a ceia aos asnos. A minha filha não percisa opulencias, porque nunca as teve... Lá se me crearam em casa rapazes e cachopas sem riquezas. Decida. Pegue n'um pau e vamos a ver quem as tem. Em o matando vou dar-me á prizão.

Uma sacudidella arrañcou os fragmentos da camisa e do collete.

Nicolau considerou, viu a sua imprudencia onde o tinha levado... era já muito tarde. Era fóra de toda a duvida que aquelle homem que o matava sem o menor escrupulo.

Nicolau escreveu algumas cartas que deu a Antonio Bocca Negra, queria dar-lhe dinheiro, mas elle respondeu-lhe que o não precisava, e accrescentou:

Olhe que se por aqui vai alguma *endrómina*, não ha canto no mundo onde vossé se metta, que eu o não vá buscar para lhe dar um murro no peito que lhe faça sahir o coração pelas costas.

Juro-lhe que não ha a menor traição.

Antonio Bocca Negra partio no outro dia.

Nicolau nem um simples beijo podia aventurar, porque a sua Laura ou Fiametta lhe dizia sempre.—Ainda não é meu marido!—Onde hasde ir não hasde mentir.

Sahiram das Torres para Coimbra, alugaram uma pequena casa, e para alli vieram costureiras desfazer as roupinhas e as saias, e fazer vestidos. As chinellas foram para a Anna.

Os pés pela primeira vez perderam pelo despotismo das meias a sua tão cara e tão doce liberdade.

Dentro em pouco Libania era uma senhora.

Dez dias depois da partida chegou o pai de Libania com os papeis que eram precisos para a celebração do casamento.

O casamento consummou-se finalmente.

Nicolau Ispერიდიão da Cunha Pechincha em vez de tomar banhos do mar na Figueira da Foz, tomou tres banhos de igreja na nobre cidade de Coimbra.

O velho Antonio não cabia na pelle de contente. Terminado tudo foram-se para as alturas da serra já casados. Estiveram na casinha do canastreiro, As companheiras vieram todas para verem o ditoso par.

É de suppor que cada uma d'ella dissesse a si mesma:

Porque se não daria isto commigo?

Aqui tem o sr. Nicolau, disse uma d'ellas ao noivo, o resultado das travessuras das cavalgadas. O casamento e a mortalha no ceu se talha. Guardado está o bocado....

Nicolau Pechincha viveu muito feliz, porque sua esposa era um anjo de bondade, trabalhadeira, e que se civilizou com presteza, e que demais nunca lhe tornou a recusar cousa nenhuma!

HISTORIAS A VAPOR

PRIMEIRA HISTORIA

AMARGURAS D'UM DIA SOLEMNE

Anastacio Theotonio d'Abreu Ramos, era um homem bem posto, principalmente aos olhos de sua mulher, mas era tambem para a opinião publica a creatura mais terrivel, que compete á força d'homens imaginar.

A differença opiniativa architectava-se no lindo e vetusto dictado—Quem o feio ama bonito lhe parece,—e na gellada indifferença com que o mundo extravagante mede e pesa o valor do proximo.

Aquelle rosto do senhor Theotonio era um livro bem fechado pela mão do caprichoso destino. Não tinha os sete sellos do livro do Apocalypse, mas tinha um que valia muito. Mysterio? Não era isso o que dizia o rosto. Aquella cara era a phothographia do zero. O olhar mais penetrante e prescrutador não abria o livro, a logração era completa. Qual seria a causa d'isto?

O leitor imaginoso já fantasia no meu Anastacio um hypocrita furibundo, que dardejará tetricas expansões no volver da historia? Creia que s'engana. Não imagine mesmo nenhum mal intencionado, que o senhor Anastacio Theotonio,

que é capaz d'esconder pensamentos reservados por egoismo. Não senhores, este homem nunca escondeu nada.

Passam ainda hoje em proverbio as monumentaes sovas, que elle em pequeno apanhou dos seus collegas de rapazio, quando jogava o—chicote queimado—que nunca pôde esconder com astucia e bom exito.

O honrado homem não revelava nada porque ninguem dá aquillo que não tem.

A sorte é a medida do capricho. A teimosia alvar do destino que embirra em pôr a dormir os espertos, determina acordar os parvos para eterno reviramento do mundo, que podia não ser tão *zanaga*. Mas que nos importará a nós com o mundo, se nós temos callado ao pensamento o que diz Genuense.—Procuremos d'alle o melhor systema.—A maxima é tão facil, que apraz colhel-a no jardim social.

Ora como a sorte é demasiadamente caprichosa, tinha querido adoçar a existencia d'este Anastacio com um rendimento muito capaz, de poder almoçar, jantar e ceiar, muito mais do que uma vez, com a sua numerosa familia, o que elle muitas vezes executava.

Os Anastacios em geral, não se parecem com Socrates. O honrado Atheniense comia para viver, e os Anastacios, vivem para comer.

A sua distracção mais de primor para a sua indole era passar o tempo na sua mercearia, quando não estava gosando as delicias do lar domestico, em que elle tinha muito que apreciar.

Os amargores esponsalicios encantam e atraíem.

É raro o rapaz que não gosta d'ameixas verdés. O casamento sendo o primeiro argumento a favor do celibato, prova de mais e não prova nada.

Como não havia Anastacio gostar da sua *tenda*!

A leitura dos jornaes é repasto para um animo burguez. Alem d'isso, que elle devorava ancioso, appareciam as conversações dos visinhos, as practicas do regedor e dos cabos, os tractados das eleições... Que alma entalada entre toucinho e manteiga pôde resistir a estes encantos!

Os elementos gordurosos infiltram-se nos poros e derram-

cam a alma fazendo suar politica. Como eram pundonorosas as suas investigações acerca da vida da visinhança.

Uma esposa com mais de cincoenta annos é uma preciosa reliquia de goso. É o symbolo da saudade esta querida metade. Que thesouro de recordações ella representa. Aquelle volume *in folio* d'outros tempos mais felizes estava ainda muito fresco, e apregoando primaveras. A passagem do equador da vida não a tinha emagrecido, nem encommodado cousa alguma. Aquella Anna Thomasia navegava possante de carnes pelo segundo hemispherio.

Que côres comprovativas de ser uma mulher sadia e de ter famosa robustez?!

O magnifico todo mostrava uma vigorosa saude. Dizia alguem da visinhança, que ellas atiravam mais para as bater-rabas do que para a rosa.

O homem é um animal d'habito, e por isso não ha nada a que se não acostume. Anastacio era marido e tinha-se collado desde a sua primavera esponsalicia, á contemplação em que se extasiava da sua cara metade.

Anna Thomasia era uma mulher bastante; não lhe faltava nada, nem em peso nem em feitio.

O microscopio moral é que poderia ás vezes apresentar as suas deficiencias. O que ella tinha em subido grau, e que o marido nunca lhe pôde mudar, era um apimentado de genio, que o obrigava muitas vezes a pôr o chapéu na cabeça, e a sahir desesperado e atordoado pela porta fóra. Não ha nada mais corrente.

Ora, digamos toda a verdade. Estas são distrações conjugaes! Quem ha conjuge, por mais feliz, que não tenha uma vez ao menos tragado essa amargosa maçã, que offertana fóra do paraíso todas as Evas aos seus martyres Adões?....

Pego perdão por ter encorrido no crime d'uma franqueza amarga, no tempo em que tudo se falsifica, mas a ingenuidade é um bello augurio d'um certo perdão!

É nosso dever consolar as frias leitoras dizendo uma verdade sancionada pelos seculos, em nome da logica, e do bom senso.

Não é justo desconfiar comigo.

Toda a regra tem excepções.

Havia neste ramalhete domestico trez flôres de equitativa formosura: eram trez filhas, vêras efigies do senhor seu pae. O jardim longamente amoroso não tinha ficado esteril. A benção de Deus estende-se a tudo, que existe no mundo.

Tambem existia em casa uma creada rapariga, nédia e corpulenta, e um creado, que altercava com ella sempre, mas, que se reconciliava dez vezes por dia. Diziam por lá, que o gallego homem de carne e osso sentia a bilis exacerbada por causa d'um certo alfêres perfeito raminho de taberna, que arrastava a áza á moça em questão.... mas questão sem pés nem cabeça.

O ciume é o demonio dos corações noveis.

O complemento desta pequena arca, eram dous caixeiros. Os rapazes eram novos, boçães, provincianos.... Está já entendido, que eram as duas victimas da casa. Todos mandavam os martyres, o que dá um triste resultado, é que elles, com grave amargura não podiam mandar ninguem. Que dôr. O que dista de moer a ser moido neste grande almofariz da vida.

Como nós dissêmos as filhas eram o verdadeiro retrato do pae. Para não traçar trez retratos esbocêmos o retrato do pae só.

Se existem algumas variantes podem ser supridas pela intelligencia do leitor. Por o paê devem comprehenderem-se as filhas.

Anastacio era um pouquinho mais alto do que um anão, mas pouco mais. Isto não era defeito, porque o que lhe sobrava em largura, era exactamente o que lhe faltava em altura.

O valor da horisontal, cohibia o da vertical.

A idade tinha-o reforçado muito, e a presistencia na sua merciarria tambem para isso tinha concorrido muito. Os olhos d'Anastacio eram verdes claros, como reflexos da mais tenra couve lombarda, mas eram resguardados por umas sobrançelhas demasiadamente espessas.

Isto era um deffeito pequeno no pae, mas tornava-se muito sensivel nas fillias.

Não ha nada mais horroroso para uma mulher do que é ter aspecto guerreiro.

A fê e o amor não se casam ao terror e á guerra, ainda d'apparencia.

Estas positivas indicações para tambor mór não são das mais attrahentes para o bello sexo. Que alentado pescoço, que tinha o honrado burguez?! Era um exacto chimboraçõ de refegos e volumosas rugas. Aquelles gordos adornos só tinham a vantagem de lhe occultar o nó criminoso do nosso primeiro pae.

As regiões thoracica e abdominal convergiam demasiadamente em elevações reciprocas, para uma especie de vertice que lhe sahia da altura do estomago.

Este é que era o filho perdilecto d'Anastacio.

As pernas e os braços eram possantes em diametros, menos todavia do que os pés e as mãos, que ainda primavam muito mais em largura do que em comprimento. Não era por extremo feia, mas o que tinha de repelente era um aspecto alvar que nota desagradava á primeira vista.

Isto não tinha sido rasão bastante para que o esposo tivesse deixado de ser d'uma fidelidade digna d'uma honrosa mansão nos annaes dos matrimonios felizes.

O retrato da fidelissima Penelope estava no seu quarto para obrigar o seu Ullisses a meditar n'aquella veneração pela honrada esposa do capitão troiano.

Estamos pela recordação historica em dia de sabbado de Alleluia. Espirou por consequente a magra Quaresma, deixando em fim vislumbrar no horisonte da esperança o gor-do e sncolento domingo de Paschoa.

O cordeiro, o perú, a boa vacca e porco, são as victimas da voracidade humana, e os substitutos 'saborózos do agonisante bacalhau.

Estava reunida toda a familia do honrado burguez :

O esposo e a sua *carissima* metade, as filhas tremebundas e collossaes, o moço e a moça, e até não faltaram á secção os soffredores caixeiros.

Neste entremente os labios d'Anastacio descerraram-se risonhos. Era horboleta branca para a familia. Aquelle sorriso foi d'um feliz agouro para a tribu, que contemplava com esperança de ventura o seu benevolo Patriarcha. Elle disse :

Vou dar a todos uma nōva feliz.

Todos perguntaram com os olhos cheios d'avidéz a si mesmo, ao mercieiro, e aos seus santos de maior devoção. O que seria a nova inesperada ?!

Ora lá vae, prosequio Theotonio d'Abreu, e vae em muito poucas palavras.

No abençoado e festejado dia de domingo da Resurreição fecha-se a porta todo o dia.

Aqui estasiaram-se de prazer unicamente os martyres caixeiros. Eram os que utilisavam. Bentham teve cada dia mais sectarios. Às 9 horas da manhã sahimos todos, e vamos para Chéllas, continuou o esposo em humor de rozas e amoras, eu deixo já aqui encommendado um bom jantar, no largo do Corpo Santo, e ordem para cá o mandarem por um moço, pouco depois das quatro horas.

A idéa era tão formosa e bella, que passou quasi sem a mais pequena opposição. Só houve alguém que preferia um jantar campestre. Abreu Ramos, porém, era christão de formas dos quatro costados, e por isso, não queria um jantar frugal em tão memoravel dia da christandade.

Já sabemos que esta foi a sua opinião.

Passou para aquellas deliciosas creaturas uma noite d'encantos. A ventura é o sol da alma.

Os caixeiros sonharam, que estavam a comer doce d'ovos com peru, e que já eram patrões.

A moça sonhou, que o creado era despedido, por lhe ter faltado ao respeito a ella. O moço vio em sonhos, que a sua companheira de serviço, que se tinha ido estabelecer galinheira, e que era feliz, longe d'elle. As raparigas sonharam todas que se tinham casado com alentados e robustos mancebos: que as adravam, e lhe obdeciam. Só Anna Thomasia é que teve má! pesadello, sonhando que o marido lhe era infiel. Era uma pinga de tinta negra que tira o acido *sulphurico* da reconciliação.

Anastacio saltou na cama com estremecimentos d'um baronato á porta, que lhe mandava Morpheu.

Passou-se n'aquella casa uma noute de Paraiso.

Rompeo um dia amoroso para festas e follias, alvo e claro vinha elle. Eram os Anjos que pareciam abençoar o propo-

sito da honesta familia. Todas as vistosas gallas da primavera eram adorno magnifico do dia do Senhor.

O honrado mercieiro sahio de sua casa, e disse para os seus familiares com bondade :

Vossês em sendo 9 horas devem estar todos promptos, e se eu por acaso me demorar podem ir andando de seu vagar até Chellas.

Morava esta boa gente na travessa de S. Francisco de Paula havia já annos. Era n.º 38.

Maldito e fatidico numero, que se tornou para todos aquellos innocentes muito mais amargo do que o mais extremo absynthio.

Anastacio foi ao largo do Corpo Santo, ajustou o jantar na hospedaria, pagou-o e disse para o locatário, com quem já estava d'acordo :

Então posso ficar certo?... O senhor manda-me o jantar ás quatro horas, sem falta, para a travessa de S. Francisco de Paula n.º 38.

Está dicto e tractado, respondeu o dono da hospedaria, pôde ir descansadissimo que lá lhe apparecerá o seu jantar, famoso e quente.

O esposo de Anna Thomasia, tirou o seu relógio e depois de se ter despedido, sahio, e tendo visto que eram mais de 9 horas, meditou. A maior desgraça dos tolos é meditar. Disse :

São mais de 9 horas, em consequencia do que combinámos já devem ter sahido, e então vou para Chellas. Se fôr com pressa ainda os apanho.

Dieta e posto logo por obra.

O pobre homem andou, andou e tornou a andar, mas não foi capaz de encontrar ninguem da sua familia. Decorreram assim algumas horas muito amargas para elle, até, que finalmente se resolveu a voltar para traz, conseguindo cheio de cansasso, chegar a sua casa ás quatro horas da tarde.

A mulher, pacifica e amorosa, a ternura da vespera, tudo estava trocado por uma verdadeira furia. Aquelle terrico sonho estava diante d'ella, como o monstro do Apocalypse, foi elle quem lhe despertou na alma aboborada sempre, a

idea terrível da primeira nodoa no pergaminho do juramento conjugal.

O homem jurara como jura a innocencia, jurava, mas o jantar tornado corpo de delicto, esse é que não vinha, e abysmava o martyr nos pélagos da duvida aparente.

A familia tinha sabido muito de seu vagar, quando Anastacio Theotonio já ia havia muito por essa estrada fóra, porque estiveram promptas só muito depois das 9 horas. Este costume das senhoras portuguezas é o apanagio ridiculo da sua falta de aptidão para... não serem apressadas senão em negocios de amor, e conhecimentos do proximo descautelado.

Depois de promptas ainda esperaram muito tempo. Divagavam no — talvez que elle ainda venha. — Quem sabe se não acharia o jantar? Talvez lhe esquecesse alguma coisa!? Pode ser que?... É possível que?...

Assim navega a maior parte das almas. O mar do — Parece-me — é a navegação da carreira dos tolos.

Foi tal o vagar, parando, e olhando, e mirando se vinha em fim o chefe da familia, que só conseguiram chegar ao meio do caminho, quando muito, perto das duas ou trez horas.

Novo conciliabulo, nova conjuração de Catilina.

Comessa então o cuidado parvissimo. O bicho do ciume levantou a cabeça no coração de Anna Thomazia para a galardoar com tormentos.

Assentou-se depois de uma larga discussão, que para diante é que era impossivel ter o homem ido.

Em ultima resolução, e ultima instancia voltaram para casa todos, aonde chegaram, cansados, desesperados, e quasi feitos sôpas de fel e vinagre.

O patrão, como é bem de supôr, não estava, e só depois de minutos, muitos, e longamente martelados pelo martelo da *espera*, é que chegou.

Assoudado e cançado vinha o pobre. O *estirão* não era para menos. O jantar é que preestia na contumacia de não vir. Depois de varias explicações amorosas ou ciósas para *antes da ordem do dia*, o jantar lembrou como era inevitavel, e lembrou entre mil attestados de fome justissima e impertinente.

Apesar da canseira de Anastacio, o tempo que não espera por ninguém, e a necessidade que se fazia sentir nos estomagos todos, poseram o honrado mercieiro a caminho para ir de novo para a casa de pasto, para indagar o motivo do sinistro.

Chegou lá. Uma desgraça nunca vem só. Que tremebundo golpe lá esperava o desgraçado?!

Então que quer isto dizer? Bradava o martyr enfurecido. O que é feito do jantar que eu encommendei?

Ora essa não está má, responde o hospedeiro, ainda vem a horas. Ha *que tempos* que elle d'aqui sahio.

Esta resposta do hospedeiro fez estremecer a victima.

O jantar por força que já lá deve estar.

Homem, isso que diz é falso.

Eu não costumo enganar os freguezes.

Mas comessará agora por mim.

Isso era ser um refinado maroto.

Depois d'este tiroteio alternado do *dize tu direi eu* dos dous adversarios, Anastacio quiz ir ás boas.

Ó homem, diga-me como é possível, que tudo seja como o senhor diz, se eu venho agora mesmo *direitinho* de casa, ponderou em ancias, nada macio, o marido de Anna Thomazia, d'aqui á Patriarchal Queimada parece-me, que não é muito longe.

O hospedeiro deu um pulo mordido pelo terror.

O veu negro do enigma comessava a despedaçar-se.

Quando o bom do homem cobrou um pouco de animo parou espantado e exclamando:

O que é que o senhor está a dizer?

Eu estou a dizer-lhe o que é uma pura verdade... Que d'aqui á Patriarchal Queimada, que não é muito longe.

Homem de Deus, ou homem de Satanaz, insistio o da hospedaria, o senhor não me disse, que mandasse o jantar á travessa de S. Francisco de Paula n.º 38, que era lá que morava?

Sim, disse, respondeu Abreu Ramos, e é verdade, móro na travessa de S. Francisco de Paula n.º 38 á Patriarchal Queimada. Porque diz isso?

Mas eu supuz, que era na travessa de S. Francisco de

Paula, ás Janellas Verdes, e por isso foi para lá que eu mandei o jantar á hora indicada.

Jesus, santo nome de Jesus, exclamou o infeliz, estas cousas só acontecem a mim!

Esta exclamação é patrimonio da humanidade, apesar d'isso os bens e os males vão-se repartindo.

O remedio, acrescentou com bom juizo o hospedeiro, é marchar quanto antes, para ver se ainda pôde salvar o jantar, que estava delicioso, e que é muito capaz de ter já cahido, nas unhas d'algun *maroto*, ou cousa que bem o valha, e que já se tenha regalado com elle em perjuizo seu. E olhe, que o que lhe estou dizendo é o mais provavel.

O culpado de toda esta *barafunda*, disse Anastacio cheio de cholera, foi o senhor e mais ninguem. O que lhe posso affirmar, é que quero... exijo um jantar.

O senhor parece-me que cahio da lua, repetio em tom de defensa de interesses o dono do *hotél*, que culpa tenho eu de que o senhor me não dissesse que a sua travessa de S. Francisco de Paula, era á Patriarchal Queimada?

E o senhor porque m'o não perguntou?

Porque eu sabia perfeitamente, que havia uma travessa de S. Francisco de Paula, ás Janellas Verdes.

Porem isso é que eu não sabia.

Mas eu é que não tenho culpa do que o senhor tambem não sabe.

Ha uma hora que lhe estou a dizer, que ha outra com esse nome na Patriarchal Queimada.

Essa é que eu não sabia que existia.

Em quanto o senhor está perdendo tempo, acrescentou o prudente e previdente hospedeiro, estão-lhe talvez a comer o jantar. Faria bem melhor em marchar por essa encosta acima. Olhe, que é um conselho de amigo. Não se demôre, marche. Quem vae encomendar uma cousa, explica bem, e muito bem para onde ella se lhe ha-de dirijir. Eique-lhe de emenda, de uma vez para sempre.

Anastacio engulia fel aos almudes, mas a bilis tinha ficado amortalhada na dor, e por isso apenas balbuciou com mais agonia do que desespero:

Quem podia advinhar que havia duas travessas com o mesmo nome?!

Anastacio suspirou, embaciaram-se-lhe os olhos de lagrimas, quasi que gemeu, mas tomou o conselho do seu adversario e partiu com a velocidade que pertence a um martyr estafado, que anda desde pela manhã, costumando não se mecher senão da sacca do arroz, para a barrica do feijão.

Saio, e eil-o a caminho. O calvario horrorisava.

Como aquelle caminho de S. Paulo, Boa Vista, e calçada do Marquez de Abrantes parecia crescer, e renascer mais dilatado na frente do pobre homem.

A tarde já batia ás portas do nosso hemispherio, e o sol continuava a declinar para o seu occaso, já quasi que desaparecia.

A victima da fatalidade suava, a bom suar, e já lhe parecia ouvir n'um proximo futuro, as amabilidades da esposa, mais insoffríveis do que os brados d'um orador desprovido na feira de Deus.

A fome não deixava de o atormentar. Anastacio não era dos que perdem a vontade de comer nos grandes trances dolorosos. A fome era assim a sua leal conselheira, amiga animadora, e tambem o carvão da locomotiva para marchar. Achara na irmã da peste o — *Deus ex machina!*

Anastacio levantou os olhos depois de alguns instantes de meditação. O que ha-de elle ver? Era o distico fatal da rua, lia-se em letras brancas em campo negro — Rua direita de S. Francisco de Paula.

Semiramis ante a sombra do Nino, esposo, Bangno fulminando os culpados, e... tudo elle traduzio n'um olhar sem despesas de scenario.

Ah! disse elle consigo, então sempre eu tinha rasão, esta é rua e não travessa. Procuremos o n.º 38.

Procurou, achou e batteu. A porta abriu-se.

O senhor Anastacio apesar de estafado e moido, tirou o chapéu com toda a civilidade, e perguntou com a voz mais doce de que pôde dispôr, olhando para a mulher, que lhe fallava do topo da escada, e achando-lhe já symptomas de lhe ter ella comido o seu tão fugitivo jantar:

Dar-se-ha o caso, minha senhora, de que por engano viesse aqui parar um jantar, que eu tinha encomendado, e que desapareceu?

Sim, meu senhor, replicou a mulher mui agradavelmente, aqui veio, mas eu disse ao homem que o trazia, que não era para cá, porem como o gallego teimava que era para a rua de S. Francisco de Paula n.º 38, lembrei-me eu de que talvez por acaso fosse para a rua nova de S. Francisco de Paula, e por isso enviei-o para lá.

O que, minha senhora?... Balbuciu Anastacio com a voz afinada na resignação sem esperanças, pois então ainda ha outra rua nova de.... ainda ha outra rua com semelhante nome?

Ha sim, senhor, é ahi para esse lado.

A mulher indicou a direcção com o braço, e Anastacio Theotonio d'Abreu Ramos sentiu primeiro uma vertigem, e pouco depois calafrios.

É muito perto. Suba por essa encostasinha acima, que é logo ahi. Não tem que errar.

As palavras consoladoras quasi que não tinham ecco n'aquelle coração amortecido. Depois de ter chegado até ali não havia que hesitar. O pobre infeliz tinha procurado um dia de ventura, e só tinha achado o meio de se cansar até mal poder arrastar-se.

Porfiou e alcançou. Lá foi.

Appareceu a rua nova de S. Francisco de Paula, e pouco depois o n.º 38. Eram uns poucos de metros que Anastacio já tinha trepado a mais, deixando-lhe bocado de vida, como a pedaços se espedaçou a túnica de Néssus.

Batteu á porta, que tinha o tal n.º cabalístico, e a porta abriu-se. Apareceu-lhe uma outra mulher não menos agradável do que, a que antes lhe apparecera.

Quem procura o senhor?

Anastacio expelio como pôde o seu justissimo mau humor, e perguntou com a cortezia, que ainda tinha á sua disposição:

Viria aqui um moço conduzindo um jantar?

Não ha duvida que veio, retorquiu a mulher, mas eu disse-lhe, que não era para aqui, e que seria para a rua Di.

relta de S. Francisco de Paula, porem o pobre homem já estava desesperado por ter perdido umas poucas de horas, e disse-me, que já lá tinha ido, e que o tinham ensinado para aqui, porque tambem para lá não era.

E então n'esse caso o moço?...

Disse-me, que voltava outra vez com o jantar para a casa de pasto.

Graças a Deus, ainda bem. Já vejo o fim á meada.

Anastacio ia já para sahir ás carreiras, para ver se finalmente alcançava o jantar, mas teve de suspender os passos, e de comprimir a bilis ouvindo a mulher que lhe dizia chamando-o:

Perdão, senhor, como eu já tinha sabido, que não era na rua Direita, e aqui tambem com certesa não era, pareceu-me, porque me lembrou de repente, que havia ser por força aqui ao lado, na travessa Nova de S. Francisco de Paula.

Era o ponto de partida das apoplexias.

O que me diz, senhora, o pae das granadeiras, já nem forças tinha para respirar, tambem a fatalidade creou uma travessa nova de S. Francisco de Paula?

Havia uma tal desconsolação na voz do mercieiro, que a mulher para o socegar lhe disse:

São dois passos. O moço não pode ir longe.

Muito obrigado, repetio ainda Anastacio, vamos a ver se encontro o gallego. A resignação já comessava a escoar-se pelas peneiras da alma. Pela primeira vez lembrou-se de ir comprar outro jantar, e arrependeu-se de o não ter feito logo, parecendo-lhe isto impossivel. Nem tudo lembra.

Lá lhe apparece o distico tão fatal para elle — Travessa de S. Francisco de Paula, n.º 38. O numero não faltava em nenhuma das ruas fataes. O homem não sabia se devia renegar do santo, que dava o nome ás ruas, seu martyrio, ou se deveria antes com devoção fazer-lhe uma promessa.

Batteu á porta, que tinha o n.º 38 e a porta abriu-se. D'esta vez era um homem, um moço e não uma mulher. O sexo amavel ainda de alguma maneira tinha adoçado os rigores da situação de Anastacio Theotonio, mas um gallego é que não é capaz de adoçar cousa nenhuma.

O senhor tem a bondade de me dizer, se por acaso viria para aqui um jantar?...

Abreu Ramos não pôde concluir.

Ahi torna a excomungada *massáda* do jantar, bradou com o peor modo do mundo o selvagem, eu não *sei cá* de jantares, nem tampouco desejo saber. Tomara eu saber do meu. É boa *séca*. Um homem, que perde o jantar.

E ria a bom rir o rochonchudo cidadão de Tuy.

A porta batteu de repente, e quasi que ia fracturando a negativa feição de Anastacio. O esposo, e pae, o amo e patrão benevolo, estava deveras aturdido. Bem fazer e mal haver.

Parou á porta e orientou-se. Quasi que o desgraçado teve pena de que não houvesse ainda um becco de S. Francisco de Paula, n.º 38, que lhe podésse animar uma esperança. Ainda perguntou, mas a resposta foi negativa.

Cabisbaixo começou de novo a sua antiga carreira n'um sentido inverso. Ouvio uma altercação depois de ter dado os primeiros passos. Parou: Era a Providencia que se condoia d'elle? Seria um tormento novo que o esperava? Anastacio escutou e ouvio com espanto o seguinte dialogo:

Eu não volto com o jantar para casa. Já tenho corrido *séca e méca*.

Filho, essas cousas não são comigo.

Deixo cá o jantar, e que o coma quem quizer.

É impossivel o que diz.

Impossivel comer um jantar?

O dono do jantar já aqui o veio procurar.

Não tenho nada que saber com elle.

Um fulgor d'esperança scintilou nos sempre amortecidos olhos do mercieiro. O primeiro raio de sol consolador n'aquelle dia, raiava-lhe depois de noute fechada. Aquelle heroe da conquista das latas e do cexto, estava entre a porta, e sustinha o transfuga da Gallisa, que já tinha abandonado no chão a sua presa ante disputavel. O seu despreso abandonando-a, nascia dos desprezos alheios.

Que jantar será este que ninguem o quer. O *bruxedo* passou-lhe pela cabeça, se é que por lá havia estrada de transitos. São algumas tão pantanosas, que nem se poderiam passar a vau.

Pegue n'esse jantar, porque esse jantar é meu, e há muito que o busco, Venha comigo.

Ora até que a final appareceu.

Pois olhe que tenho levado *umas calças?*

Tem *levado calças?* O que terei eu levado? Acrescentou o moço carregado de razão, como um ouriço de maçãs. Bem me pôde pagar bem.

Sim, sim, esteja descansado. Disse alto Anastacio ao gallego, depois acrescentou mentalmente. E a mim?... a mim, meu Deus quem me pagará?

O desditoso Anastacio resmungava, mas só deixava escapar expressões doces e meigas.

Mas então para onde é que vamos?

A interrogação era do gallego.

Para a Patriarchal Queimada! Respondeu Anastacio.

N'este momento já estavam accesas as luzes. Era noute quasi. Caso grande se apressou a torturar.

O gallego deu um pulo. A alma do nada afflige-se com tudo.

Isto é um desaforo lá do homem da *tasca*, pois então elle manda-me para as Janellas Verdes, e agora o senhor fallame na Patriarchal?!

Socegue, que eu lhe pago tudo.

Mas então como é isto?

É que ha uma outra travessa de S. Francisco de Paula, com o n.º 38 lá para as bandas para onde nós vamos. Aqui tem vocemecê para beber uma pinga. Vamos a andar.

Anastacio vio que o gallego olhando para doze vintens, que lhe eram dados, que desanuveou um pouco o resto austero.

O Admástor tinha perdido a horrenda e atterradora catadura.

Tudo ia bem! Anastacio e o moço caminhavam depressa O marido da senhora Anna... Dona... Hoje é molestia que se não cura a ninguem...

O marido da senhora Dona Anna Thomasia ia adiante e o moço ia atraz, conduzindo as enfiadas das latas e os cextos, que levavam os comestiveis tão desejados.

O espirito d'Anastacio ia começando a entrar no seu so-

cego. Já ia fazendo um discurso para alcançar um bill d'indemnidade da pessoa da esposa, logo que elle lhe contasse o muito que tinha soffrido e longamente penado.

Ha dias que veem sellados com o tormento para muitos martyres privilegiados. Este dia, era o dia fatal para Anastacio Theotonio d'Abreu Ramos. As torres começaram a dar signal de incendio, e pela velocidade das badaladas parecia que seria grande o fogo.

O gallego pousou cextos e latas no meio do largo, da Esperança, e declarou que ia para o incendio, aliás que era multado, e que nem mais um instante se demorava.

As razões do mercieiro, sahindo, é certo de má cabeça, não mereceram a indulgência do gallego, nem ao menos com uma resposta, ou antes a unica que deu foi partir como uma setta em busca do sitio onde eram requisitados os seus serviços!

Maroto! Você é um patife. *Que desaforo!* Não ha nada assim?!

Eram estas as expressões asperrimas que o tormento e a conseira arrancava ao pobre Anastacio Ramos, que jurava a si mesmo, que nunca tinha tido na sua vida um domingo de Paschoa tão aziago como este.

O ecco ao longe repercutia os sons desacordes pela ira, que pronunciava Abreu Ramos, quando o espectro fatidico d'um cabo de policia apressurado para ir cumprir com os seu *magnanimos* deveres, se lhe apresentou ponderando-lhe que—se amotinava o publico que o prendia.

Interpellado em nome da moral publica, e por um funcionario tambem publico, o mercieiro calou-se e carregou o chapeu.

A estupidez tem momentos muito sublimes nos seus instantes d'expansão negativa.

Anastacio crusou os braços diante do cexto e das latas.

É de suppor que D. Alvaro Vaz d'Almada, os não crussasse com mais bravura e bisarria para receber a morte do que este ignoto mercieiro, attento o primor da sua atheletica posição. Não era o campo da batalha d'Alfarrobeira, era o largo da Esperança.

Não eram os sectarios da morte que fulminavam, eram os brados da esposa e os bramidos do estomago.

Anastacio Theotonio d'Abreu Ramos estava sublime de rediculo. Parecia pular d'importancia para receber o cabaz e as areadas latas.

Tomou os objectos, quasi homecidas, como pôde e partiu por ali fóra, devorando o espaço pela disposição da velocidade de que então gosava.

Chegou a casa, e depositou os fardos no chão.

O suor corria em baga. A canseira tirava a respiração.

Os gritos colericos da esposa atroavam os ares, como é quasi sempre costume, para virem ser capitel dos instantes d'intima agonia.

O marido deixou passar aquella trovoada secca, de que elle mesmo percisava para se refazer do folego de que estava quasi exausto.

Todos os circumstantes estavam espantados. Os creados boquiabertos, e os caixeiros petreficados. O patrão áquellas horas, carregado como um gallego, meio morto de fadiga?! O caso não era para menos.

Quando Anna Thomasia viu que o seu martyr d'um bom quarteirão d'annos, o seu querido marido não respondia, e que demais a mais estava quasi desfallecido, foi pouco a pouco abrandando as iras, e foi chegando-se para elle.

Ai! exclamou Anastacio com um suspiro por onde se afinaram os furacões, levem-me d'aqui já para a meza. Quero contar tudo.

Levaram-o quasi em braços. Contou o que o leitor sabe. O que mereceu um perdão completo para o narrador foi a sincera discrição que esboçámos.

Apezar porem de todo o sentimentalismo com que a victima apimentou os feitos carrascos, o caso não deixou de fazer com vontade rir os circumstantes, até os proprios caixeiros.

O jantar comeu se, sem deixar megalhas; estava frio, mas delicioso, temperado pelo bom appetite, aconselhado por S. Bernardo com o nome de mostarda.

No dia seguinte pozeram escriptos nas casas, e mudaram-se ás carreiras para as que primeiro lhe appareceram. Hou-

ve um convenio especial e familiar ácerca de dous santos, constituiram-se em especie de concilio.

Tiraram em resultado a seguinte decisão.

Para S. Bernardo uma devoção completa por elle não ter sido achado em mentira, pelo modo por que elles todos tinham engulido o jântar. Com a devoção do passado e do presente, foi uma promessa era um arratel de cera annual, dado em domingo de Paschoa, para o santo lhe dar o appetite sem canseiras e sem fome.

Para S. Francisco de Paula foi votada uma eterna indisposição, por elle ter a pertençaõ de se inscrever em quatro ruas differentes.

Nos annos seguintes quando chegava o reportorio, a primeira operação que se fazia era riscar o nome do santo advogado dos *estirões e caminhadus* em memoria das horas amarguradas do fatal domingo de Paschoa.

SEGUNDA HISTORIA

EU E A MUSICA DO SINO

Era ainda quasi noute.

A primavera não tinha forças para arrancar da cama o sol mui cedo como tem o verão. O nosso hemispherio anciava ainda pelo astro que é rei dos astros e da vida.

As ultimas sombras da noute começavam a ter mandado de despejo, mas ainda envolviam em grande parte o pedaço do mundo que nos coube em sorte. O veu mysterioso do crepusculo, ainda se manifestava como o precursor ou mensageiro d'uma aurora feliz e lindissima.

Eu caminhava n'essa hora melancolica pelas margens encantadas do nosso Tejo.

Aquella extensão d'agoas vivas, em que se reflectiam os ultimos lampejos das estrellas fugitivas, despertavam a minha alma, para o sentimento intimo, e para a meditação no infinito.

Aquelle revolto das ondas parecia-me a indicação d'umas letras mysticas. O rio era um livro; cada paragem uma folha; cada onda uma letra! Era a immensidade escrevendo a esperança, e a esperança era o ceu, Deus, e a eternidade.

N'este momento senti ao longe o toque monotonico, mas christão do pebre sino.

O despertador de crenças acordava os christãos para irem para a missa das almas.

Que nobres ideas despertava o bronze augusto. Convidava para a missa. Era o chamamento para o mais sagrado dever christão, nos annaes da publicidade.

Despertava do leito o crime, ou a indolencia, ou a sensualidade. Que magestosa voz!?

Deixa o crime, vai ao templo da virtude arrependido; deixa a indolencia e caminha trabalhando para a eterna salvação da tua alma; deixa o sensualismo e vive pelo espirito para os gozos que nunca podem ter fim.

Não lhe bastava ainda a virtude immensa. Era a missa, mas era a missa das almas. O que o homem de melhor preço tem é a sua alma, por isso não pôde deixar de presar as almas dos que lhe foram caros e adorados. Aquelle sacrificio incruento, bello sempre, e refrigerio a magoas, é ali elevado mais, se é possivel, pela crença e pela abnegação.

É a missa das almas. Ora por alma de todos os meus que dormem o somno que eu não sei se é de socego ou de tormento; oro por todas as almas dos finados queridos d'aquelles que se ajoelham n'este templo, rogando ao ceu que lhes valha.

Era bella a inspiração. O coração batia como só pôde e sabe batter nos anhelos da esperanza.

Não ha nada mais poetico e sublime do que é o alvorecer d'uma formosa madrugada.

Eleitos da civilização, perdeis tambem muitas venturas.

É a justa compensação da Providencia.

Pelas alturas da serra, tendo d'um lado uns pinhaes, e no valle em baixo um bocado de mar, é arrebatador até o delirio, o surgir vermelho do sol esbatendo um ceu negro por mil cambiantes do cinzento para azul, e d'este para o branco, invadido prestes para a rubra côr da innocencia do astro vivificador.

Quem pôde ver tal espectaculo e não amar a Deus?

N'este momento o toque do sino chamava ao longe os christãos para a oração. Era o mesmo momento em que a

luz por ordem de Deus, abre o seu templo pela mão do dia, templo a que se chama o universo. As vibrações mágicas do instrumento da christandade, são bellas como os principios eternos que veem despertar nas almas.

Era pois a missa das almas.

Então são os nossos avós que dormem em chão de paz, que nos convidam para a salvação eterna, é o pendor das nossas almas ainda não perdidas nos abysmos do peccado, que nos attrae para as cinzas dos que nos abençoaram.

As almas que esvoaçam nas regiões desconhecidas, á vista de Deus, chamam pela voz d'um sino as outras almas; que esquecidas accordam pela voz do interprete de Deus, que brada aos filhos da terra que se ajoelhem ante o altar de Jesus em nome dos espiritos de todos os fieis.

Como o sino é mística mão de gigante espiritual impellido os proprios reprobos para o largo campo da virtude. Será verdade que a minha alma por tal missa pôde salvar-se?

A duvida aqui é quasi puresa.

Os rogos dos justos que por ventura ali orarem poderão dar-me a felicidade que de balde tenho procurado nos prazeres? Ouvirá Deus as minhas supplicas em bem d'algum misero condemnado?

O negro tropel d'ideas embatidas, acastellava-se esmagando-me. Impressionado ainda por estes pensamentos, vi começar a explender-se a luz brilhante do sol.

Como esse facho primogenito da Providencia, e que proclama a immensidade, era sumptuoso de magestosos fachos e bello de puresas deslumbrantes.

Zeroastro tinha razão, a sua seita era desculpavel ante a potencia dos sentidos. Se não houvesse o intimo sentir d'alma, que aspira para a soberana virtude, invisivel como ella, o sol não era a primeira prova da existencia de Deus, mas sim, era o proprio Deus.

O sol é o homem, o intimo que o faz brilhar no ceu, é como a nossa alma, e um e a outra são emanações directas de Deus.

Chegei ao cruseiro d'Arroios. Que aprazivel e poetico sitio?! É um ponto esplendido entre o campo e a cidade. A natureza suave do campo aperta a mão á civilisação. Toca-

va então á missa. Como eu admirava a multidão que concorria para o templo sagrado para festejar o dia sanctificado.

Que tenho eu com o que diz a gente com quem eu me não entendo, e mesmo não quero entender-me?

Não é a missa, é o pae que educa os filhos, e que os conduz á voz do sino, é a creança que vae pedir a Deus perdão dos peccados que não tem ainda, mas que terá no futuro em larga escalla; é a mãe que vai pedir á Força que dirige o amparo para as suas filhas, é a creança, é a vida, é o presente e o futuro, annunciado tudo na magica voz d'um sino mysterioso.

O instrumento religioso é o admiravel christão, irmão querido e gemo do orgão. Cada instrumento tem o seu distincto lugar. O piano é bello e attrahente eccoando n'uma sala, casado á voz varonil d'intrepido cantor, ou aos melicocos sons d'uma suavissima garganta de mulher inspirada e bella.

Ide por noute amena ouvir ao longe o som triste e melancolico da flauta do pastor. Parece a voz da supplica da terra a implorar misericordia a Deus. O orgão só falla d'igreja, de fé e de Deus, mas é tão triste que faz vontade de chorar.

O sino amigo é que diz tudo. Na festa o sino, o sino tambem na magoa. Verdadeiro sincero amigo.

Cheguei ao campo. O estendal d'esmeraldas corria em grandiosa distancia, para primores d'admiração.

Como era linda a ermida ao longe toda caiada, e branca de neve, a destacar d'entre o verde dos campos. O sino tocava para accordar as creanças e a fé. Os camponezes como astros de religião iam á voz do sino cortando o campo, e caminhando reverentes e alegres para o templo santo.

A voz do sino eccoando das torres dos templos parece dizer ao homem, fallando-lhe de Deus e da eternidade, — lembra-te misero que és pó e que em pó te hasde tornar. Os conhecimentos adquiridos na infancia, são tão queridos como innocentes.

Como a alma se alegra quando o sino em gargalhada angelical, diz ao mundo e ao ceu, que Deus aceitou mais uma alma para o seu reino?! É um baptisado. É um christão de mais que se chama nosso irmão para a eternidade.

É o sino que annuncia essa gloria de Deus, e essa felicidade da creatura.

O maior dia do homem, é o dia do seu casamento. Se muitas vezes traz desgraça, o homem não a espera. É o sino que festeja a hora memoravel.

Se do casamento nasce quasi inevitavel a desgraça da viuvez, ou da propria morte, é ainda o sino que vem chorar com o martyr que ficou.

A melancholia tem mil encantos, que n'uma dôr mysteriosa enlevam e encantam, um coração ulcerado d'um modo indissivel.

É o que desperta o tocar do sino, ou na erma solidão, ou ao anouteecer tocando a finados.

Não posso explicar o que me vai n'alma n'essas horas suaves e mysteriosas. É para mim um problema indosolovel, se o tocar do sino ou no ermo, ou á noute nas cidades s'intristece ou se consola.

Soluça, chora e ri como o bramido do mar. É espelho das impressões que nos vão na alma.

O que é certo, é que o espirito se sente despertar então para os grandes arrojões moraes, ou para a resignação dos martyres, ou para as dedicações pelo heroismo, e ou para os mil sonhos encantados do mais vehemente amor.

Que recordações?! Que ideas não desperta?! O passado desde a infancia vem sentar-se diante de nós. O mystico brado do eterno, parece na voz do sino arrastar o futuro para o presente.

Cada badalada parece que bate no coração, que é a marca d'um passo que o pobre martyr da vida vai dando impellido para a extensão da eternidade da gloria. Será por ventura cada um d'aquelles sons longinquos, que o tempo mata no espaço, o signal da roedura d'um verme, que está despedaçando fibra a fibra um ente que nos foi caro? O mysterio é de Deus não cabe na terra.

Como o sino de bronze, se põe em mystico contacto com a nossa alma, como se faz espiritual para se fazer grandiosamente infinito no seu poder sobre as creaturas de Deus.

Sôa a hora mystica do acabamento da existencia, é a hora do final para todos os nossos martyrios. mas é hora de la-

grimas sempre. A mãe do esquecimento, a morte nunca pôde vestir gallas.

A escrava do tempo traja sempre de lucto pela impiedade que domina o seu cruel e implacavel senbor. Troou a hora funebre em que uma vida se partiu, a dor engrandeceu-se possante no animo d'aquelles que eram caros ao cadaver gellado que agora teem que amortalhar.

A morte repara. O espirito que fica ainda no meio da multidão, fica isolado do espirito que lhe fugio.

E' triste, porque não ha nada mais triste do que chorar a sós. Quem é que vae annunciar ao mundo que um desgraçado chora, e como que pedir-lhe lagrimas para elle; quem é que attesta que a morte lhe foi transpor audaciosa os humbraes da sua porta ainda ha pouco festival? É o sino unicamente, o sino amigo fiel, tanto no riso como no pranto, o sino companheiro dos transes da vida.

Chega o momento d'um perigo immenso, o incendio ameaça e lavra, ninguem falla, ninguem annuncia ao mundo a nossa desgraça, mas eccoa então possante a voz do sino e diz:

Olhai que alguém geme nas torturas antecipadas d'uma terrivel morte que estalla nas faiscas abrasantes. Valei-lhe. É o sino, o grande nuncio do Evangelho que chama os homens para o cumprimento dos seus deveres humanos e christãos.

O baptismo que sanctifica, o casamento que symbolisa a esperança da felicidade, o enterro que liberta dos grilhões do martyrio, o fogo que arruina e devasta as fortunas, tudo quanto existe d'extraordinario e grande é tudo annuciado pela mystica voz do sino. É o cosmopolita. Devastador de todos os grandes sentimentos.

O sino multiplica-se pelas faculdrdes espirituaes. O sino é conviva de todos os festejos mais imponentes da vida do homem. Só temos na vida riso e lagrimas. E é de riso e lagrimas que s'inspira o sino para se apresentar rico do seu poder immenso.

Como a alma se sente expandir para o bem, ouvindo o sino chamar para as alegrias do trabalho, como á voz do sino vamos admirar o poder das fadigas.

D'entre a orchestra da serra e do malho
Brotam vidas, cidades e amor.

Aponta o sino a ventura de vermos contentos os grandes operarios da civilisação. Depois trabalham na fabrica os obreiros, já o suor lhe innunda o rosto, como anathema do nosso primeiro pai, e como honra do presente, sôa a suave e bella voz do sino, e diz o mesmo que outr'ora a voz de Deus.—Ide descansar.

O sino diz trabalho para o pão, mas o sino diz descanso. Depois do trabalho o repouso amigo, e tudo sempre annuciado pelo unico instrumento que é o nuncio da entrada na vida, e o que tambem annuncia a morte.

Não será justo para a vida social uma devoção periodica que chame os filhos e as familias para os pensamentos christãos? Que epopea melancholica retumba pelo espaço no toque das—Ave Marias?!

O patriarcha da pequena tribu descobre-se e todos rezam com elle. É o sino que vai como vara milagrosa erguer aquellas creaturas do Senhor. O filho deve muito ao pae e á mãe, mas o pai e a mãe devem tudo ao sino que os aecorda para o que ha maior no ceu e na terra. O sino acorda-os para a dedicação para Deus e para o amor de seus filhos, que ás Ave Marias abençoam.

Duas coroas paes e christãos, honra ao sino.

Como poderei eu deixar d'estar convencido do valor poetico do sino, se tão grandes intelligencias m'o teem demonstrado á tantos annos?! De feito o sino da nossa aldeia, que na infancia nos chama para a oração, que nos despertou na alma os grandes pensamentos indefinidos, que só a innocencia sabe sentir e não dizer, é attrahente e suavissimo na memoria.

João de Lemos, o magnifico poeta do desconsolo e da saudade, descreve d'um modo encantador o arauto da cruz e das campas, na poesia—O sino da minha terra!—Um illustre sabio portuguez diz algures fallando do sino, não s'esquecendo das alvoradas campestres em que desperta o toque das—Ave Marias—nem do morrer da tarde em magico enlevo no ultimo expirar do som poetico do bronze.

Canto a aurora e pôr do sol,
Faço a paz e incito á guerra.

O segundo verso, que é o sino ainda, é o reverso do primeiro. N'um a suavidade e a fé, no outro lá troveja apoz o soeego da paz, o sangue da guerra. Mas é a verdade. Troa o momento fatal da vida das nações, os seus filhos agitados pelos perigos d'uma nacionalidade, que parece querer abysmar-se chamam os seus irmãos ao campo da guerra.

Não é a flauta nem a harpa que incitam á guerra e ao dever, é ainda o sino quem brada.—Eia ávante, meus filhos, á guerra e a gloria!

Cada badalada é um grito que diz —Independencia e liberdade!—O ecco perdendo-se nos ares tem pelo poder incomprehensivel do sino a faculdade de despertar nos corações a idea forte da liberdade, e o homem resurge heroe ouvindo aquella voz admiravel. Toca a rebate nos arraiaes da patria. É o sino que o diz. Marchemos.

Aquelle instrumento não pôde nem deve perder o seu condão no meio do bulicio das cidades.

O grande Patriarcha só deve existir na solidão dos campos.

Alexandre Herculano diz uma intima verdade de sentimento, quando attesta que o sino jámais se poderá casar ao bulicio fernetico das grandes povoações. Nas cidades ha os trens, os mil e um pergões estridentes, as musicas marciaes, esses mil excellentes pinceis com que se pinta a entrada do inferno.

Como seria possivel harmonisar-se com este quadro infernal, a voz mysteriosa do nuncio do Senhor?

Quando chega o momento mais solemne da nossa religião, essa hora sublime em que o homem vê Deus na Eucharistia, é o sino que annuncia aos fieis ausentes que elevem os pensamentos ao ceu. O sacerdote pelas suas palavras sagradas traz o Christo aos altares dos nossos templos, e adquire por ellas a força incomprehensivel de alevantar nos braços de força finita o seu infinito Creador, e o sino proclama então a grandeza do homem e a bondade de Deus.

O sacrificio incruento é a marca santa d'alliança entre o

22

crime e a virtude infinda, é ainda o sino a voz mystica e sagrada que vem pregoar á terra attonita que o Rei do ceu existe real nos seus templos pobres e mesquinhos.

O que tem fóros de tanta grandeza ficaria com um esmalte de menos na sua coroa se lhe faltassem os pequenos e diminutos preitos. Um váte pigmeu, poeta impossivel dos seus desgostos de fel, quando não percorre audaz navegando nos mares do cynismo, falla sempre, ainda que em voz plangente de fastio, no sino, sineta, ou campainha da sua terra.

Este meu affecto pelo sino é um amor do intimo d'alma. É um amor verdadeiro; este meu. Será loucura? Excentricidade? Que me perdôe quem tal julgar, que eu lhe perdoarei tambem as suas loucuras, e as suas excentricidades, por que por força as hade ter.

No templo da solidão, no pincaro da montanha, o Anjo da descrença roçou-me com as azas pela frente, prognosticando desgraça, mas depois ao longe senti soarem as badaladas das — Ave Marias — descobri-me involuntariamente e ajoelhei! A descrença tinha fugido enrolada á magica voz do poetico sino.

No mar alto vogando o batel, o marinheiro desespera da rude vida fatigante, que lhe traz o lidar por sobre as ondas salgadas, mas antes que se veja a terra um som quasi imperceptivel trazido pela aragem, vem morrer-lhe no ouvido trazendo-lhe a vida na esperança. É o sino que vai antes que todos saudar o seu amigo que volta.

Não censurem uma excentrica paixão. Sei que este genero de molestia é mais proprio dos filhos d'Albion, mas todos teem a sua tendencia para o que os outros acham mau. Perdoemos para que nos perdoem.

Aquelle que estiver isento do peccado que atire a primeira pedral!

FIM

11/12
162

INDICE

Introducção 1

pag.

CAPITULO I—Primeiras lagrimas d'amor	8
CAP. II—O amor correspondido é grande medico	14
CAP. III—O dever e o amor	21
CAP. IV—O senhor Julião Esteves	33
CAP. V—Os dedos das mãos não são eguaes	46
CAP. VI—O encontro.	54
CAP. VII—Carta de Christina a Laura.	63
CAP. VIII—Uma boa desforra.	71
CAP. IX—O bracelete.	82
CAP. X—Victoria de Judith	92
CAP. XI—As palmas do martyrio	103
CAP. XII—O adeus e a corôa.	115
CAP. XIII—A douda e o cura.	122

UM CASAMENTO Á CONGRÉVE. 135

HISTORIAS A VAPOR—Primeira historia. 181
Segunda historia 199

89006186316



b89006186316a

89006186316



b09006186316a